



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG)
Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo-UESB)
Mestrado em Geografia



IVANA LIMA E SILVA

**NA TRAVESSIA ENTRE LUGARES E PAISAGENS: REMEMORAÇÕES DE
MODOS DE VIDA EM ANAGÉ E CARAÍBAS-BAHIA**

Vitória da Conquista-Bahia

2023

IVANA LIMA E SILVA

**NA TRAVESSIA ENTRE LUGARES E PAISAGENS: REMEMORAÇÕES DE
MODOS DE VIDA EM ANAGÉ E CARAÍBAS-BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), para obtenção do título de Mestre em Geografia

Linha de Pesquisa: Dinâmicas da Natureza e do Território.

Orientador: Professor Dr Vilomar Sandes Sampaio.

Vitória da Conquista-Bahia

2023

S238t

Silva, Ivana Lima e.

Na travessia entre lugares e paisagens: lembranças de modos de vida em Anagé e Caraíbas - Bahia. / Ivana Lima e Silva, 2023.

310f.; il. (algumas color.)

Orientador (a): Dr. Vilomar Sandes Sampaio.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo, Vitória da Conquista, 2023.

Inclui referência F. 289 – 301.

1. Lugar – Memória - Paisagem. 2. Modos de vida. 3. Memória social. I. Sampaio, Vilomar Sandes. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGeo. T. III.

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG)
Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo/Uesb)
Mestrado em Geografia



FOLHA DE APROVAÇÃO

**“NA TRAVESSIA ENTRE LUGARES E PAISAGENS: REMEMORAÇÕES DE
MODOS DE VIDA EM ANAGÉ E CARAÍBAS - BA”**

IVANA LIMA E SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UESB (PPGeo-Uesb), como requisito para obtenção do título de MESTRE.

Aprovada em: 30 de junho de 2023

Banca Examinadora

Prof. Dr. Vilomar Sandes Sampaio (UESB)
(Orientador)

Prof.ª Dr.ª Meirilane Rodrigues Maia (UESB)
(Examinadora Interna)

Prof. Dr. Janio Roque Barros de Castro (UNEB)
(Examinador Externo)

À Deus, que me inspira e me guarda,
gratidão!

*Todo bem é de Deus qui vem
Quem tem bem lôva a Deus seu bem
Quem não tem pede a Deus qui vem*
(Elomar Figueira)

Entre sentimentos de memória e afeição,
minha mãe, inspirou-me para ir ao
encontro sobre os lugares e histórias do
seu lugar, das suas origens. Uma busca
que me satisfaz e me afirma como
pertencente ao sertão catingueiro. A você
Mainha, aos meus avós maternos que
iniciaram esta descendência e trajetória
na Lagoa das Flores, em Caraíbas.
Gratidão! Ao meu Painho amado...
A minha flor de algodão, Tia Tonha, que
tanto me ensinou e deixou saudades...
Aos meus irmãos, sobrinhos, cunhados,
cunhadas, afilhados, tios, primos e
amigos. Aos meus familiares e amigos
entrevistados em Anagé e Caraíbas,
vocês me ajudaram a escrever esta
história, Gratidão!

*Na expressividade da esperança que
sempre se faz presente, através dos
versos do poeta me inspiro:
“Num tem nada não também no meu
coração
Vô ter relampo e trovão
Minh'alma vai florescer”*

*Tatarena vai rodá vai botá fulô
Marela de u'a veis só
Prá ela de u'a veis só ...*

Elomar Figueira Mello



AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Vilomar, querido Vila. Vila, amigo e irmão...Se faz presente em minha vida por inúmeras necessidades, entre elas como meu orientador de estudos e pesquisas e pelas razões que se tornam necessárias conviver com uma pessoa, que me inspira com atitudes de acolhimento e cuidado. Tem uma essência de valerosa qualidade, que se revela nas boas maneiras, na sabedoria e na voz entoada de alegria e entusiasmo. Gratidão pela convivência mais próxima diante deste percurso de orientações de estudo, sempre serão lembradas...

Meirilane.... Meirinha... Em mais um encontro em nossas vidas, você se faz presente, através do zelo e cuidado na apreciação do meu trabalho, me direcionando com as suas indicações e orientações. És admirável pela dedicação, pela força e amor constantes.

Jânio Roque... A distância não impediu o nosso encontro, o que foi facilitado por ser um entusiasta e pesquisador na área da Geografia Cultural. As suas indicações, foram fundamentais para direcionar o que pretendia pesquisar. O que ocorreu através dos seus gestos nobres de disposição favorável em colaborar com esta pesquisa. Gratidão!

Aos meus familiares e amigos, gratidão! Realizei grandes descobertas! Compartilho com vocês este trabalho. Gratidão!

Aos irmãos queridos: Ivone, Neuton, Ione, Noemia, Alexandre, aos sobrinhos, primos, tios, afilhados, cunhadas e cunhados, que tanto amo, saibam que em todo percurso da pesquisa, vocês estavam e estão juntos às minhas memórias. Estive perto de todos vocês, pois sempre desejei compartilhar as minhas descobertas, muitas vezes com empolgação, outras com muita, muita emoção. Eu percorri caminhos em busca da nossa história, dos nossos familiares, conterrâneos e amigos.

Aos que são integrantes e vivos em minha memória e que hoje estão em uma outra dimensão, meus irmãos: Aurecília, Milton, Antônio e Maria (*in memorian*). Minha Mainha e meu Painho: Hercília e Áureo (Iôô) e a minha Tia Tonha, minha flor de algodão (*in memorian*).

Aos meus amiguinhos intercessores: Santa Terezinha, São Francisco, Santa Rita, Nossa Senhora, Santo Antônio, Sagrado Coração de Jesus, meu Anjo da guarda,

Santa Benigna, Nhá Chica, São João, São Pedro, Santa Dulce, São Miguel e todos os santos e santas... Rendo graças.

Ao meu povo de Anagé e Caraíbas, familiares e amigos, amo vocês, quanta alegria vocês me proporcionaram, me guiaram! São especiais, prestativos e muito sábios. São guardiões da história, da nossa história.

Aos meus professores da graduação em Geografia na UESB, agradeço pelo início do caminho. Alguns de vocês ainda estão por perto: Espedito (muitas conversas sobre o Sertão, os Sertões) Gaetana, Jânio, Miriam Cléa, Geísa (Gê, você me incentivou a fazer o mestrado), Ana Emília....a todos gratidão!

Aos professores do Mestrado: Fernanda, Altemar, Suzane, Aleselma, Miriam Cléa, Vilomar, Ana Emília, João Phillipe e outros, o meu carinho e agradecimento.

À Andrecksa (Déa), minha amiga, irmã, que tanto quero bem, desde o início você me incentivou, a minha admiração.

À Aleselma, pelo direcionamento e estímulo no estágio e docência, gratidão.

Ao Professor Eloisio da UFS de Sergipe, pelas valiosas contribuições, agradeço.

Aos meus amigos do Mestrado, do PPGeo, obrigada pela oportunidade de vivenciar junto a vocês esta experiência.

Marcos Paulo Monção, Fernanda Bastos, Lucas Beppu, vocês são amigos, verdadeiros irmãos, a sintonia existente, torna-se um elo de unidade e amizade que afirmamos neste percurso do mestrado. Lauro, Huyara e Lucas, Gratidão!

Aos meus muitos amigos do Pradoso, que colaboraram me ajudando com apoio e incentivo, agradeço a turma do Colégio do Pradoso: Luciane, Daniela, Nelson, Karine, Edna, Marinê, Fábio, Andréa, Taty, Denisson, Sr. Bia, Leidinha, Nicinha.

Aos amigos do Colégio CIEB...amigos queridos

Aos amigos da Escola Frei Serafim...amigos queridos

Ao meu pároco Frei Tião, a quem sempre compartilhei o meu trabalho e solicitei oração, ao Padre Frenilson, por toda atenção e amizade. Frei Givaldo, amigo solidário e atencioso. Gratidão.

Aos muitos amigos: os compadres Milton e Lorena e Maria Cecília (sempre rezando), Glorinha, Leca e compadre Rômulo, Terezinha, Fátima, Alexandre Lopes, Estelinha, Jerúsia. Consuelo, Nayara, Rose, Iranildo, Fonzim, Blandson, Regi, Ellen, Paulinha, Adriana, Aline Andrade, Aline Arauna, Mônica Damasceno, Mônica Gedione, Andréa Pereira e muitos outros que amo...

Celo, meu amigo da infância, da época do pré-escolar, sempre prestativo, me convidando para passear...

Cidinha, amiga irmã, sempre constante nas orações.

À companhia afetuosa dos meus gatinhos...

Ao meu querido, amigo Guto, que mesmo longe, está sempre em contato, cuidando e transmitindo carinho.

À Mag, Guida e Jú minhas amigas queridas que com carinho, colaboram comigo. Gratidão.

Às minhas amigas irmãs: Cora, sempre constante e receptiva aos meus projetos, gratidão! Janicleide, a quem é constante no apoio e incentivo, obrigada.

Aos colaboradores técnicos: Ana Paula, que Deus te inspire e te conduza com sabedoria, você é muito importante na consolidação deste projeto. Gratidão Paulinha!

Clarissa e Samuel, meus transcritores das entrevistas, me ajudaram muito.

Marília, minha ajudante de plantão, agradeço pela colaboração prestativa que muito me ajudou nos meus estudos.

Jaqueline Chaves, minha colega do Mestrado, elaborou os mapas, Gratidão.

Caio Luidi, com muita gentileza, produzindo as artes gráficas.

Caio e Pablo, sempre amigos e colaborativos com o meu material de pesquisa

Tâmara Jaísa, indicando os caminhos da caatinga e colaborando com o acervo fotográfico.

Itamar, primo amigo e prestativo durante às viagens.

Jonas e Mariana, pela inspiração e amor constante com a preservação da caatinga.

Juju, amiga querida, intermediadora de contatos de entrevistas.

Paula e Sheila, queridas e prestativas, intermediadoras de aplicação de atividades. Aos estudantes da escola Helita Silveira.

Aos amigos do PPGEIO, Obrigada! Lucas, Lauro e Huyara, vocês transmitem gentileza, solidariedade e alegria. São queridos! Gratidão!

E a Joaquim, que neste percurso é o novo membro da família, está sendo gestado e com ele a esperança de transmissão e apreensão dos valores da fé, da ciência, e da cultura.

“Alguém deve rever, escrever e assinar os autos do Passado,
antes que o Tempo passe tudo a raso” (*Cora Coralina*)

“Num tem nada não tembém no meu
coração... Vô ter relampo e trovão
Minh'alma vai florescer” (Elomar Figueira)

“O que era o encontro com o sonho
Que só pintava no horizonte
E, de repente, diz presente
Sorri e beija a nossa fronte
E abraça e arrebatava a gente
É bom dizer viver, valeu!!!!!!”
(Gonzaguinha)

RESUMO

Em conformidade com a presente temática da pesquisa, apresenta-se na dissertação, abordagens e análises das memórias sociais dos moradores dos municípios de Anagé e Caraíbas, no estado da Bahia- Brasil. Nesta perspectiva a elaboração textual, apresenta-se com informações sobre as atividades produtivas agrícolas e pecuárias, modos de vida, expressividades culturais, religiosas, literárias e imagéticas, encontradas durante o percurso do trabalho. São evidenciadas referências identitárias enquanto sertanejas e catingueiras, assim como alusões em consideração aos espaços, lugares e paisagens culturais, referendados nos municípios. As razões que direcionam o estudo são alicerçadas nas categorias conceituais: lugar, paisagem, memória e modo de vida, embasadas pela abrangência temática fundamentada pela Geografia cultural, que a partir do final do século XX, abrange uma variedade temática de abordagens, no âmbito material e imaterial das representações, da história oral, simbologias, cultura e outras. Favorecendo em compreensões da diversidade cultural, resultante da ação humana, que presentes no espaço, expressa os seus saberes, estabelece relações sociais e modos de vida. No curso da pesquisa, a metodologia foi desenvolvida por meio da análise bibliográfica, pesquisa documental em livros, anotações pessoais, artigos, aplicação de questionários, leitura de imagens, mapas mentais, entrevistas individuais e entrevistas coletivas participantes, formação de grupo focal, metodologia Kozel, análise fotográfica, entre outras. Considera-se o estudo no período de 1940 a 2020, para análise das atividades agrárias e pecuárias desenvolvidas nas áreas eleitas para o estudo, no propósito de compreender a dinamicidade do espaço geográfico, assim como a sua formalização durante o tempo, as relações sociais estabelecidas, a sua constituição, transformação e atual configuração. No entendimento que a utilização e extensão de uso do espaço é realizado também ao longo do período em referência por comerciantes e empreendedores que indiretamente necessitavam da produção agrícola e pecuária, nestas áreas desenvolvidas, mediante interesses econômicos, variadas relações comerciais foram efetivadas no espaço. Os moradores foram apresentados neste trabalho, a partir das suas expressividades de memórias, relações sociais e culturais. Assim percebe-se a atribuição afetiva aos lugares da moradia, resguardando um itinerário ininterrupto de construção, reconstrução, significados e ressignificações do espaço geográfico, que se revela enquanto lugar. As paisagens culturais são evidenciadas por meio das narrativas das memórias, revelando como estes espaços foram organizados em tempos anteriores e como se apresentam na contemporaneidade. A pesquisa torna-se assim significativa para compreender as dinâmicas das áreas estudadas em referência aos modos de vida dos moradores, que ao longo do tempo, realizam as suas vivências nas localidades eleitas para a pesquisa e análises interpretativas.

Palavras-chave: lugar. memória. modos de vida. paisagem.

ABSTRACT

In accordance with the present research theme, this dissertation presents approaches and analyses of the social memories of residents of the municipalities of Anagé and Caraibas, in the state of Bahia, Brazil. With this perspective the following text presents information about the productive agricultural and livestock activities, ways of life, cultural, religious, literary and visual expressions, found during the course of the work. Identity references evidenced include sertanejas and catingueiras, as well as allusions in consideration of spaces, places and cultural landscapes, endorsed in the municipalities. The reasons that guide the study are grounded in the conceptual categories: place, landscape, memory and way of life, based on the thematic scope founded on cultural Geography, which, from the end of the 20th century, covers a variety of thematic approaches, in the material and immaterial scope of representations, oral history, symbologies, culture and others. Favouring understandings of cultural diversity, resulting from human action, which when present in a space, express their knowledge, establish social relationships and ways of life. In the course of the research, the applied methodology was realised through bibliographical analysis, documentary research in: books, personal notes, articles, the application of questionnaires, the reading of images, mental maps, individual interviews and collective interviews of participants, use of the methodology: focus groups and the Kozel methodology, photographic analysis, among others. The study is focused on the period from: 1940 to 2020, for the analysis of the agricultural and livestock activities carried out in the areas chosen for the study, with the purpose of understanding the dynamism of the geographic space, as well as its formalisation over time, the social relations established, its formation, transformation and current configuration. Under the understanding that the extension of use of the space is also carried out throughout the referenced period by traders who indirectly needed agricultural and livestock production, in these developed areas, through economic interests, various commercial relationships were actualized in the space. Residents will be presented in this work, through their expressed memories, social and cultural relationships. Thus, the affective attribution to the places of residence is perceived, safeguarding an uninterrupted itinerary of construction, reconstruction, and re-signification of the geographic space, which reveals itself as a place. The cultural landscapes are evidenced through the narratives, revealing how these spaces were organised in past times and how they present themselves in contemporary times. The research thus becomes significant for understanding the dynamics of the areas studied in reference to the residents' ways of life, who, over time, realise their lived experiences in the locations chosen for the research and interpretative analyses.

Keywords: place. memory. ways of life. landscape.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa do Território de Identidade do Sudoeste da Bahia e seus Municípios.....	28
Figura 2- Mapa da região sudoeste da Bahia.....	29
Figura 3- Praça Central de Anagé.....	30
Figura 4- Praça de Anagé.....	31
Figura 5- Casarão antigo da família Soares.....	31
Figura 6- Árvores Caraíbas.....	32
Figura 7- Praça Principal de Caraíbas.....	33
Figura 8- Anagé e Caraíbas- Lugar e representação.....	54
Figura 9- Vidas Secas.....	56
Figura 10- Guia de Góias.....	57
Figura 11- Os Sertões(Canudos).....	58
Figura 12- O auto da Compadecida.....	59
Figura 13- Cata lá, que canto cá.....	60
Figura 14- O Quinze.....	61
Figura 15- O grande sertão Veredas.....	62
Figura 16- Mosaico das obras de arte do artista plástico Silvio Jessé.....	64
Figura 17- Identidades Apagadas.....	73
Figura 18- Lagoa das Flores.....	80
Figura 19- Alicerce da casa de Totonho Daniel e Ana de Sousa Lima.....	80
Figura 20- O riachão.....	88
Figura 21- Sociedade Algodoeira Gavião Limitada.....	91
Figura 22- O Gatú.....	93
Figura 23- Roda de fiar de Tia Lide.....	93
Figura 24- Plantação de Agave- Sisal.....	100
Figura 25 - Secagem das fibras de sisal ao sol.....	102
Figura 26- Parte aérea da mamona com folhas e cachos.....	109
Figura 27- Antiga Casa de farinha desativada.....	113
Figura 28- Casa de farinha em ruínas.....	113
Figura 29- Suporte de encaixe das divisórias da prensa.....	116
Figura 30- O Compartimento.....	117
Figura 31- O forno.....	117
Figura 32- Feijão de corda, o catador.....	119
Figura 33- Flor de Crauá, Croá.....	120
Figura 34- Estrada Vermelha do Sertão Catingueiro.....	125
Figura 35- Retrato pintado do casal Totonho Daniel e Ana de Sousa Lima.....	126
Figura 36- Antiga casa de Totonho Daniel e Ana de Sousa Lima.....	135
Figura 37- O bozinho doido.....	138
Figura 38- Antiga rota de Tropeiros- Minas Gerais.....	143
Figura 39- Trecho da música Tirana.....	149
Figura 40- O Umbuzeiro.....	153
Figura 41- Umbuzeiro em flor.....	153
Figura 42- Umbeiro com fruto.....	154
Figura 43- Mosaico em homenagem aos criadores de gado e tropeiros de gado.....	155

Figura 44- Romaria Tradicional em pau de arara.....	159
Figura 45- Imagem do Sagrado Coração de Jesus e formação rochosa semelhante a um coração na Gruta da Mangabeira.....	160
Figura 46- Imagem do Sagrado Coração de Jesus e formação rochosa semelhante a um coração na Gruta da Mangabeira.....	160
Figura 47- O Cruzeiro em homenagem ao vaqueiro.....	167
Figura 48- A escadaria da Gruta da Mangabeira.....	168
Figura 49- Arte “Sagrado Coração de Maria”	168
Figura 50- Arte “Em oração”	168
Figura 51- A Oca.....	170
Figura 52- O boi da Gruta da Mangabeira.....	173
Figura 53- Mosaico: Família em romaria ao Sagrado Coração de Jesus... ..	175
Figura 54- O cancionista Elomar.....	176
Figura 55- A retirada.....	177
Figura 56- Famílias de migrantes em pau de arara.....	179
Figura 57- Curvas do rio.....	181
Figura 58- Na quadrada das águas perdidas.....	182
Figura 59- Campo Branco.....	184
Figura 60- Tatarena- árvore da catinga.....	185
Figura 61- Riacho do Gentil em período de estiagem –Caraíbas.....	186
Figura 62- Espelhando o céu.....	187
Figura 63 - Rebanho bovino em fazenda Lagoa Grande em Caraíbas.....	187
Figura 64 – Arrumação.....	189
Figura 65- Mosaico – Minha alma vai florescer.....	191
Figura 66- Incelenças em Sítio Cabeceiras-Ceará.....	196
Figura 67-Oratório Católico da casa de Quinha de Otaviano.....	201
Figura 68-Quadro de São Sebastião.....	201
Figura 69- Oratório da casa de Lide de João.....	202
Figura 70- Capela em louvor à São Sebastião.....	203
Figura 71- Incelença para um poeta morto - Elomar Figueira Melo.....	205
Figura 72- Reiseiros da Comunidade dos Teixeiras em Caraíbas.....	212
Figura 73- Reiseiros em caminhada.....	213
Figura 74- Reiseiros em procissão às casas da Comunidade dos Teixeiras.....	214
Figura 75- A chegada dos Reiseiros.....	214
Figura 76- Ao final do dia.....	215
Figura 77- Catingueiros, bons anfitriões.....	216
Figura 78- São João.....	218
Figura 79- Divulgação dos Festejos Juninos.....	223
Figura 80 Festa do aniversário de sessenta anos de Anagé.....	223
Figura 81-Cidade de Anagé.....	224
Figura 82-As Caraíbas.....	229
Figura 83-Padre Waldemar.....	233
Figura 84-Festa de Santo Antônio.....	234
Figura 85-Comerciante de Caraíbas.....	236
Figura 86-Mosaico – A cidade de Caraíbas.....	237
Figura 87- Imagem da Literatura de Cordel de Fonzim de Anagé.....	240
Figura 88 - Anagé em cordel.....	242
Figura 89 - Tempos que não voltam mais.....	243
Figura 90 - A briga de Antônio Beleza com Chico Ferro Véi”	244

Figura 91- “A briga de Antônio Beleza com Chico Ferro Vêi” parte 2.....	245
Figura 92- “A briga de Antônio Beleza com Chico Ferro Vêi” parte 3.....	246
Figura 93 - Montagem de abertura de Vídeo em You tube do Cordelista Fonzim de Anagé, com dedo em riste em uma de suas declamações.....	247
Figura 94- A chegada do primeiro helicóptero em Anagé.....	248
Figura 95- Anagé na Segunda Guerra.....	250
Figura 96- Tempos que não voltam mais.....	252
Figura 97- Desenhos de crianças Anageenses e Caraibenses.....	254
Figura 98-Pinturas Rupestres da Serra da Capivara.....	256
Figura 99- Niède Guidon em escavações arqueológicas na Serra da Capivara.....	257
Figura 100- Arqueóloga Niède Guidon realizando as análises de rochas...	257
Figura 101- Antropomórfico.....	258
Figura 102- Pintura Rupestre, registro de astros.....	258
Figura 103- Mapa de parte de Minas Gerais.....	260
Figura 104- Desenhos como o tema - Pássaros gigantes.....	262
Figura 105- Desenhos como o tema - A cerca.....	264
Figura 106- Desenhos como o tema - A cisterna.....	265
Figura 107- Desenhos como o tema - A Igreja.....	266
Figura 108- Desenhos como o tema - Espécies vegetais da caatinga.....	267
Figura 109- Desenhos como o tema A energia elétrica na Caatinga.....	268
Figura 110- Desenhos como o tema - Morando na zona rural.....	269
Figura 111- Desenhos como o tema - Meu lugar é o mundo.....	270
Figura 112- Desenhos como o tema “O som do paredão”.....	271
Figura 113- Desenhos como o tema “A seca”.....	272
Figura 114- Imagens reunidas.....	273
Figura 115- Mosaico Mapas mentais.....	274
Figura 116- Escola Municipal Helita Silveira.....	275
Figura 117- Sanfoneiro Iris de Josa em feira de Anagé.....	276
Figura 118 - Adeus Jacobina.....	281
Figura 119- Manoel e Iris de Josa em apresentação no povoado do Bonfim.....	283

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 ESPAÇO GEOGRÁFICO, LUGARES E REPRESENTAÇÕES.....	34
2.1. ABORDAGENS DA GEOGRAFIA CULTURAL.....	39
2.1.1. Vivência, afeição e pertença dos sertanejos.....	46
2.1.2. Modo de vida, singularidade e memória.....	65
3 HISTÓRIAS DE VIDA E DE TRABALHO DE HOMENS E MULHERES SERTANEJAS.....	78
3.1 A LAGOA É DAS FLORES... TEM ORQUESTRA DOS SAPOS E PASSARINHOS NOS ARROZAIAS.....	79
3.2 CURTINDO O COURO DO BOI E BEBENDO LEITE DE CABRA.....	84
3.3 ALGODÃO EM FLOR... TECENDO FIOS E MEMÓRIAS.....	90
3.4 ACORDA! QUE A CORDA É DE SISAL.....	99
3.5 MAMONA, ILUMINANDO A CAATINGA.....	106
3.6 CASA DE FARINHA, ENTRE CONVIVÊNCIAS, REMEMORAÇÕES, BOLO DE PUBA E BEIJÚ.....	109
3.7 FEIJÃO DE CORDA... O CATADOR, ESTEIRAS DE PALHAS E CORDAS DE CROÁ.....	118
4 ANAGÉ E CARAÍBAS:NO INTERIOR DOS LUGARES E PAISAGENS, CAMINHOS DE TROPEIROS E ESTRADAS CAATINGUEIRAS.....	123
4.1 AS RODAGENS AVERMELHADAS E EMPOEIRADAS DA CAATINGA, ROTA DE TROPEIROS, ROMEIROS, MIGRANTES E COMERCIANTES.....	124
4.2 PELOS ESTREITOS CAMINHOS, TOCANDO O GADO.....	133
4.3 TRANSPORTANDO BRUACAS DE ALGODÃO E RAPADURAS DO CANDEAL.....	142
4.4. ROMARIAS AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS.....	156
4.5 VÔ CORRÊ TRECHO...COM O CANCIONEIRO ELOMAR FIGUEIRA	176
5 LUGARES DE MEMÓRIA, PAISAGENS CULTURAIS E RELIGIOSIDADE.....	192
5.1 INCELENÇAS, CANTO PARA CHORAR A VIDA E A MORTE.....	194
5.2 E VIVA OS SANTOS REIS!.....	208
5.3 SÃO JOÃO, MEU SÃO JOÃO, QUANTA ALEGRIA!.....	217
5.4 ALVORECENDO EM ANAGÉ.....	224
5.5 SANTO ANTÔNIO É DE CARAÍBAS!.....	228
6 A EXPRESSIVIDADE DA GEOGRAFIA CULTURAL ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL, IMAGENS E MÚSICAS.....	239
6.1 FON..FON.. FONZIM DE ANAGÉ.....	239
6.2 A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO NO IMAGINÁRIO DAS CRIANÇAS ANAGEENSES E CARAÍBENSES.....	254
6.3 “EU VOU CONTAR PRA VOCÊS”... O FORROZEIRO É O IRIS DE JOSA!.....	276
CONCLUSÕES.....	284
REFERÊNCIAS.....	289
APÊNDICE A – Roteiro metodologia Kozel.....	302

APÊNDICE B – Roteiro metodologia descritiva Lehmann.....	304
APÊNDICE C – Roteiro metodologia grupo focal.....	305
APÊNDICE D – Modelo do questionário aplicado.....	307
APÊNDICE E – Modelo da entrevista semiestruturada.....	309
APÊNDICE F – Quadro com perfil dos entrevistados.....	310

1 INTRODUÇÃO

A dissertação: Na travessia entre lugares e paisagens, rememorando modos de vida em Anagé e Caraíbas-Bahia apresenta como temática de estudo abordagens geográficas culturais nos municípios supracitados, abrangendo áreas rurais e urbanas. Sendo assim, constitui como uma produção textual significativa, sustentada em formulações teóricas e empíricas, no reconhecimento de que as memórias autobiográficas e sociais dos moradores, contribuíram com compreensões dos processos ininterruptos da dinâmica social do espaço. Nesta consideração, as categorias conceituais de: lugar, paisagem, memória e modo de vida, estão presentes no trilhar deste percurso.

De forma preliminar apresenta-se a categoria lugar, que segundo Mendes (2015):

A categoria lugar é essencial à análise do espaço geográfico, sobretudo, quando essa análise tem o objetivo de conjecturar sobre a materialidade das relações sociais no processo constante e ininterrupto da produção e organização do espaço geográfico (Mendes, 2015, p. 71).

A constituição do espaço geográfico como lugar, é algo que se afirma ao longo do tempo. Uma vez que ao mesmo, são registradas histórias individuais, as relações sociais e produtivas. Consagrando, neste espaço, a convivência e os registros dos acontecimentos. A busca das informações provenientes da memória social¹ sinalizam evidências de sentimentos de pertença e afeição aos espaços geográficos. Assim como o fortalecimento da identidade individual e coletiva dos integrantes locais. É um processo contínuo de construção, em que novos acontecimentos ocorrem cotidianamente, consagrando em um processo constitutivo do espaço geográfico. Haja vista que lugares, movimentos e relações humanas se estabelecem ao longo do tempo. Como informa, Scopinho, Valenzio, Lourenço (2015):

¹ Memória seria o processo de adquirir, armazenar e recuperar informações que foram assimiladas pela mente. A Memória Social seria a coletivização desse processo. O autor que deu origem a esse pensamento foi o sociólogo Maurice Halbwachs, ele afirmava que Memória Social é a essência do conhecimento coletivo e culturalmente conhecido por determinado grupo balizado por um determinado contexto. Outro autor conceitua Memória Social e faz a aproximação com o pensamento de identidade. POLLAK (1992) afirma que em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente e que quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.

A memória social é o elemento ativo que dá sentido às feições do lugar, dota a sociabilidade miúda do dia a dia de uma história mais densa e, enfim, manifesta a energia pulsante do senso comum. Constituindo camadas de variadas experiências e conhecimentos, tanto pessoais como coletivos, testados nas contingências e entremeados nas rotinas, compartilhados pelo discurso e pelas práticas adotadas, as quais são alvo de contínuos reexames, ruminações e emoções que suscitam novas reassociações e significados sobre o mundo e o sujeito no mundo, a memória social vincula assim o visível e o invisível da vida cotidiana de um lugar. (Scopinho, Valenzio, Lourenço, 2015. p.135).

As memórias sociais, quando evocadas despertam curiosidade, socialização de informações e quando realizadas na coletividade, favorecem o encontro e a convivência entre as pessoas. Assim os envolvidos reconhecem melhor o seu espaço vivido, a dinâmica dos acontecimentos em respeito às questões de várias instâncias, como modos de vida, cultura, paisagens culturais, assim como as eleições de lugares que são por vezes de preferência individual e ora coletiva.

Diz-nos Halbwachs (1990, p.32), que "Esquecer um período de sua vida" é perder contato com aqueles que então nos rodearam". Ressalta o estudioso sobre a não interrupção de um caminho e do reconhecimento de quem nele está presente. E mais uma vez afirmados pelo autor: "Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior" (Halbwachs, 1990, p.25).

Durante a execução da pesquisa, percebe-se distintos recortes espaciais, que são construídos na identificação do espaço, como lugar. Tal favorecimento se consagra, quanto mais são afirmados contatos com os conhecedores da história. De acordo com Tuan (2013), a afeição aos espaços, acontecem através das experiências pessoais. Os episódios, eventos ocorridos no passado, serão validados, se a eles forem referendados importância e registrados em livros, monumentos e outros.

Os pressupostos de base das informações buscadas durante a pesquisa, estão guardadas na memória dos moradores. Até porque não existe registro oficial, com riquezas de detalhes sobre os aspectos abrangentes e pretensiosos da pesquisa. E assim como afirma Arruda (2000): [...] "Mas a memória é também um objeto da história e, portanto, a periodização operada pela memória deve ser levada em conta nas explicações das "mudanças significativas" realizadas pelo historiador." (Arruda 2000, p. 224):

A estes fatores implícitos, estabelece-se a necessidade de um percurso de investigação científica dos fatores constitutivos do tema, que foi desenvolvido tendo como base o registro descritivo das atividades agrárias e pecuárias, mediadas através da oralidade dos moradores rurais e das pesquisas bibliográficas. Com a expectativa de ser mais bem administrada e favorecida com políticas públicas viáveis, que favoreça a permanência das futuras gerações rurais em seu lugar de origem.

A ciência geográfica tem despertado inúmeras temáticas de pesquisas, dado as constantes reflexões favorecidas no empenho de interpretar as transformações verificadas no espaço geográfico. Sendo assim, iniciativas particulares de estudo surgem a partir de variadas razões. Através de uma formulação de base empírica, a qual pode suscitar a validade de estudo com base teórica.

A dissertação: Na travessia entre lugares e paisagens: lembranças de modos de vida em Anagé e Caraíbas-Bahia, floresce de uma inspiração. Os princípios norteadores que proporcionaram a proposta da pesquisa, são atribuídas as narrativas herdadas de minha mãe de familiares e moradores sobre as atividades econômicas desenvolvidas em algumas comunidades rurais dos municípios de Anagé e Caraíbas-Bahia, entre elas, incluem-se o tropeirismo, o beneficiamento e comercialização do couro de bovinos, carneiros e teiús, assim como o cultivo do algodão, mamona, mandioca, milho, arroz, feijão de corda, sisal, a coleta do umbu, melancia e outras. Algumas dessas atividades agrícolas supracitadas foram beneficiadas e comercializadas, de maneira rudimentar artesanal e com a introdução da técnica, mais modernas, como será apresentado posteriormente.

As informações descritas, fizeram parte das lembranças da infância, quando, através das narrativas dos familiares, realizei o reconhecimento das histórias que envolviam a rotina dos trabalhos rurais. A memória de tempos passados, que no presente, configura-se como algo que pressupõe a investigação e o aprofundamento, para reconhecer o que estava no desenrolar de toda uma dinâmica de vida, dos muitos trabalhadores rurais. Destaca-se que alguns dos povoados rurais, como: Lagoa das Flores, Araras, Bonfim, Tanque. Lagoa grande e Tábua dos Alves, os quais foram pesquisados, na atualidade, não demonstram uma dinâmica econômica de práticas agrárias e pecuárias que existiram no passado.

Como visto, o estudo tem uma abrangência cultural e fenomenológica. Sendo assim, compete perceber o espaço, imbuídos de sentimentos memorados, afeição e pertencimentos. Os espaços, as casas, guardam lembranças do passado. A título de

exemplificação, até mesmo os resquícios de uma antiga casa, na fazenda Lagoa das Flores (Caraíbas), é algo identificado como simbólico para alguns, pois remete as histórias, ao movimento de pessoas que antes existia naquela moradia. A qual, além de residência, exercia a função de estabelecimento comercial.

O proprietário dessa antiga casa, Totonho Daniel de Lima, era um dos líderes daquela comunidade, o seu espírito entusiasta, agregava os seus conterrâneos e, assim, estabeleceu em sua própria casa, um dos locais do comércio de tudo que se produzia nas comunidades rurais, próximas a fazenda, funcionando, também, uma venda, com variados produtos, como alimentos. Como compara um morador local, “era o Shopping Center da época” (Cocó- Lagoa das Flores-Caraibas). Era um dos pontos dos “baganeiros”², comerciantes que utilizando caminhões, percorria as comunidades rurais para buscarem a matéria-prima para comercialização. O espaço citado configura-se um grande referencial local, é um lugar que guarda a memória e as afeições de quem nele esteve presente.

O espaço rural citado é local de muitas histórias, acontecimentos que marcaram a vida de muitas pessoas, sendo referenciado em muitas das narrativas dos antigos moradores locais. Em algumas das canções da fase regionalista de Elomar Figueira de Melo³ (cantador, trovador e compositor), percebe-se em algumas das suas composições, contextos e especificidades do espaço rural estudado. O compositor possui uma fazenda na proximidade das localidades em estudo, evidenciando assim informações próprias do espaço rural.

A proposição de uma pesquisa, nesta direção, remete a uma experiência significativa, no momento em que sobressaem, a partir dos narradores, riquezas de detalhes, eloquência na verbalização das narrativas, aspectos regionalistas nas expressões da linguagem e outras. Fazendo nos acreditar, de acordo com Halbwachs

² Baganeiros - linguagem regional, atribuída aos comerciantes de variedades, ou seja, produtos diversos. Em consideração específica ao local de utilização do termo, refere-se aos caminhoneiros que percorriam as zonas rurais e comercializavam com os moradores rurais uma série de produtos que disponíveis. Realizando posteriormente a revenda em maiores centros.

³ Cantor. Compositor. Violeiro. Nascido em família tradicional de fazendeiros da Zona da Mata do Itambé e da região do Mata - de - Cipó, de Vitória da Conquista, iniciou-se na música ainda criança, acompanhando os cantos das festas religiosas, a música dos cantadores, violeiros e repentistas do sertão. Mudou-se para Salvador, onde estudou música e arquitetura. Lá, ainda adolescente, gostava de ir às feiras para ver os cantadores, os catingueiros, que eram ridicularizados por falarem de maneira incorreta. Considerando a importância da cultura do sertão e das comunidades interioranas, decidiu que, em suas composições, ligadas ao universo rural, prezaria escrever naquela variação linguística. Retornou para Vitória da Conquista ao terminar os estudos. Vive por opção na região do semiárido, no sudoeste da Bahia, onde divide seu tempo cuidando das duas pequenas fazendas em que cria carneiros e cabras e, às vezes, um pouco de gado graúdo. A fazenda Casa dos carneiros e a fazenda Duas passagens. Além da lida rotineira entre plantios, manutenções e construções, Elomar dedica-se à criação musical, que o leva a apresentações esporádicas em palcos urbanos de diversas capitais do país. <https://dicionariompb.com.br/elomar/biografia>.

(2000), que este é um campo possível de estudo. As pesquisas exploratórias favorecem a formação de uma coletânea de narrativas, que ajudaram neste itinerário de buscas e compreensões.

A dinâmica econômica das áreas rurais no interior do Brasil e em particular, do Nordeste, é evidenciada através das memórias, que revelam tradições que foram diminuídas ou comprometidas pela modernização agrícola que beneficiou quase que exclusivamente as grandes propriedades. Tais fatos podem ser observados nos municípios de Anagé e Caraíbas – BA, como recorte espacial e o período de 1940 a 2020, como recorte temporal. Hoje, praticamente todas as práticas agrícolas e culturais passaram por processos de mudanças, sendo assim, questiona-se:

O que rememora os moradores das comunidades rurais dos municípios de Anagé e Caraíbas - BA sobre as práticas agropecuárias no período de 1940 a 2020? O que proporcionou as transformações ocorrentes no desenvolvimento das atividades agrárias e pecuárias entre 1940 e 2020? Quais foram as políticas públicas empreendidas para favorecer os agricultores no plantio e beneficiamento do algodão, mamona, milho, sisal, feijão de corda e da mandioca nessa área e período estudado? Por que culturas locais foram se perdendo nessa área e período estudado, como o plantio da mandioca, beneficiamento e a desativação das casas de farinha? Como viviam e vivem hoje os moradores rurais, o que mudou, por que mudou? Quais as expressividades religiosas e culturais existentes? Quais os motivos que favoreceram o estado ordenar a abertura de estradas vicinais (rodagens), na década de 1950/1960 em Anagé e Caraíbas - BA? A construção da barragem de Anagé beneficiou os moradores locais?

Diante dessas questões postas, o objetivo geral da pesquisa é analisar a dinâmica da construção e reconstrução do espaço na perspectiva da memória coletiva das atividades agrárias e pecuárias (1940 a 2020), de Anagé e Caraíbas. E tem como objetivos específicos: a) compreender o espaço, na perspectiva humanista, atribuindo as distinções dos espaços comuns e os espaços afetivos, constituídos como lugar; b) identificar as alternâncias e permanências no modo de produção agrícola e pecuária, desenvolvida pelos moradores rurais, no período de 1940 a 2020 em Anagé e Caraíbas; c) analisar as expressividades religiosas e culturais presentes nas localidades estudadas; d) inferir sobre as paisagens culturais, resultantes das práticas agrícolas e variadas atividades realizadas pelos agentes sociais; e) interpretar os modos de vida dos moradores em estudo; f) verificar as políticas públicas e programas

assistencialistas direcionados para o setor rural, no período de 1940 a 2020;g) analisar as mudanças advindas com a construção das estradas vicinais (rodagens), nos municípios de Anagé e Caraíbas – BA; h) averiguar os motivos da migração de grande parte dos moradores da zona rural de Anagé e Caraíbas entre as décadas de 1950 a 1980.

Como visto o percurso da proposta de estudo, sinaliza que o tema da pesquisa é pertinente e comporta abrangências conceituais fundamentais e agrupa as categorias: paisagem, lugar, memória e modos de vida, em um processo de inter-relação e embasamento possíveis de interpretação e formulação de análises.

Considerar as informações advindas da memória familiar e coletiva dos moradores locais, do espaço selecionado para o estudo, favorecerá a compreensão do processo ininterrupto de construção e reconstrução percebidas no espaço geográfico. De acordo com Silva (2000), é possível perceber a amplitude da ciência geográfica, quando afirma:

A geografia que é uma ciência social, tem no espaço tempo a relação binária ou contraditória que dá respaldo ao conteúdo dos seus temas mais comuns: paisagem, lugar, espaço, território, relação homem X meio, de acordo com o tratamento que os teóricos vêm lhe dispensando (Silva, 2020, p. 15).

A consistência do estudo sobre o espaço, suscita interpretações, sendo direcionadas especificidades espaciais que se perpetuam e se mostram situadas ao longo do tempo histórico. Um dos seus principais expoentes Santos (1978), de forma interrogativa nos interpela: “[...]podemos encontrar uma definição única dessa categoria de espaço?” (Santos, 1978, p. 122). Consistente inquietação que permite considerar as amplas inquietações acerca do conceito. Em uma seguinte abordagem, Santos diz que o espaço:

Deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de forma que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja a aceleração é desigual (Santos, 1978, p. 122).

Nesta perspectiva, apresentam-se as referências das relações sociais pretéritas e atuais. Somos incluídos nesta representação social através deste

constante movimento que nos alcança, que se revela através dos processos e funções exercidos no espaço. Prosseguindo nessa abordagem, o pesquisador Saquet (2001, p.22), nos remete a concepção temporal impregnada no espaço, ao afirmar que o espaço possui um presente que passa muito rápido, que é passado, além de ser começo é também sequência, é sucessão e, portanto, movimento. Do pretérito, do ser e do vir-a-ser, do concreto e do abstrato, das relações recíprocas que nos dão o real, movimento que o presente contém o passado, que se realiza no presente. O espaço é uma dinâmica que se percebe ininterrupta ao longo do tempo. Como afirma o autor, possui como um devir impregnado de movimento que resguarda o passado e se apresenta na contemporaneidade, impregnado de movimentos e relações.

Na abordagem em questão, temos que o ambiente natural dos povoados rurais em referências faz parte do Domínio Morfoclimático da caatinga. Torna-se este um elemento importante, para uma das indagações da pesquisa, no que se refere ao conceito de região natural, assim importante saber se o que foi estabelecido nesta região, quanto a diversidade de atividades rurais, é por decorrência de um direcionamento em relação as condições naturais específicas do domínio. A ação humana interfere e impregna as porções territoriais com os seus saberes, a sua cultura e o seu trabalho.

A proposição deste trabalho está inserida dentro de uma perspectiva do registro de informações e acontecimentos que, em sua maior parte, estão presentes na memória dos moradores, residentes nas comunidades rurais em estudo. As buscas pelas informações foram realizadas e registradas de forma narrativa e descritiva, através de questionários e entrevistas individuais e coletivas. O método da pesquisa é com base na Geografia cultural, utilizando-se estudos da geografia humana, com ênfase nas abordagens culturais (geografia cultural) em diálogo com contribuições da perspectiva fenomenológica.

Podendo ser utilizado em pesquisas de caráter qualitativo. Com aplicação do método, as descrições obtidas na pesquisa, foram analisadas segundo os componentes do fenômeno, no processo de análise das respostas foram comparadas entre os grupos envolvidos na pesquisa, as quais em parte foram obtidas através de “relatos de convivência”. Na apresentação da dissertação, foram inseridas narrativas, decorrentes das entrevistas e correlacionadas com as categorias de análise, eleitas para o trabalho. Em seguimento foram realizadas interpretações e produzidas

análises, o que é apresentado no decorrer da produção textual dos capítulos em cada seção.

A metodologia, realizada através do registro da história oral, contou com entrevistas mediadas de forma dialógica, como também a utilização da metodologia de grupo focal, utilizando-se de entrevistas individuais e coletivas, análises de fotografias e a utilização da metodologia Kozel, empregada de forma mais específica no direcionamento da elaboração dos mapas mentais, com as crianças da escola rural Helita Silveira. A metodologia Kozel, de autoria de Salete Kozel, Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná-Brasil, segue as seguintes orientações:

1-Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; (como ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras geométricas etc...); 2-Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; (as formas podem aparecer dispostas horizontalmente, de forma isolada, dispersa, em quadros em perspectiva etc.); 3-Interpretação quanto à especificidade dos ícones: Representação dos elementos da paisagem natural. Representação dos elementos da paisagem construída. Representação dos elementos móveis. Representação dos elementos humanos. (Kozel, 2008 p.40).

As entrevistas foram realizadas e registradas em forma de texto, áudio e vídeo, com o propósito de registrar as memórias individuais e coletivas dos moradores, que mantiveram e mantêm vínculos com as áreas rurais em estudo. Compreende-se assim que as memórias individuais e coletivas, configuram-se como fonte oral. Prosseguir em um caminho de pesquisa, inclui a busca de informações retidas na memória dos moradores locais, que imbuídos de sentimentos e afeição, guardam lembranças significativas, que revelam elementos constituintes das relações sociais estabelecidas no seu espaço de vivência, considerado como lugar. Neste sentido, são indicados os procedimentos metodológicos, os quais foram assim distribuídos:

1) Na primeira etapa, foi realizado o levantamento e fichamento bibliográfico em teses, dissertações, livros, periódicos, artigos e outros, disponíveis em bancos de teses das universidades públicas, como *sites*, publicações acadêmicas, revistas científicas conceituadas, com a indicação de conhecer e estudar a produção literária aproximada ao tema da pesquisa.

2) Na segunda etapa, foram realizadas as entrevistas com moradores rurais e urbanos, representantes políticos, líderes comunitários, entrevistas semi

estruturadas, a fim de adquirir informações diversas, relacionadas as atividades do setor agrário e pecuário, como também relacionadas as expressividades religiosas e culturais, modos de vida e as relações sociais estabelecidas.

3) Na terceira etapa, foram visitadas algumas comunidades rurais e as sedes dos municípios, com o objetivo dos registros fotográficos de lavouras, casas de farinha, casas de teares, usinas de algodão (desativadas) curtumes, moradias antigas; além da reprodução de fotografias antigas; utilizando-se a técnica da leitura de imagens.

4) Na quarta etapa, a conclusão do trabalho dissertativo, ajustando os elementos pré e pós-textuais, fazendo a revisão do texto final e das normas da ABNT.

O trabalho será disponibilizado como banco de dados para que possam contribuir para outras pesquisas da mesma temática ou para interesse de políticos que tenham vontade em promover o desenvolvimento local da região estudada, como também fonte de pesquisa no âmbito educacional, para professores, estudantes, gestores e outros, para que possam conhecer melhor o histórico dos modos de vida dos moradores em estudo, assim como as expressividades da religiosidade e da cultura local, as atividades agrárias e pecuárias do passado, as análises da paisagem cultural, inspirando-os para a amplitude de pesquisas possíveis no âmbito da Geografia Cultural.

A distribuição das seções está organizada da seguinte forma: na primeira seção, encontram-se informações introdutórias sobre o tema e uma abordagem sobre o perfil dos municípios. Na segunda seção é tratado sobre as categorias conceituais eleitas para o estudo da temática: lugar, paisagem, memória e modos de vida, através de textos informativos e fundamentados nas categorias.

Na terceira seção é analisado as atividades agrárias e pecuárias, ocorrentes nas propriedades rurais. Apresenta-se as casas de farinha, que eram utilizadas coletivamente para produção de produtos para o próprio consumo e o excedente era comercializado nas feiras. No âmbito agrícola destacavam-se as culturas do algodão, mamona, sisal, milho, feijão de corda, mandioca e outros, que foram introduzidos em uma perspectiva de abrangência comercial. Entende-se que tais culturas e a criação de gado para comercialização aliada a prática de beneficiamento dos couros de bovinos e caprinos (realizados nos curtumes), fizeram parte dos afazeres trabalhistas de um tempo pretérito nas localidades estudadas.

A introdução da técnica para o beneficiamento do algodão, através das usinas instaladas em Anagé e Caraíbas, foi considerada como uma inovação para a época. A fibra do algodão era comercializada em toda região. Os caroços do algodão, eram utilizados em parte para consumo local dos animais (como ração) e uma outra parte comercializada para maiores centros, para fabricação de óleo. Esta cultura, favoreceu trabalhos artesanais, uma vez que as mulheres teciam fios de algodão nas “rodas de fiar” e depois enviavam os fios para as casas dos teares artesanais, em que mulheres artesãs exerciam as práticas manufatureiras da fabricação artesanal de tecidos e cobertores de algodão. Com o decorrer do tempo, esta prática, consolidada como tradição, deixou de existir.

A cultura da mamona favoreceu a comercialização dos caroços, os quais eram comercializados no próprio local, através dos compradores que percorriam as localidades e outras vezes eram vendidos em armazéns, na cidade de Vitória da Conquista. Produto este que era utilizado para fabricação de óleos e sabão. Nesta compreensão, destaca-se entender que, no período entre 1940 a 2020, algumas comunidades rurais dos municípios de Anagé e Caraíbas presenciaram um dinamismo comercial diversificado.

Na quarta seção, é abordado o tropeirismo, configurado em duas vertentes o comércio e transporte de rebanhos e o Tropeirismo de mercadorias. Uma logística empreendida de forma rústica em “carreiros”, estreitos caminhos que favoreciam para a época uma possibilidade de comercialização do gado, uma alternativa de trabalho para os muitos vaqueiros e tropeiros. A outra vertente do Tropeirismo, diz respeito ao transporte e comercialização de variadas mercadorias, realizadas através do transporte nos “lombos dos burros”.

É também abordado sobre a abertura das estradas de chão, ocorridas na década de 1950, assim como o envolvimento dos moradores nesta tarefa e a forma como realizaram, utilizando apenas instrumentos rústicos de trabalho, como enxadas, picaretas e carriolas. A religiosidade, apresenta-se através da descrição sobre a participação dos moradores nas romarias realizadas ao Sagrado Coração de Jesus, no distrito de Mangabeira em Ituaçu-Bahia, cujo percurso é realizado pela estrada que percorre os municípios em estudo, assim como a leitura de algumas músicas regionalistas do Cancioneiro Elomar, que trata sobre lugares e moradores locais.

A quinta seção, trata sobre as expressividades religiosas, no seu componente cultural, apresentando e situando lugares de ocorrência das tradições fúnebres

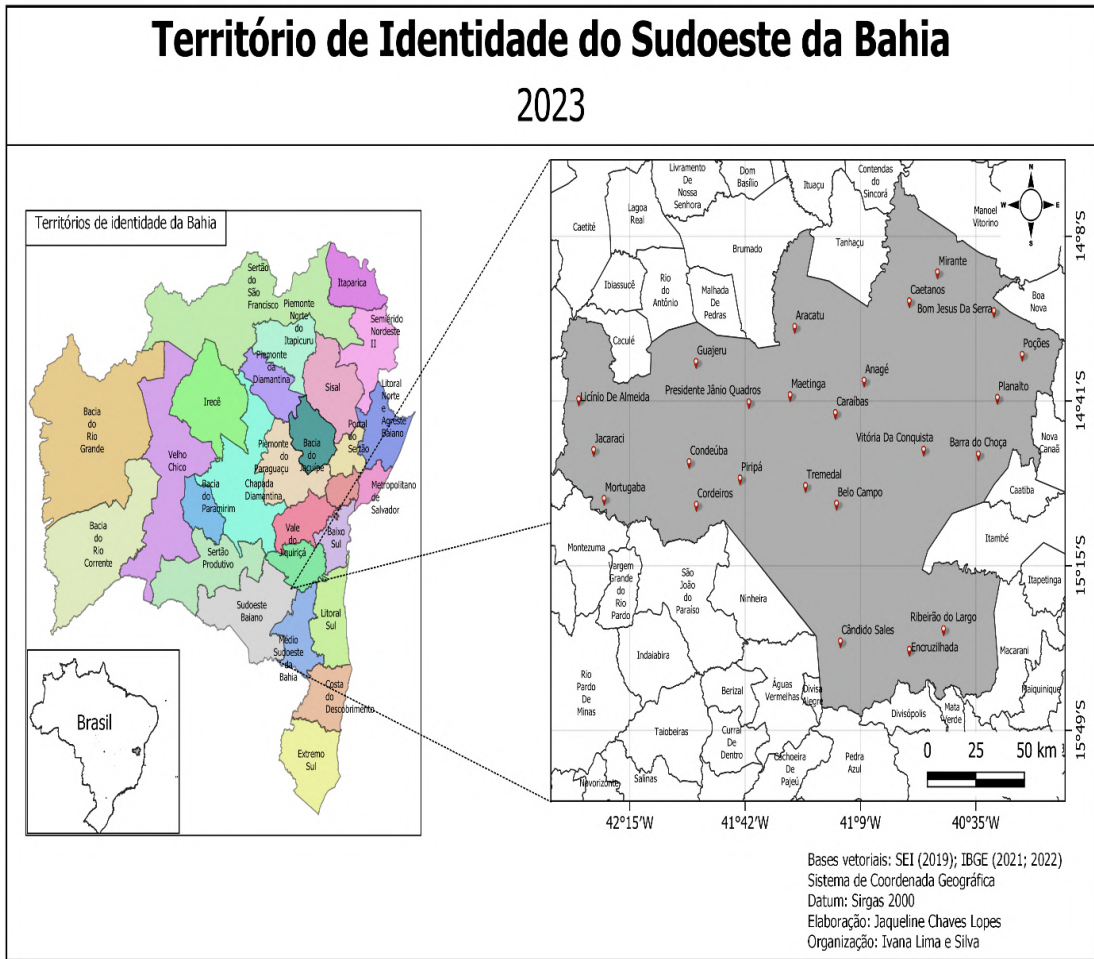
religiosas das Incelenças, dos festejos do Reisado, de Santo Antônio, do São João, das Alvoradas.

Na sexta seção, é abordada a expressividade cultural, mediada pelo trabalho do cordelista Anageense Fonzim, a representatividade do mundo vivido através de mapas mentais, elaborados pelas crianças da escola rural Helita Silveira, mediada pela metodologia Kozel. E a manifestação da cultura do forró tradicional, através da representatividade artística do forrozeiro, Iris de Josa.

1.1 APRESENTANDO OS MUNICÍPIOS DE ANAGÉ E CARAÍBAS

Os Municípios estão localizados, no Nordeste Brasileiro, em específico na sub-região do sertão, fazendo parte da formação cultural do Território de identidade do Sudoeste Baiano. A figura 1, apresenta o mapa do território de identidade do Sudoeste da Baiano. Os municípios eleitos para o estudo, estão distantes de Salvador-Ba, na seguinte proporção: 540, 0 km à Anagé e 564,0 km à Caraíbas. As vias de acesso são pela BR-116 e a BA-262. Anagé e Caraíbas são municípios limítrofes, entre as sedes dos municípios a distância é de 30,4 km.

Figura 1- Mapa do Território de identidade do Sudoeste da Baiano e seus municípios.



Fonte: IBGE, 2021. Organização: Jaqueline Chaves -2023

Figura 2- Mapa da região Sudoeste da Bahia.



Fonte: WORDPRESS (2009).

Anagé

O significado etimológico do nome do município é um vocábulo tupi, que significa gavião. A figura 3 é do centro da cidade, onde está localizada uma praça central, e a representação do gavião, em uma demonstração simbólica, fazendo referência ao nome do município. Anagé⁴

Figura 3- Praça Central de Anagé

⁴ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Anag%C3%A9>
<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-anage.html>



Fonte: <https://www.google.com/search>

Anagé é um município brasileiro do estado da Bahia, distante cerca de 560 quilômetros da capital, Salvador. Sua população estimada em 2015 é de 20.096 habitantes, de acordo com o IBGE, e foi fundada pelo bandeirante o capitão-mor João Gonçalves da Costa, no ano de 1784, quando abria a estrada ligando o Arraial da Conquista a Caetité e ao rio São Francisco. O prefeito cujo mandato segue em vigência no município é Rogério Bonfim Soares (Cidade Brasil, 2021).

O município foi fundado em sete de abril de 1963, e está situado à margem direita do histórico rio Gavião afluente do rio das Contas. estado do Bahia. Os habitantes são denominados anageenses. O município se estende por 1 947,4 km², com uma densidade demográfica de 9,2 habitantes por km² no território do município. Está situado a 353 metros de altitude, Anagé tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 14° 35' 58" Sul, Longitude: 41° 8' 1" Oeste. (Cidade Brasil, 2021).

A região era habitada anteriormente pelos índios Imborés e Mongoiós. Dada a fertilidade das terras vieram para a região muitos colonos que ali se fixaram, desenvolvendo a agropecuária e formando o povoado de São João, elevado à vila em 1920, com a denominação de São João da Vila Nova. O distrito de São João da Vila Nova foi criado em 25 de julho de 1898 pela lei estadual nº 249, e o município, em 5 de Abril de 1962 pela lei estadual nº 1656, desmembrado do município de Vitória da Conquista (Cidade Brasil, 2021).

A Figura 4 é da área comercial de Anagé. Em dias de feiras ocorridas no sábado, à praça trona-se muito movimentada e são adicionadas barracas comerciais, no entorno das ruas.

Figura 4- Praça de Anagé



Fonte: Ivana Lima e Silva- Anagé- Trabalho de campo- 2023

A Figura 5 é um dos poucos casarões existentes, pertence à família Soares. Uma casa em estilo colonial, que aparenta grandes proporções, em uma disposição frontal em que aparecem quatro portas e três janelas.

Figura 5- Casarão antigo da família Soares



Fonte: Ivana Lima e Silva-Anagé- Trabalho de campo (2023).

As casas mais antigas estão desaparecendo em Anagé, estão sendo substituídas pelas lojas comerciais, ao mesmo tempo em que bairros novos estão surgindo, sendo mais distantes da praça principal da cidade.

Caraíbas

O significado etimológico da palavra é atribuído à denominação que os indígenas davam aos europeus. Não havendo um consenso sobre as origens do nome. Informa-se que pode ter surgido em referência a presença das árvores de mesmo nome, a ipê-caraíba, de nome científico: *Tabebuia caraíba*. Sendo assim o nome da cidade aparece no plural, como Caraíbas⁵. A figura 6, é um registro de duas árvores da espécie Caraíba, estão juntas, neste caso fazendo a denominação do mesmo nome do município Caraíbas.

Figura 6 - Árvores Caraíbas



Fonte: Ivana Lima e Silva- Caraíbas- Trabalho de campo (2023)

Caraíbas é um município brasileiro do estado da Bahia, distante cerca de 585 quilômetros da capital. Sua população estimada em 2020 era de 8.801 habitantes (IBGE). Município criado, com território desmembrado de Tremedal, pela Lei Estadual nº 4.842 de 24 de fevereiro de 1989, com a denominação de Caraíbas.

⁵ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cara%C3%ADbas_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cara%C3%ADbas_(Bahia))

A sede foi elevada a condição de cidade, quando da criação do Município, instalada em 1º de janeiro de 1990, com a posse dos vereadores e do primeiro prefeito. Atual Prefeito: Jones Coelho Dias. A figura 7 destaca uma área de referência da cidade de Caraíbas. É a parte central com as lojas comerciais, uma praça e ao centro, a igreja católica, cujo padroeiro é Santo Antônio.

Figura 7. Praça principal de Caraíbas



Fonte: Ivana Lima e Silva- Caraíbas- Trabalho de campo (2023)

2 ESPAÇO GEOGRÁFICO, LUGARES E REPRESENTAÇÕES

O estudo dos conceitos geográficos provoca reflexões significativas. Neste sentido, especificidades das categorias conceituais da Geografia são pesquisadas e interpretadas em um processo de mediação da idealização teórica, com a constatação do real. Isso faz compreender que, um consistente entendimento da sociedade é possível, o caminho existe. É necessário então, um real esforço de não negligenciar os constituintes de uma averiguação. Neste sentido, abordagens de estudos de pesquisadores serão referendadas para apontar compreensões dos conceitos de espaço geográfico e lugar, os quais também fazem parte do objeto de estudo dessa pesquisa.

Neste ponto, a compreensão da inter-relação social e a produção do espaço, será caracterizada por Lefebvre (2006) a partir de uma tríade dialética. Nas dimensões do espaço concebido, percebido e vivido. O concebido, é o espaço planejado primeiramente na instância ideológica, imbuído de concepções técnicas que visa atender determinadas funções na sociedade, correspondendo ao idealizador ou a um grupo, sendo, portanto, intencional a sua formulação dentro do contexto social em que será estabelecido. No que diz respeito ao espaço vivido, ou o espaço da representação, faz parte da vida social, impregnado com a força de quem a ele recorre, o usa e transfere aos mesmos as suas idealizações. É o espaço das possibilidades de quem a ele dá uma conotação, que transfere ao mesmo uma identidade, a exemplo, as expressões artísticas. E quanto ao espaço percebido, refere-se à prática social. Sendo assim, existe uma interpelação presente aqui, pois a ação social, ocorre pela vivência, o espaço vivido. Por sua vez, é pensado, ou seja, gestado primeiramente racionalmente. É por meio desta tradição do pensamento espacializado que Lefebvre (1991) construiu sua própria divisão tripartite:

o espaço material (o espaço da experiência e da percepção aberto ao toque físico e à sensação); a representação do espaço (o espaço como concebido e representado); e os espaços de representação (o espaço vivido das sensações, da imaginação, das emoções e significados incorporados no modo como vivemos o dia a dia). (LEFEBVRE, 1991, p.52).

A noção apresentada por Lefebvre (1991) envolve as concepções de materialidade do espaço, da idealização e o espaço consagrado do cotidiano, da

vivência e das experiências. Este mesmo espaço, para ser percebido, é necessário que antes exista dele uma ideia pré concebida ideologicamente. Para enfatizar, Celestino (2014) afirma que o espaço concebido é o que é identificado: “também definido como espaço abstrato, relaciona-se aos símbolos, signos conhecimentos e códigos da representação dominante”. (Celestino, 2014, p.39). Quanto ao vivido, é o espaço que é passível de experimentação, é onde acontece o desenrolar da vida. Não sendo assim identificado uma sobreposição de um conceito ao outro. Com base em Lefebvre (1974), temos: “a prática espacial de uma sociedade é responsável pela produção do seu espaço em uma constante interação dialética”. (Lefebvre, 1974 p.15).

Evidencia-se que a diversidade e dinamismo dos acontecimentos no decorrer da história, proporcionará a disposição dos subespaços, os quais estão intrinsicamente contidos na grande totalidade da superfície terrestre. A sociedade é reveladora da presença e intervenção humana, o que se concretiza na junção entre o tempo e espaço. Bernardes, enfatiza:

Considerar a objetivação da técnica permitiu que Santos considerasse, indissociavelmente, o tempo e o espaço para os estudos geográficos, pois as técnicas desenvolvidas em cada período histórico transformam o meio de modo particular, permitindo sua temporalização (SANTOS, 2002). Não com o tempo dissociado do espaço e sim em conjunto, porque toda ação humana temporaliza o espaço pelo trabalho. Na sua abordagem, Santos deu relevância ao modo como as intencionalidades podem orientar a práxis dos homens, pois estes surgem num mundo organizado que indica seus modos de ser. O conceito que representará este processo é o de espaço geográfico. (Bernardes, 2020, p. 278).

Versando sobre este raciocínio, estabelece-se a intrínseca relação entre o tempo e o espaço. As materializações atribuídas nesta relação, são advindas pelas sucessivas técnicas empregadas ao longo do tempo. No espaço, este processo é perceptível a partir das ações produtivas do trabalho e das relações sociais. O espaço pode ser desejado, planejado e construído. Enquanto isso revela as marcas da sua constituição, evidencia-se assim a presença humana, as suas múltiplas adaptações e as intencionalidades, as quais, em todo o tempo, promoverão uma forma distinta de apropriação do espaço, resultante de um “modo de ser “e viver este espaço. Seguindo nas idealizações de Santos (2014), o tempo e espaço aparecem como indissociáveis, assim temos:

Hoje, nós sabemos que os conceitos devem esposar o seu tempo para se tornarem operacionais e, para isso, a inspiração é a história do Presente. Hoje, cada vez mais, os lugares são condição e suporte de relações globais, que, sem eles (lugares), não se realizariam, e o número é muito grande. As regiões se tornaram lugares funcionais do Todo, espaços de convivência. Agora, neste mundo globalizado, com a ampliação da divisão internacional do trabalho e o aumento exponencial do intercâmbio, dão-se, paralelamente, uma aceleração do movimento e mudanças mais repetidas, na forma e no conteúdo das regiões. indissociáveis (Santos, 2014, p.156).

Percebe-se neste contexto, exemplificações com o intento de demonstrar a relação espaço e tempo, na consideração do tempo histórico dos acontecimentos no espaço. Na contemporaneidade, as relações sociais e comerciais concretizadas inserem as conexões do todo, do geral, os pormenores, ou seja, os lugares. O mundo globalizado favorece esta interação. A tomada de conhecimento e visualização das potencialidades comerciais e excêntricas dos lugares são percebidas. Insere-se a participação ativa dos lugares, dentro do contexto global. De acordo com Santos “[...] O lugar, aliás, define-se como funcionalização do mundo e é por ele (lugar) que o mundo é percebido empiricamente.” (Santos, 2014, p. 156).

Seguindo para a temática do conceito de lugar, quando anunciada anteriormente por Santos (2014), este informa que é pelo “lugar que o mundo é percebido empiricamente”, que este é um conceito que tem ao longo do tempo suscitado interesses e curiosidades. Consideremos os estudos de Tuan⁶(2013), o qual, em suas abordagens, muito contribui com pressupostos humanistas e existencialistas. Tuan (2013), apresenta em suas abordagens e na obra: Espaço e lugar, a perspectiva da experiência, baseada em referências bibliográficas de cunho etnográfico, histórico, literário e psicológico, favorecendo um conjunto relacional de compreensão conceitual de espaço e lugar, formulação esta atribuída segundo a análise de Marandola (2012).

Revisitar os textos de Yu Fu Tuan promove um universo de provocações sobre a percepção do espaço, atribuindo que o convívio nos mesmos promove sentimentos

⁶ Desde suas primeiras obras, principalmente na década de 1970, Yi-fu Tuan destacou-se no pioneirismo de um humanismo, até então, sem precedentes na Geografia. Bem verdade que sua fonte de inspiração já prenunciava um outro caminho para as reflexões geográficas, porém, é com trabalhos como Topofilia (1980) – publicado originalmente em 1974 – e Humanistic Geography (1976) que Tuan levanta o estandarte de uma nova abordagem na Geografia: a Geografia Humanística, definida por ele como uma Geografia que busca entender melhor o Homem e suas condições. Desse modo, essa perspectiva geográfica não pretende ser uma ciência da terra, —ela se entrosou com as Humanidades e Ciências Sociais no sentido de que todas compartilham a esperança de prover uma visão precisa do mundo humano (TUAN, 1982, p.143).

de afeição e pertença, que ao longo do tempo pode ser conceituado como lugar, incluindo para esta identificação a particularidade, dada pela subjetividade. Com este sentido, devido a interdisciplinaridade teórica do autor, nas suas descrições, não é negligenciado os atributos sentimentais, sociais, espirituais e outros que favorecem esta constituição e nserre formulações que coloca o homem na sua condição de ser vivente que, por condições da sua natureza, tem desejos latentes de satisfação, para tanto, organiza o espaço para que se sinta confortável e favoreça os relacionamentos sociais. O lugar para Tuan, é consolidado, quando é impregnado de valores e referências. Na perspectiva de Marandola (2012), as inquirições apresentadas por Tuan (2013) provenientes do período de 1960 e 1970, enfatizam:

Ao construir sua diferenciação fundamental entre espaço e lugar, o autor acaba refundando epistemologicamente a Geografia, pois articula esses dois conceitos a partir da proximidade e distância, da intimidade e da indiferenciação, do envolvimento e do não envolvimento, afastando-se das epistemologias vigentes até então que entendiam o espaço ou como absoluto ou como relativo, mas sem considerar o sujeito (Marandola, 2012, p.8).

Segundo Marandola (2012), o lugar na perspectiva de Tuan (2013) é decorrente da proximidade, das relações íntimas que os indivíduos possam experienciar no espaço. Portanto, as considerações de afeições, sentimentos, memórias e pertencimentos, são presentes em suas constatações para identificação deste conceito.

Avança a consideração de que é mesmo uma necessidade “biológica, psicológica e espiritual” que firmamos presença e permanecemos no espaço, o qual imbuído de significado, é considerado como lugar. Segundo Tuan (2013) “Muitos animais vivem, como os seres humanos, em ambientes construídos por si mesmos, em vez de viverem simplesmente na natureza”. (Tuan, 2013, p.127).

Existe uma evidência íntima e relacional de como o autor trata o tema, quando aponta esta observação da vida animal. Tuan (2013), prossegue com provocações inseridas dentro deste contexto, certificando que os “lugares íntimos” são identificados, onde naturalmente encontramos acolhida, somos reconhecidos e dignificados. Para tanto, este reconhecimento do lugar é independente de exuberâncias ou “escalas”. Ao que afirma Tuan: “A cidade natal é um lugar íntimo. Pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encanto histórico, no entanto nos ofendemos se um estranho a crítica” (Tuan, 2013, p.177).

As identificações com os lugares, proposto por Tuan, é decifrado pelas relações de intimidade com os mesmos. O que ocorre pelas vias da singularidade e pertencimento, como também pelas vias do coletivo, uma vez que: “a cultura afeta a percepção”. Os lugares existem pelas relações sociais que impregnam de valores e consistência aos lugares convividos.

De acordo com Tuan (2013) , Berdolay (2012) atesta que: “O sujeito dá sentido a esses elementos no interior de tramas narrativas que, por consequência, também fundam ou redefinem os lugares”. (Berdolay, 2012, p.122). A contribuição de Tuan (2013), suscita o reconhecimento das “narrativas” que estão inseridas na dinâmica da vida. As expressões verbalizadas, como os enredos do cotidiano dos indivíduos, fazem parte da existência dos lugares. Não é apenas o espaço físico que conta, mas também a expressividade humana que nele está inserida.

Partindo deste ponto de vista, os indivíduos também participam da idealização e projeções dos “lugares”, como também a ele se incorpora e transfere linguagens e o “jeito de ser”. Mesmo que existam padronizações de comportamentos, ditados pela modernização e informação, as “particularidades” dos lugares sobrevivem. De acordo com Tuan, (2013): “Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato”. (Tuan, 2013, p.168).

Importante considerar que os lugares estão impregnados de heranças sejam elas materiais ou imateriais, a exemplo dos bens que se constituem como patrimônio cultural imaterial, os quais são classificados em categorias. Como aponta os autores Silva, Furquim Jr (2013): “o livro dos lugares (conhecimento e modos de fazer), livro de registro das formas de expressão, livro das celebrações e livro dos lugares”. (Silva e Furquim Jr., 2013, p. 78). Estas classificações constituem um propósito pensado em perpetuar os lugares, o patrimônio a partir do que é herdado. No entanto, percebe-se que o processo de aculturação, também, se faz presente em nossa sociedade, favorecendo a não perpetuação da cultura, das tradições e representações que compõem os lugares.

No percurso das abordagens realizadas, direcionada por alguns autores, equivale avaliar as forças produtivas e as relações sociais que empreendidas ao espaço, exercem a contínua dinâmica da consolidação espacial, caracterizada por Lefebvre (1974), no âmbito do espaço concebido, percebido e vivido. Assim, como a intrínseca relação do espaço e tempo proposto por Milton Santos (2014), como

também as considerações humanistas e existenciais apresentadas por Tuan (2013). A ênfase dada por Berdolay (2012) enquanto ao protagonismo do “sujeito” que a este espaço pertence e demarca a sua interferência.

2.1. ABORDAGENS DA GEOGRAFIA CULTURAL

Na dimensão cultural da Geografia, entende-se que a sociedade é constituída, revelada, alterada e imbuída de significados e representações. É o lugar da existência, em um processo de complementariedade e integração. Parafraseando Claval (1999), Roberto Lobato Correa descreve um itinerário histórico das bases da Geografia Cultural entre 1890 e 1940.

Na primeira fase dessa corrente teórica, que se inicia na Alemanha, na França e posteriormente nos Estados Unidos, temáticas sobre regiões, ecologia e a intervenção do homem na natureza, são próprios desta fase. A segunda etapa entre o período de 1940 a 1970 é considerado o período de retrocesso, proveniente da Geografia Harsthoriana⁷, da revolução teórica-quantitativa, da Segunda Guerra Mundial e do impulso da expansão capitalista.

As alterações na forma de se perceber e interferir no espaço geográfico, provenientes do expansionismo europeu, além de menosprezar culturas e povos tradicionais, favorece a prioridade nas estratégias de especulação, ampliações comerciais e alternâncias de preferências de estudo e de interesses sobre a realidade social e cultural das comunidades tradicionais. A perspectiva de estudos geográficos, neste momento, é priorizada para fins estatísticos. Correa (2009), enfatiza as proposições de mudanças dos estudos geográficos, com ênfase na Geografia Cultural, ao afirmar:

⁷ Para Hartshorne (1978), a Geografia é, ao mesmo tempo, uma ciência da natureza e da sociedade. Afirma que a Geografia deve procurar compreender como os fenômenos se combinam em uma área da superfície terrestre. Seguindo o pensamento de Hettner, Hartshorne considera que não há um grupo de fenômenos particulares à Geografia, pois interessam a esta ciência todos os fenômenos que apresentam uma dimensão espacial. Desse modo, a Geografia consiste em[...] uma ciência que interpreta as realidades da diferenciação de áreas do mundo, tais como elas são encontradas, não somente em termos das diferenças de certos elementos de lugar para lugar, mas também em termos da combinação total dos fenômenos em cada lugar, diferente daquelas que se verificam em cada um dos outros lugares (HARTSHORNE, 1939, p.462). Segundo o autor (1978), a Geografia se constitui em uma disciplina que procura descrever e interpretar o caráter variável da terra, de lugar a lugar, como o mundo do homem. Esta descrição científica deve incluir tanto o que se sabe, quanto o que pode ser inferido, quer dos fenômenos, quer das relações de processos e associações de fenômenos. **de Souza Arcassa, W.:** *"Contribuições epistemológicas de Richard Hartshorne à geografia moderna "*, en *Contribuciones a las Ciencias Sociales*, abril 2013,

A partir de 1970 a geografia cultural passa por uma profunda reformulação, como sempre com base em jovens geógrafos. A década de 1970 foi em realidade, uma arena de embates epistemológicos, teóricos e metodológicos, no âmbito dos quais emergem uma geografia crítica e diferentes subcampos que, nos anos 80 iriam confluír, em parte, para gerar a denominada geografia cultural renovada (Correa, 2009, p.2)

De acordo com Claval, (2002), após os anos setenta, a Geografia Cultural será compreendida, não mais como uma subdivisão da Geografia Humana, mas em uma maior referência, em igual nível da Geografia Econômica e Geografia Política:

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica. (Claval, 2002, p. 20).

Segundo Claval (2002), devido a Fenomenologia⁸, é que as mudanças em torno da abordagem da Geografia Cultural começam a ocorrer, considerando o “interesse pela experiência direta dos lugares e pelo sentido de morar”. Surgindo uma compreensão de reavaliar a Geografia Humana, a qual deve fazer parte da cultura, como também em interação com “as ciências sociais, a economia, as ciências políticas, a sociologia, a etnologia e outras” Claval (2009, p. 20). Reafirma-se a importância da amplitude dos estudos geográficos, no sentido de capturar importantes detalhes da realidade cultural, a isso irá considerar a importância da “descrição

⁸ **Fenomenologia** é um conceito filosófico que ao longo da história da filosofia foi se desenvolvendo e aparecendo com diferentes acepções, mas que no século XX se consolidou como o método filosófico dos existencialistas, tendo características próprias que se conectam com os seus significados do passado, mas apresenta diferenças importantes. A palavra fenomenologia vem do grego *phainómenon*, que podemos traduzir como “aquilo que se manifesta” e vem também de *logia* que é traduzida como estudo, e assim num primeiro momento, etimologicamente, fenomenologia pode ser entendida como o **estudo daquilo que se manifesta**. A fenomenologia pode ser vista como uma corrente idealista dentro do campo de estudo da filosofia, pois foca na mente pensante, mais precisamente nos fenômenos intelectuais que se manifestam na mente. Assim, na fenomenologia estudam-se os fenômenos da consciência do indivíduo buscando-se interpretá-los, pois essa seria a realidade passível de apreensão. Com isso, podemos dizer que o método de reflexão fenomenológico é empirista e intuitivo. Entre os grandes nomes da Fenomenologia no século XX podemos destacar nomes como Jean Paul Sartre, Martin Heidegger, Max Scheler, Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl.

densa”⁹, atributo conceituado pelo antropólogo Geertz¹⁰, considera a importância da criticidade na análise cultural; como também a sustentação da reflexão epistemológica, que assegura a diversidade das concepções culturais. “São assim as formas de civilização, a ação humana, os gêneros de vida, que devem ser interrogados para compreendermos uma determinada região. São eles que dão unidade cultural, a certas porções do território” (Gomes, 2018, p.56). No entendimento de Gomes (2018), é preciso adentrar na realidade, com propósito de pesquisador e conhecer as minúcias que compõem este universo da região na sua concretude física e identitária. Dentro de uma afirmação mais ampla, Claval (2002) traz a seguinte abordagem:

Falar de regiões é falar de realidades sociais já existentes. Falar de lugares e de territórios é falar da significação do espaço para cada indivíduo e da maneira de construir objetos sociais a partir das experiências pessoais. Daí a atenção dada ao corpo como fonte de todas as experiências espaciais dos indivíduos. Daí o interesse dado ao papel da imaginação - da imaginação geográfica - na construção das categorias sociais e territoriais [...], entretanto, os cheiros dão aos lugares parte de suas especificidades. A lembrança dos lugares é também ligada aos sabores das comidas locais. A vegetação queimada e da terra úmida depois da chuva (Claval, 2002, p. 23).

Mediante o que foi apresentado, reacende o que o autor considera como experiência espacial, a qual se pronuncia primeiramente pela visualização. É neste espaço que os indivíduos atuam e criam as “paisagens humanizadas”, deixando assim as marcas da sua presença. “Os lugares e as paisagens fazem parte da memória coletiva. A lembrança do que aconteceu no passado dá forte valor sentimental a certos lugares.” (Claval, 2002 p.24). Intensifica o entendimento de que a vida em sociedade,

⁹ Descrição densa: A descrição densa caracteriza-se na forma como um antropólogo deve descrever seus estudos. O antropólogo deve descrever seu objeto de estudo em suas mais diversas particularidades, levando em conta todos os pequenos fatos que cercam sua vida social. Não bem os fatos em si, mas a ação social destes fatos. Não se busca leis gerais, mas sim significados/significações. A ciência do antropólogo deve ser interpretativa em busca de significado, buscando explicar e interpretar expressões sociais que são “enigmáticas na sua superfície” (GEERTZ, 2008, p.4). Isso demonstra que não podemos generalizar ou interpretar “pela superfície”, devemos buscar os significados de que precisamos dentro de determinada cultura, levando em conta toda as suas características. (BORDIN, 2013).

¹⁰ Clifford Geertz (São Francisco, 23 de agosto de 1926 — Filadélfia, 30 de outubro de 2006), antropólogo americano, um dos maiores antropólogos da atualidade. Estudou antropologia na Universidade de Harvard, durante muitos anos lecionou no Departamento de Antropologia da Universidade de Chicago. Na segunda metade do século XX, Geertz fundou a corrente da antropologia chamada de interpretativa ou simbólica. Ela prega que as manifestações culturais de um povo somente são compreendidas se forem analisadas em conjunto. Por isso, não devem ser estudadas de forma isolada. (Fonte: Veja, 8 de novembro de 2006 - ANO 39 - N° 44 – Edição 1981 – p.: 128)

não deve ser dado a partir de fragmentações. Um itinerário de buscas e inquirições dentro do contexto da memória coletiva, como apresenta Claval (2002), é um direcionamento salutar. Le Goff (1990), acrescenta uma consideração sobre essa questão:

Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória. (Le Goff, 1990, p.477).

O autor considera a importância da valorização da memória coletiva¹¹, como sinal de “conquista” e luta para afirmação social das comunidades que prezam pelas tradições e pela afirmação dos seus valores, propondo assim a sua perpetuação. Sendo memória oral, podem ser instrumentalizadas através da escrita. E, como nos afirma Le Goff (1990):

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. É assim uma nítida constatação da interação espaço tempo que constituem e estabelecem as ações humanas em sociedade que são construídas através deste processo. (Le Goff, 1990, p.477).

Com o direcionamento da Geografia Cultural, uma diversidade de experiências de pesquisas aprimora-se neste campo. No Brasil, a abordagem é afirmada no início dos anos de 1990, com Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Correa. Será criado o núcleo de estudos em 1994, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) coordenado por eles.

Claval (1999) considera que aspectos da Geografia Cultural, estiveram presentes nos estudos e pesquisas realizadas no Brasil, desde o período de 1930, dado as pesquisas realizadas no sentido de evidenciar alguns dos aspectos, como: as diferenças regionais, variadas tradições étnicas, gêneros de vida, as relações advindas da divisão internacional do trabalho, (configurando o Brasil como fornecedor

¹¹ Memória coletiva-Halbwachs criou a categoria de “memória coletiva”, por intermédio da qual postula que o fenômeno de recordação e localização das lembranças não pode ser efetivamente analisado se não for levado em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória. É, portanto, mediante a categoria de “memória coletiva” de Halbwachs que a memória deixa de ter apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. Resenha de: SILVA, Giuslane Francisca da. **Aedos**. Porto Alegre, v.8, n.18, p.247-253, ago., 2016.

de matérias-primas e produtos agrícolas), a expressiva desigualdade social das populações rurais e urbanas, as heranças culturais portuguesas, indígenas e africanas. Claval (2012), enfatiza a importância da Geografia Cultural:

A diversidade dos componentes étnicos, das tradições religiosas, dos modos de vida, da mestiçagem e os sincretismos, ou o aumento dos “comunitarismos”, “ressuscitados” ou novos, favorecem a adoção de uma abordagem cultural pelos geógrafos brasileiros. Os problemas são variados, norteados por uma curiosidade vivaz, assim como as temáticas abordadas e as orientações teórico-metodológicas adotadas (Claval, 2012, p.19)

Um universo de inquietações surge no que diz respeito a perceber as constituições sociais que são afirmadas no Brasil e no mundo. Cada espaço ao seu modo e contexto histórico. De acordo com Paul Claval (2002), utiliza-se hoje a expressão “a volta do cultural”, dada por geógrafos ingleses, em referência a importância da Geografia cultural hoje na contemporaneidade, muito mais importante do que no passado. O debruçar por temáticas culturais surgem ao mesmo tempo da Geografia Humana, datada nos finais do século XIX. Destacando três domínios de ordem cultural da Geografia, “relações homem meio ambiente, as relações sociais, da organização regional e do papel dos lugares.” (Claval, 2002, p.19). Em seguimento, para compreensão mais ampliada sobre a Geografia Cultural, pode ser evidenciado através do entendimento de que:

A geografia que é uma ciência social, tem no espaço tempo a relação binária ou contraditória que dá respaldo ao conteúdo dos seus temas mais comuns: paisagem, lugar, espaço, território, relação homem x meio, de acordo com o tratamento que os teóricos vêm lhe dispensando [...] Nós somos a imagem viva-materializada -pensante do espaço e do tempo porque somos seus símbolos dotados de razão e de emoção. Somos unidades vivas e perspectivas de espaço/tempo em movimento. Passamos com o tempo, enquanto guardamos sua marca cronológica no espaço do nosso corpo e o amarramos em nossa memória. (Silva, 2020, p.15-16.).

A Geografia Cultural, através da sua abrangência de estudos, valida a importância dos componentes inseridos neste contexto, fazendo prevalecer a compreensão da vida cotidiana, que se afirma ao longo do tempo. Em referência a expressividade regional brasileira, Claval (1999), enfatiza que, na Alemanha, nos Estados Unidos e na França, em princípio interessava-se pelas variações dos ambientes regionais da Terra. O que é próprio de geógrafos como Pierre Denis (1927),

Francis Ruellan, Preston James (1942), Pierre Monbeig (1952,1980), Leo Waibel (1950), os quais se interessaram pela América Latina e o Brasil.

Notadamente que a diversidade natural brasileira é um chamado de atenção para as pesquisas. No entanto, no âmbito da Geografia Cultural, serão os processos advindos com a colonização que revelarão a diversidade de povos nativos existentes e com eles as suas tradições, linguagem e religião. Como os povos vindos da África, os quais tornaram-se escravizados no Brasil. No processo de povoamento, os povos portugueses, inseriram-se em terras brasileira, como também os imigrantes, a exemplo dos alemães, poloneses, italianos, judeus, sírios, libaneses, os quais estabeleceram permanência no Brasil.

Mediante este processo diversificado da formação étnica brasileira, tem-se que a apropriação do espaço geográfico ocorrerá revelando as influências culturais dos nativos e dos diversos imigrantes, os quais registrarão as marcas das heranças que trouxeram da sua pátria, como também sofrerão diversas influências, dado ao contato com os povos que aqui irão se relacionar. Em terras brasileiras, a expressividade da junção cultural, revelará um modo de vida, construído ao longo do tempo, influenciado e adaptado de acordo a multiculturalidade, como também pelas condições naturais aqui encontradas. De acordo com Claval (2001):

Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem neles as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a eles os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem neles os mesmos sentimentos e a mesma afetividade? (CLAVAL, 2001, p.40 *apud* CORRÊA, 2009, p.03).

Nesta indagação, aparecem os significados que são eleitos distintamente a partir das identificações. Evidente que as pessoas têm preferências e são imbuídos de percepções próprias, assim também como a apreensão do que constitui o seu entorno e a eles atribui valores.

É com o impulso da Geografia Cultural, que os atributos imateriais da cultura sobressaem e ocupam espaços de debates, em uma sucessiva abrangência por responder o caráter investigativo, reflexivo e exigente de pensamento, que fazem parte da sociedade contemporânea. Retomando aos aspectos da provocação anteriormente realizada por Claval (2009), quando referenda que o espaço geográfico, como lugar, é entendido a partir das vivências, histórias e sentimentos que cada

indivíduo a ele referencia, dentro de uma maior abrangência do contexto geográfico, assim pode-se compreender:

A Geografia, repetindo, é um conhecimento (representação elaborada pelos geógrafos) do conhecimento (das formas que as sociedades e pessoas traduzem em imagens suas experiências do espaço vivido.). Esta Geografia, consciente de sua subjetividade, busca nos discursos, nas práticas espaciais, nas representações dos homens, suas racionalidades e sentimentos de pertencimento, as coerências e contradições para conhecimento do lugar, das regiões e dos territórios. (Almeida, 2008, p. 316)

Como visto, a ciência Geográfica, comporta categorias e conceitos que favorecem uma sistematização da observação da sociedade e de como a mesma externaliza e valoriza as suas vivências, organizações e subjetividades. O que se revela através da representação¹² que os espaços são consagrados pelos indivíduos. A Geografia se debruça na análise de aspectos abrangentes, sejam estes materiais e imateriais, constituintes do espaço vivido. “Materiais, dados pela técnica e imateriais, via crenças e valores” (Bezzi, 2008 p.254). Um outro atributo à Geografia Cultural, é referente a sua natureza política. De acordo com Corrêa, temos informações deste estudo, a partir das descrições realizadas por alguns geógrafos.

A natureza política da cultura foi também enfatizada por geógrafos, entre eles Taillard (2003) e Michell (2000). O primeiro aponta três funções políticas da cultura, as funções de integração, que envolve as noções de pertencimento e identificação, de regulação, que controla o comportamento individual em sociedades tradicionais, e de enquadramento, associadas às sociedades com escrita, em relação às quais o poder elabora uma constante re-interpretação da cultura, Mitchell, por sua vez, enfatiza o caráter político da geografia cultural, sugerindo mesmo que ela intervenha em políticas culturais (Corrêa, 2009, p.03).

Dimensão esta que são percebidas seja através de documentos regulatórios, estatutos e leis, quando estes estão atrelados às políticas públicas. Tais ações direcionadas, ora pelas instituições governamentais constituídas, ora por livre

¹² Em “A presença e a ausência”, Henri Lefebvre (2006) busca elucidar a história do conceito de representação no pensamento filosófico, apresentando-o como um “conceito guarda-chuva” e buscando também desfazer a confusão entre representação e ideologia presente na obra de Karl Marx. Se, por um lado, enfatiza que representação não é necessariamente ideologia, por outro, afirma que é impossível a vida sem representação. as representações são formas de comunicar e reelaborar o mundo, aproximações da realidade que, no entanto, não podem substituir o mundo vivido. É justamente quando o vivido é substituído pelo concebido que a representação se torna ideologia. (SERPA, 2014 p.488).

organização social, favorecem o despertar comunitário para o sentimento de pertencimento e expressões culturais presentes na sociedade. O contexto da paisagem cultural insere-se nesta abordagem. Resultante de variadas intervenções, realizadas seja pelos cidadãos, por grupos majoritários, minoritários e também pelo administrativo governamental. A paisagem cultural proporciona variadas compreensões, como afirma Corrêa (2009) “O sentido da paisagem cultural, pode ser construído e reconstruído pelos diversos grupos sociais a partir de suas experiências.” (Corrêa, 2009, p.4), o que ocorre seja individualmente ou na coletividade.

As proposições apresentadas fazem parte de um itinerário de abordagens teóricas relacionadas a constituição da Geografia Cultural e de como este direcionamento metodológico proporciona o entendimento da sociedade pelas vias da percepção e interação humana. A sociedade é observada, avaliada, e sujeita as intervenções, interpretações e atribuições de significados e representações.

2.1.1. Vivência, afeição e pertença dos sertanejos

Sertão, eis então o que muito compreendê-lo. O termo em si, é por muito utilizado, por vezes ofuscado da representação que o mesmo comporta. Na designação básica do dicionário, refere-se às áreas interioranas, distantes do litoral. Portanto, existe uma abrangência de atribuições que ao longo do tempo foram aparecendo, seja de forma espontânea ou formal. Percebe-se hoje a evocação do sertão, em músicas, na literatura, no cinema, nas artes plásticas e demais expressividades culturais e artísticas. Fazendo crer que o “Sertão”, guarda os seus “mistérios”. O auge da sua designação e propagação ocorreu no período da colonização brasileira, realizada pelos portugueses.

Pode-se atribuir então que o sertão é diverso, comporta uma abrangência de significados que extrapola a conotação de ordem física espacial. É imbuído de inquietações, suscita as mais variadas interpretações e percepções. As compreensões iniciais sobre o sertão no contexto da colonização estão referenciadas como algo desconhecido, que necessita ser desvendado. A expansão territorial do Brasil, em busca do sertão, será empreendida na busca de riquezas naturais e minerais, que atenda aos interesses econômicos do rei colonizador. A exploração destas áreas interioranas, ocorreram de forma concomitante à sua ocupação, provenientes de atividades econômicas desenvolvidas, a exemplo :a pecuária e a

mineração. A busca pelo sertão das riquezas naturais favorecerá o seu reconhecimento. Neste contexto, a afirmação de Rego (2016), ilustra a perspectiva do colonizador português:

Os mapas daquele tempo pautavam-se dessa forma por uma Geografia imaginária caracterizada por um vocabulário bárbaro que representava os habitantes e as maravilhas daqueles sertões, com a descrição dos seus costumes e hábitos. E não se esqueça que, muitas vezes, a própria realidade das coisas deixava muito aquém os sonhos imaginosos dos mais arrojados aventureiros. (Rego, 2016, p.43).

O intento da colonização perpassa por algo fantasioso e pouco conhecido. As descrições do que se conhece e imagina, foram projetadas para mapas mediante descrições, realizadas pelo colonizador. E assim terras desconhecidas são reveladas, povos nativos menosprezados, vítimas de genocídio e etnocídio. O sertão vai sendo percebido. Vejamos o que nos afirma o autor:

Os sertanistas deixaram relatos orais ou escritos, roteiros de viagem, verdadeiros mapas mentais, que permitiam aos seus sucessores encontrarem seu caminho sertão adentro. Esses roteiros faziam parte dos testamentos ou foram recolhidos, no século XVIII, da tradição oral (Rego, 2016, p.55).

Certifica-se que as narrativas constituem uma importante fonte de informação. Os seus registros possibilitaram encontrar caminhos na imensidade territorial do Brasil. Caminhos estes trilhados e também habitados pelos povos nativos, os quais foram subjugados, violentados fisicamente e no direito de viverem em liberdade, em um projeto injusto e audacioso dos sertanistas. De acordo com Rego (2016), temos:

Dos dois lados do Atlântico, os caminhos do sertão, fossem eles terrestres ou fluviais, eram buscados e percorridos por homens que se pautavam por essa Geografia imaginária, a qual cada vez mais dava passo a um maior conhecimento empírico do terreno. Nesse processo não faltava a visão estratégica, como no caso do “caminho do Brasil”, em terras americanas, e no “caminho da costa à contracosta”, em terras de África. O moto e a razão principal, entretanto, eram a busca de riquezas, ou a garantia da sobrevivência. Foi assim que se foi conformando, aos poucos, a expansão territorial e a conquista dos sertões, com sucesso muito maior na América do que na África Portuguesa, em um contexto de interdependência entre a iniciativa oficial e a privada. (Rego, 2016, p.49).

O reconhecimento do sertão ocorre pelas vias da Geografia imaginária, que aos poucos vai se consolidando em informações mais precisas. É um processo que ocorre

em outras terras, a exemplo no continente Africano. A busca pelo desconhecido, pelo “sertão” é empreendida por motivações de aquisição de riquezas, prestígio e a consagração heroica de quem a estes feitos se submetia. Seguindo para mais uma vertente interpretativa. Rêgo (2016), ressalta que Antônio Carlos Robert de Moraes percebe, com acerto, “que é no apetite territorial de certas sociedades europeias que devemos buscar o móvel primeiro da expansão marítima”, e que é “na capacidade plástica de se apropriar de lugares os mais diversos e moldá-los segundo seus interesses que se pode avaliar o êxito ou fracasso dos vários empreendimentos coloniais. E ainda:

É o caso dos portugueses, na América e na África, e da conquista dos sertões. Estes foram conquistados aos poucos, e com base num conhecimento crescente, que sempre se caracterizou pela tensão entre o mito e a realidade. Com efeito, desde a Idade Média relatos como os de Marco Polo Mandeville e outros se caracterizavam pela mistura entre informações verídicas sobre regiões até então desconhecidas, e fábulas, o que, se encantava o público, contribuía pouco para alargar os conhecimentos geográficos e a representação gráfica de novos espaços. (Rego, 2016, p.49).

O caráter mitológico que esteve presente no processo das grandes navegações europeias e no processo de colonização empreendido pelos mesmos. O imaginário permeado de fantasias fazia parte de um contexto de verdadeiras aventuras em busca de novas terras. Em específico ao Brasil, os portugueses, imbuídos desta concepção, aventuram-se em áreas mais interioranas, motivados pelas buscas de riquezas minerais e uma diversidade de produtos que pudessem proporcionar aos mesmos o acúmulo de bens materiais.

A busca pelas “drogas do sertão”, referenciada aos produtos naturais da região norte do Brasil, insere-se neste itinerário da busca do desconhecido. A atuação dos bandeirantes, permeada de dificuldades para o reconhecimento territorial do Brasil, acontece neste contexto. Situado no tempo histórico do Brasil entre os séculos XVII e XVIII, ao que nos informa Corrêa (1987):

Portugal ao perder os mercados produtores de especiarias do Oriente, organiza, a partir de 1655, um esquema destinado à procura, coleta e comércio de especiarias, as quais foram denominadas, por eles, de “drogas do sertão”. Eram produtos valorizados na Europa, utilizados como condimentos, em uso farmacêutico, enfeites e como material de construção: cacau, cravo, canela, salsaparrilha, madeiras e manteiga de peixe, entre outros. No período que se estende da metade do

Século XVII ao final da primeira metade do Século XVIII, esse esquema estava baseado numa organização apoiada em fortíns, aldeias missionárias e na mão-de-obra indígena.[...] Os índios aldeados, sob o hábil controle dos missionários, não apenas cultivavam para subsistência, como, também, percorriam sistematicamente os vales visando à obtenção de "drogas do sertão", A produção colhida era encaminhada para Belém e de lá exportada para Lisboa (Corrêa, 1987, p.44-45)

Nessa abordagem é enfatizada a diversidade de especiarias que atraíam o interesse dos mercados europeus. Como também a participação dos indígenas, que, na condição de trabalhadores não remunerados e submissos, são coordenados pelos jesuítas para a realização das produções agrícolas, destinadas a sobrevivência do seu povo. São também os responsáveis pela extração dos produtos naturais destinados à exportação, as conhecidas "drogas do sertão". Corrêa ressalta:

Os beneficiários dessa exportação eram as ordens religiosas. Desse modo, a burguesia e o Estado português, bem como os grupos comerciais ingleses que, através de acordos entre a Inglaterra e Portugal, controlavam o comércio ultramarino português pouco se beneficiavam desse comércio[...]. Recebiam, outrossim, como forma de pagamento, certas mercadorias européias com inteira isenção de impostos, por serem em benefício das missões, conforme declaravam". (Corrêa, 1987, p.44 - 45).

De acordo com Corrêa (1987), em consonância com as atividades extrativistas, construções de fortíns (organizados pelos Jesuítas), que o território brasileiro vai sendo construído. A participação dos nativos é de significativa importância. É desmistificada a ideia de que os povos indígenas não se submetiam as ordens e imposições. A presença dos Jesuítas, com o trabalho missionário, irá agregar os povos indígenas nos fortíns (fortes). Instruídos religiosamente e culturalmente, o que possibilitará aos mesmos à obediência e ao trabalho servil e extrativista. Forma uma mão de obra, conhecedora dos caminhos e especificidades naturais, que muito favorecerá aos religiosos, nos negócios de exportação realizados com a Europa.

O sertão até aqui foi entendido pelo viés do contexto da colonização, como mencionado anteriormente sobre as variadas representações que ao termo é atribuído. Diversas considerações permitem ampliar compreensões sobre o contexto. Seguindo bases referenciais em Arruda (2000), apresenta-se que entre os séculos XIX, XX e ainda na contemporaneidade existe uma forte influência da utilização dos elementos naturais para se caracterizar o Brasil. A natureza, entendida como floresta tropical, pampas ou caatingas, foi muitas vezes vista como "sertões". Falar de

“sertões” significa, entre outras coisas, dialogar com os significados atribuídos à natureza na construção de identidades e memórias. O que permite considerar, segundo o autor Arruda (2000):

A dificuldade em estabelecermos limites temporais na análise pode ser percebida na própria amplitude que o termo “sertão” assumiu na sociedade brasileira, tanto temporal como espacialmente. A utilização da ideia de sertão para definir ou caracterizar determinadas regiões no Brasil é bastante antiga, datando dos tempos coloniais. Sua recorrência e permanência no imaginário da sociedade brasileira ao mesmo tempo em que remete à natureza como base das identidades e construção de uma memória nacional, exige uma atenção sobre os seus significados no século XIX. (Arruda, 2000, p.18)

Seguindo a ordem das reflexões apresentadas, com a proclamação da República, existiu o “esforço de atualizar o Brasil”. Ao que menciona:

Esta atualização corresponde às transformações ocorridas nos significados atribuídos ao “sertão”. Uma das questões que passou a ser objeto de preocupação dos novos detentores do poder foi o problema da integridade do território nacional. Abriu-se novamente o debate sobre a necessidade de ocupar o espaço territorial da nação e sobre o que fazer com seus moradores, os povos indígenas e os chamados sertanejos. (Arruda, 2000, p.18):

Apresenta-se no período republicano, as preocupações governamentais referentes a ocupação dos “terrenos pouco explorados” ou “terrenos ocupados por povos indígenas. O que exigirá, para a época, uma ação que proporcionará o progresso, também como necessário para a integridade nacional. O surgimento das cidades e a conseqüente industrialização, servirão de parâmetros para se analisar o país, entre as áreas ocupadas (pelas cidades) e as menos povoadas, trazendo à tona a disparidade entre o urbano como “civilizado” e progressista e o rural como incivilizado.

Emerge uma necessária atribuição ao processo com que é evidenciada a ocupação territorial do Brasil. Em se tratando do “sertão” ou “sertões”, é certo que em distintos espaços, surge uma expressividade cultural, modos de vida, características de heranças de quem a essas terras esteve presente e moldou ao longo dos anos a sua constituição e caracterização. Enfatizar esta questão, é referendar a importância da memória, como nos lembra o autor: “As memórias construídas sobre os espaços geográficos possuem grande influência na constituição dos sentimentos de identidade

nacionais ou regionais, no pensamento político e no próprio processo de transformação dos mesmos espaços geográficos”. (Arruda, 2000, p.163).

Entender o sertão pela atribuição meramente de ordem de elementos físicos, locacionais, é uma redução. A concepção de uma definição sobre o que ele é, o que representa, é instigante e comporta múltiplos significados. Uma delas está presente no contexto da sua construção, a qual guarda memórias, sentimentos, pertencimentos e modos de vida, que certificam uma identidade ao espaço geográfico, que pode ser entendido como lugar. Como nos afirma Tuan: “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (Tuan, p.167 2013). Em seguimento é apresentada uma narrativa literária, que ilustra a percepção de lugar, associada com expressividades, que evocam ao Sertão, podemos citar o Quinze de Rachel de Queiroz.

[...]E, deitada, à luz vermelha do farol, que ia enegrecendo o alto da manga com a fumaça preta, na calma da noite sertaneja, enquanto no quarto vizinho, a avó, insone como sempre, mexia as contas do rosário, Conceição ia se embebendo nas descrições de ritos e na descritiva mística, e soletrava os ásperos nomes com que se invocava Deus, pelas terras do mundo. Até que dona Inácia, ouvindo o cuco do relógio cantar doze horas, resmungou de lá: Apaga a luz, menina! Já é meia-noite! Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó (que a criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá. Ali tinha a moça o seu quarto, os seus livros, e, principalmente, o velho coração amigo de Mãe Inácia. Chegava sempre cansada, emagrecida pelos dez meses de professorado; voltava mais gorda com o leite ingerido à força. Resposta de corpo e espírito graças ao carinho cuidadoso da avó (Queiroz, 2018, p.19).

Um outro personagem, ilustra o mesmo contexto sertanejo, ao que a autora nos certifica Queiroz (2018):

Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre conhecera querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele [...]. Passados, porém alguns anos, já agora a velha senhora se conformava em não fazer de Vicente um doutor, e trazia-o ciumentamente preso a si, e o mimava a tal ponto, que fazia as irmãs protestarem: _Credo! Para a mamãe, o Cente é mais mimoso do que mesmo o caçula. (Queiroz, 2018 p. 2 - 27).

Dentro de uma circunstância de ordem familiar, as narrativas ilustram elementos de características rurais, aclamadas como sertanejas situadas em um dado

espaço temporal, que remete sobre as relações e vínculos estabelecidos, ocorrentes nos espaços. Evidencia-se dentro do contexto, um modo de vida que se contrasta com o ambiente urbano. Aparecem na abordagem literária, vestígios da inter-relação entre espaço, lugar e tempo. Lugar, como o espaço significativo, mesmo que carente de atrativos, o qual é para alguns especial, desperta satisfação na vivência e digno de ser revisitado, lembrado. Impossível não se reportar para a locução literária do livro: O Quinze e referendar os acontecimentos descritos, situados no período de 1915, como já expresso pela obra. O episódio apresentado no livro é de um tempo pretérito, situado no contexto histórico de um período de extrema seca no Nordeste.

Surge assim no decorrer desse itinerário de entender o sertão e a sua conotação conceitual, o processo da investigação e da pesquisa. O que implica identificar a forma como o sertão, enquanto espaço ou lugar é representado na sucessão dos anos. Uma referência de Corrêa nos afirma:

Tempo e espaço envolvem processos e formas da natureza e socialmente produzidos. O movimento e a pausa qualificam a existência e reprodução dos processos e formas, permitindo falar em temporalidade e espacialidade. Ambos estão inter-relacionados, mas guardam uma relativa autonomia e por isso podem ser analisados separadamente (Corrêa, 2009 p.286).

O geógrafo referencia o tempo enquanto movimento e o espaço enquanto pausa. Estão interligados, não perdendo em si a possibilidade de serem analisados de forma distinta. O que implica em dizer que a temporalidade, ocorre na espacialidade. “Três atributos podem, ao menos, caracterizar a temporalidade: criação, desenvolvimento e transformação.” (Corrêa, 2009 p.286). Acrescenta ao enredo da compreensão que os agentes sociais são os impulsionadores criativos dos “espaços, territórios, lugares e redes”. Reportando ao Sertão, situamos que a sua abrangência referencial, sofreu e sofre alterações constantes, advindos dos agentes sociais, que a todo tempo, transforma e transfere aos mesmas configurações. O sertão concebido e divulgado em nosso imaginário como o dos ambientes naturais e rústicos apresenta versões mais modernas, que foram concebidas pelas relações sociais no tempo estabelecido. De acordo com Carvalho (2018), a percepção do tempo é algo imensurável, citando Norbet Elias(1998), apresenta:

[...] o simples fato de evocar a ação de “medir” o tempo parece assemelhá-lo a um objeto físico mensurável, como uma montanha ou um rio. A expressão “no correr do tempo” parece

implicar que os homens, e talvez o universo inteiro, flutuariam no tempo como num rio. Neste e em muitos outros casos, a forma substantiva que se dá à noção de tempo contribui muito, com certeza, para criar a ilusão de que ele seria uma espécie de coisa “no espaço-tempo”. (Elias, 1998b, p. 39 *apud* Carvalho, 2018, p.210).

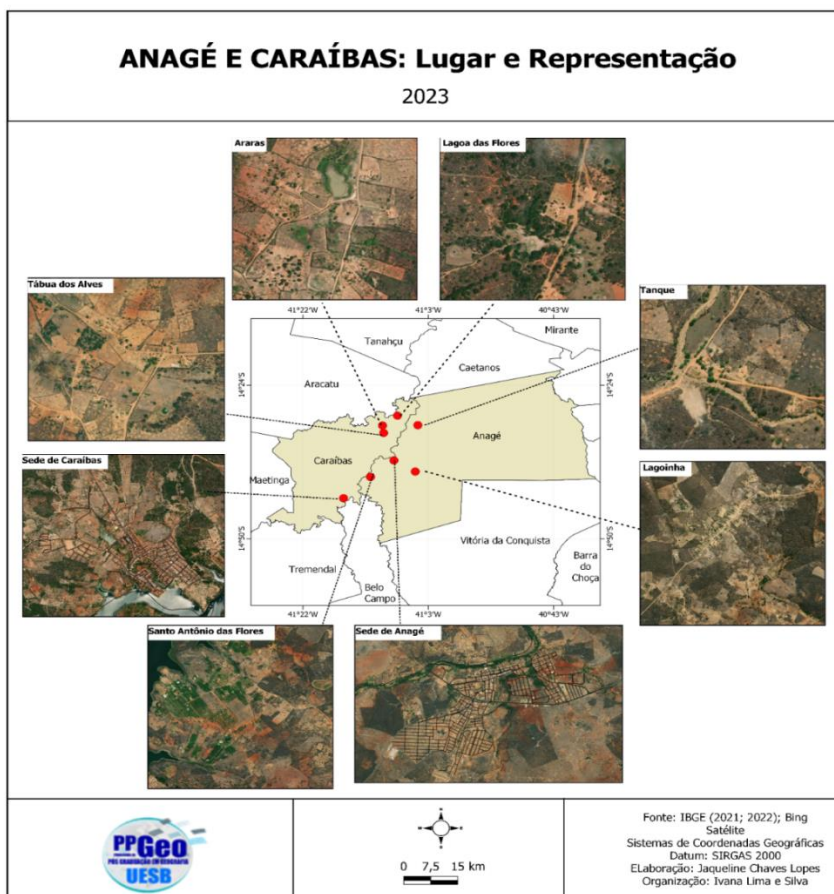
Deparamos com uma proposição reflexiva, que suscita a compreender o tempo como símbolo e não como coisa: [...] “O mesmo ocorreria com o conceito de tempo, quando dizemos que ele “passa”, quando em realidade o que “passa”, ou o que flui, são os processos específicos e tangíveis, sejam eles individuais, sociais ou naturais”. (Elias, 1998b, p. 39 *apud* Carvalho, 2018, p.210). Corremos o risco de mantermos a idealização do tempo, como o promotor das alterações presentes na realidade, como que, de forma inanimada, tivesse este poder. O autor irá alertar para este deslize que pode acontecer, uma vez que são as sucessivas relações sociais ocorridas no espaço, que remete as suas formulações e alterações, o que vale para as considerações relacionadas ao Sertão, aos vários “sertões” do Brasil que, por questões naturais, sociais, vivenciam processos de reformulação, representação e significação no decorrer do tempo.

Pode-se, com estas descrições, compreender que o Sertão foi entendido como as áreas interioranas do Brasil, permeadas de perigos e habitadas pelos povos nativos. Foram então ocupadas pelos colonizadores, os quais buscavam riquezas naturais e minerais, posteriormente utilizadas para atividades da pecuária. Ao longo do tempo, com o processo de urbanização, algumas destas áreas deram espaço para o surgimento de núcleos urbanos. O Sertão continua a existir, é referenciado nas obras literárias, nas pesquisas científicas, nas expressões artísticas, nas expressões culturais e, sobretudo, no modo de vida de homens, mulheres e crianças sertanejas. Mudanças são ocorrentes ao longo do tempo, advindas das relações sociais, intervenções do poder público e do processo de aculturação que estes espaços experimentam. No entanto, prevalece a permanência do sertão ou dos sertões do Brasil, com a presença de quem nele está inserido e perpetua a sua história, através do trabalho, da memória e das relações familiares e vínculos sociais.

No decorrer da dissertação, o sertão é tratado de forma específica nos municípios de Anagé e Caraíbas (figura 8), os quais foram eleitos para o estudo. As narrativas autobiográficas dos moradores das áreas rurais dos municípios darão respaldo para este propósito. Confere-se então que, as memórias individuais e

coletivas, respaldam o entendimento da representação sertaneja catingueira. Uma vez identificada esta proposição, é válido considerar os seus atributos. Assim como é instaurado a grandiosidade da representação sertaneja, permeada de subjetividades, espacialidades e temporalidades.

Figura 8 - Anagé e Caraíbas. Lugar e representação



Fonte: IBGE, 2023. Elaboração: Jaqueline Chaves

O Sertão em versos, narrativas, romances, descrições e dissertações, apresentam-se como alternativa encontrada para enaltecer as referências literárias sobre o tema. A pretensão está afirmada em forma de quadros informativos literários, constando de considerações primárias sobre algumas obras. O que é justificado pela inserção de abordagens textuais de categoria literária ao contexto de estudo sobre o conceito de análise, o sertão. Os quadros literários, contemplam um propósito de associar o estudo sobre os sertões, através da análise de algumas obras, sendo assim estudadas, analisadas e indicadas no presente trabalho, através da produção dos folhetins literários. A abrangência do estudo dos sertões, é ampla, encontram-se

percepções de ordem enigmática a respeito, como mediante a afirmação: “Às vezes penso que o sertão não é lugar habitado de ásperas larguezas: é mais um estado de espírito” (Brasigóis, Felício, 2008, p.15).

Apresentam-se quadros literários (em forma de folhetins), em que residem à temática. O que significa uma proposta de interdisciplinaridade das áreas de conhecimento, o que muito enobrece a ciência geográfica. Na sequência apresentam-se os quadros literários, numerados na sequência das Figuras 9 a 15, correspondem uma proposta de compreensão sobre o Sertões, na perspectiva literária. Inserem-se na dissertação, por favorecer a inserção da temática sertaneja, através do direcionamento proposto pela Geografia da literatura, o que será posteriormente conceituado na seção 5. Os folhetins foram elaborados na perspectiva de exemplificar a temática sertaneja retratada em romances e poesias, o que aponta uma possibilidade de alinhamento aos variados temas abordados pela Geografia.

Figura 9- Vidas Secas

Obra: Vidas Secas

Autor: Graciliano Ramos, (1892-1953) natural de Quebrangulo, Alagoas

Texto: Capítulo 01- Mudança

Referência Bibliográfica: GRACILIANO RAMOS - Vidas Secas.pdf

Compreensão:

Vidas Secas, é uma obra literária que foi lançada pela primeira vez em 1938. O enredo narrativo do romance, é repleto de descrições do ambiente físico, das atitudes dos personagens e dos seus pensamentos. Existe uma força de riqueza no vocabulário do narrador, que remete a entender que o autor é um exímio conhecedor do bioma da caatinga, como também das vicissitudes humanas, próprias da personalidade do nordestino, em específico do retirante. Entre os personagens, incluem-se : Fabiano, Sinhá Vitória, o filho mais velho e o velho mais novo, o soldado amarelo, Tomás da bolandeira, Sinhá Terta, o papagaio(que morre no início da trama) e baleia(a cachorra). O romance, identifica um contexto da realidade social dos retirantes nordestinos, que vivenciam a dramaticidade da seca. Sendo pois retratada a dramaticidade pela sobrevivência em um ambiente hostil. Despertando nos personagens a desilusão, por vezes o sonho em sair daquela realidade que lhes apresenta como injusta. Os monólogos dos personagens, incluindo Baleia, suscita no leitor uma inquietação sobre o sentido da vida e sobre as divergências sociais. Provavelmente, que o tempo cronológico em referência seja do século XX.



Contexto literário:

As manchas dos juazeiros tornaram a aparecer, Fabiano aligeirou o passo, esqueceu a fome, a canseira e os ferimentos. As alpercatas dele estavam gastas nos saltos, e a embira tinha-lhe aberto entre os dedos rachaduras muito dolorosas. Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam. Num cotovelo do caminho avistou um canto de cerca, encheu-o a esperança de achar comida, sentiu desejo de cantar. A voz saiu-lhe rouca, medonha. Calou-se para não estragar força. Deixaram a margem do rio, acompanharam a cerca, subiram uma ladeira, chegaram aos juazeiros. Fazia tempo que não viam sombra. Sinhá Vitória acomodou os filhos, que arriaram como trouxas, cobriu-os com molambos. O menino mais velho, passada a vertigem que o derrubara, encolhido sobre folhas secas, a cabeça encostada a uma raiz, adormecia, acordava. E quando abria os olhos, distinguia vagamente um monte próximo, algumas pedras, um carro de bois. A cachorra Baleia foi enroscar-se junto dele. (Ramos 2005, p03).

O que desejava... An! Esquecia-se. Agora se recordava da viagem que tinha feito pelo sertão a cair de fome. As pernas dos meninos eram finas como bilros, Sinhá Vitória tropicava debaixo do baú de trens. Na beira do rio haviam comido o papagaio, que não sabia falar. Necessidade. (Ramos, 2005, p. 03).

Fonte: Ivana Lima e Silva. Diagramação: Caio 2023

Figura 10- Guia de Goiás

Obra: Poesia : Guia de Goiás

Autora: Cora Coralina (1889-1985).

Texto: Guia de Goiás: Referência Bibliográfica: /www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/correio-braziliense-publica-poema-inedito-de-cora-coralina-13383/

Texto: Rio Vermelho; Referência Bibliográfica: VilaBoa de Goyaz/Cora Coralina-2.ed-São Paulo: Global,2003.

Compreensão: Cora Coralina, poetisa e doceira, como a mesma se intitulava. E foi assim fazendo doces, escrevendo versos, contos, que Cora Coralina, revela a interioridade do Sertão de Goiás. Em seus livros descreve histórias antigas, costumes regionais e enaltece a natureza humana, citando pessoas simples que para ela são representações significativas da sua vida, do cotidiano da antiga "Vila Boa de Goyaz", a exemplo de Maria Grampin (.andarilha que morava no porão da sua casa). Ancorada em sua terra natal, Cora, exhibe em suas produções literárias a referência de pertencimento a sua Goiás . Para tanto percebe-se como parte integrante do seu lugar. Ao que diz no poema: Minha cidade.

Eu sou a dureza desses morros,
revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhados, lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Calcinados
e renascidos.
Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as virações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.

Trecho do poema Minha cidade.

Cora Coralina - Minha Cidade - Tudo é Poema (tudoepoema.com.br).

Contexto Literário

Poesia

Guia de Goiás

Tem sua rima

Bem pode ser a mulher terra, a mulher sertaneja, sua velha escriba, Cora Coralina

Guia do meu Goiás

Guia de muita gente, para conhecer mais o meu Goiás.

Goiás, seu mapa é uma certeza no centro do Brasil.

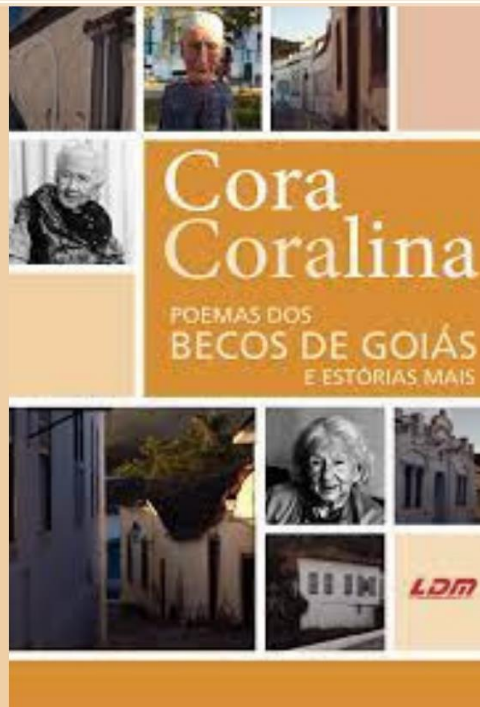
Goiás é coração, é o somido Augusto do berrante na frente das manadas, das estradas do sertão

Goiás é água e pão, água para toda sede e pão para toda fome

Goiás é oferta de trabalho, é a terra em gestação

Cora Coralina

Confira trecho da entrevista com Vicência Bretas Tahan, filha de Cora Coralina-
/www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/correio-braziliense-publica-poema-inedito-de-cora-coralina-13383/.



Rio Vermelho

Goiás te um rio que a recorta, dividindo a cidade em duas partes iguais. É um antigo e lendário rio de ouro e minerações passadas em cujas ribas agrestes o bandeirante plantou o marco da primeira descoberta. Nasci nas margens desse doce rio e o seu murmúrio ininterrupto embalou o berço da minha infância, fecundou e perfumou a flor da minha adolescência, acalentando com amavio estranho os sonhos da minha fantasia. As águas sempre correntes, sempre apressadas, quando passavam pela velha casa onde nasci, iam mais vagarosas, mais lentas e contavam-me longas e formosíssimas histórias das margens por onde andavam, dos bosques onde refletiram a verde roupagem das árvores, do ignoto donde vinham e do desconhecido para onde iam, cantando e falando, falando e correndo sempre...(Coralina,2003 p.101).

Fonte: Ivana Lima e Silva. Diagramação: Caio 2023

Figura 11- Os sertões (Canudos)

Obra: Canudos

Autor: Euclides da Cunha (1866/1909).

Texto: Trecho da primeira parte: A TERRA I. Preliminares. A entrada do sertão. Terra ignota. Em caminho para Monte Santo. Primeiras impressões. Um sonho de geólogo.

Referência Bibliográfica: CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).

Compreensão: Os Sertões é uma obra que foi publicada em 1902, advinda da estadia de Euclides da Cunha em 1897, como correspondente do jornal: O Estado de São Paulo. Quando enviado para fazer a cobertura jornalística no interior da Bahia, na guerra (1896-1897) em Monte Santo, no atual município de Canudos. O livro apresenta-se dividido em três partes: a terra, o homem e a luta. Enquanto jornalista e professor, com formação acadêmica em matemática, ciências naturais e física. Apresenta uma escrita enquanto um exímio observador e conhecedor das especificidades do ambiente natural, o qual foi inserido, localizado na sub-região do sertão da Bahia. Escreve enquanto um observador, no entanto é impossível ao mesmo em alguns momentos não se pronunciar sobre o que verificou e elucidar as suas concepções teóricas. Ao que afirma (Frazão 2019):

Com a obra, Euclides da Cunha pretendia não apenas contar o que presenciara no sertão, mas munido das teorias científicas vigentes – determinismo, positivismo e conhecimentos de sociologia e geografia natural e humana. – pretendia também compreender e explicar o fenômeno cientificamente. A obra constitui uma narrativa com estilo literário, de fundo histórico (apesar do fato recente) e de rigor científico.

https://www.ebiografia.com/euclides_cunha/#:~:text=Biografia%20de%20Euclides%20da%20Cunha.%20Euclides%20da%20Cunha,Ser

A trágica história da guerra de Canudos, permite sucessivos estudos e pesquisas, para afinal se compreender a força de um povo nordestino, que no sertão baiano, idealizam uma proposta de vida comunitária, liderados por Antônio Conselheiro. O qual imbuído de ideais religiosos e de justiça, lança para os “mal-aventurados”, uma esperança de dignidade. No entanto foram mal entendidos, mal interpretados em seus propósitos. Existe uma lacuna, um questionamento que segue para a posteridade. Como seria o futuro de Belo Monte / Canudos, se não tivesse sido interrompido o seu percurso ?



<https://images.app.goo.gl/t1YkhWjQlexDnAUq5>

Contexto literário:

No entanto quem se abalança a atravessá-lo, partindo de Queimadas para nordeste, não se surpreende a princípio. Recurvo em meandros, o Itapicuru alenta vegetação vivaz; e as barrancas pedregosas do Jacurici debruam-se de pequenas matas. O terreno, areento e chão, permite travessia desafogada e rápida. Aos lados do caminho ondulam tabuleiros rasos. A pedra, aflorando em lajedos horizontais, mal movimenta o solo, esgarçando a tênue capa das areias que o revestem. Vêem-se, porém, depois, lugares que se vão tornando crescentemente áridos. Varada a estreita faixa de cerrados, que perlongam aquele último rio, está-se em pleno agreste, no dizer expressivo dos matutos: arbúsculos quase sem pega sobre a terra escassa, enredados de esgalhos de onde irrompem, solitários, cereus rígidos e salientes, dando ao conjunto a aparência de uma margem de desertos. E o facies daquele sertão inóspito vai-se esboçando, lenta e impressionadoramente... Galga-se uma ondulação qualquer — e ele se desvenda ou se deixa adivinhar, ao longe, no quadro tristonho de um horizonte monótono em que se esbate, uniforme, sem um traço diversamente colorido, o pardo requemado das caatingas. (Cunha, 1984 p.10).

<https://www.google.com/url?sa=t&url=http%3A%2F%2Fm.ufrj.br%2Findex.php%2Fleia%2Freportagens-artigos%2Freportagens%2F5570-canudos-exercito-contra-camponeses-em-nome-da-republica&sig=ADWaw1e5UNxb4RyR8Rj6L7AA0&ust=1664668407632000&source=images&cd=fe&ved=0CAwQJrqFwoTCNC8prbvfoCFQAAAAAABAE>

Fonte: Ivana Lima e Silva. Diagramação: Caio 2023

Figura 12- O auto da compadecida

Obra: O auto da Compadecida
Autor: Ariano Suassuna
Texto: Diálogo de João Grilo, Chicó e a mulher do padeiro.
Referência Bibliográfica: O auto da compadecida/ Brainly.com.br

Compreensão:

O livro do auto da compadecida, torna-se um dos mais expressivos trabalhos de Ariano Suassuna e ganha espaço no cinema. Fazedo-se uma referência de grande sucesso. A obra retrata a sina dos personagens João Grilo e Chicó, os quais tentam driblar as dificuldades da pobreza e da seca do sertão, com muita esperteza e bom humor. No enredo da trama literária, encontra-se: o casal apaixonado, Lampião e o seu bando, o coronel, a representatividade da religiosidade católica popular e outros. A narrativa do livro inclui os planos e os muitos diálogos arquitetados entre os dois principais personagens, para prosperarem na vida e também selivrareem da condenação divina, por conta de um mal comportamento. E para tanto apelam para a Compadecida, figura religiosa que representa a mãe de Jesus. O enredo da história, é situado na cidade de Taperoá e do seu entorno, localizado no sertão Paraibano.

Contexto literário:
JOÃO GRILO: Como vai a senhora? Já está mais consolada?
MULHER: Como, se além de perder meu cachorro, ainda tive de gastar treze contos para ele se enterrar?
JOÃO GRILO: Está aí, o dinheiro? MULHER: Está. Entregue ao padre e ao sacristão.
JOÃO GRILO: Um momento. O que é que tem escrito aqui?
MULHER: Sacristão.
JOÃO GRILO: E aqui?
MULHER: Padre.
JOÃO GRILO: Pois por favor, escreva aqui "bispo e padre".
MULHER: Bispo e padre? Por quê?
JOÃO GRILO: Porque houve aqui um pequeno arranjo e o bispo também teve que entrar no testamento.
MULHER: Que complicação! E se ao menos eu lucrasse alguma coisa... Mas perdi foi meu cachorro.
JOÃO GRILO: Quem não tem cão caça com gato.
MULHER: Hem?
JOÃO GRILO: Quem não tem cão caça com gato e eu arranji um gato que é uma beleza para a senhora.
MULHER: Um gato?
JOÃO GRILO: Um gato.
MULHER: E é bonito?
JOÃO GRILO: Uma beleza.
MULHER: Ai, João, traga para eu ver! Chega a me dar uma agonia. Traga, João, já estou gostando do bichinho. Gente, não, é povo que não tolero, mas bicho dá gosto.
JOÃO GRILO: Pois então vou buscá-lo.
MULHER: Espere. Sabe do que mais, João? Não vá buscar o gato que isso só me traz aborrecimento e despesa. Não viu o que aconteceu com o cachorro? Terminei tendo que fazer o testamento.
JOÃO GRILO: Ah, mas aquilo é porque foi o cachorro. Com meu gato é diferente...
MULHER: Diferente por quê?
JOÃO GRILO: Porque, em vez de dar despesa, esse gato dá lucro.
MULHER: Fora vaca, cavalo e criação, bicho que dá lucro não existe.
JOÃO GRILO: Não existe, sei não... Eu fico meio encabulado de dizer!
MULHER: Que é isso, João, você está em casa! Diga!
JOÃO GRILO: É que o gato que eu lhe trouxe, descome dinheiro.
MULHER: Descome dinheiro?
JOÃO GRILO: Descome, sim.
MULHER: Essa eu só acredito vendo. JOÃO GRILO: Pois vai ver. Chicó! MULHER: Ah, e é história de Chicó? Logo vi.
JOÃO GRILO: Nada de história de Chicó, mas foi ele quem guardou o bicho. Chicó! CHICÓ, entrando com o gato. Tome seu gato. Eu não tenho nada com isso. João dá-lhe uma cotovelada e apresenta o gato à mulher.
JOÃO GRILO: Está aí o gato. MULHER: E da?
JOÃO GRILO: É só tirar o dinheiro. MULHER: Pois tire.
JOÃO GRILO virando o gato para Chicó, com o rabo levantado. Tire aí, Chicó, CHICÓ: Eu não, tire você.

JOÃO GRILO: Deixe de luxo, Chicó, em ciência tudo é natural.
CHICÓ: Pois se é natural, tire.
JOÃO GRILO: Então tiro. (Passa a mão no traseiro do gato e tira uma prata de cinco tostões.) Está aí, cinco tostões que o gato lhe dá de presente.
MULHER: Muito obrigada, mas se você não se zanga quero ver de novo.
JOÃO GRILO: De novo?
MULHER: Vi você passar a mão e sair com o dinheiro mas agora quero ver é o parto.
JOÃO GRILO: O parto?
MULHER: Sim, quero ver o dinheiro sair do gato.
JOÃO GRILO: De novo? MULHER, depois da nova retirada.
Nossa Senhora, é mesmo. João, me arranje esse gato pelo amor de Deus. JOÃO GRILO: Arranjar é fácil, agora, pelo amor de Deus é que não pode ser, porque sai muito barato. Amor de Deus é coisa que eu tenho, de ou não lhe dá o gato.
MULHER: Quer dizer que não tem jeito de eu arranjar esse gato?
JOÃO GRILO: De modo nenhum, há um jeito e é até fácil.
MULHER: Pois diga qual é, João.
JOÃO GRILO: Deixe eu entrar no testamento do cachorro.
MULHER: Pois você entra. Por quanto vende o gato?
JOÃO GRILO: Um conto, está bom? MULHER: Esta não, está caro.
JOÃO GRILO: Mas por um gato que descome dinheiro!
MULHER: Já fiz a conta, vou levar dois mil dias só para tirar o preço.
JOÃO GRILO: Mas ele descome mais de uma vez por dia, a senhora não viu? MULHER: Mas ele pode morrer. Só dou quinhentos e se você não aceitar será demitido da padaria.
JOÃO GRILO: Está certo, fica pelos quinhentos.
MULHER: Tome lá. Passe o gato, Chicó. Meu Deus, que gatinho lindo! Agora a coisa é outra, tenho um filho de novo e vou tirar o prejuízo. Sai contentíssima.
CHICÓ: João, adeus: Eu vou-me embora. JOÃO GRILO: Nada disso, tome lá a metade do dinheiro e deixe de ser mole. CHICÓ: Homem, eu não tenho coragem de continuar sempre, é melhor fugir logo, enquanto tudo está em paz.
JOÃO GRILO: Não adianta, Chicó, você já entrou na história e agora é tarde porque a mulher descobre já. Quantas pratas você conseguiu meter? CHICÓ: Três!
JOÃO GRILO: Então o negócio estoura já.
(Ariano Suassuna - Auto da Compadecida)

<https://www.amazon.com.br/Auto-Compadecida-Ariano-Suassuna/dp/8520937829?asin=B07WHTJDZ5&revisionId=desd0bc3&format=1&depth=1>

Fonte: Ivana Lima e Silva. Diagramação: Caio 2023

Figura 13- Canta lá, que eu canto cá.

Obra: Canta lá que Eu canto cá

Autor: Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré)

Texto: Fragmento da poesia: Canta lá que eu canto cá

Referência Bibliográfica: Canté Lá Que Eu Canto Cá Patativa Do Assaré | PDF (scribd.com)

Compreensão:

A coletânea poética é de autoria de Patativa de Assaré, um autodidata, cearense, natural de: Serra de Santana, cerca de 18 km da cidade de Assaré, no estado do Ceará. Em seus versos, aclama com afeição e sentimento de pertencimento sobre o sertão. Com base em uma linguagem regionalista nordestina, reconhece as dificuldades do seu lugar de vivência, seja pela escassez das chuvas, da aridez do solo, não deixando por sua vez de apresentar os encantos e sentimentos de valorização ao sertão. Ao tempo que anuncia que é necessário viver o sertão, sentir o sertão, para assim se pronunciar sobre o mesmo.

Contexto literário

Cante Lá Que Eu Canto Cá

Poeta, cantô de rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu.

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisá
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve inducação,
Apreendeu munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa esperiência.
Nunca fez uma paioça,
Nunca trabaiou na roça,
Não pode conhecê bem,
Poi's nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele morá,
Tê armoço de feijão
E a janta de mucunzá,
Vivê pobre, sem dinhêro,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Você é muito ditoso,
Sabe lê, sabe escrevê,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padecê.

Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de ôro,
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão direito,
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.

Só canta o sertão direito,
Com tudo quanto ele tem,
Quem sempre correu estreito,
Sem proteção de ninguém,
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó,
Puxando o cabo da inxada,
Na quebrada e na chapada,
Moiadinho de suó.

<https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.amazon.com.br%2FCante-que-canto-Filosofia-nordestino%2Fdp%2F8532607403&psig=AOvWaw3wZfz52-KsQ9AyYfW5CRz&ust=1664669860700008&source=images&cd=vfe&ved=2ahUKEwjevaH01b36A9UJIM7kGHZpFCVUQY4kDegQIARbh>

Fonte: Ivana Lima e Silva. Diagramação: Caio 2023

Figura 14- O Quinze

Obra: O Quinze

Autor: Rachel de Queiroz

Texto: Trechos do livro dos capítulos 01 e 02.

Referência Bibliográfica: Queiroz/Rachel de, 1910-2003.O Quinze/Rachel de Queiroz- 1 edição-Rio de Janeiro: 1ed. Cameron, 2018.

Compreensão:

O Quinze, um livro de referência que trata sobre uma realidade brasileira do sertão nordestino, especificamente de Quixadá, Ceará. Ainda muito jovem, com apenas dezenove anos, Rachel de Queiroz, elabora o livro permeado de narrativas, que bem ilustra a dramaticidade da seca, contexto real do Brasil Nordeste no período de 1915. Com riqueza de detalhes, enuncia a vivência do homem nordestino e a sua luta pela sobrevivência e superação. Ao mesmo tempo, em que revela as relações de afeição e pertencimento dos personagens ao seu lugar de morada.



Contexto literário:

...E, deitada, à luz vermelha do farol, que ia enegrecendo o alto da manga com a fumaça preta, na calma da noite sertaneja, enquanto no quarto vizinho, a avó, insone como sempre, mexia as contas do rosário, Conceição ia se embecendo nas descrições de ritos e na descritiva mística, e soletrava os ásperos nomes com que se invocava Deus, pelas terras do mundo. Até que dona Inácia, ouvindo o cuco do relógio cantar doze horas, resmungou de lá: _Apaga a luz, menina! Já é meia-noite! Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó

(que a criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família, perto do Quixadá.

Ali tinha a moça o seu quarto, os seus livros, e, principalmente, o velho coração amigo de Mãe Inácia.

Chegava sempre cansada, emagrecida pelos dez meses de professorado; voltava mais gorda com o leite ingerido à força. Resposta de corpo e espírito graças ao carinho cuidadoso da avó. (Queiroz, 2018, p.19)

Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre conhecera querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele.

...Passados porém alguns anos, já agora a velha senhora se conformava em não fazer de Vicente um doutor, e trazia-o ciumentamente preso a si, e o mimava a tal ponto, que fazia as irmãs protestarem:

_Credo! Para a mamãe, o Cente é mais mimoso do que mesmo o caçula.

(Queiroz. 2018 p. 26 e 27).

Fonte: Ivana Lima e Silva. Diagramação: Caio 2023

Figura 15-Grande Sertão Veredas

Obra: Grande Sertão Veredas

Autor: João Guimarães Rosa

Texto: Grande Sertão:Veredas, trecho p.108.

Referência Bibliográfica: Rosa, João Guimarães,1908-1967. Grande Sertão Veredas "o diabo na rua, no meio do redemoinho" /João Guimarães Rosa-22 ed-São Paulo: Companhia das letras 2019.

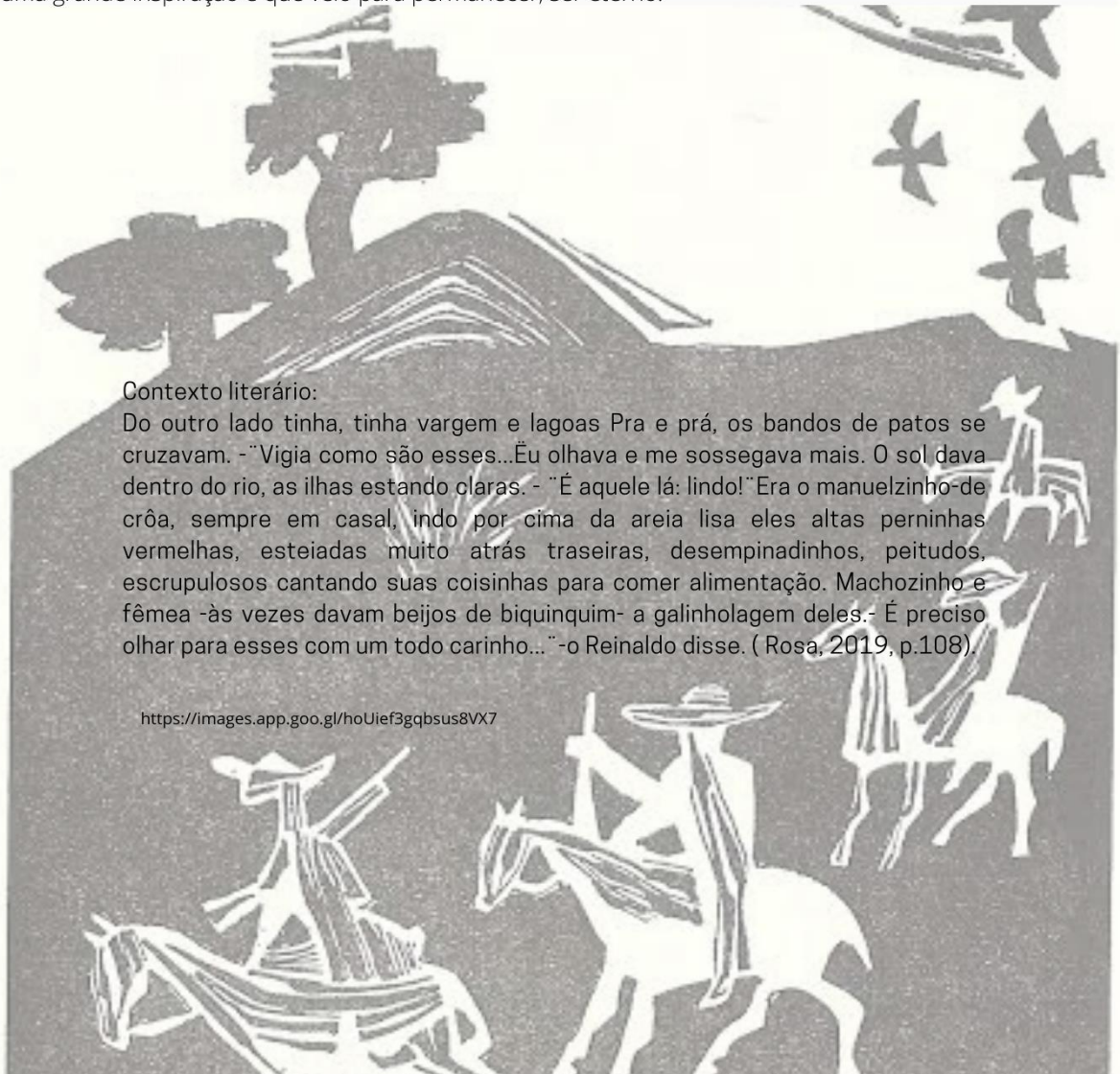
Compreensão:

O grande sertão : Veredas, realiza provocações intensas, que nos faz pensar em um sertão interiorano, permeado de jagunços, viganças, ambiente natural árido e também de amores. Guimarães Rosa, tece um texto emblemático com contextos filosóficos, místicos e dialógicos, que proporciona sérias reflexões. Os personagens, são rústicos, as expressões linguísticas são de cunho regionalista, bem preservadas e articuladas pelo autor. São jagunços, os personagens que com muita sabedoria, proferem diálogos, contam histórias, que tratam da dramaticidade da vida dos mesmos e ao mesmo tempo conseguem demonstrar expressividade e sensibilidade na relação com a natureza. É comum que algumas dos fragmentos do livro, sejam proferidos em eventos públicos, simpósios educacionais, fazendo-se crer que este livro é fruto de uma grande inspiração e que veio para permanecer, ser eterno.

Contexto literário:

Do outro lado tinha, tinha vargem e lagoas Pra e prá, os bandos de patos se cruzavam. - "Vigia como são esses...Eu olhava e me sossegava mais. O sol dava dentro do rio, as ilhas estando claras. - "É aquele lá: lindo!" Era o manuelzinho-de-crôa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa eles altas perninhas vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos cantando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea -às vezes davam beijos de biquinim- a galinholagem deles.- É preciso olhar para esses com um todo carinho..." -o Reinaldo disse. (Rosa, 2019, p.108).

<https://images.app.goo.gl/hoUief3gqbsus8VX7>



Fonte: Ivana Lima e Silva. Diagramação: Caio 2023

Considerando as referências artísticas, uma outra expressividade diz respeito às artes plásticas, as quais transmitem e provocam conhecimentos sobre o sertão. Algumas das obras do artista plástico Silvio Jessé, foram eleitas para esta verificação, sendo posteriormente apresentadas. A linguagem expressa na obra do artista extrapola o sentido figurativo e revela-se na sua inteireza e verdade, evidenciando os aspectos naturais da caatinga, no sertão baiano, onde as obras foram concebidas. De acordo com o artista, autor das obras, Silvio Jessé (2022): “O Sertão, esquenta, anima, acalma e afaga o coração e a alma dos que moram ou passam por lá.”.

Nas obras do artista mencionado, as representações humanas inseridas na composição artística, fazem parte da paisagem cultural alinhadas aos aspectos naturais, sendo passíveis de serem lidas e interpretadas. As obras do artista Silvio Jessé, provoca uma impressão significativa para os apreciadores da arte e da cultura. Tratando especificamente sobre os estudos direcionados pela Geografia estão bem representados pelo artista, a exemplo: a temática regional do sertão, à caatinga, a referência do espaço geográfico enquanto lugar, o modo de vida dos integrantes das comunidades tradicionais rurais, característicos do sertão. As obras do artista em tema, tem suscitado interesse nas atividades escolares na área da Geografia,

Esta interação provocada pelo estudo no âmbito científico, demanda perguntas e respostas que se afirmam em relações de proximidade com a realidade. Uma experiência significativa que desperta a sensibilidade e a noção de unidade que deve existir em todos os espaços em que vivemos. Sendo assim, a realidade é percebida diante de uma complexidade de espaços, cultura, modos de vida, saberes populares que fazem parte do contexto social, do mundo vivido. O artista Silvio Jessé, representa em cores e simbologias que anuncia o interior dos ambientes naturais, em específico o bioma da caatinga.

A singeleza, expressa nas obras, apresenta pretensões: inclui visitantes ao ambiente, a exemplo de São Francisco de Assis, que percorre a longa viagem da Itália ao Brasil e aparece em uma das obras, sendo retratado como sertanejo. O nascimento de Jesus é transladado de Belém, na região da Judéia, para o sertão. Assim, também, como a simbologia expressa, através da configuração humana, em forma de mulher, o que pode ser verificado com a árvore intitulada de barriguda, que ganha braços em forma de galhos e que parecem desejar abraçar. O que pode ser apreciado na Figura 16, que representa um mosaico das obras de arte do artista.

Figura 16- Mosaico das obras de arte do artista plástico Silvio Jessé



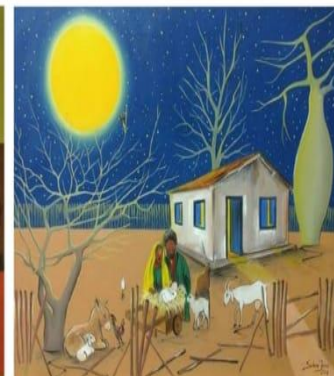
Produção artística: Silvio Jessé
Foto: Silvio Jessé
Fonte: Arquivo pessoal



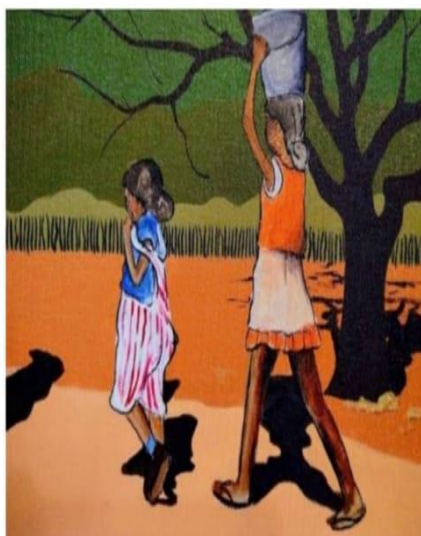
Produção artística: Silvio Jessé
Foto: Silvio Jessé
Fonte: Arquivo pessoal



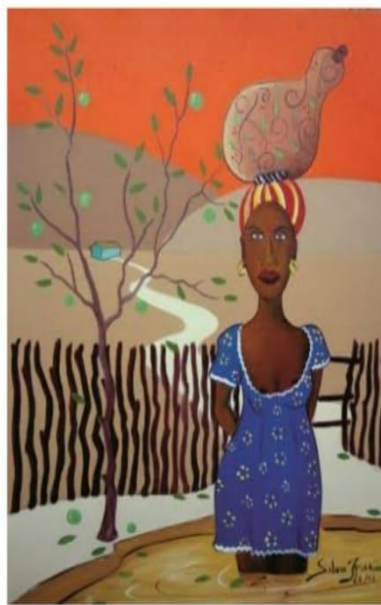
Produção artística: Silvio Jessé
Foto: Silvio Jessé
Fonte: Arquivo pessoal



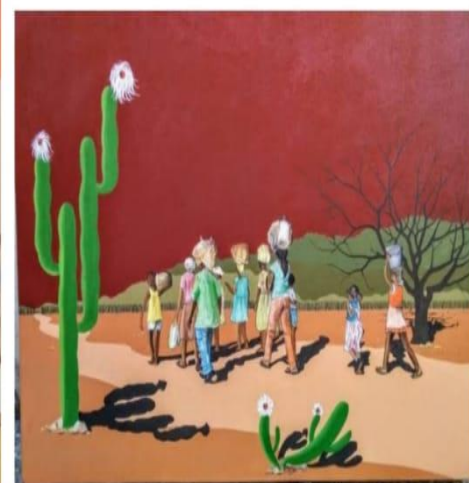
Produção artística: Silvio Jessé
Foto: Silvio Jessé
Fonte: Arquivo pessoal



Produção artística: Silvio Jessé
Foto: Silvio Jessé
Fonte: Arquivo pessoal



Produção artística: Silvio Jessé
Foto: Silvio Jessé
Fonte: Arquivo pessoal



Produção artística: Silvio Jessé
Foto: Silvio Jessé
Fonte: Arquivo pessoal

Fonte: Silvio Jessé. Produção artística: Silvio Jessé- 2022

Existe um viés artístico que indica especificações próprias do imaginário do autor e que ganha força interpretativa por aqueles que realizam a leitura das imagens. Confirma-se a riqueza de detalhes e informações pretendidas e suscitadas pelo artista, para aqueles que se dedicam a valorizar novas formas de aprendizagem, incluindo para tal um exercício para a sensibilidade e educação em valores.

2.1.2 Modo de vida, Singularidade e Memória

Os embasamentos geográficos na perspectiva cultural favorecem o entendimento da vida em sociedade, a qual acontece repleta de significados, especificidades e modos de vida. Impõem-se assim as buscas de compreensão de uma importante categoria conceitual, o modo de vida. Descrever sobre esta categoria e a sua revelação, favoreceu de forma significativa no desenvolvimento da pesquisa e a construção da dissertação, a qual tem como uma das pautas analisar as constituições dinâmicas da vida nas comunidades tradicionais rurais dos municípios de Anagé e Caraíbas, localizadas no interior da Bahia.

Os estudos iniciais e propagação da categoria Modo de Vida, é atribuído aos pesquisadores franceses, sendo de autoria de Vidal de La Blache (1954), a idealização da mesma. Válido fazer uma ressalva, quanto a dualidade do termo. Por vezes, esses conceitos são utilizados como modo de vida, outras vezes como gênero de vida. No entanto, a atribuição desta dupla abordagem, deve-se a tradução dos livros e estudos dos autores franceses. Seguindo os passos de pesquisadores dessa temática, o presente trabalho está priorizando o conceito como modo de Vida, forma corrente na contemporaneidade, portanto prevalecerá à utilização de Gênero de vida, quando nas referências inseridas ao texto, o uso se fizer neste formato, seguindo, portanto, a indicação autoral.

Pode haver uma diversidade de modos de vida, sendo que as suas constituições, dependem de como o ser humano ocupa e interfere nos espaços. Não existe algo pronto ou idealizado, o decorrer das ações e expressões humanas vai formalizando os modos de vida. Citando Max Sorre (1952), temos que: “a escolha das plantas de cultura, os instrumentos, a maneira como os grãos são depositados na terra podem ser vistos como técnicas fundamentais em torno das quais se organiza todo gênero de vida”. (Maia, 2001 p.76 *apud* Sorre *op.cit.*, p.101).

Esta atribuição dada por Sorre (1952) é uma imagem vívida de como o modo de vida se institui. Neste exemplo, é iminente um planejamento, o cuidado de como executar a atividade agrícola e o rito do plantio constitui-se como um processo elaborado, imbuído de manifestação cultural. Para Sorre (1952), é algo dinâmico, necessário também que exista estabilidade, algo passível de observação. Ao tempo em que pode avançar e sofrer alterações. Traça-se uma linha histórica de compreensão sobre modo de vida, Rigonato (2014) diz que:

Os diálogos da Geografia com os gêneros de vida ou modos de vida iniciaram-se a partir da observação e da descrição das viagens. Os viajantes europeus, em suas expedições se deparavam com costumes, hábitos, crenças, valores e folclore distintos, “exóticos”. As descrições dos tratados dos naturalistas, cartógrafos e topógrafos eram incorporadas aos estudos da Geografia. Essas descrições foram introduzidas e destacadas as descrições dos tratados dos naturalistas, cartógrafos e topógrafos eram incorporadas aos estudos da Geografia. Essas descrições foram introduzidas e destacadas. (Rigonato, 2014, p.63-64).

Nesta consideração, a colonização alinhada com as expedições exploratórias, suscitava curiosidade, a quem a essas terras desconhecidas chegassem, proporcionada pela peculiaridade dos muitos povos encontrados. Neste sentido, as descrições dos elementos físicos e etnográficos, era uma espécie de propagação do que se havia “conquistado”. Sendo assim, as descrições eram evidenciadas como registros de observação. Incluem-se nestas descrições, os modos de vida, que configuram a forma de como os nativos conviviam, expressavam as suas crenças e cultura e se adaptavam ao meio natural. Em seguimento a estas compreensões, segundo Rigonato (2014):

Contudo, no século XIX, houve uma verdadeira epidemia determinista nas ciências e, mormente na Geografia, conforme discute Gomes, (2000). Para essa Geografia, o meio natural determina a organização e o funcionamento do ser humano sobre a superfície terrestre. No entanto, houve estudiosos que permearam esta corrente de pensamento, tais como Élisée Reclus e La Blache, e que construíram caminhos teóricos e metodológicos diferentes do pensamento sobre o homem e o meio. O primeiro defendia seus pontos de vista sobre a necessidade da sociedade se adaptar intimamente ao meio e conforme suas exigências, isto é, “tenía que ser determinista” (CAPEL, 1981, p. 30 3). O segundo, postulou que as mudanças entre o homem e o meio estavam consubstanciadas na permanência – tempo – e nas singularidades e particularidades existentes nos elementos desta relação. (Rigonato, 2014, p.64).

Mediante bases teóricas deterministas, tão presentes no século XIX, temos que os modos de vida, estarão presentes nestes pressupostos. Ao tempo em que é propagado que as condições naturais irão determinar a forma de como se vive. No entanto, contrariando a integralidade da concepção teórica no quesito relacionado ao homem e o meio, podemos exemplificar entendimentos de dois estudiosos que, conforme Rigonato (2014) tinham divergente posicionamento ou seja, para Reclus (1981), cabia aos grupos humanos um processo de adaptação ao que era proposto pelo meio natural, enquanto La Blache (1981) concebe que, por uma questão de

estabilidade e permanência ao meio, no decorrer do tempo é que estariam consolidadas as expressividades ou não de mudanças.

Apresenta-se em Maia (2001), com referência a Sorre (1952), a preocupação do mesmo em tratar o termo gênero de vida e ao considerar que os mesmos poderão evoluir ou mesmo adquirir uma nova forma interpretativa. Ressaltando que os embasamentos de estudos do autor, estão inseridos em um outro contexto histórico, datado na década de 1940, posterior a La Blache. De acordo com a citação, apresenta-se:

Gêneros de vida dissolvem-se sob os nossos olhos. Outros se organizam, conquistam espaço e impõem-se aos homens. Às vezes, hesitamos em reconhecê-los, ou porque, situados no meio do rio, distinguimos mal as suas margens, ou porque a aceleração dos dados científicos em todos os ramos da atividade – devido à penetração dos dados científicos em todos os ramos da atividade – constrange a consolidação de complexos de hábitos, de sentimentos e de idéias, ou porque um véu de uniformidade mascara as diferenças. Estas subsistem, tanto num plano como noutro, e a tarefa do geógrafo consiste em desvendá-las”. (Sorre 1952, *in*: Megale, 1984, p. 122 *apud* Maia, 2001, p.77).

Em forma de metáfora, percebe-se que Sorre (1984), retoma a consideração da suscetibilidade que os gêneros de vida, como assim menciona, poderão ser submetidos. Considera então a existência inexpressiva de gêneros de vida, outros mesmos desconhecidos, a serem reconhecidos e desvendados.

Com base em Rigonato (2014), outro aspecto é acrescentado nas considerações de Sorre, trata-se do habitat, ao que informa: “os gêneros de vida baseados na exploração do solo, profundamente arraigados, comportam tipos variados de habitat que correspondem às suas exigências”. As variedades do habitat, sinalizam possibilidades de manusear, tratar, explorar e cuidar destes, torna-se assim mais compreensível entender a dinâmica de ocupação e organização social, que se afirma no habitat rural e urbano. (Sorre, 1984, p. 122 *apud* Rigonato, 2014 p.67).

Na decorrência das atribuições de estudos, um outro autor francês apresenta o seu pensamento, trata-se de Max Derruau (1973), o qual tem como um dos objetivos analisar se o gênero de vida, é viável para” analisar o mundo moderno”. Realizando algumas considerações temáticas, Maia, afirma considerações com base em Derruau:

[...]é Max Derruau, na sua obra Geografia Humana. Esse autor resgata as definições básicas dadas por Vidal de La Blache e Max Sorre sobre

a referida terminologia, e parte principalmente das últimas citadas análises de Sorre para rever a noção. Detendo-se na análise do denominado “modo de vida urbano”, Derruau entende haver uma multiplicidade de “modos de vida”, citando como exemplo a referência que Sorre faz à existência de um “modo de vida próprio dos funcionários dos caminhos de ferro na medida em que o ritmo da circulação impõe aos ferroviários um peculiar ritmo de vida. Derruau entende que no seio de uma sociedade a diferenciação dos “modos de vida” tem uma origem social e profissional (Maia, 2001 p.78).

O autor irá atentar a sua análise com base no modo de vida urbano, dado a sua consideração a multiplicidade de modos de vida existentes. Introduce a novidade de uma percepção atrelada ao viés do profissionalismo, das distinções dos mesmos e da tecnologia. Alternando as percepções anteriores, concebidas por La Blache e Sorre, os quais estão atrelados aos elementos referentes ao meio físico. O tempo livre e a qualidade de vida dos trabalhadores são considerados para esta análise, uma vez que fazem parte de questões relacionadas a ordem social e profissional, as quais são referências para se analisar o modo de vida, com base em Derruau (1973) Maia (2001) apresenta:

Acrescenta que, no estudo sobre modos de vida no mundo contemporâneo, é necessário que se substitua o estudo da adaptação ao meio pelo estudo das distinções profissionais e sociais e que se introduza na concepção daquela noção alguns aspectos até então não analisados, como os momentos de descanso e o nível de vida, que depende do rendimento de cada um. (Maia, 2001, p.76)

De acordo com Maia (2001) os pesquisadores, Sorre e Derruau, concordam em não atribuir considerável valor aos elementos físicos, como fundamentais para os estudos do gênero de vida, como assim tratam. O ingresso ao mundo das relações comerciais, industriais e no contato com os equipamentos do “mundo moderno”, conduziria a análise do urbano e das suas atribuições, como referências, provocando assim a partir do modelo padrão da sociedade, instaurado pelo profissionalismo e a técnica, uma singularidade de comportamentos, atingindo por sua vez o urbano e o rural. O deparar com tais proposições, esvaziam-se ao longo do tempo, parecendo ser mesmo muita pretensão analisar a sociedade moderna, como um todo. O que conduzirá Sorre e Derruau, a abandonarem a discussão sobre gênero de vida.

De acordo com Maia (2001), é precisamente nas décadas de 1970 e 1980 que os estudos de gênero de vida, atribuído por Sorre e Derruau e modo de vida, como tratado na contemporaneidade, não mais são centros de discussões geográficas. A

que se deve o esgotar desta temática? Atribui-se a ruptura das práticas da “escola clássica francesa”, atrelada a práticas descritivas do espaço, como também aos estudos culturais das comunidades tradicionais. Aos atributos anteriores dados por Sorre e Derruau, o modo de vida estabelecido é o urbano, proveniente da revolução industrial. Considerações estas que revelam a influência do Marxismo em considerar que a presença do capitalismo em determinados espaços, rompe com antigos modos de produção, considerados tradicionais. Segundo Granou, o modo de vida e o modo de produção estão interligados, ao que indica:

O capitalismo não podia impor-se definitivamente contra os modos de produção anteriores se não levasse a revolução começada na 'maneira de produzir' até à maneira de produzir e até ao modo de reprodução da vida. Dissolver o antigo modo de vida e reconstituí-lo na base das revoluções capitalistas, impor aquilo a que se chamará 'o reino da mercadoria', tal é em definitivo a condição do alargamento a toda a sociedade das relações de produção capitalistas, a condição para um novo lançamento (provisoriamente) durável da acumulação do capital". (Granou, s/d, p. 49 *apud* Maia 2001, p. 83).

Dentro desse contexto, é apresentado que as relações produtivas, advindas do capitalismo, serão capazes de moldar estruturas e alterar intrinsecamente comportamentos. Certo que as influências ditadas pelo capitalismo e o modo de vida urbano são preeminentes. No entanto, não pode ser um reducionismo, pois existem os elementos socioculturais, as resistências das comunidades rurais tradicionais que asseguraram a sua importância e empreendem mecanismos de valorização e perpetuação das suas tradições. Aproximando o entendimento sobre o modo de vida no Brasil e em específico ao sertão, Almeida, nos apresenta:

Serão evidenciadas as dimensões culturais construídas “no mundo rústico, sertão, onde estariam nossas raízes e nossa autenticidade”, conforme nos lembra Martins (2000, p.28), para entender esse sertanejo e, nisso, entendermos a nós mesmos. Como somos e de onde viemos, ou melhor, como nos representamos, como somos representados e poderíamos nos representar são indagações e respostas para nos auxiliar a compreender as identidades territoriais, posto que elas não existem fora das representações. É pela cultura que estas populações fazem sua mediação com o mundo, constroem um modo de vida particular e se “enraízam” no território. Há, assim, uma herança cultural que permeia a relação com o território. (Almeida, 2022, p.234).

É apresentado por Almeida (2022), a significativa atribuição cultural, como mediadora da constituição de um modo de vida. Alicerçada com base nas questões filosóficas da existência, quando perguntas essenciais permeiam a vida dos seres humanos, propondo aos mesmos, reflexões em torno das suas origens, de onde pertencem. No âmbito desta atribuição Almeida (2022), considera que é possível compreender as próprias identidades territoriais e conseqüentemente o estabelecimento de um modo de vida.

Quando assim, não podemos nos contentar com existência de um único modelo de modo de vida, haja vista a existência de pesquisas que certificam uma diversidade de modos de vida. Em específico no Brasil, podemos citar os estudos das populações originárias do(s) cerrado(s) baianos, realizadas por Rigonato:

Assim, em pesquisas mais recentes constatamos que tanto no norte de Goiás como no norte de Minas Gerais e, principalmente no Extremo Oeste da Bahia, as populações originárias usam as fitofisionomias dos cerrados para o uso medicinal, artesanal e/ou alimentar. Tais interrelações demonstram forte conhecimento popular e, mormente, saberes ambientais com a biodiversidade do cerrado. É recorrente, nestas localidades grupos identitários “geraizeiros e/ou cerradeiros, vazanteiros ou barranqueiros” Almeida (2008) e outros que estabelecem relações com a biodiversidade as quais os ritos de coleta, de caça ainda são influenciados pelas crenças, inclusive da influência da lua. (Rigonato, 2014, p.74).

A procura por uma resposta apresenta-se na relação que as populações originárias mantêm com a biodiversidade do cerrado. De forma sucessiva, as gerações foram aprendendo sobre a potencialidade natural em seu entorno e assim utilizado para fins medicinais e artesanais. São assim, portanto, dotados de um caráter identitário que se certifica pela forma de como se relacionam neste ambiente natural, o que fazem e como fazem na apreensão destes recursos. Outro exemplo constitutivo apresenta-se através da experiência comunitária realizada pelos moradores de uma área, denominada como Campos de Cima da Serra, o que nos apresenta Krone e Menasche:

Situada no Sul do Brasil, mais especificamente no Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, fronteira com o Estado de Santa Catarina, a região conhecida como Campos de Cima da Serra tem na pecuária de corte em sistema de campo nativo uma de suas principais atividades econômicas. Associada à atividade de bovinocultura de corte, desenvolveu-se a produção artesanal de um queijo característico

dessa região do Brasil, conhecido localmente pelo nome de Queijo Serrano. O microclima próprio da região, combinado às técnicas artesanais empregadas na fabricação deste queijo – com a utilização de leite cru de vacas de corte, alimentadas a partir de pastagens naturais fornecidas pelos campos nativos –, conferem ao produto características físicas e organolépticas únicas, que lhe dão especificidade e o diferenciam de outros queijos produzidos na região. (Krone e Menasche 2010, p. 01-02).

Campos de Cima da Serra, segundo Krone e Menasche (2010) foi povoado por portugueses, imigrantes alemães e italianos. Ao longo de duzentos anos, desenvolvem o feitiço do queijo serrano, a receita é uma tradição da comunidade, evidenciado no modo de fazer. Assegurada pela Constituição Federal, o modo de fazer, é estabelecido como um patrimônio cultural imaterial. Afirmado conforme artigo constitucional:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. § 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. (Brasil, 1988).

A produção é desenvolvida por famílias de pequenos pecuaristas. A rentabilidade na confecção dos queijos pode ser compreendida como capital cultural, além de ser o veículo de sustentação econômicas das muitas famílias da comunidade. As ameaças à esta atividade de trabalho, ao modo de vida tradicional engendrado neste contexto, se faz pela concorrência dos grandes pecuaristas, que dotados de técnicas, de mais recursos financeiros, exercem uma concorrência desleal com os produtores tradicionais. Apropriam-se de um título, denominado queijo serrano, dado a quase dois séculos de tradição e executam o comércio. “Os novos usos do território suscitam estratégias de desenvolvimento a partir, entre outros, de processos de certificação de produtos regionais” (Krone e Menasche 2010, p. 65).

Esses autores esperam que as políticas públicas, referentes a estas questões, sejam eficazes no sentido de fomentar recursos econômicos para que a comunidade tradicional continue a produzir com autenticidade o seu produto, que também é para os mesmos um marco identitário e uma manifestação cultural. No contexto das comunidades tradicionais, no Brasil, o Decreto n. 6.040/2007 em seu artigo 3 inciso I,06 de fevereiro de 2007, apresenta:

Art. 3º Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:
I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;(Decreto 6.040 Diário Oficial da União, 2007, Seção 1, p. 316 e 317).

Nesta consideração, observa-se que, neste intervalo de tais recomendações, muitas tradições e modos de vida podem ter sido esquecidos ou menosprezados, pelo correr da sobrevivência, falta de incentivos e pela dispersão dos próprios integrantes. Os pesquisadores envolvidos com a temática têm suscitado e despertado muitas comunidades ao reconhecimento da importância das suas tradições, contribuindo para a diminuição da aculturação e favorecendo aos mesmos na busca pelos registros autobiográficos (história de vida) e relatos dos entrevistados, segundo a sua própria perspectiva, como uma alternativa do registro de informações que estão na memória de um povo. Uma contribuição vinda de fora em consonância com os que estão dentro, inseridos na comunidade, ora para a formação de lideranças, ora para registro sobre a organização social das comunidades.

Em alusão às comunidades tradicionais, insere-se nesta perspectiva a exemplificação da comunidade de Amarelão, situado no município de João Câmara, no Rio Grande do Norte. Com base em Santini (2013), uma boa parte dos seus integrantes trabalha no beneficiamento da castanha de caju. Trabalho este exercido em sistema familiar. Um trabalho árduo, com a utilização de métodos rústicos, que consiste na queima da castanha, para se obter a amêndoa. Os trabalhadores são expostos em temperaturas altíssimas no processo do beneficiamento. Em uma segunda etapa do processo de trabalho, dado a extração da amêndoa, utilizam instrumentos rústicos, como pequenas lâminas em forma de facas. Nesta etapa, ferem as mãos, devido aos cortes e por conta do contato com o ácido anacárdico, que

desprende dos frutos. Nas referências informativas sobre a comunidade, são evidenciadas as dificuldades do processamento das castanhas, a participação das crianças e mulheres no trabalho, a falta de infraestrutura e saneamento básico, além do baixo recebimento de pagamento.

Os moradores da comunidade de Amarelão, no município de João Câmara, Rio Grande do Norte-RN, carecem de recursos econômicos para sobrevivência. São vítimas de muitas doenças, entre elas destacam-se as lesões nas peles, deixando os trabalhadores até mesmo sem as linhas de expressão digital dos dedos, problema este atribuído ao ácido anacárdico, que provoca queimaduras químicas, comprometendo a digitalização no documento de identidade dos mesmos.

A Figura 17, apresenta a mão de um jovem trabalhador, que diante das atividades cotidianas de trabalho com beneficiamento da castanha, sofre queimaduras químicas. Por esta razão as linhas de expressão de identidade são desconfiguradas ao longo do tempo.

Figura 17- Identidades apagadas



Foto: Daniel Santini -Repórter Brasil.

Uma outra situação, diz respeito à exploração dos trabalhadores realizada pelos comerciantes, denominados "atravessadores". Os quais compram os produtos por preços baixos e revendem por preços significativos. É importante salientar que dentre os trabalhadores, fazem parte de um núcleo dos índios Potiguar, os quais encontram-se em um assentamento no mesmo município de João Câmara.

Uma iniciativa de organização visa garantir melhorias para a comunidade. Trata-se da Associação Comunitária de Amarelão, que tem como objetivo organizar o

beneficiamento e venda das castanhas de caju, como também empreender melhorias sociais para as cento e cinquenta e seis famílias que fazem parte da comunidade. Em um período recente pelos anos de 2020 e 2021, empreenderam campanhas de arrecadação de alimentos para as famílias, devido a diminuição do trabalho, causada pela pandemia do novo Corona vírus. Ressalta-se que, ao meio de tantas dificuldades, insurge entre eles pessoas que providas de ideais comunitários, empreendem por organizar uma associação para o benefício coletivo de uma comunidade.

A abrangência do estudo da categoria modo de vida, não se esgota facilmente. Em seu percurso, ganhou abrangências e diversidades interpretativas. Tem em Vidal de La Blache, um dos seus principais representantes e idealizador da categoria. Entende-se que a compreensão do modo de vida, esteve atrelada a conotações meramente descritivas, por influência das ações colonialistas e mercantilistas empreendidas pelos povos europeus. Na Geografia tradicional, percebe-se resquícios desta primeira abordagem, no entanto, associada a percepção dos elementos culturais tradicionais.

Sorre (1952), recorrerá ao conceito de habitat, em consonância ao entendimento do local dos seres viventes. Com enfoque no habitat rural, na perspectiva regional, sem atribuição a uma metodologia específica. Derruau (1973) apresenta com base na análise do modo de vida urbano, com as referências ao profissionalismo, a técnica, o tempo livre e as relações qualitativas da vida. Algo muito pretensioso, que os fará abandonar as discussões nas décadas de 1970 e 1980.

Segundo Maia (2001), o que explica este abandono deve-se que tanto no período quantitativista, quanto ao desenrolar da Geografia tradicional, existira um distanciamento das pesquisas de campo, permanecendo o descaso da observação e descrição e conseqüentemente as abordagens de caráter dos escritos etnográficos. Por influência de Max Sorre e Derruau, a sociedade ganha a conotação de ser analisada privilegiando a via do gênero de vida urbano, advindo do período da revolução técnica da indústria. Em uma pretensão de considerar este gênero como o sobressalente.

O que dominou o direcionamento dos estudiosos e pesquisadores com base teórica Marxista, por meio do capitalismo e modo de vida, Maia (2001), apresenta que, a partir do capitalismo, ocorrerá a desarticulação dos antigos modos de vida. Sendo mais tênues estas expressões em lugares em que o modo de produção capitalista é menos expressivo: "O capitalismo não podia impor-se definitivamente contra modos

de produção anteriores se não levasse a revolução começada na “maneira de produzir” e até ao modo de reprodução da vida”. (Maia, 2001, p. 83 *apud* Granou, S/D, p.49), prevalecendo assim, a íntima relação do modo de vida e o modo de produção. E que a dissolução de um anterior modo de vida, equilibra-se entre o rompimento dos vínculos sociais das pessoas entre si, como também a implementação de novas técnicas, de novas relações no uso e no processo produtivo.

Mediante as abordagens interpretativas realizadas, existirá uma pausa na temática, realizada por dois dos seus principais expositores, sendo eles: Sorre e Derreau, ocorrido nas décadas de 1970 e 1980. O que está referendado no intuito de amenizar as conotações de teor descritivo e estudos etnográficos, mencionados anteriormente, influenciado pela Geografia clássica francesa. Uma outra proposição é dada por Granou (1974), quando afirma a intrínseca relação entre o modo de produção e o modo de vida. Considera que a dissolução de um modo de vida, refletirá nas relações sociais que unificam pessoas, além de que a ruptura do mesmo proporcionará o ressurgir de um modo de vida, que atrelada as condições de produção, identificará um novo modelo, pautado nos modos de produção nas conotações trabalhistas profissionais, no tempo livre e qualidade de vida dos seus integrantes. Atributos estes condicionantes para a análise de um modo de vida.

Na contemporaneidade, existe uma espécie de retorno em estudos de abrangência cultural tradicional. E assim variadas publicações de pesquisas nos alcança com informações de vivências e modos de vida de comunidades tradicionais, as quais com esforços e por vezes consciência mantém as suas formas tradicionais de ocupar os espaços. Aguarda-se que políticas públicas sejam empreendidas em favorecimento dos integrantes das comunidades tradicionais, para que assim perpetuem as suas tradições. Estão, pois, resguardados com o saber-fazer no executar as suas atividades cotidianas, representando assim um patrimônio cultural.

A verificação das contribuições teóricas, quando confrontadas com a realidade, permitem uma compreensão mais consistente. Moreira (2017), apresenta-nos uma percepção acerca da caracterização que Max Sorre realizou da superfície terrestre, entendendo a mesma como múltiplos complexos “alimentares, técnicos, culturais”. E assim observa:

A organização do espaço social dos homens foi vista por muito tempo pelos lablacheanos como Sorre qual um gênero de vida. E que na

contemporaneidade o sorreano Milton Santos vê como um meio técnico. Amplia-se aqui o foco do retorno ao futuro. (Moreira, 2017, p.181).

De acordo com Moreira (2017), tanto o gênero de vida, quanto o meio técnico são oriundos do “meio geográfico, técnica e população”. E o que proporciona a unidade entre os mesmos é a interação humana e “um sistema de normas e regras” que dimensiona o convívio e que, no meio geográfico, impõe a técnica. Como afirma o autor, o transcorrer da vida estava intimamente atrelada ao que o meio geográfico do entorno oportunizava, como afirma Moreira (2017):

O mundo coincidia com o entorno e a vida prática da transformação artesanal, levando os homens a um espaço vivido como uma relação em que reciprocamente se viam e ao mundo circundante como um só. O mundo era aquele formado pelas plantas e animais que formavam a lida na agricultura, na pecuária e nas atividades do extrativismo, que no inverno, se traduziam nas matérias de transformação em produtos de artesanato em âmbito caseiro, e falava de uma natureza viva, habitada por seres que tinham, como o homem, uma história de nascimento, crescimento, morte e renascimento, numa perfeita identidade de acontecimentos (Moreira, 2017, p.182).

É evidente que, atrelada com uma íntima relação com o meio, existia uma dependência da própria sobrevivência, advinda do que era possível adquirir dos recursos naturais, associado com as práticas cotidianas do trabalho, além das atividades agropecuárias e artesanais. Quanto ao processo de mudança, evolução histórica e tecnológica, temos que as relações no meio geográfico serão modificadas a partir da “manufatura”, as quais proporcionarão uma nova realidade na relação espacial, seja com a incrementação da técnica, da circulação e consumo dos produtos industrializados. Consistindo como informa Moreira (2017), em uma nova “práxis social”. Diante das compreensões embasadas a partir do autor, outra referência nos certifica a complexidade em que estamos inseridos no que diz respeito a compreensão de gênero de vida e modo de vida, na contemporaneidade, com base em Moreira (2017):

As grandes corporações de empresas-beneficiadas pela política de reestruturação que privatiza e elimina as fronteiras regionais e nacionais dos Estados, privatizando com isso a administração dos espaços avançam sobre o território e o saber tradicional das comunidades que vivem ainda na lógica dos antigos modos e gêneros de vida, tensionando suas territorialidades. (Moreira, 2017, p.184).

Diante da proposição teórica apresentada, está lançada uma inquietação em compreender a realidade das comunidades tradicionais que ao meio da introdução dos usos biotecnológicos, da atualidade, veem avançar nos limites das suas comunidades ou nas suas comunidades formas modernas de exploração e apropriação dos espaços. Como afirmado anteriormente por Moreira (2017), é uma tensão o que se apresenta na realidade, relacionado a sobrevivência dos modos de vida. Em uma perspectiva de entender um caminho de compreensão sobre os modos de vida, Almeida (2008), apresenta: “Exemplificando, uma sociedade que cria um modo de vida não o faz unicamente pelas suas técnicas de produção como, também, pelo seu modo de significar o mundo.” (Almeida, 2008, p.315). A autora, conduz para a importância da percepção existencial, como impulsionadora da forma de perceber e atuar no seu espaço de vivência, referendando a construção identitária e cultural e consequentemente um modo de vida.

3 HISTÓRIAS DE VIDA E DE TRABALHO DE HOMENS E MULHERES SERTANEJAS

Na pretensão de encontrar respostas, entrevistas foram realizadas com moradores dos Municípios de Anagé e Caraíbas (na sede dos Municípios), e nas comunidades rurais intituladas de Araras, Bonfim, Tábua dos Alves, Tanque, Lagoa Grande e Lagoa das Flores, no estado da Bahia-Brasil. O acesso as comunidades rurais, é realizado através das estradas vicinais e pela via principal, BR 407-BA- 142, que liga Anagé a Sussuarana.

Por meio das narrativas dos moradores das comunidades rurais e das cidades, torna-se evidente o modo de vida dos mesmos e as alternâncias ocorridas ao longo do tempo. De forma dialógica foi sendo enunciado como as atividades agropecuárias eram desenvolvidas no espaço rural e como ocorriam as relações sociais entre os

mesmos. No âmbito geral, abordagens sobre as manifestações culturais, religiosas, atividades de trabalho e tradições foram expressas.

Os espaços territoriais eleitos para o estudo, são categorizados como sertanejos e fazem parte do Domínio Morfoclimático da Caatinga, existindo assim uma afirmação identitária dos moradores, enquanto catingueiros. São nestes espaços que o desenrolar da vida acontece, as manifestações culturais, os modos de vida, o saber-fazer. Certo que algumas mudanças foram advindas com a inserção de novas práticas de trabalho, como também novos hábitos culturais e a interrupção de atividades econômicas outrora existentes.

A pesquisa empírica favoreceu o reconhecimento das inúmeras histórias, e de como foram constituídos os povoados rurais. Os mesmos formados por famílias com vínculos próximos de parentesco e camaradagem. As narrativas da trajetória de vida dos entrevistados, foi elucidada através de vários “causos”, trazendo à tona como viviam os seus antepassados, como eles próprios viveram em tempos idos e as mudanças que vivenciam nos dias atuais. Tudo isso expresso através da história oral, imbuídos de expressões regionalistas e sotaques, transparecendo assim uma diversidade de elementos socioculturais. Evidencia-se com esta análise a importância da categoria modo de vida, no âmbito da ciência geográfica, o que contribui para o entendimento dos costumes, tradições, cultura, paisagem cultural e outros.

Mediante a memória coletiva verbalizada pelas populações tradicionais, entendido como homens, mulheres e crianças, que estão inseridos ao seu lugar de moradia, com fortes vínculos de pertencimento. Durante as entrevistas, percebe-se um conjunto de informações que posteriormente serão selecionadas por temáticas. De forma dialógica as informações foram expressas, dentro de um contexto diverso e abrangente.

3.1 A LAGOA É DAS FLORES...TEM ORQUESTRA DOS SAPOS... E PASSARINHOS NOS ARROZAIIS

Uma das comunidades estudadas é intitulada de Lagoa das flores. O nome faz referência a uma lagoa do povoado, a qual continha em suas águas, uma planta aquática, a qual florescia em determinada época do ano, exalando um agradável perfume das flores. Duas entrevistadas, de forma saudosa relembram os versos citados pelos seus antepassados, sobre a “Lagoa das Flores”, a qual é localizada em

frente aos resquícios da casa do patriarca e matriarca da comunidade, Sr. Antonio Daniel de Lima e Ana de Sousa Lima.¹³

Padrinho falava que a cantoria dos sapos da Lagoa era assim: João! Senhor! Comprou? Comprei! Por quanto? Miiiiiii réis (Maria das Neves).

Pai falava, que eles falava assim: Quem ééééé...quando eu morrer... quem paga minhas cooonta? Nénheu...nénheu... nénheu...nénheu... Quem fica com minha muié? Os outros vinha tudo...é nhéu.. é nhéu..é nhéu... (Dalva).

A Lagoa das Flores ou a Lagoa das Fulores, como assim nos lembra uma expressão popular, que segundo o cancionista Elomar Figueira, era assim pronunciada por Totonho Daniel. Certamente a inspiração para a denominação do povoado, que segundo narrativas é proveniente da antiga existência da planta aquática, com flores rosas, que exalava um agradável perfume. A Figura 18, é da lagoa, existente no povoado, anteriormente supracitada como ambiente dos sapos. Será apresentada posteriormente como o local do plantio do arroz.

Figura 18- Lagoa das flores



Fonte: Ivana Lima e Silva (2023) - Trabalho de campo

¹³ Diálogos de campo com moradores da Comunidade Lagoa das flores. As falas dos entrevistados foram transcritas exatamente como relatado por eles, mantendo sua grafia original.

A casa do patriarca e matriarca das famílias que constituem o povoado, é localizado em frente à lagoa. O que resta da casa são apenas as ruínas. O que pode ser observado na Figura 19, onde aparece uma base do alicerce, ao fundo de uma cerca envolvida com o quiabento, que é uma espécie vegetal da família das cactáceas, muito utilizado em cercanias na caatinga. Uma vez que os espinhos da planta, servem como impedimento para adentrar os limites da cerca.

Figura 19- Alicerce da casa de Totonho Daniel e Ana de Sousa Lima



Fonte: Ivana Lima e Silva (2023) Trabalho de campo.

Nas expressões da oralidade, estão presentes os risos e versos, as expressões culturais em referência ao seu lugar de origem, o ecossistema existente com a população dos anfíbios na lagoa, para em seguida anunciar a importância que as águas da mesma têm para a comunidade. É esta uma das reservas de água que abastece as moradias, sendo o ambiente natural em que se exercia a plantação do arroz, do tipo mulatinho, branco e vermelho. Atividade esta, desenvolvida pelos membros das famílias, inclusive crianças. Sendo a lagoa de uso coletivo das famílias, a plantação do arroz obedecia a uma distribuição realizada em espécies de lotes. Cabendo a cada família a sua parte.

A colheita era realizada quando os pendões dos arrozais estavam maduros, prontos para “cachear”, ou seja, colher. Após a colheita, o arroz era pilado em pilões feitos de uma espécie de árvore, denominada Barriguda. As crianças tinham a importante tarefa de vigiar o arroz quando já maduro, para que não fossem comidos

pelos passarinhos. Quando finalizada a colheita, o arroz era estocado e servia como base alimentar para a família. O preparo do mesmo seguia o ritual de ser feito em panela de barro e no fogão à lenha. Em entrevista coletiva, segue trechos dos depoentes, relatando acontecimentos da década de 1960, 1970.

As narrativas¹⁴, seguinte apresentam a importância da cultura do arroz para a comunidade da Lagoa das Flores:

Teve uma época que pai achou um arroz para plantar de Sussuarana, este arroz cresceu, cresceu. Esse arroz carregou. Nós ia no mei da lagoa, vestia umas roupona. Naquele tempo, nós não tinha medo de nada não. Ia pro mei do arroz. Cachear arroz com as peneira. Até onde a água ia assim ne mim (mostra o nível do peito), eu ia cachear arroz. Aquele juncão no mei da lagoa contamiada de pato, achado no junco. Ô fartura naquele tempo. Podia contar vinte ovos de pato. Só nu junco. Por cima da água. (Dalva).

Quando achava um nin, num oiava nem se tia pinto, botava para cozinhar.(Cocó)

Nóis cubria o arroz secava, pai batia o arroz, secava, nós soprava. Ti Bai, era o fabricante do pilão. Ti Bai, cortava aquelas barrigudona deste tamanho e abria um pilão dentro dela. Já cansei de botar, duas, três medidas de arroz entro dela. Eu e Valmira, pá, pá, pá....cabava tornava pilar. Os carocinhos que sobrava era os capitão. Eita que era gostoso. Feito na panela de barro. Tinha o mulatinho, o vermêiin. Era bonito o arroz carregado. (Dalva)

Mãe fazia escaldado de leite pra nós ir vigiar arroiz. E os passarim frechava...e eu falava pode deixar comigo. Nós fazia pedra de barro para jogar nos passarim.. (Cocó) Lagoa das Flores- Caraíbas

O gostoso era o arroz que madinha fazia, o arroz mulatinho na panela de barro e ela colocava cumim, porque hoje não tem mais cumim, tem o bagoço.(Dalva) Lagoa das Flores- Caraíbas

É madinha cozinhava bem.(Daguinha) Lagoa das Flores- Caraíbas

Se ela tivesse com arroz na cozinha, na porta via o cheiro.(Dalva).
Eu quero vê quem faz daquele tipo? (Daguinha) Lagoa das Flores- Caraíbas

Com a mãozinha tremendo assim....(Cocó) Lagoa das Flores- Caraíbas

O tempero era ai e cumim.(Dalva) Lagoa das Flores- Caraíbas

Um dia pai fez um pedaço, Ti Bai fez outro do lado de lá. Eu e Valmira..vamos fazer uma roça para nós? Eu plantei um pedaço,

¹⁴ Diálogos de campo com moradores da Comunidade Lagoa das flores. As falas dos entrevistados foram transcritas exatamente como relatado por eles, mantendo sua grafia original.

Valmira outro. Nós trabaiava mais pai, nessa roça. Eu sei no meu plantei, eu colhi um saco de arroz. E as menina não colheu, não. Ai o que sobrou de um saco do meu, foi interar o das menina de Dinalva mais Valmira. Mas nós ganhou muito dinheiro, eu comprei uma mala véa que tenho lá em casa de sola, encomendei com Lalin em Anagé, era um guarda roupa dos fino(risos). Valmira, comprou uma mais ruinzinha, porque o dinheiro dela não deu pra comprar não.
(Dalva)- Lagoa das Flores- Caraíbas

Exalta-se neste contexto a relação do trabalho em família, que incluía crianças, homens e mulheres. A todos era dado uma tarefa, a qual consistia no contexto social da comunidade. Um itinerário de tarefas domésticas, que para as pessoas do campo, é algo natural, que se perpetuou de geração para geração, proporcionando assim a construção do espaço social. As somas das atividades de trabalho estão entrelaçadas neste contexto, constituindo a identidade destas comunidades e as alternativas de sobrevivência dos mesmos. Costumes, como o modo de fazer o arroz na panela de barro, é exaltado como condicionante para que o mesmo fosse mais saboroso. “Quando madinha Ana tava cozinhando o arroz, agente sentia o cheiro da porta. Eita arroz gostoso”. (Dalva). Lagoa das Flores.

Almeida (2017) nos apresenta que os alimentos, fazem parte de um contexto cultural, técnico e de um modo de vida de quem a este processo produtivo está envolvido em um dado momento histórico. O preparar e o servir configura como uma referência identitária e afetiva.

Portanto, é possível afirmar que a alimentação vincula o natural com o social em um sentido amplo, e que comer serve como um meio para descobrir a maneira como os seres humanos são, simultaneamente, organismos biológicos entes sociais (Almeida, 2017, p.9)

E como enfatiza Almeida (2017), os alimentos resguardam a função do alimentar e agregar as pessoas, proporcionando os vínculos de proximidade e unidade, que ultrapassam funções específicas de nutrição física. É expressividade de amor e afirmação de vínculos. Os quais fazem parte da memória de um povo, como sinal de confraternização e socialização. É importante ressaltar que a prática agrícola outrora realizada e ainda executada nas comunidades em estudo, resguardam uma tradição de agricultura familiar. Certo que, algumas destes tipos de agriculturas, não se encontram no nível produtivo do passado. Podendo ser considerada como oriunda de uma cultura rústica, nos faz lembrar Arruda (1999), quando diz que:

[...] as populações alijadas dos núcleos dinâmicos da economia nacional, ao longo de toda a história do Brasil, adotaram o modelo da *cultura rústica*, refugiando-se nos espaços menos povoados, onde a terra e os recursos naturais ainda eram abundantes, possibilitando sua sobrevivência e a reprodução desse modelo sociocultural de ocupação do espaço e exploração dos recursos naturais, com inúmeros variantes locais determinados pela especificidade ambiental e histórica das comunidades que neles persistem (Arruda, 1999, p.4).

Para tanto utilizam instrumentos simples de trabalho, sem usos de fertilizantes ou pesticidas. A produção é modesta, através de alimentos básicos como: feijão, milho, abóbora, batata doce, mandioca, melancia e outros, obedecendo a mesma variedade produtiva de décadas anteriores. A socialização dos recursos naturais e dos espaços produtivos, a exemplo a lagoa situada na comunidade, ressaltava a existência de vínculos de unidade e coletividade. Uma forma de organização espontânea, que foi aprendida pela força de uma tradição e de afazeres. Segundo Arruda (1999), é perceptível as heranças indígenas nesta forma de organização territorial, uma vez que até mesmo os alimentos plantados para o consumo, obedecem às “técnicas adaptativas” dos hábitos alimentares desses povos.

É compreensível entender que as modernas formas de cultivo, da atualidade estão incorporadas neste espaço, uma vez que pela força do impulso capitalista, encontram-se no entorno da barragem Anagé-Caraíbas, a produção de frutas e legumes irrigados, proveniente de empresários investidores, que adquiriram terras locais e incrementaram a técnica necessária para este tipo de agricultura irrigada e moderna, sendo, portanto, um diferencial em relação a contínua prática agrícola realizada pelos moradores tradicionais das comunidades. De acordo com Aires e Salamoni (2013):

Uma alternativa para muitos agricultores é a aquisição de novas tecnologias agrícolas, porém, muitas vezes essa possibilidade se torna inviável devido à extensão física da propriedade. Para as pequenas propriedades o investimento em maquinários acaba por não responder as expectativas necessárias, devido ao custo de manutenção dos equipamentos contrapondo-se aos benefícios referentes à sua aquisição. (Aires; Salamoni, 2013, p.43).

Seguindo as afirmações desses autores, acrescidas das condições ambientais da caatinga e recursos financeiros de investimentos, são estes fatores que também influenciaram para que as migrações de alguns membros das famílias ocorressem em períodos esparsados nas comunidades rurais em estudo. Percebe-se a partir da

década de de 1990, implantação de políticas públicas para o campo, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), que melhorou as condições de vida do homem do campo, oferecendo melhores condições para produzir. No entanto, ainda inexpressivas para atender o contingente de inúmeras famílias agrícolas, necessitadas de investimentos públicos para produzir e se equiparar ao sistema produtivo dos agricultores, que estão comprando e investindo em terras nas proximidades das comunidades tradicionais.

3.2 “CURTINDO O COURO DO BOI” E BEBENDO LEITE DE CABRA

Sobre a análise da atividade pecuária, realizada nas localidades eleitas para o estudo, nesse caso com referência a criação do gado bovino e de caprinos, importante destacar as alternâncias no modo produtivo da atividade. Nas décadas de 1960, 1970, os animais pastoreavam mais livremente, em distâncias consideráveis, cabendo também as crianças meninos e meninas o pastoreio dos animais no final do dia, trazendo os mesmos para os chiqueiros. Alguns animais ficavam perdidos, pastoreando em longas distâncias, sendo necessário a ajuda mútua dos familiares em realizarem esta busca. Estes animais serviam como base de comercialização, alimentação para as famílias com a carne, o leite e quanto aos couros eram beneficiados para fins comerciais. Segundo Souza e Almeida:

Compreende-se, além disso, que as práticas alimentares têm um papel fundamental no que tange ao ordenamento territorial, pois elas influenciam e são influenciadas pelos demais aspectos sociais fazendo parte de um sistema integrado e indissociável das análises que buscam explicar a ordenação sócio-espacial. (Souza; Almeida, 2011 p.106)

Com este entendimento, as práticas alimentares, são condicionantes para promover um ordenamento socioespacial, que se desdobra nas relações de trabalho e nas práticas cotidianas dos afazeres domésticos. Em uma interação, que se manifesta de certa forma espontânea. Em uma das narrativas, relacionada ao manejo dos animais, em um dos povoados, é perceptível que existia uma rotina, que assim se apresenta, de acordo com Dalva- Lagoa das Flores-Caraíbas.

“O que nós fazia no tempo de moça... essas moça de hoje não faz nada. Pai tinha umas cabra brava, trocou com um homem na Jibóia. Eu buscava água no riacho, levava uma lata d água na casa de Padrin e trazia água pra cá e mãe pilava mi para fazer cuscuz no pilão. E ai quando eu acabava de buscar a água, ora mais Daguinha, ora mais Dinalva, na manga de Beija, onde é nosso hoje, ia buscar essas cabra.[...]

[...]Chegava, apartava as cabra, no outro dia vinha Agnaldo e Carlos de manhãzinha, tinha mania de chegar lá em casa. E a lei de mãe e pai era seca, podia fazer sala ninguém. Eu ia tirar leite, Carlos era atentado.... ei tiradeira de leite de bode... eu morria de vergonha. Comecei tirar dezesseis litro de cabra naquele tempo. [...]

[...]As cabra de Ti Bai, era junto, mais as de tia Lide, era lá em casa. Tudo num chiquêro só. E nós tirava o leite, dividia, tia Lide levava uma panelada e a outra ficava lá em casa.” [...]

A narrativa, revela os serviços que as moças, as adolescentes solteiras também realizavam. São tantas as atribuições rotineiras a serem cumpridas, que somente uma divisão de tarefas, favorecerá uma organização em ajuda aos pais. O que demonstra entre os filhos a necessidade de adquirir habilidades na lida do trato com os animais, quanto a assumir responsabilidades perante à família. O manejo dos animais, é indispensável, pois deste serviço, resultará em itens necessários para a alimentação. Uma outra característica apresentada no contexto, é que diante da proximidade das casas e dos vínculos familiares, as cabras, pastoreavam juntas, assim como socializavam os chiqueiros. Quanto aos que se produzia desta relação, é exemplificado com a partilha do leite, após a ordenha das cabras, sendo assim, o leite, era dividido.

O consumo do leite de cabra, era algo importante para os adultos e crianças, pois é utilizado para se fazer o escaldado de leite, comida típica do povoado, consumido no café da manhã, por adultos e crianças. Ao que foi informado que do leite de vaca, faziam requeijão, o leite de cabra o escaldado de leite. Uma das moradoras, assim informa sobre um fato ocorrido com uma criança que estava doente:

Quando Beja nasceu, a mãe dele morreu de parto dele. E ele ficou criano com uma e outra. Ai ele adoeceu. Ficou ruinzin; aí o véi Odilo foi fazer naquele tempo uma consulta com o médico em Conquista, tinha Dr. Mário, Dr. Crescêncio, chegou lá que o médico falou com ele: Oh Odilo, tu que criar teu filho? Ele falou quero. Então tu cria com leite de cabra, Ele foi deu os remédio. Começou a dar leite de cabra. Mas hoje nem as cabra têm. (Dalva- Lagoa das Flores-Caraíbas).

A narrativa apresenta uma variedade de informações, em destaque a capacidade nutricional oferecido pelo leite de cabra, quanto a escassez da criação destes animais nas localidades, o que outrora foi muito expressiva. Segundo informações dos entrevistados, a diminuição da criação de cabras, veio por conta dos cercamentos das propriedades e as dificuldades na alimentação dos rebanhos.

Uma vertente de atividade trabalhista é somada a pecuária, uma vez que os couros dos animais, bovinos, caprinos e até mesmo de teiú e de gato do mato eram curtidos (processo de beneficiamento) e comercializados. Nesta dinâmica, aparece mais uma rotina de trabalho das famílias, a qual é identificada como curtumes. Esta era realizada nas proximidades dos riachos e rios. Trabalhoso e ritualístico, esta atividade gerava um produto final, intitulado como couro curtido e sola, os quais geravam renda monetária para os trabalhadores. Condição importante para as necessidades básicas da família, para aquisição de bens que não produziam em sua propriedade. Constituíam assim uma atividade econômica que deixou de existir nas comunidades estudadas.

De acordo a narração dos entrevistados, o beneficiamento do couro era uma alternativa de trabalho, no entanto realizada em uma série de etapas para se adquirir o produto final e posteriormente a comercialização. Segue um trecho da narração dos entrevistados, para se compreender o processo do beneficiamento e comercialização, período este compreendido na década de 1960. A narrativa refere-se sobre os curtumes localizados na beira do rio gavião e dos riachos, relatos de curtumes em Anagé e outro da comunidade Lagoa das Flores¹⁵: De acordo com os entrevistados Blandson- Anagé, Fonzim - Anagé, Dalva- Lagoa das Flores, Daguinha – Lagoa das Flores, João Antônio-Lagoa das Flores, Cocó- Lagoa das Flores, informam que:

Esse começo aqui a minha família do meu pai todos mexeram com o curtume, meu avô mexia. O couro para fazer sapato, fazer sandália. Ele tinha um curtume também na beira do rio. Tinha que comprar os couro de vaca e curtir durante muitos dias. Uns sessenta dias. ou mais curtindo. Curtia primeiro com aquela casca de Anjico tirava a casca do pé do anjico, botava lá de molho junto com couro ficava muito e todo dia, lá duas vezes por dia tirava o couro limpava e depois passava para outro, que era para sair o cabelo. Botava lá ia fazer com que amolecer sair com calma e depois disso aí agora ele sempre fazer a obra prima. Faziam cela, fazia sapato, sandália e ia vender, por exemplo, em Caraíbas. A feira de Caraíbas, saia para ir vender lá

¹⁵ Diálogos de campo com moradores da Comunidades Lagoa das flores e de Anagé. As falas dos entrevistados foram transcritas exatamente como relatado por eles, mantendo sua grafia original.

também. Na época de Romaria aqui tinha Romaria que passava muita gente do Sul da Bahia sobre tudo aí da Bahia e ia para Bom Jesus da Lapa. No retorno comprava a cela, chapéu, cinto sandália... tudo. Alguns anos atrás, aqui devia ter, muito pequena cidade da época, que devia ter umas seis pensão e hotel. E todas lotada quando dava de tarde os caminhões que vinha trazer novamente nas calçadas deitado e no dia seguinte de madrugada eles iam embora. E no retorno eles limpava a cidade, compravam tudo que tinha todas essas produção desse laterais eles compraram e levava. (Bladson –Anagé).

Agente vai encontrar algum resquício de vestígio lá desse curtume ,eu mesmo badoquei muito ali na beira do rio . Eu entrava pela porteirinha lá, para badoquear lá dentro. E quando eu ouvi algum movimento de alguém, eu saía né que eles poderiam não gostar (Fonzim – Anagé).

Pegava aquele couro, botava naquele benguê, naqueles apreparo, ele ficava podre, podre, podre, podre. E aí Cê tinha que rapar, ponha na tinta, tira na tinta. (Daguinha – Lagoa das Flores).

Botava primeiro de molho na cinza (Dalva – Lagoa das Flores)

Até hoje, lá onde Cocó comprou, tem lá umas furquia, tem uns pedaço de massa que era o curtume de João Mocê. Era muito serviço e sofrido. (Daguinha – Lagoa das Flores).

Quando era menino, eu morava com meu finado pai, tinha uns cachorrin que só vivia naquelas beira de riacho, matano téiu. E a pele tinha preço! (João Antônio - Lagoa das Flores)

E o gato mamoninha, era mais caro, o gato do mato. (Cóco -. Lagoa das Flores).

A Figura 20 apresenta o riachão, localizado na Lagoa das Flores. Na proximidade das suas margens, era localizado um curtume.

Figura 20- O riachão



Fonte: Tâmara Jaísa (2021)

Como as narrativas enfatizaram a existência de um modo de produção, caracterizado com as etapas de beneficiamento do couro, até tornar-se matéria prima, destinados para a produção de variados artefatos, destinados à comercialização. Criatividade, esforço e rotinas de trabalho, caracterizavam o cotidiano dos trabalhadores rurais pela sobrevivência. Interessante que os animais de estimação, entravam nesta cadeia produtiva. Os cachorros caçavam os teiús, para que os couros dos mesmos fossem revertidos em fonte de renda.

Segundo Furlanetto (2004), quando analisa os curtumes na Paraíba, o mesmo utiliza-se de bases com exemplificações na Teoria da Contingência Estrutural. Essa por sua vez, é pautada em pressupostos administrativos, favorece o entendimento das mudanças econômicas e comerciais que se prolongam diante da permanência e mudanças de uma determinada atividade produtiva. De acordo com Furlanetto (2004), algumas são interrompidas ou finalizadas por fatores externos como bem retrata esse autor:

Foi tentando entender sucessos e insucessos das organizações que surgiu a Teoria da Contingência Estrutural, a qual enfatizava a mudança adaptativa nas organizações sempre que o ambiente externo se alterasse. Sob esta teoria o ambiente constitui-se na variável decisiva, ou seja, sucessos e insucessos empresariais são apresentados como consequência de capacidades ou incapacidades

de readaptação a um ambiente de negócios que se teria alterado. Quando a readaptação ocorre, o resultado é visto como a recuperação do sucesso, caso contrário, temos o fracasso e o eventual desaparecimento da organização ou sua queda no ranking (Furlanetto, 2004 p.3522).

A análise realizada para o estado da Paraíba, de acordo com esse autor, quanto à decadência dos curtumes de menor tamanho e estrutura mecânica, inclui em justificativas como: a concorrência com grandes curtumes mecanizados; a redução do rebanho bovino; o abate dos animais nas proximidades dos centros produtores na região centro oeste; fechamento do principal matadouro municipal da Paraíba; aumento do preço internacional do couro (beneficiando os grandes curtumes), que comprando em maior quantidade disponibilizam maior agilidade no beneficiamento e exportação, além da falta de recursos financeiros das empresas familiares em inovar com a mecanização e melhor estrutura em seus curtumes.

Características como as mencionadas, referentes ao estado da Paraíba, favorecem entender o estudo local em pesquisa, uma vez que a partir das narrações dos entrevistados, evidencia-se o trabalho de beneficiamento como extremamente difícil e a falta de estrutura física. Utilizando-se apenas instrumentos rústicos de trabalho, associado a dificuldade na comercialização por falta de transporte, assim como a diminuição da criação dos bovinos e caprinos (favorecendo a diminuição da matéria-prima). Em Vitória da Conquista-Bahia, existia um centro comercial de grande expressividade, denominada, Couropel, uma das empresas que comprava os couros curtidos dos pequenos produtores de diversos municípios próximos. Realizando um expressivo comércio de de couros.

Outra informação sobre a prática dos curtumes, é que o mesmo podia trazer prejuízos ambientais. Uma vez que se utilizava soda cáustica e cascas de anjico no processo produtivo, gerando assim uma soma de poluentes que contaminam as águas dos riachos, rios e o solo. Sendo este um problema mencionado como um indicativo para a proibição (por parte dos órgãos públicos) dos curtumes nas comunidades.

Existem curtumes em atividade, em um povoado próxima das áreas estudadas, o denominado Alegre. Artesãos realizam a prática do beneficiamento em menor proporção, preferindo na atualidade, comprar o couro beneficiado em lojas comerciais. São estes os poucos que pelo ofício da confecção de chapéus, resistem com a atividade. Portanto é possível inferir que a falta de políticas públicas que reconheçam práticas culturais como esta da confecção de chapéus, na comunidade

Alegre, está configurada como uma “destruição criativa” de uma tradição. Um Patrimônio Cultural, que se representa materialmente em forma do objeto em si, o chapéu. A imaterialidade da tradição, está resguardada na técnica do modo de fazer, que tem sido repassado como herança familiar.

3.3 ALGODÃO EM FLOR... TECENDO FIOS E MEMÓRIAS

O plantio do algodão, o seu beneficiamento e comercialização, dinamizou os Municípios de Anagé e Caraíbas nas décadas de 1950 a 1960. Alguns moradores tiveram concessões dos bancos para financiamento das lavouras. O êxito da atividade foi tão significativo, que cerca de duas usinas de beneficiamento do algodão foram instaladas. Sendo duas na Vila Nova (hoje cidade de Anagé). Sobre o funcionamento das Usinas, sabe-se que, segundo o entrevistado Sr. Blandson Soares, as mesmas foram implantadas nas décadas de 1950. Um empresário Paraibano de nome Joaquim Muniz, trouxe os maquinários e trabalhadores em um caminhão, e instalou a referida usina, algodoeira de Anagé Limitada. A mesma funcionou onde hoje é o Salão Paroquial da cidade de Anagé. Posteriormente foi vendida para o Sr. Edson Soares, morador de Anagé.

Em 1957, um grupo de empresários, fundaram uma outra Usina, a Sociedade Algodoeira Gavião Limitada, que foi conhecida como uma Algodoeira de grande referência no nordeste do Brasil. Segundo um dos entrevistados aconteceu uma festa inesquecível. A Figura 21, apresenta as instalações da Usina de beneficiamento do algodão. No antigo prédio, funciona atualmente, em uma das partes deteriorada, ao lado direito da fotografia, uma oficina de automóveis. Em uma das partes conservada do prédio, ao lado esquerdo da fotografia, é utilizada para sediar setores administrativos públicos de Anagé.

Figura 21- Sociedade Algodoeira Gavião Limitada (Antiga sede)



Fonte: Ivana Lima e Silva- Trabalho de campo (2023)

Na Vila de Caraíbas (hoje cidade de Caraíbas/ sede do Município), foi também instalada uma Usina. Sendo uma grande novidade para a época. Foi a chegada da técnica, trazendo para aos moradores a novidade e uma forma de produção ainda desconhecida, realizado pelas máquinas. Em específico, na Vila de Caraíbas, o responsável técnico pelo funcionamento da Usina, foi o Sr. Eloi, veio de Salvador e constituiu família na Vila. Em pouco tempo ficou sendo conhecido pelas habilidades técnicas no manuseio das máquinas.

Tal empreendimento gerou oportunidade de trabalho para muitas pessoas das Vilas, hoje Municípios. Entrevistados relatam a frequência com que as crianças de Anagé e Caraíbas frequentavam a Usina, seja para ajudar a ensacar o algodão, como também para brincar. Crianças como Cosme, Raimundo, Zequinha, Nen, Ione, Noemia, Neuton, Miúcha e outros, achavam divertido o trabalho da Usina. Os meninos entravam nos canos da saída do algodão descaroçado e rolavam até abaixo da saída dos canos. Uma grande festa, assistido pelas meninas.

A narrativa revela a ingenuidade das crianças e brincadeiras permitidas por parte dos adultos. Podendo ser compreendido como um modo de vida, permeado de concepções culturais, em que os rigores e formalidades de funcionamento de uma usina (fábrica) eram minimizados, em favorecimento de uma alternativa de lazer para crianças da Vila e da Zona rural. As memórias evidenciadas pelos entrevistados são realizadas em meio aos risos e a boa lembrança.

A produtividade das lavouras nas comunidades rurais, a qual contava com a participação da família, desde o plantio, colheita e o descaroçar do algodão. Comerciantes visitavam as comunidades e realizavam a compra da produção, que era estocada em algumas casas, localizadas em lugares mais centrais da rodagem, formando verdadeiros armazéns em casas residenciais. O destino do algodão seguia para a cidade de Vitória da Conquista, de onde era comercializada para variados centros comerciais. Parte da produção era utilizado para tecelagem de fios e linhas, que eram utilizados para a produção artesanal de tecidos e cobertores, os quais eram produzidos nas denominadas “Casas do Tial”.

Muitas das roupas utilizadas pelos moradores eram confeccionadas com o tecido do algodão, fabricados na mesma tecelagem. Algumas mulheres das comunidades eram exímias tecelãs e teciam com maestria. Sendo assim lembradas, como: Tia Isabel, Sansão, Bilinha de Moisés, Tia Quita, Tia Nana. Algumas citações¹⁶ indicam a utilização dos tecidos de algodão pelos moradores, segundo Cocó e Hercília Lagoa das Flores:

Mãe fazia as calça de algodão pra nós ir pras festa. Óia nós ficava com uma raiva. Eu ia retado de raiva. Eu tinha uma raiva de calça de algodão”. (Coco- Lagoa das Flores).

“Eita que eu engomava os ternos de algodão de pai.”
(Hercília – Lagoa das Flores) “

Para fazer os cobertores, identificados como gatú, que é apresentado na Figura 22, era utilizado uma boa quantidade de linha. O Gatú, um cobetor, confeccionado de forma artesanal no “Tial” da comunidade. Apresenta-se nas tonalidades do vermelho e branco, formando quadros, em uma composição de um xadrez. Como afirma as narradoras da Lagoa das Flores-Caraíbas.

“Ai quando era tempo de tingir, agente tirava na meada. Tirava a meada e tingia. O gatú era dezesseis novelo. Eu já trabalhei...”
(Eurides – Lagoa das Flores).

“As tecelona tecia que ficava um xandreizin.” (Maria das Neves- Lagoa das Flores).

¹⁶ Diálogos de campo com moradores da Comunidades Lagoa das flores. As falas dos entrevistados foram transcritas exatamente como relatado por eles, mantendo sua grafia original.

Figura 22- O Gatú



Fonte: Foto: Cleide Campos (2023)

A Figura 23 é uma roda de fiar. Os fios de algodão eram fiados de forma artesanal na denominada roda de fiar, como pode ser visualizado com a imagem.

Figura 23- Roda de fiar de Tia Lide



Fonte: Foto: Eulália Santos (2023)

É interessante reconhecer que dispendo de formas rústicas de produção, como fuso, roda de fiar e teares manuais, a tecelagem seguia o seu curso de produção final. Sendo, portanto, um bem necessário e utilitário para as famílias. Agrega-se aos

tecidos, a confecção de cobertores. Produtos estes que gerou comércio e renda para as mulheres, uma vez que, parte da produção do algodão era comercializada pelos homens, uma outra parte pelas mulheres, as quais fiavam e formavam os novelos de linhas, destinados a tecelagem.

Nas Casas dos Teares, firmavam-se uma parceria produtiva, uma vez que dispondo dos novelos em fios, mulheres das comunidades, associavam-se com as tecelãs, as quais dispunham da técnica, (os teares) e da habilidade artística, formalizando um trabalho produtivo, coletivo e rentável. Gerando uma produção destinada para abastecimento de itens necessários para os familiares, como também para revenda de parte da produção. Ocasionalmente um trabalho com divisão de lucros entre as mulheres, uma considerável conquista de trabalho, possibilitando as mesmas uma remuneração.

Em referência ao reconhecimento histórico sobre a utilização do algodão, de acordo com Oliveira (2018), descreve:

O algodão ao contrário não começou a ser utilizado no século XVIII, ele era conhecido desde a antiguidade. O historiador Grego Heródoto descreveu uma planta de características incomum, nunca vista, no qual produz um fruto que dela extrai-se uma fibra utilizada para construção de vestimentas. Foram os árabes que difundiram o algodão no mundo. A planta branca, também é nativa das Américas, cresce de forma selvagem, utilizada pelos nativos para diversos fins. Somente no século XVIII o algodão vai ganhar importância mundial, em parte devido a revolução industrial na Inglaterra que passou a exigir a matéria prima como principal combustível de sua indústria manufatureira (Oliveira, 2018 p.1).

Confere-se assim que, desde a antiguidade, o algodão promoveu utilidades provenientes das suas características fibrosas, aptas para produção de vestimentas. Ganhando portanto notoriedade, quando através da manufatura e posteriormente com o uso das máquinas, a produção de tecidos foi possível. Será, portanto, com a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra no século XVIII, que ocorrerá o favorecimento e crescimento da indústria manufatureira, sendo o algodão, importante e necessário para a produção. De acordo com Oliveira (2018), por uma necessidade da crescente industrialização, a Inglaterra começou a necessitar do produto e incentivar “autoridades coloniais” para o seu plantio no Brasil. Assim o Maranhão foi o estado que primeiro implementou tal produção. A partir do século XIX, a cultura algodoeira despontará no Nordeste, sendo assim responsável em favorecer a industrialização na Região, se estenderá do Maranhão à Bahia. No entanto no período

final do século XIX e nos anos 1930 do século XX, um decréscimo produtivo dessa cultura. Passando por uma revitalização no período dos anos de 1990. De acordo com Oliveira (2008):

Durante muito tempo a economia do algodão foi uma das principais atividades geradoras de renda no semi-árido brasileiro, chegando a ocupar, direta e indiretamente, quase metade da população economicamente ativa do campo e uma área de 3,1 milhões de hectares. A tradição de consorciar o algodão com as leguminosas feijão-de-corda (*Vigna unguiculata*) e feijão-de-arranque (*Phaseolus vulgaris*) permitia o aporte de nitrogênio ao sistema. Os agricultores também podiam intercalar o milho, o jerimum, o cará, a macaxeira, entre outras espécies alimentares. Depois da colheita do algodão, suas ramas (folhas verdes) eram utilizadas como alimento para os animais. Das sementes era extraído o azeite empregado nos candeeiros. Após a extração do azeite, sobrava a torta do algodão, alimento de qualidade fornecido às vacas de leite. (Oliveira, 2008, p.07)

A intercalação de culturas, como as múltiplas utilidades do algodão, deixa em evidência o significado que esta atividade trouxe para os agricultores familiares do semiárido. Afirmou-se como uma viabilidade econômica muito expressiva. Uma vez que se aproveitavam os produtos e subprodutos para alimentarem o gado. A produção do algodão nas comunidades foi diminuindo ao longo do tempo, provenientes de pragas, que acometeram as lavouras, entre elas o denominado bicudo¹⁷. Somada a esta situação, uma nova forma de produção e comercialização do algodão será instaurada a nível nacional, como diz Costa (2008):

[...] a partir da década de 1980, a atividade entrou numa trajetória de decadência em função de uma conjugação de fatores de ordem ambiental e econômica, em especial a política de liberalização dos mercados agrícolas adotada pelo governo brasileiro, favorecendo a importação de grandes volumes de pluma de algodão em detrimento dos produtores da região. Do ponto de vista ambiental, criou-se um verdadeiro “caos ecológico” com as transformações técnicas introduzidas nos sistemas de produção, sobretudo com a substituição do algodão arbóreo (mocó e seridó) por variedades herbáceas. (Costa *et al.*, 2008, p.07).

¹⁷ O bicudo-do-algodoeiro (*Anthonomus grandis*) é a principal praga do algodão. Responsável por enormes prejuízos, é capaz de destruir até 70% da lavoura em uma única safra. Além disso, seu controle é difícil e sua reprodução, bastante veloz. Para se ter uma ideia, o inseto se prolifera tão rapidamente que, a cada 50 fêmeas, surgem 500 mil adultos – de acordo com estudos divulgados pela Embrapa.

Atribui-se então que as novas variedades do algodão, demandava investimentos tecnológicos e a utilização de inseticidas, fertilizantes e outros, gerando altos custos. A produção, em maior escala e para importação, exigiu tais mudanças, favorecendo aos investidores (os grandes agricultores) vultosos lucros. Outro agravante implementado foi a mudança para o monocultivo, interferindo nas tradições regionais do plantio do algodão intercalado com variadas culturas. Essa prática agrícola, é um condicionante para ocorrência da praga bicudo, segundo consta na citação mencionada.

As dificuldades em manter a produção do algodão, repercutiu na diminuição dos lucros para os agricultores familiares, não compensando aos mesmos, concorrer com a produtividade de Municípios com lavouras mais equipadas tecnicamente e mais equipadas. Em referência ao estudo em pesquisa, temos que a decadência do algodão nos Municípios de Anagé e Caraíbas, foi formalizada quando, ao longo do tempo, os proprietários das usinas (investidores particulares) desativaram as mesmas. O que revela que mais uma atividade econômica deixou de existir nas comunidades.

Com a diminuição da produção do algodão, consolida-se a inexpressividade de um modo de vida, garantido por essa atividade econômica. Uma vez que a cultura do algodão proporcionou para as comunidades, em especial para as mulheres, uma alternativa de trabalho remunerado, compreendida como um modo de fazer a produção artesanal de tecidos. Com a diminuição da produção do algodão, as mulheres da comunidade, deixaram de se reunir nas casas umas das outras, para fiar o algodão na roda, ao tempo em que conversavam e cantavam. Fecham-se as Casas de *Tecer*, do "Tial", rompe-se com um lugar de convivência, aprendizagem, cultura, trabalho e arte. À medida que as casas de tecer, são fechadas, uma cultura também, estava acabando.

Um exemplo da produção de algodão no sistema agroecológico em Curimataú, na Paraíba, testemunha como existe uma alternativa viável para os agricultores familiares. Imbuídos de sabedoria popular e experiências em plantio, começaram a realizar o plantio do algodão em espaçamentos de 1,10x 0,40, contrariando recomendações técnicas da Embrapa, como outras alternâncias: a associação de culturas, a colheita manual, o uso de defensivos naturais e o plantio datado entre a segunda quinzena de maio e a primeira quinzena de junho. Outros agricultores da proximidade de Curimataú adotaram a indicação e iniciaram os seus plantios. Tal repercussão trouxe bons resultados, como aponta Costa (2008):

Nos anos de 2004 e 2005, alguns pesquisadores da Embrapa Algodão e técnicos das ONGs Arribaçã2 e AS-PTA identificaram e divulgaram a iniciativa de alguns desses agricultores. Elas estimularam outras famílias a darem início a experiências similares em suas propriedades (Costa *et al.*, 2008, p.8).

Como visto, é possível criar condições adequadas para as comunidades Catingueiras, como a viabilidade de políticas públicas que promovam alternativas econômicas e sustentáveis. Hoje existe o que se denomina de tecnologias sociais implementadas no Nordeste, seja através das Organizações Não Governamentais (ONG), parcerias com Universidades e investimentos públicos. Como base de entendimento, podemos conferir com França (2018), quando diz:

O rol de tecnologias sociais existentes no território Sertão do Apodi – RN tem uma parcela de contribuição importante no desenvolvimento rural do território. Tecnologias como o Programa Balde Cheio contribuem significativamente para a melhoria do rebanho bovino, melhorando índices de produção e de lactação das matrizes, assim como seu melhoramento genético. Já os dessalinizadores tornam comestíveis águas salobras, trazendo qualidade de vida às famílias do campo, e as barragens subterrâneas favorecem no represamento de águas que são utilizadas para a produção de alimentos para os animais e para o consumo humano. (França *et al.*, 2018, p.240).

Experiências bem sucedidas ocorrentes em Apodi no Rio Grande do Norte, em parceria com o Banco do Nordeste do Brasil (BNB), Sebrae, Fazenda Eficiente e Prefeituras com adesão ao Programa, confirmam segundo as informações, que iniciativas como estas agregam mobilização de parcerias e soluções para o Semiárido. Evidente também conforme compreensão, segundo França, *et. al* (2018), que agricultores familiares, não conhecedores de projetos federais para o seu favorecimento, perdem oportunidades significativas. Uma vez que a concorrência através dos editais é uma possibilidade para que Municípios apresentem projetos viáveis a serem aprovados.

É importante que exista uma assessoria técnica capacitada para tal pleito, na busca de recursos. Cabendo as prefeituras atenção na busca dos editais e formação de uma equipe técnica capacitada na busca de recursos. Em consonância com essas propostas, segue-se com reflexões críticas sobre a descontinuidade de muitos dos programas públicos implementados ao longo do tempo, ou mesmo uma eficácia que promova emancipação aos agricultores. Almeida ressalta:

É, sobretudo, nas décadas de 1980-90, que ocorreu a forte intervenção de projetos e programas governamentais, sem uma preocupação com a continuidade, ou mesmo de proporcionar os mecanismos que permitissem aos caatingueiros de promoverem o seu desenvolvimento. Os projetos resultaram em fracassos frequentes. O governo mudou, então, sua política: priorizou os grandes projetos ditos modernizadores e relegou a plano secundário aqueles voltados para a agricultura familiar. Introduzem-se os projetos de irrigação para frutas destinadas à exportação e à soja irrigada. Esses irrigantes modernos constituem um elemento da diversidade paisagística sem, todavia, apresentarem uma identidade sertaneja. (Almeida, 2008 p.325).

O aporte teórico apresentado reforça esta perspectiva da necessidade de investimentos públicos, mediante ao respeito da identidade cultural. Uma forma de governar que some para o beneficiado, alternativas de atividades correspondentes as condições ambientais e sociais dos mesmos. Em uma abrangência de alternativas viáveis de trabalho, como o favorecimento da permanência na zona rural. Com base em Almeida (2008):

De acordo com Boff (2007), a estratégia da convivência com o Semiárido consiste, fundamentalmente, em criar sujeitos ativos, autônomos e inventivos. Assim, eles aprendem a aproveitar todos os recursos que a caatinga oferece, utilizando tecnologias sociais de fácil manejo, com o propósito de garantir a segurança alimentar, nutricional e hídrica através da agricultura familiar e de pequenas cooperativas. (Almeida, 2008, p.326).

É neste contexto que emerge a visibilidade da potencialidade dos recursos naturais da Caatinga. Através de um processo educativo que favoreça o trabalho em conjunto na formação de Cooperativas e sindicatos para se repensar na retomada de atividades econômicas outrora existentes. Para tanto, é necessário a implementação de políticas públicas, que consolide tais perspectivas.

3.4 ACORDA! QUE A CORDA É DE SISAL

O plantio do Agave (sisal) foi também desenvolvido, nos Municípios estudados, Trata-se de uma planta, com características fibrosas, de fácil adaptação

no semiárido, utilizada para fabricação de cordas. A sua implantação nas localidades, favoreceu aos moradores, a implementação do uso da técnica, com a utilização de máquinas motorizadas para o beneficiamento da planta. A atividade teve o seu período de rentabilidade econômica, proporcionando a vinda de trabalhadores de outros estados para os Municípios. Algumas considerações sobre o sisal, apontam que:

Originária do país mexicano, a planta conhecida por sisal desde os tempos antigos já era usada pelos indígenas muito antes dos colonizadores europeus chegarem a região. Entre outras utilidades, as civilizações Astecas e Maias já aplicavam o sisal na construção de cercas envoltas em suas casas, na fabricação de cordas e redes com suas fibras e produziam bebidas alcoólicas com as substâncias da planta, a exemplo do pulque, da tequila e do mezcal que ainda hoje são desenvolvidas (Pinto, 1969; Miranda, 2011 *apud* Soares; Arruda e Amarante, 2022, p.5).

Como visto, o sisal teve e tem importância e diversidade em sua utilização, por povos tradicionais do Continente Americano. De início, no Brasil, a planta foi utilizada para fins ornamentais. Na década de 1920, passou a ser reconhecida pelas suas propriedades na produção de fibra vegetal, sendo assim utilizada comercialmente. A primeira região do Brasil a produzir o Sisal, foi a região Sul. No entanto, devido as extensas plantações de café, ocorreu uma espécie de mudança de rota da produção, sendo implementada na região Nordeste, onde foi bem adaptada em conformidade com as condições físicas do ambiente natural do semiárido. Em consonância com a capacidade de retenção de água das chuvas e do orvalho, próprias da Agave (Sisal). A Figura 24 é a espécie de Sisal mais conhecida e produzida no Nordeste foi a “agave preta”, ou sisal, conforme retrata a plantação, identificada na figura 24, com características fibrosas, apresenta folhas pontiagudas.

Figura 24- Plantação de Agave - Sisal



Foto: Cícero Oliveira UFRN (2022) ¹⁸

Em conformidade com relatos dos moradores entrevistados, foi evidenciado que as plantações locais de Agave (Sisal) em Anagé e Caraíbas, foram desenvolvidas, na década de 1970. Um dos entrevistados, Sr. Jerciço, veio de Juazeiro do Norte, no ano de 1978. Como mencionado anteriormente, o sisal atraiu trabalhadores de outros estados, a exemplo do Ceará. Alguns destes fixaram residência e não mais retornaram às suas origens. O beneficiamento do Sisal era realizado com máquinas rudimentares, deixou um rastro de acidentes nas comunidades, mutilando alguns trabalhadores.

Uma vez que a desfibradora (máquina utilizada para beneficiar as fibras), não continha travas, sendo desprovida de segurança para o manuseio. De acordo com a pesquisa, ficou claro que a desfibradora utilizada, foi a de motor, conhecida como Paraíba, havendo menções da utilização da máquina de mão, a prensa, também conhecida como Alicate. Não foi mencionado o uso da máquina itinerante, que não tendo base física, era possível ser deslocada para o campo das plantações. Com base na referência, temos que:

As máquinas desfibradoras empregadas no desfibramento da fibra de sisal apresentavam diferentes modelos, no decorrer de sua inicialização comercial até o presente momento. Dentre desse cenário, ocorreu um processo evolutivo da tecnologia na cultura do sisal, o qual Agave (sisal) atingiu todas as regiões do Nordeste, uma vez que as realidades eram dispares entre os estados produtores, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. (SOARES; ARRUDA; AMARANTE, 2022, p.15).

¹⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2022/09/23/pesquisadores-da-ufrn-recebem-patenteamento-de-tecnologia-que-utiliza-residuo-do-sisal-entenda.ghtml>

Como visto a inovação tecnológica, é algo bem variável, uma vez que depende das condições financeiras dos agricultores, dos lucros advindos com a cultura e o próprio desejo de investir em aprimoramentos. A experiência da cultura do Sisal no local em estudo foi desprovida de significativas inovações tecnológicas. Sendo possível, pelas razões de investida econômica, realizada pelos agricultores, com maiores recursos financeiros. Enveredaram por inovar e investir em singelas plantações e em máquinas, as mais simples denominadas “motores do sisal”. A relação de trabalho, foi estabelecida entre os camaradas (companheiros, amigos), nome como é identificado os trabalhadores na localidade. E sendo assim foram recrutados ao ingresso no trabalho, pela via da camaradagem e por configurar como opção de trabalho. Relação esta sem regulamentação de vínculos trabalhistas e amparos previdenciários.

A atividade implementada, gerou vítimas de acidentes, provenientes do trabalho com as máquinas. Acarretando para alguns agricultores danos irreversíveis. E assim segundo os relatos das entrevistas, justifica-se que a atividade econômica nas localidades, foi interrompida pelo desânimo dos agricultores em virtude dos acidentes e pela introdução comercial e nacional das cordas de nylon em substituição as cordas de sisal, propagando na diminuição dos lucros com a cultura. De acordo com Soares, Arruda e Amarante, afirma que:

No Brasil, as fibras sintéticas começaram a ser produzidas em 1955 pela empresa Rhodia, mas sua introdução efetiva se dá a partir da década de 60. Desde esse momento, as fibras sintéticas detiveram um crescimento constante, tanto em produção quanto em consumo. (Soares; Arruda; Amarante, 2022, p.8).

As tentativas de inserção de atividades econômicas foram presentes nestas comunidades. Quando em todo tempo atividades econômicas inicia-se no Brasil, a repercussão para as áreas interioranas é uma possibilidade. E tratando em específico do Nordeste, o condicionante para a cultura do sisal, estará alinhada com os elementos físicos e naturais da região. Portanto, uma rede de relações a níveis comerciais, que chegarão em muitos lugares, fazendo-se chegar em variadas expressões e inovações, marcas no modo de vida dos trabalhadores, uma vez que acostumados com as práticas agrícolas tradicionais, em um dado momento são movidos para incorporação de novas formas de trabalho, com aprendizagens de ofícios e conhecimento técnico operacional.

As plantações do Sisal trouxeram uma nova configuração espacial para a paisagem das comunidades. O verde escuro das folhas, em contraste com a vegetação acinzentada da caatinga em períodos de estiagem, trouxe mudanças significativas para a forma de se perceber a paisagem. Uma vez que as plantações do sisal se destacam seja pela exuberância e resistência das folhas, quanto pela projeção do pêndulo que atinge uma altitude considerável. Somado a esta consideração, uma outra observação inserida na paisagem, deve-se pelas etapas do processo de beneficiamento do sisal. Quando as folhas desfibradas eram expostas nas cercanias das variadas propriedades rurais, era como imensas cortinas na cor louro claro a repaginar os lugares, como expressa um narrador: “Era até bonito, cê passar quando a fita tava toda branca. Um varal mais alto e outro mais baixo”. (Daguinha - Lagoa das Flores)¹⁹.

É demonstrado na Figura 25, a secagem das fibras do sisal ao ar livre, como pode é identificado na imagem. Os varais são expostos com as fibras durante muitos dias até que as mesmas fiquem secas e claras. Após este processo estavam prontas para serem comercializadas.

Figura 25- Secagem das fibras do sisal ao sol



Fonte: PIXATERRA²⁰

¹⁹ Diálogo de campo de morador da Comunidade Lagoa das flores. A fala do entrevistado foi transcrita exatamente como relatado por ele, mantendo sua grafia original.

²⁰ Disponível em: <https://myloview.com.br/quadro-agave-sisalana-agave-sisal-sisal-no-5499EF2>

Segundo Andreotti (2013): “Paisagem agrária é também paisagem cultural mais ou menos etnicamente caracterizada: se pretende referir-se à história agrária daquele território em estreita correlação com o destino antropológico do mesmo”. (Andreotti, 2013 p. 59). Levando em consideração a conotação antropológica, dada pela autora, percebe-se que na paisagem existem resquícios que comprovam a atuação dos agentes sociais em variados períodos, realizando a recomposição da paisagem. Seja através das sucessivas atividades econômicas em loco, expressas com a capacidade adaptativa, criativa, de conhecimento e cultura. De forma efetiva, a observação das paisagens em estudo, revela que os antigos campos de cultivo do sisal, do algodão, antigas ferramentas de trabalho, ruínas de curtumes, casas de farinha, constituem como um divisor e registro das alternâncias econômicas consagradas ao longo do tempo nas áreas eleitas para pesquisa.

De acordo com Andreotti (2013), as paisagens agrárias, afirmam-se enquanto culturais, quando existe uma maior irredutibilidade de vínculos, mesmo que condicionantes econômicos estejam envolvidos neste processo. A forma suprema de exemplificar a paisagem cultural aparece quando o mesmo apresenta:

A diferença mais marcante entre paisagem geográfica e paisagem cultural, que parece apreender-se em Lehmann, reside em ser, a primeira, um aspecto visual (a aparência somente visual da paisagem está agora desatualizada, porque, na realidade, a paisagem é capturada com todos os sentidos. Seria mais correto falar de aspecto perceptivo), tornando-se a segunda, uma aparência visual integrada, em que a integração representa todo o percurso histórico, psicológico e cultural, sobre os quais já se teve oportunidade de discutir. (Andreotti, 2013 p.55).

Surpreendente como a análise da paisagem, segundo a autora, pode acontecer de forma ampla e integrada. O contexto histórico é o elo que interliga as diversas fases por quais as paisagens irão se compondo. Uma vez que neste tempo histórico, os sucessivos agentes sociais ocupam estes espaços e impregnam os mesmos com a sua cultura, com atributos psicológicos e subjetivos, deixando assim uma expressividade e consolidação. Ao mesmo tempo suscetível às interferências futuras.

A cultura agrícola do sisal está de forma significativa presente na paisagem cultural Nordestina. Tratando especificamente da Bahia, existe até mesmo uma composição de Municípios, denominada como região sisaleira, onde se concentra significativas produções. Informações em caráter mais técnico são aqui apresentadas:

No Estado da Bahia, no ano de 2010, a produção da fibra de sisal atingiu aproximadamente 140 mil toneladas, cultivados em 68 municípios, alguns desses com maior expressão em termos de produção, como por exemplo: Conceição do Coité, Campo formoso, Valente, dentre outros. No entanto, a produtividade média por hectare concentra-se em 1200 kg/ha. Ressalte-se que esta produtividade ainda é baixa, quando comparada aos índices de produtividade encontrados na Tanzânia e Kenya, superiores a 2800 kg/ha. A Bahia é responsável por 90% da produção de fibra de sisal do Brasil, seguida pelos Estados da Paraíba e Pernambuco. (Andrade, Ornelas, Brandão, 2011)

Entende-se que o sisal é uma cultura agrícola que tem proporcionado emprego e renda para agricultores do semiárido, não descartando, portanto, as dificuldades com que os trabalhadores vivenciam, no exercício do trabalho. Uma vez que, em muitas áreas de plantio e beneficiamento, os métodos utilizados ainda são os mais rústicos, acarretando ao trabalhador uma soma de impedimentos para que o trabalho seja mais seguro e facilitado.

Retomando para as questões da pesquisa em curso, temos que o sisal e outras culturas agrícolas tiveram a sua importância econômica para os agricultores familiares dessa região, ocorrentes em um determinado período histórico. No entanto encerrou-se este ciclo de atividades do sisal. Sendo assim, as derradeiras lavouras, foram utilizadas para produção de ração para o gado. Não foi possível, verificar na paisagem em estudo, exemplares desta cultura. Conforme apresentado anteriormente, as respostas encontradas durante a pesquisa, sobre a interrupção da cultura do sisal, ocorreram, sobretudo pelo desânimo proveniente dos acidentes ocorridos no manuseio das máquinas. De acordo com o depoimento de Daguinha, foram apresentadas as seguintes considerações sobre a cultura do sisal:

É igual o sisal, foi um trem que alimentou muita gente aqui. Porque não só os daqui, como gente de fora para trabalhar. Uns cortava, outros transportava, outros desfibrava, outro carregava para o estaleiro. E o sisal foi cabano. A modernagem foi chegano, uns foi saino muita gente acidentou, tomou medo. Tamém e ai o pessoal é assim quando tem um mei de viver e o pessoal procura que todo mundo investe, chega uma hora que fica difícil. Ai muda para um outro ramo. Aí parou ficou muitos campos de sisal abandonado. (Daguinha-Lagoa das Flores).

Um outro depoimento, do Sr. Blandson, chama atenção para esse período de mudança:

Antônio Oliveira e Sr. Ulisses que você falou e Som que é meu pai, plantou, formou o sisal, mas depois o preço que caiu, foi lá para baixo. Não serviu para nada. Nesse aspecto aí começaram a beneficiar o Sisal. Coisa assim numa prensa que tinha. Muito primitiva e tal e desfibrava, desfibrava e vendia para fora. Mas um preço muito lá em baixo. Não dá mesmo. A turma abandonou. Ficou esse terreno ocupado que serviu depois para alimento para o gado, porque ele dava uma batata. (Blandson-Anagé).²¹

No entanto, instaura-se neste atributo uma análise sobre a existência ou não de uma vocação local para este tipo de atividade. Uma vez que variados Municípios Nordestinos, continuam com a atividade agrícola. Sabe-se que a inserção de novas rotinas de cultivo, interferem no modo de vida das pessoas.

De acordo com Moraes (2005): “Cada vez mais os lugares são qualificados pelas heranças em espaços construídos que possuem; no passado contudo as condições naturais prevaleciam na definição das “vocações” locais.” (MORAES, 2005 p.42). As particularizações dos espaços, definem a heterogeneidade dos mesmos. Sendo assim, é possível compreender que por uma questão das heranças de um modo de vida e pela tradição das práticas agrícolas desenvolvidas pelos agentes sociais, podem configurar como obstáculos difíceis de romper para consolidação de uma nova alternativa econômica para as comunidades.

Diante de tudo isso, é necessário políticas públicas favoráveis aos trabalhadores com implementação de maquinários, equipamentos de segurança, subsídios agrícolas, que poderiam despertar os agricultores locais ao exercício do cultivo e beneficiamento do sisal. Como uma alternativa de gerenciamento de renda e fixação dos agricultores em seu lugar de origem. Uma vez que as condições naturais das comunidades são apropriadas para o cultivo do sisal. E como afirma Moraes (2003), as condições naturais por si são condicionantes que favorecem a vocação locacional de um dado espaço.

É necessário encontrar caminhos que consolide os agricultores familiares, a experimentarem alternativas viáveis de cultivos agrícolas. Alternativas estas em favorecimento da oportunidade de trabalho na zona rural, no lugar de pertencimento destes trabalhadores. Como diz Almeida (2022):

²¹ Diálogos de campo com moradores das Comunidades Lagoa das flores e de Anagé. As falas dos entrevistados foram transcritas exatamente como relatado por eles, mantendo sua grafia original.

É pela cultura que estas populações fazem sua mediação com o mundo, constroem um modo de vida particular e se “enraízam” no território. Há, assim, uma herança cultural que permeia a relação com o território. (Almeida, 2022 p.234).

Por mais que ocorram inovações, serão os aspectos culturais a intensificar a conexão de unidade, pertencimento e resguardo das tradições de um povo. E como afirma Almeida (2022), o catingueiro é confirmativo com as potencialidades da caatinga, necessita primeiramente ser valorizado com projetos e intermediações que promovam a sua emancipação.

3.5 MAMONA, ILUMINANDO A CAATINGA

A mamona é uma outra atividade econômica introduzida e desenvolvida nas comunidades, mediante fomentos governamentais como relata, um morador de Anagé, o Sr. Blandson, segundo esse morador, a mamona era levada para ser comercializada em Vitória da Conquista:

Teve financiamento, teve era financiamento do governo, era via Banco do Brasil. A mamona também ela era plantada aqui e os caroços vendidos no lombo do jumento. Ai todo mundo já queria comprar. Ficava querendo atravessar outro para comprar. E nessa Usina em 1957, também ia ter uma para beneficiar o óleo de mamona. Chegaram até escrever: Administradora de óleo de mamonas. Mas depois não foi para a frente. Não chegou a instalar a usina. (Blandson -Anagé)²²

A produção da mesma, foi comercializada para a fabricação de óleos. Os caroços eram vendidos para comerciantes que percorriam as localidades ou mesmo quando os moradores fretavam um caminhão e traziam para Vitória da Conquista (cidade de maior referência econômica) para comercialização. A Couropel (Empresa de comercialização de Couros e produtos agrícolas), é citada como uma das empresas que comprava variados produtos para revenda, entre eles a mamona. Um importante centro de comercialização. Trazendo à tona algumas informações sobre a origem da mamona, temos:

²² idem 9- Diálogo de campo, realizado com morador da cidade de Anagé.

A mamoneira é xerófila e heliófila, provavelmente originária da Ásia, explorada comercialmente entre as latitudes 40°N e 40°S. No Brasil, sua introdução se deu durante a colonização portuguesa, por ocasião da vinda dos escravos africanos. A origem desta planta é muito discutida, já que existem relatos, em épocas bastante longínquas, de se cultivo na Ásia e na África. A diversificação de um grande número de variedades desta planta, encontradas tanto no continente africano, como no asiático, impossibilita qualquer tentativa de estabelecer uma procedência efetiva da mamona. (Brasil, 2011 p.01).

Menciona-se que a mesma foi introduzida como cultura no Brasil, no período colonial, com o objetivo de se extrair óleos dos seus caroços para serem utilizados como combustível para abastecer as lanternas das carroças, como também a serem utilizados nos eixos das rodas para lubrificação.

Nas entrevistas nas comunidades em estudo, foi evidenciado a ocorrência do plantio, secagem e venda dos caroços de mamona. Uma das entrevistadas de setenta e cinco anos relata que quando criança, na idade de dez anos, ela e os irmãos já ajudavam o pai neste processo de descarocar e “soprar” a mamona. Refere-se ao fato de quebrar os bagos secos, passar os caroços na peneira e assoprar para retirar as cascas, para em seguida ensacar.

São, portanto, informações que revelam o trabalho dos agricultores familiares, associados nessa atividade. Com a colaboração dos filhos, mesmo estes menores de idade, entre seis a sete anos, já ajudavam. Algo característico da relação de trabalho como mão de obra familiar, presente no cotidiano dessas comunidades, identificado como característica do modo de vida dos mesmos. Processo que se consagra na forma natural, desde que os filhos crescem nessa realidade e adquirem habilidades possíveis para o trabalho. Rememorar lembranças do passado de uma comunidade, atestam-nos o quanto:

A memória social é o elemento ativo que dá sentido às feições do lugar, dota a sociabilidade miúda do dia a dia de uma história mais densa e, enfim, manifesta a energia pulsante do senso comum. Constituindo camadas de variadas experiências e conhecimentos, tanto pessoais como coletivos, testados nas contingências e entremeados nas rotinas, compartilhados pelo discurso e pelas práticas adotadas, as quais são alvo de contínuos reexames, ruminações e emoções que suscitam novas reassociações e significados sobre o mundo e o sujeito no mundo, a memória social vincula assim o visível e o invisível da vida cotidiana de um lugar. (Scopinho, Valenzio, Lourenço, 2015 p.135).

Segundo esses autores, memórias guardadas, quando lembradas, revelam aos receptores uma riqueza simbólica de representações, respeito, parceria e responsabilidade, experimentados na vivência rural. As narrativas elucidadas, por aqueles que vivenciaram a rotina de vida em família, traz à tona recordações afetivas que exemplificam o cotidiano na comunidade rural, envolta aos afazeres do trabalho e na realização das suas práticas agrícolas, neste caso a mamona. No entanto, não ocorreu a continuidade desta cultura agrícola nas comunidades, configuram hoje como lembranças de um passado não muito distante. O cultivo da mamona era também utilizado pelos moradores como combustível energético, segundo Dona Nhánhá

Disparoçava o algodão, misturava no mei, pisada junto na mamona, enrolava e fazia o javú, fazia feito um pavi, traçadinha e agora botava fogo e ficava um fogão bonito e depois ninguém quis mais mamona não, foi passou pra candeia do querosene e depois pra luiz. (Nhánhá, 85 anos). Araras- Caraíbas

A criatividade na utilização dos recursos naturais, como fonte energética, é evidente entre as narrativas encontradas durante a entrevista. A citação mencionada é de uma senhora, de 85 anos, moradora da comunidade Araras. Uma referência como esta, da utilização dos recursos naturais pela via do conhecimento do senso comum, são práticas tradicionais, herdadas dos antepassados em uma íntima relação com o meio natural em que viviam. Como afirma Serpa (2019): “[...] Uma Geografia dos espaços vividos deve ser capaz de resgatar a dialética entre o presente e o passado, entre o presente e o futuro, sendo a um só tempo retrospectiva e prospectiva. E com os “pés” fincados no presente” (Serpa, 2019, p.84).

A conceituação apresentada em Serpa (2019), reafirma a importância da compreensão do espaço de vivência dentro da intermediação da temporalidade, não perdendo a centralidade no presente. Nesta perspectiva, surge a necessidade de buscar historicamente entender as potencialidades naturais das áreas estudadas, perceber que culturas agrícolas cultivadas em variados estados do Brasil, também teve a sua representatividade em áreas rurais as mais distantes dos centros de comercialização. A mamona configura na atualidade como uma cultura que merece ser melhor explorada na sua potencialidade energética. A Figura 26, refere-se a mamona, que no seu processo produtivo, produz cachos de frutos, os quais

armazenam os caroços, dos quais são extraídos óleos. Como ressalta Freitas, a utilização dos óleos de mamona, são fontes energéticas:

A possibilidade de substituição dos derivados de petróleo por outras fontes de energia, incluindo o óleo da mamona, começou a ser pensada entre as décadas de 1970 e 1980, ganhando destaque e força a partir dos anos 2000, em meio a crescente preocupação com as questões ambientais. (Freitas, 2011, p.1).

Figura 26- Parte aérea da planta de Mamona com folhas e cachos.



Fonte: Ribeiro, 2022.

A mamona é uma alternativa de energia renovável, que no Semiárido Nordeste, tem uma boa adaptabilidade. No entanto, inexpressiva em muitas áreas. De acordo com Freitas (2011), tem potencial para ser explorada enquanto biodiesel, é necessário viabilidade de pesquisas, investimento tecnológico e políticas públicas de incentivo para alinhamento da expansão do cultivo, para garantia de emprego e renda para trabalhadores rurais. Iniciativas que podem ser consolidadas, através de Organizações não governamentais (ONG), Cooperativas e iniciativas particulares.

3.6 CASA DE FARINHA, ENTRE CONVIVÊNCIAS, REMEMORAÇÕES, BOLO DE PUBA E BEIJÚ

*“Eh mãe, Ave Maria! Já tô enjoada de bolo de puba” ...
hoje tenho saudade do bolo de puba... (Deve)*

“Zaú, não tem um caroço de farinha...”

Eu vou matar uma cabra, vender a pele e comprar a farinha...”

(Diálogo de Dona Bela e Sr. Zaú)

A produção da mandioca exerceu uma significativa importância, pois ela é matéria prima para produção de goma, puba, farinha, beiju, produtos estes, complementares da base de alimentação dos moradores de Anagé e Caraíbas. Em algumas das casas dos povoados, existiam casas de farinha, os que não disponibilizavam deste recurso, juntavam-se na casa dos vizinhos para a produção coletiva da farinha e seus derivados. Constituíam-se como um lugar da produção artesanal de variados produtos e também um lugar de convivência, de confraternização, onde os “causos” e brincadeiras aconteciam. Ao que confirmamos através de uma das narrativas, do morador Iris de Josa:

“E eu sou um dos que manhecia o dia antigamente, no rodo fazeno farinha. Eu fiz farinha muito na minha vida. É no rodo, essas casa de farinha aqui de finado Belo Alves pra cá, finado Zé farinha boa, ti Quelé, ali a casa de farinha de ti Quelé, do finado Zé Lino, esse povo tudo. E a casa de farinha que essa semana eu passei lá de Antonio Ervinio, moço, tá no mei do mato, quase eu num conhecia. Mais eu já trabalhei muito, lá ni seu Adonias no Espriado eu amanhecia o dia lá, no oto dia eu tava igual um pumbim de pó de farinha de goma e Medim era atentado, só faltava me matar moça... ê trem desgramado. Era uma alegria. Ah....eu maincia o dia cantano moda sertaneja é heheheh. Eu cantava muita música era de Donizete, Galopeira, essas moda assim antigamente né? Estrada da vida. Batendo uma resenha, conversando de namorada, e num sei o que, fulana fia de fulano é bonita e é desse jeito heheheh...” (Iris - Bonfim).

As constatações empíricas, demonstraram que a produção coletiva da farinha, tinha muita importância, considerada como essencial na vida dos moradores locais. O seu beneficiamento era realizado em meio à momentos de descontração e convivência entre as pessoas. Na próxima entrevista, é narrada a busca por este alimento, quando em escassez na localidade, segundo consta, esta narrativa é equivalente à década de 1960 a 1970. Segue uma narrativa:

Quando tava assistino madrinha, o finado Herculano e Zaú contavam...
Herculano contava um causo que ele via lá da mata aqui com uma quarta de farinha no ombro, dormia nas casas ai...
Finado Zaú contou que disse que Bela uma vez, falou:
Zaú não tem um caroço de farinha. Que o forte naquele tempo era farinha.
Eu vou matar uma cabra, vender a pele e comprar a farinha.

Pele naquele tempo era espichada. Era nas vara. Ele espichou a pele, levou para vender para Deraldo, do outro lado do rio. Dá quase cinco quilômetros daqui lá ne Deraldo. As estrada ruim.

Lá ne Deraldo, é Zaú eu não tenho nem dinheiro, nem farinha. Só Joaquim maduro. Joaquim maduro tá lá perto de Santa. Ele foi beirano o rio. As estrada beirano o rio, mas ruim do que os lugar assentado. Chegano lá, Joaquim Maduro falou a mesma coisa, num tem nem a farinha e nem o dinheiro. Só Altino, Antonio de Altino. Chegou lá, oh Zaú eu tenho o dinheiro, mas não tenho a farinha.

Farinha aqui quem deve ter é Som. Ele vendeu a pele. E foi nos carreiros até Anagé. Chegou em Som, Som disse assim, é Zaú, só tem aqui parece (que naquele tempo) só dois litos de farinha. Botô debaixo do braço numa capanga. De Anagé chegô aqui, nessa faixa de duas horas da tarde. Os meninos já tinha bebido, a carne bebida, porque não tinha farinha. (Daguinha-morador da Lagoa das Flores).

Essa história ilustra a dificuldade em busca de um alimento, a farinha, constituída como alimento importante para estas pessoas. Aparece neste relato, uma expressão popular, bode bebido, é ocorrente na localidade, em decorrência da escassez de farinha, levando os mesmos a se alimentarem basicamente com a carne de bode. Mesmo que outros alimentos, como o feijão e o arroz, estivessem presentes nas refeições deste povo, na ausência da farinha, era como uma refeição incompleta, faltava a consistência que a mandioca repassa à refeição, fazendo entender que a busca pelo produto acontece por uma questão de necessidades nutricionais, mas também pelos aspectos culturais. A carne de bode é mais saborosa, torna-se melhor para comer com farinha. Nesse sentido, Almeida (2017, p.3) citando o antropólogo francês Lévi-Strauss (1964/2004) diz que: “Se bom para pensar, então, bom para comer”.

A experiência rememorada por um dos entrevistados, na busca da farinha, traz à tona outra consideração de Almeida (2017), ao endossar Da Matta (2000), quando o mesmo, segundo o seu entendimento, diferencia alimento de comida e assim informa:

Da Matta (2000), conceitua alimento como “tudo aquilo que é ingerido para manter uma pessoa viva”. Todavia, entre o alimento e a comida, o valorizado pelo homem, e tem as razões culturais, é a comida, pois ela “é tudo que se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade” (Almeida, 2017, p.6).

Em acordo com este aporte teórico, as proposições em torno do consumo da mandioca, ganham uma nova conotação. Pois segundo as narrativas, tanto em relação ao beneficiamento, quanto ao consumo, a mandioca é percebida enquanto

uma comida, seguindo o proposto por Da Matta (2000). Uma vez que, são notórias as relações sociais, familiares e afetivas diante da elaboração das comidas e quanto a sua produção.

Seguindo os indicativos das entrevistas, esse período correspondente as décadas de 1970 e 1980, foram períodos de maior produtividade da mandioca, como narra Iris:

Eu num conto as vez que na casa de farinha de ti Quelé ali, ti Lerin mandava eu pra Joaquim de Zaza na Tábua. Sabe quantos guede que eu ia? dezesseis Guede cum as bruaca pa puder incher e eu vinha tocano esse guede até chegar na casa de farinha. Quando tinha pouco guede era oito, dez, tudo de bruaca chei de mandioca, meu Deus do Céu. Rapadeira de farinha tinha pa mais de num sei quantas, tinha umas de dez a doze. Rapava mandioca quer dizer, rapadeira de mandioca e outos ali na mandioca relando a mandioca, outros na prensa, e otos já, era quatro ou cinco fornos assim encarrilhado. E eu era assim era trabaiando era rancando mandioca na roça, naquele tempo o povo plantava muita roça de mandioca, era bom, era muita roça. (Iris de Joza, 2023; Bonfim).

Na ocorrência da colheita da mandioca, o produto era processado nas casas de farinha, beneficiado através de instrumentos rústicos de trabalho. De acordo com o enunciado, a produção era considerável, necessitando de oitos jegues ou jumentos para o transporte da matéria prima. Na narração, aparece a denominação local do jegue, chamado por eles popularmente de *guede*. É percebido que nas casas de farinha, a realização do trabalho é coletivo, envolvendo divisão de tarefas. Contando com o trabalho das mulheres, homens e crianças. E neste movimento de produção, cada morador realizava a sua parte, fazendo as reservas para se alimentarem durante os meses seguintes, enfatizando como um trabalho dentro dos modos de vida destes indivíduos. A Figura 27, apresenta uma antiga casa de farinha abandonada, localizada no povoado de Caraíbas. Uma casa que produziu muito farinha e aglomerou a presença de muitos agricultores familiares. Percebe-se que a casa é de grande dimensão.

Figura 27- Antiga casa de Farinha desativada.



Fonte: Iris de Josa (2023)

A parte dos fundos da casa, é apresentada através da Figura 28, de farinha em Fazenda Poço de Lama, no município de Caraíbas. É perceptível os sinais de abandono da mesma. Já foi um local de movimentação de trabalhadores e hoje está abandonada,

Figura 28- Casa de farinha em ruínas



Fonte: Iris de Josa, 2023.

Uma das entrevistadas recordou-se de alguns episódios de sua infância, das comidas mais produzidas na época, bem como os subprodutos da mandioca por meio de algumas narrativas: “aquele bolo de puba, mãe fazia todo dia. Já amanhecia enjoada... eh mãe, Ave Maria! Já tô enjoada de bolo de puba, era um faturão... Hoje eu tenho saudade do bolo de puba” (Deve - Lagoa das Flores, 2023). Confirma-se na narração informações e memórias afetivas inseridas no cotidiano dos moradores, o que hoje é considerado significativo por conta de uma experiência gustativa de uma comida.

E como afirma Almeida (2017): “Pela análise da cultura do comer, busca-se a compreensão da sociedade e, resumidamente, dos modos de vida.” (Almeida, 2017, p.2). Por certo que nestes povoados, o plantio da mandioca é uma tradição, a sua produtividade foi se alterando ao longo do tempo em razão das condições naturais e ambientais, conforme revelaram nas entrevistas. É uma área de semiárido, constituída como Caatinga, o clima é quente e seco, havendo assim períodos intensos de escassez de chuvas. Tais aspectos propiciou uma desmotivação dos moradores para o plantio e conseqüentemente a ocorrência da desativação da maior parte das Casas de farinha. Na contemporaneidade existe uma facilidade de encontrar estes alimentos industrializados vendidos em supermercados. A facilidade dos transportes, intensificou o acesso aos mercados. São estas algumas das justificativas apresentadas durante a pesquisa, como a modificação produtiva da mandioca no recorte espacial estudado. De acordo com Cavalcanti (2012):

Nas regiões mais secas do semiárido (sertões), o escasso único e irregular período chuvoso não permite a oferta de matéria-prima de qualidade e por longo período para permitir um baixo custo operacional de indústrias modernas. (Cavalcanti, 2012, p.2).

Esse autor reforça as justificativas apresentadas pelos moradores, acrescenta a informação sobre a incapacidade de produção em maior escala, por esses agricultores nos moldes modernos industriais. Cavalcanti (2012), destaca que a comercialização da farinha, tem se fortalecido com os produtos vindos dos estados, como São Paulo e Paraná. O que para o mesmo é lamentável, uma vez que o plantio de manivas-sementes de maior qualidade favoreceria a produção no Nordeste, o que poderia ser realizado através de programas governamentais.

Retomando-se para os hábitos culturais sobre o consumo de um dos derivados da mandioca, a farinha, principalmente na culinária nordestina, temos que: “A identidade, o sabor e o saber fazer qualificam a culinária como patrimônio imaterial de uma cultura, é a manifestação da memória e da história numa atividade tida como corriqueira, mas que é de fácil percepção e entendimento como parte do passado.” (Giustina; Selau, 2009, p.45).

Os alimentos ou comidas, como assim forem identificados, fazem parte da manifestação cultural, que ao longo dos anos podem sofrer modificações em favorecimento da incorporação de novos hábitos. A farinha resiste ao tempo, continua presente especialmente na mesa dos nordestinos. A farofa é um dos pratos mais tradicionais, variando entre a forma tradicional dos modos de fazer até às inovações da culinária moderna. Durante as entrevistas, alguns relatos evidenciaram esta base alimentar e a sua utilização, tais como: a farofa com carne seca(uma merenda do trabalhador rural durante a lida nas roças), o escaldado de leite de cabra com farinha, servido para crianças, o desejo de uma gestante para comer uma farofa de ovos segundo o tradicional modo de fazer realizado pelo seu esposo e o denominado mexido, considerado como uma comida da tradição entre os moradores, consistindo em uma mistura da farinha com sobras da refeição do almoço, prato este servido como jantar. E assim segue uma narrativa de comidas típicas, narradas por Gilda- Lagoa das Flores

E aquele mexido que mãe fazia? Pegava de noite, colocava, misturava o arroz, feijão, fritava um, dois ou três ovos, misturava ali para quantos comer? (risos).

Mãe fazia os pratinhos de escaldado e botava na mesa. E na hora agente ia comer, já tava frio. A gente ficava tentando virar o escaldado e quando conseguia...era iu..iu.iu, eu consegui. Para comer a parte de baixo para cima (Gilda – Lagoa das Flores).

Alinhados as narrativas, uma referência de Giustina e Selau (2009), nos diz que:

Um alimento pode evocar a memória e despertar lembranças de um momento outrora vivido. Este conhecimento, se não registrado, pode se perder, com isso gerações futuras não terão oportunidade de conhecer este passado. É importante a preservação deste saber fazer, a manutenção e transmissão continuada do conhecimento adquirido pelos povos, pois assim fortalece a identidade, a cultura e as práticas de seu patrimônio cultural material e imaterial (GIUSTINA; SELAU, 2009, p.46).

As formas tradicionais do comer revelam tradições, modos de fazer, aspectos culturais e modos de vida das pessoas. Relembrar histórias é uma alternativa de preservar a cultura material e imaterial contida nas tradições de um povo, diante de uma história ininterrupta. Valorizar as receitas e tradições é um fortalecimento identitário, presente na memória e história de vida dos moradores, reforçando os vínculos com a comunidade. A mandioca é apresentada como alimento e comida, seguindo a variação das referências teóricas utilizadas. Não havendo uma exaltação de um termo ao outro, naturalmente aparecem segundo as concepções dos autores referenciados.

As figuras são referentes ao processo produtivo da farinha. A Casa de Farinha está abandonada, não foram encontrados alguns utensílios e maquinários necessários para a produção. As fotos foram realizadas na área da fazenda Poço de Lama, na proximidade das Araras, em Caraíbas, na antiga casa de farinha de Sr. Antônio.

A figura 29 demonstra o equipamento utilizado para encaixar as divisórias para pressionar os sacos da massa. Suporte para encaixe de divisórias da prensa de massa de mandioca. Fazenda Poço de Lama – Caraíbas, BA.

Figura 29- Suporte de encaixe das divisórias da prensa



Fonte: Iris de Josa (2023)

A Figura 30 é um compartimento usado para adicionar a mandioca já raspada, pronta para a moagem.

Figura 30- O compartimento



Fonte: Iris de Josa (2023)

A Figura 31 apresenta o forno, onde era adicionada a massa da farinha depois de prensada. Este forno era aquecido com lenha. A farinha era espalhada por um bom tempo com o auxílio de um rodo, que também aparece na imagem. Depois de bem aquecida e seca, a farinha era ensacada. O forno era utilizado para confeccionar os beijús, havendo uma moldagem na farinha em forma de bolinhos para depois serem assados.

Figura 31- O forno



Fonte: Iris de Josa (2023)

3.7 FEIJÃO DE CORDA... O CATADOR, ESTEIRAS DE PALHA E CORDAS DE CROÁ

A diversificação da produção agrícola, consistia como base de alimentação para as famílias, exemplificado com a produção do feijão de corda ou catador, milho, mandioca, arroz e outros. O feijão supracitado, teve uma considerável comercialização nos municípios estudados. Os agricultores que tinham uma produção excedente, vendiam para comerciantes, os quais intermediavam o escoamento do produto para outros estados do Nordeste, em destaque para o Ceará. Como nos informa um narrador, Sr. Gercy: “Comprava o feijão na folha”, uma expressão local, para identificar que a busca do feijão era tão expressiva, que existia a encomendação e compra do produto, antes mesmo de produzirem os grãos. Os intermediadores da venda do feijão concorriam para comprar dos agricultores, fazendo a compra antecipada. É informado que caminhões vindos do Ceará buscava o produto nos locais de produção. Algumas considerações sobre este tipo de feijão, são assim apresentadas pelos autores:

O feijão-de-corda, também conhecido como feijão-caupi ou feijão-macáassar, é uma leguminosa comestível dotada de alto conteúdo protéico, boa capacidade de fixar nitrogênio, sendo ainda pouco exigente em fertilidade do solo. Tendo como habitat as regiões de clima quente (úmida ou semi-árida), é cultivado, predominantemente, nas regiões Norte e Nordeste do Brasil (Araújo & Watt, 1988; Mousinho, 2005).

A Figura 32 apresenta o feijão de corda ou catador. O mesmo possui uma identificação marcante em seus grãos, uma marca branca, circundada na coloração preta do grão.

Figura 32-Feijão de corda, o catador.



Fonte: Antonio Carlos Pereira Goés, 2020.

Este tipo de feijão, é algo bem característico da base alimentar do sertanejo catingueiro em estudo, podendo acrescentar farinha, dando a consistência de farofa. É mencionado, segundo autores, por possuir alto teor proteico. Uma das entrevistadas Dalva, assim informa: “mãe ganhava nenén, pai comprava um quilo de feijão de arranca para mãe passar o resguardo. Naquele tempo aqui era só feijão catador.” Considerado um feijão forte, de sabor mais marcante, não era recomendado para o consumo no pós parto.

A criação dos animais, como: bovinos, caprinos, porcos e galinhas, estão igualmente inseridos neste contexto, produzindo a carne, o leite, o toucinho, ovos e outros. Alimentos básicos da alimentação da população originárias das comunidades. Compreende-se que além das atividades agropecuárias, outras alternativas de trabalho eram realizadas, para favorecer a sobrevivência das famílias. Entre elas, destaca-se a confecção de esteiras (tapetes) de palha de coqueiro, atividade artesanal, realizadas nas localidades rurais e as cordas de croá, produzidas pela fibra da planta de mesmo nome. As mulheres percorriam longas distâncias com as esteiras, feitas de palhas secas de coqueiro, para serem vendidas no comércio de Anagé. Com base em Sousa (2014):

A fibra do Caroá é uma fibra natural, isto é, são retiradas prontas da natureza, neste caso das folhas do Caroá (*Neoglaziovia variegata*), uma planta terrestre caracterizada pelas poucas folhas lineares e acuminadas. O Caroá é também conhecido pelos nomes populares de carauá, caruá, caroá-verdadeiro, coroá, corroatá, crauá, croá e gravatá.

Suas fibras hoje em dia são usadas basicamente só para artesanato, mas já foram utilizadas para cordas, barbantes, linhas de pesca... até ser substituída pela fibra de Sisal, e mais pra frente pelas fibras não-naturais. Graças a sua beleza, o Caroá é uma planta apreciada para decorações de ambientes, porém nessa modalidade ele requer cuidados especiais (Sousa, 2014, p. 01).

As cordas do croá, e as esteiras demandava em deslocamento para serem comercializadas. A narrativa de Daguinha, ilustra o processo destes dois tipos de comércios:

Na minha idade eu peguei umas beirada de sofrimento. Eu lembro que Marcianinha, ali na Lagoa Brava, tirava aqueles croá, fazia fardo e fardo de corda. Enrolava, botava quatro rolos de corda daquele num jumentinho e levava para Anagé, outra hora ia por lá em Conquista, vender aquelas corda pra trazer a feira. Então naquela época, não tinha aquela fábrica de corda, nem nada. Aquelas corda, era vendável. Daguinha- Lagoa das Flores-Caraíbas.

Esteira, até um dia desses as muié ainda fazia. Mera de Gulino, mais as fia fazia um rolo de estêra. Passava na casa de Padrin, tomava um cafezin, ia dormi em Anagé e ia vender em Anagé para fazer a feira, no outro dia trazer na cabeça. Daguinha- Lagoa das Flores-Caraíbas.

Apresenta-se a planta na Figura 33, denominada Cróa em sua variação pode ser denominada como: carauá, caruá, caroá-verdadeiro, coroá, coroatá, crouá, croá e gravatá. Em cor acinzentada, a planta aparece com folhas, com característica de cactos. Tendo em destaque uma flor de coloração rosa.

Figura 33 - Flor de Crauá, Croá



Fonte: Wikipedia (2021) Arquivo: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB16612>

Outros moradores vendiam umbus, melancias e pinhas em período de safra em Anagé e Vitória da Conquista. Ovos e galinhas, faziam parte dos produtos

comercializados, ora transportados em burros, acondicionada nas bruacas de couro (malas de couro), ou em caminhões.

[...] o estudo das comunidades rurais exige considerar as relações que interligam as famílias (unidade de produção, consumo e convívio) e os valores contidos nessa relação. A compreensão da reprodução de seu modo de vida é buscada através das relações de parentescos, da multifuncionalidade de tarefas, das formas de cooperação e de solidariedade entre parentes e vizinhos e demais particularidades inerentes à própria construção do espaço social. (Mendes, 2008, p.137-138).

Diante de uma grandeza das atividades realizadas pelas famílias rurais estudadas, é notória a afirmação dos vínculos de afinidade e amizade. As tradições no modo de vida, é advindo de uma trajetória tradicional de família, existindo pois uma inquietação presente na tentativa de compreender sobre as permanências e transformações ocorridas no espaço delimitado para o estudo.

Constata-se de acordo com os entrevistados, que as atividades mencionadas, como: cultivo do algodão, da mamona, do sisal, da mandioca, do arroz, dos curtumes, do artesanato na confecção de esteiras e cordas de croá, foram ao longo do tempo diminuídas, algumas destas como o plantio da mandioca e os curtumes ainda são existentes. Justifica-se que as atividades por serem muito trabalhosas e por não disporem de uma produção equivalente ao que se produzia na década de 1950, seja pela presença de pragas, como exemplo (a que acometeu o algodão), não causa interesse para as novas gerações. Muitos jovens saíram das localidades e foram trabalhar em São Paulo e no Rio de Janeiro, o que trouxe uma baixa na mão de obra produtiva. Somado a estas questões, alguns moradores venderam as suas terras e os idealizadores de todas estas atividades aposentaram e outros faleceram.

A introdução comercial dos diversos produtos alimentícios, facilitou aos moradores a aquisição dos produtos básicos da alimentação, dispensando os mesmos do trabalho de plantio. Segundo os entrevistados, as novas gerações que residem nas localidades rurais, não dispõem de habilidade para trabalhos considerados árduos. As famílias pesquisadas, algumas delas atualmente trabalham com criação de porcos, para engorda e venda. Outros criam pequenos rebanhos de cabras e bovinos para aquisição da carne e leite, por vezes comercializam, realizam plantios de feijão e milho, para uso familiar e criam galinhas.

Os jovens entrevistados, foram apresentadas as seguintes informações sobre as alternativas de trabalho dos mesmos: as meninas quando mais jovens auxiliam moradores mais antigos nos afazeres domésticos ou mesmo trabalham em comércios na cidade mais próxima, em Anagé. Outros são professores das escolas rurais e ainda tem os jovens que trabalham com transporte de passageiros, assim como os que trabalham com pequenas criações de rebanhos, a exemplo: a criação de porcos. De acordo aos entrevistados, a facilidade da compra dos produtos comestíveis, aquisição de bens de consumo e outras alternativas de trabalho, favoreceu a diminuição da produção do que antes se produzia na zona rural.

Um indicativo da busca de permanência na área rural é verificado através dos intentos de atividades historicamente praticadas, haja vista a diversidade enunciada no texto. As gerações que escolheram permanecer, continuam inovando ou mesmo reproduzindo algumas práticas dos antepassados. No entanto, a busca de assalariamento sempre esteve presente entre variadas gerações e décadas. E para tanto é perceptível o número expressivo dos que saíram em busca de trabalho em direção à região sudeste. Como no passado, existem os que insistem e permanecem em seu lugar de origem.

4. ANAGÉ E CARAÍBAS: NO INTERIOR DOS LUGARES E PAISAGENS, CAMINHOS DE TROPEIROS E ESTRADAS CAATINGUEIRAS

No reconhecimento da importância da abertura dos caminhos e estradas caatingueiras, verifica-se que os espaços em estudo, ao longo do tempo ganharam reconhecimento e notoriedade, dado ao trabalho realizado pelos tropeiros e diversos viajantes que tiveram a possibilidade de realizarem atividades comerciais nas localidades.

Um itinerário de muitas histórias, que contou com o envolvimento de tropeiros, que em suas relações de trabalho, conduziram tropas, realizando comércios de rebanhos e mercadorias. Por vias de necessidade, para uma maior integração entre os espaços, os moradores rurais, serão convocados por representantes públicos, para prestarem serviços na abertura das estradas, o que realizaram, utilizando para isso instrumentos simples de trabalho, como: enxadas, picaretas e pariolas, sendo assim, serão os responsáveis pelas denominadas rodagens, estradas rústicas de chão. Favorecendo assim a possibilidade de trânsito, como também o suprimento dos bens necessários para abastecimento dos mercados das Vilas de Anagé e Caraíbas.

No decorrer do desenvolvimento das atividades agrícolas, houve-se a necessidade de escoar as mercadorias, intensificar o comércio e proporcionar à estas localidades, a inserção em uma dinâmica econômica, que já era realidade em muitos outros municípios nordestinos. Sendo assim, existirá a necessidade da abertura das estradas, proporcionando a consolidação de uma nova formulação comercial, em sua maior parte pela necessidade de escoar os produtos agrícolas produzidos, como também o acesso para muitas outras regiões, a exemplo da Chapada Diamantina, que tem hoje na BA-142, uma via de significativa convergência.

4.1 AS RODAGENS AVERMELHADAS E EMPOEIRADAS DA CAATINGA, ROTA DE TROPEIROS, ROMEIROS, MIGRANTES E COMERCIANTES

*“Vai levantando poeira, poeira vermelha
Poeira, poeira do meu sertão...”
**Pena Branca e Chavantino*

A abertura das rodagens, as conhecidas “estradas de chão batido” de Anagé e Caraíbas, favoreceram a viabilização do transporte de mercadorias e de pessoas para abastecer os povoados rurais e as sedes dos Municípios, como também para intensificar o escoamento da produção agrícola e pecuária produzidos na área rural. Ressalta-se que o transporte de mercadorias, antes realizados nos carreiros através dos burros e mulas, conduzidos pelas comitivas de tropeiros, formados por homens que conduziam grupos de burros, carregados de mercadorias, serão posteriormente realizados pelos caminhões que iniciam o percurso nas rústicas estradas, para abastecerem-se de mercadorias produzidas nestas terras, como: sisal, mamona, algodão, couros, umbus, melancia, pinhas, feijão catador/corda e outros.

Data-se na década de 1950, a criação de algumas estradas que interligam localidades à Anagé, Caraíbas, Sussuarana, Chapada Diamantina e outras áreas. Foram construídas pelos moradores, sem utilização de máquinas, apenas com instrumentos rústicos de trabalho como: enxadas, picaretas e carriolas/ pariolas (compreendidos como utensílios confeccionados com couros de boi ou traçados de fibras vegetais, afixados em suportes de madeira), utilizados para transporte do cascalho. Compreende-se que as construções, fizeram parte dos programas estaduais, intituladas como: frentes produtivas de trabalho.

Uma das significativas rodagens foi construída pelos moradores rurais, liderados pelo também morador Antônio Daniel de Lima, que trabalhou e organizou o serviço com os trabalhadores, abrindo a estrada de dezoito léguas, interligando localidades de Anagé e Caraíbas à Sussuarana, contribuindo com a construção da estrada de povoados rurais à Anagé. Ao que consta de acordo com a narrativa: “empreitou com ele e ele repassou uma parte para o finado Zé Bem te vi” (Cocó- Lagoa das Flores). A esposa de Totonho Daniel: Ana de Sousa Lima, participava efetivamente do trabalho, portanto viajava o percurso da estrada em construção, para preparar as refeições para os trabalhadores, o que é compreendido como uma significativa conotação social, sobressaindo o trabalho das mulheres como de fundamental importância, no processo da construção das estradas.

A Figura 34, demonstra um trecho da antiga estrada, construída pelos moradores locais, situada nas imediações do quilômetro 13, da BA 142, que proporciona o acesso de interligação de Anagé e Caraíbas à Sussuarana a. Na contemporaneidade existe uma estrada asfaltada paralela a esta. A fotografia foi realizada no mês de janeiro, período chuvoso, o que pode ser percebido pelo verde aparente da vegetação.

Figura 34- Estrada vermelha do sertão catingueiro



Fonte: Ivana Lima e Silva- Trabalho de campo (2023)

Um dos casais mais antigos da localidade da Lagoa das Flores, é demonstrado na Figura 35, são eles: Totonho Daniel de Lima e Ana de Sousa Lima. Fizeram parte inicial do povoamento da localidade. São representados através de uma fotografia, tradicionalmente conhecida como retrato pintado. Deixaram a marca da sua descendência na localidade. sendo também trabalhadores responsáveis pela abertura das estradas.

Figura 35- Retrato pintado do casal, Totonho Daniel e Ana de Sousa Lima



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo (2017)

A fotografia do casal, é proveniente de uma técnica de produção de fotografias em pintura, tendo como base uma fotografia original. Os fotógrafos, responsáveis pela reprodução das fotografias, eram itinerantes, percorriam à região e retornavam meses depois com as fotografias pintadas, uma representação artística. Com base na fotografia original, realizavam variadas alterações, acrescentavam roupas, jóias, retiravam imperfeições da pele, incluindo imagens de fundo até de países do exterior. A fotografia apresentada, foi artisticamente alterada, foram incluídas roupas diferentes e uniformização da pele, o casal eram muito brancos e na composição da imagem, a tonalidade de pele dos mesmos não correspondem a realidade.

É informado segundo um morador, que existe em uma das casas da região, uma fotografia exposta na parede de uma das casas, que foi reproduzida com os casais trocados entre os moradores da região. Percebendo o episódio, achou engraçado e comentou com o proprietário da casa, este confirmou a troca das fotografias pelo fotógrafo, no entanto pela relação familiar entre os moradores, não consideraram motivos de problema, mantendo o quadro afixado à parede. Por serem muitas as fotografias obtidas para a reprodução, por vezes ocorriam equívocos como estes pelos fotógrafos. É uma arte esta forma de produção fotográfica, quase inexistente nos dias atuais.

Em continuidade com a temática central do presente texto, em uma retrospectiva para compreensão da organização espacial dos Municípios, serão utilizadas narrativas dos moradores, favorecendo a valorização da memória coletiva para desvendar os modos de vida destes agentes em suas relações trabalhistas, comerciais, familiares e sociais. Considerando que uma simples observação das paisagens culturais das localidades em estudo, não identifica os pormenores da trama de acontecimentos deste audacioso e difícil processo, consolidado na viabilização da interligação dos povoados e Municípios, através de estradas.

Como base na abordagem, apresenta-se: “Os objetivos fundamentais da análise da paisagem são descobrir a ordem dentro da multiplicidade, decompô-la e explicar com clareza o emaranhado de relações recíprocas que nela se dá” (Babek, Schmithiisen, 2004, p.83). Uma tarefa consistente que envolve observação apurada no decorrer do tempo e na identificação dos vínculos de “integração e coesão” existentes, como referendam os estudiosos.

Nas narrativas seguintes, serão elucidadas algumas informações, que permitem uma compreensão mais consistente de como a paisagem é modificada, proveniente da construção das estradas. Seguem narrativas de moradores que acompanharam a fase da construção das estradas essa fase:

As estradas vicinais é de pouco tempo. Viajei nelas precariamente, parava lá em seu avô Totonho Daniel e ai lá era local de pouso. Chegava sempre a noite e ali era estrada ruim mesmo. Travessava o rio de Contas, aquele sofrimento danado. (Blandson- Anagé).

A estrada aqui eu era menina, Padrin Totonho tirou da casa dele para Anagé. Depois quando eu cresci mais, ele tirou da casa dele até Sussuarana, eu lembro que ele mediu, que do passeio dele ni Sussuarana deu dezoito légua. Era medido assim as légua. Padrin pegou essa estrada para fazer, madrinha tadinha ia cozinhar para tantos homens, saia daqui, levava para Vaca Seca, cozinha na Vaca Seca, quando o serviço ficava longe mudava ia para o Pau Ferro, foi para Lagoa de Migueli. Madinha, cozinha para esses camaradas tudo. Quando Dinalva nasceu em abril de 1954, mãe tava de dieta de Dinalva. Morreu João Vieira, pai de Nel Vieira e pegou um invernao. Uma chuva, uma chuva. Padrin falava que quando eles ia pegar os pé de pau, os pé de Jurema para arrancar, que balançava assim e soltava. Ai não teve mais como trabalhar nas estradas. Ele chegou aqui essa lagoa dele tava cheia, derramando de água. Os mesmos camarada fez aquela tapajinha. Todo dia madrinha cozinha um bode para esses camarada, dava merenda, dava almoço e dava janta, lá naquela casa mesmo durmia e no outro dia ia pro serviço. Naquele tempo era tudo manual, enxada, enxadão, picareti, manual, nada de máquina, nem carrin de mão tinha. (Dalva- Lagoa das Flores). 23.04.1954

Onde tinha pendência, tirava as árvores, era tirado no próprio alavanca, cavava, puxava e ia cobrindo tudo. A pariola era traçada com casca de biricu. (Daguinha- Lagoa das Flores).

Percebe-se que as narrativas apresentam detalhes das dificuldades enfrentadas para o empreendimento das estradas, as datações dos períodos de ocorrência são configuradas com informações advindas de acontecimentos como mortes, nascimentos de pessoas, períodos de estiagem ou de chuvas, dificuldades vivenciadas, algo que revela o contexto social dos narradores, como um modo de registro das memórias. Em relação a menção sobre o inverno, explica-se que este período é referenciado segundo a narrativa ao período chuvoso. Segundo Nora:

A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória, não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. (Nora, 1993, p. 09).

Confirma-se a referência em Nora (1993), os atributos emocionais presentes nas narrativas das memórias encontradas na pesquisa, a incidência de sentimentos afetivos tanto individuais ou coletivos estiveram presentes. Uma vez que as memórias verbalizadas, reportam-se aos antepassados dos narradores; aos lugares de memória, termo criado por Pierre Nora, que indica os espaços significativos de vivência. Além de que, as narrativas são caracterizadas pela espontaneidade, eximindo-se da obediência a rigores sistemáticos e ordenamento de pensamentos, exigidos pela história.

Por questões de organização e necessidade, percebe-se a criatividade dos indivíduos ao se relacionarem com as condições naturais impostas ao seu ambiente. E assim em acordo ao que foi apresentado nas narrativas, os moradores em referência, intentaram e realizaram estradas. Deixaram um legado de contribuições e uma porta de entrada para vindouras transformações sociais nos Municípios de Anagé e Caraíbas. De acordo com Claval (2007):

O ambiente só tem existência social através da maneira como os grupos humanos o concebem, analisam e percebem suas

possibilidades, e através das técnicas que permitem explorá-lo: a mediação tecnológica é essencial nas relações dos grupos humanos com o mundo que os rodeia. (Claval, 2007, p. 219).

A referência em Claval (2007), destaca a técnica como salutar para a apropriação do ambiente, o que é evidente com a exemplificação anunciada sobre a abertura das estradas. Os recursos técnicos disponíveis foram simples, contando com o que era disponível e a habilidade inventiva; o que pode ser exemplificado com a construção de carriolas, gamelas e outros utensílios que auxiliaram os trabalhadores. É importante considerar que a capacidade de conhecimento do ambiente e a forma de utilizá-lo e transformá-lo, é uma condição social que reporta às tradições aprendidas com os antepassados.

Nas considerações de Santos (2020), é ressaltado que: “a verdade, porém, é que, para fins de nossa análise, mesmo os objetos naturais poderiam ser incluídos entre os objetos técnicos, se é considerado o critério do uso possível” (Santos, 2020, p.38) e assim enfatiza que o uso depende da disponibilidade “no território, no tempo e no espaço”, sendo, portanto, identificados com as suas diferenciações e multiplicidades.

Em seguida, avaliam-se os empreendimentos da construção das estradas, quanto ao recrutamento dos trabalhadores, aos custos com despesas e pagamentos. Uma vez que o envolvimento por muitos dias, impediam o trabalho efetivo nas lavouras e na criação dos animais. Tarefa esta que o agricultor, provedor da família, envolvido na construção das estradas, deixava os afazeres pessoais a cargo dos filhos mais velhos e da esposa. Diante das narrativas, foi identificado por um narrador, que presenciou quando criança, pagamentos de construção de barragens através de alimentos. Como diz Blandson:

Foi feita em uma época de muita seca as frentes produtivas de trabalho. Era o nome e todo mundo ia trabalhando ali, tinha umas sessenta pessoas naquela época de crise, fome danada no Sertão. E a terra, eles faziam a tapagem e socava com a mão de pilão. Não tinha trator, não tinha nada. Quanto o pagamento, era piranha dessalgada da Lapa, fubá, feijão, milho, era o pagamento. Esse tempo era a prefeitura de Conquista com Gerson Sales, prefeito entre; 1950 a 1954 e 1958 a 1962, que mandava. Meu pai era corelegionário dele e via este movimento lá em casa. Nunca via uma pessoa queixar. Quem mandava era a prefeitura de Conquista (Blandson- Anagé).

Na narrativa, sobressai informações quanto a Anagé, em período anterior a sua emancipação, nas décadas de 1950 a 1960, existindo uma dependência ao Município de Vitória da Conquista, pertencendo ao mesmo. Situação que ocorria com Caraíbas, sendo assim responsabilizado aos administradores públicos de Vitória da Conquista prestar assistência à Anagé e o Município de Tremedal assistir à Caraíbas. No depoimento, aparece a participação de Vitória da Conquista, no suprimento de recursos à construção de pequenas barragens e açudes em Anagé. Entende-se que os recursos advindos do Governo Federal, para o estado da Bahia, eram repassados para os Municípios e as suas comarcas, cabendo aos gestores municipais administrarem os recursos.

Na narrativa, é evidenciado que os trabalhadores rurais não reclamavam da forma de pagamento, talvez por questões comportamentais próprios do ambiente social e cultural em que estavam inseridos, ora por uma questão de conformismo em aceitar o pagamento neste formato, considerando que os recursos alimentícios distribuídos, configuravam como básicos para o modesto modo de vida deles. Nesta constatação, presume-se que os recursos públicos eram gerenciados, mediante a uma organização política consolidada na época, em que não prevalecia a participação e discussão coletiva das reais necessidades preeminentes dos indivíduos em questão.

Dentro de uma periodização histórica, torna-se necessário apontar sobre o contexto social e político do Brasil nessa época. Os programas e órgãos governamentais que subsidiaram as obras contra a seca no Nordeste, através das construções das estradas, açudes e barragens, apontadas anteriormente pelas narrações, fazem parte de planejamentos públicos, situados no contexto do combate à seca no Nordeste, como apontado por Lopes (2019), quando afirma que o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, o DNOCS:

O DNOCS tem sua origem na Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), criada a partir do Decreto nº 7.619, de 21 de outubro de 1909, que aprovou o “regulamento para organização dos serviços contra os efeitos das secas”. Dez anos depois, o órgão teve o nome alterado para Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), pelo Decreto nº 13.687, de 9 de julho de 1919. De acordo com o decreto, a IFOCS destinava-se a “construir obras e fomentar serviços que atenuem ou previnam os efeitos das secas no Ceará, Rio Grande do Norte, na Paraíba, no Piauí, em Pernambuco, Alagoas, Sergipe, na Bahia e no norte de Minas”. Dentre os serviços, figuravam a construção de estradas de rodagem, perfuração de poços, construção de açudes, fiscalização de obras, piscicultura, e estudos

meteorológicos, geológicos, hidrométricos e topográficos. (Lopes, 2019, p.66).

A abrangência destas ações foi disseminada nas áreas interioranas dos estados nordestinos, chegando em vários recantos como uma ação de um programa governamental, que apresenta as suas características de acordo as administrações locais. Deste modo, não havendo condições de fiscalização mais apurada, em decorrência da amplitude territorial. Os propósitos dos programas por muitas vezes são deformados e aplicados segundo a conveniência dos líderes políticos dos diversos municípios assistidos com os programas. Posteriormente no governo de Juscelino Kubitschek de 1956 a 1960, surge a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em 1959, que foi presidida pelo economista Paraibano Celso Furtado, sendo responsável pela idealização do Plano de metas do governo de Juscelino Kubitschek. A idealização da SUDENE foi pautada com o seguinte propósito:

Em 1959 surgiu a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), em resposta às demandas rurais por políticas agrárias que visassem não somente a combater os efeitos das secas, de caráter efêmero, mas que promovessem certo desenvolvimento econômico permanente no Nordeste (LEITE; AMORIM, 2020, p.199).

Programar ações resolutivas é pauta da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). Sendo assim, é uma tentativa de instaurar ações eficazes proporcionando benefícios duradouros para os nordestinos. Entretanto, muitas das proposições perderam-se no caminho. De acordo com Leite e Amorim (2020), em 1959, Juscelino Kubitschek, reuniu com Celso Furtado para averiguar sobre os problemas do Nordeste, elencados pelo grupo de estudos Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN), sendo assim responsabilizado para elaboração de um planejamento econômico para a região. Como órgão institucional a SUDENE, obteve autorização para pesquisar e apontar soluções, resultando neste processo, possíveis convênios com órgãos internacionais, a exemplo da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), que culminou em pesquisas e instalações de projetos de irrigação no Vale do São Francisco. Sendo assim, os convênios resultaram em investimentos econômicos no Brasil, como diz Leite e Amorim (2020).

Esses convênios significaram a entrada de grande quantidade de capital estrangeiro no Brasil, cuja finalidade voltou-se para o financiamento de projetos para o desenvolvimento da região, e conseqüente amenização dos efeitos perversos da seca. No entanto, trouxeram no seu bojo a ideologia do capital financeiro mundial, passando esta a embasar as concepções socioeconômicas, políticas e educacionais da região. O capital estrangeiro levou à criação e o fortalecimento de bancos estatais sediados no Nordeste com a participação da SUDENE no capital social. (Leite e Amorim, 2020, p.206).

Em acordo com esses autores, temos que a propulsão do projeto desencadeou em favorecimento do capital financeiro mundial, sendo o começo de uma estruturação que aos poucos vai favorecendo o surgimento de bancos estatais no Brasil, perdendo a essência inicial do órgão federal. A difusão dos projetos da SUDENE, foi freada com a instauração do golpe militar em 1964, que conforme informa Leite e Amorim (2020), resulta na perda de autonomia da SUDENE. Celso Furtado é destituído do cargo e substituído pelo General Expedito Sampaio, culminou em decisões, que elevaram os problemas econômicos causados pela seca no Nordeste. Como enfatiza Leite e Amorim (2020): “A SUDENE passou para o comando das oligarquias rurais do Nordeste e a compreensão destas, nos anos 1970/80, era de que não havia separação entre os seus interesses e os interesses públicos.” (LEITE e AMORIM, 2020, p.206).

O tema da seca no Nordeste tem repercussões históricas e abrangências de estudos significativos entre várias ciências. A literatura, a música, o cinema contribuíram com a popularização dessa temática. Os estudos científicos apontam o quanto é complexo o entendimento deste fenômeno para quem convive com a seca, o que se reporta, para as tentativas ao longo dos anos em viabilizar propostas que visem encontrar soluções eficientes para o convívio com o semiárido. As políticas públicas nesta perspectiva de resolução, ao longo de muitos anos de formalização de órgãos institucionais federais criados com o objetivo de investigar e apontar soluções eficazes, marcados por sucessos e insucessos.

As frentes produtivas de trabalho, como uma alternativa colaborativa aos sertanejos intermediaram a construção de barragens, açudes e estradas, no entanto, é marcada pelos desvios de verbas, má gestão dos recursos públicos, interesses de perpetuação no poder político e corrupções. São estes pontos negativos, que identificam a inoperância da gestão pública administrativa por tantos anos, não

favorecendo uma maior expressividade de políticas públicas para o Nordeste, sobretudo para o semiárido.

4.2 PELOS ESTREITOS CAMINHOS, TOCANDO O GADO

Ao tratar sobre o tropeirismo, serão abordadas duas vertentes, uma que diz respeito à criação, comércio e condução do gado pelos estreitos caminhos da zona rural catingueira, as tropas de rebanhos, e outra, sobre as tropas de mercadorias, realizadas pelas comitivas de tropeiros em lombos de burros e mulas. O reconhecimento das relações sociais e culturais advindas com as informações históricas adquiridas a partir da oralidade dos entrevistados, confirmam a importante contribuição que os pressupostos da Geografia Cultural permitem para fundamentar a temática.

O Tropeirismo é redimensionado para além de uma comercialização de gado e mercadorias, é um modo de vida de trabalhadores rurais, que detentores de uma vocação para o manejo com o gado ou por serem mais prósperos nesta atividade, criaram, compraram, venderam, conduziram rebanhos e comercializaram mercadorias. Entra em cena a figura do trabalhador rural, nas variações enquanto tropeiro e vaqueiro, que no Sertão catingueiro expressam-se com significativa identidade cultural. Na construção do texto, para fins de melhor estruturação, primeiramente será tratado sobre o tropeirismo de gado e posteriormente sobre o de mercadorias.

A atividade da comercialização do gado é marcada por longos períodos de viagem, sendo assim a comitiva de vaqueiros, experimentam o convívio coletivo, a camaradagem, como também os desafetos próprios de uma vivência coletiva, nem sempre coesa. Os percursos dos vaqueiros, foram marcados por expressividades culturais, seja nos tipos de comidas preparadas durante as viagens, histórias contadas durante os pernoites, nos remédios caseiros utilizados, nos percalços enfrentados, na construção de tendas para os pousos, nas vestimentas, na apropriação e reconhecimento dos espaços, como também na contribuição com a configuração das paisagens. Seguindo para as narrativas, um dos entrevistados aponta que mesmo não viajando em tropas, recebeu muitos tropeiros em sua residência, apresenta a forma despretensiosa do início da sua atividade como criador de gado, e assim relata:

Eu tinha minha rocinha, não tenho vergonha de falar, eu fui preguiçoso por lado da roça (risos), a minha mulher trabalhava mais que eu. É, minha mulher é trabalhadeira, mas eu comecei minha vida assim deixei essas rezinha, cheguei logo, já comprei umas vacas do meu cunhado Carlos.

Comprei uma vaca dele, e eu vendi uma vaca em troca de duas ovelhas. E fui começando minha vida assim, e passou uma coisa aqui, outra acolá e Deus me abençoou. E eu já tive um começo de vida. Pra encurtar a história, quando a minha esposa morreu, eu estava com uns duzentos gado, criado tudo na minha labuta. Eu só não gostava de negociar com mulher e menino. Pra não explorar (risos). (Messias Alves Silva 96 anos- Fazenda Tanque).

Ao que foi apresentado pela narração, a atividade da criação de gado, iniciou-se de forma muito simples e afirmou-se ao longo do tempo, tornando assim o comércio significativo para o entrevistado. Reportando ao que foi apurado nas entrevistas, identifica-se que as tropas de gado, dos povoados rurais de Anagé e Caraíbas, eram conduzidas por longas distâncias. O percurso realizado, equivale ao destino para várias localidades e Municípios, entre eles Jequié, com uma média de 240,1 km, havendo uma vaga informação sobre a condução do gado até Feira de Santana.

Os tropeiros percorriam as estradas e pernoitavam em algumas casas de comerciantes de gado, acomodando os animais em currais. De acordo com as entrevistas, foi revelado que o comércio de gado nos povoados, é lembrado desde o período de 1940, pois uma das entrevistadas, relatou sobre lembranças da infância, quando o pai Totonho Daniel conduzia tropas. Com emoção recordou da saída da comitiva com o gado: “Eita que pai dava um aboio bonito, ia saindo assim, a mula chegava dançar, às vezes mãe ia junto com pai, para cozinhar para os vaqueiros,” Hercília (Lagoa das Flores).

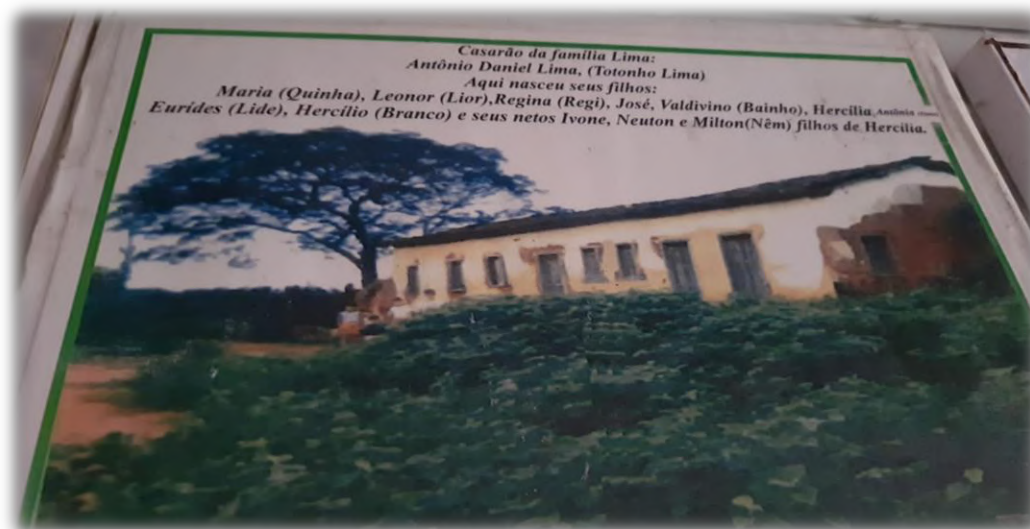
Em outra narrativa, encontra-se detalhes do comércio de gado, segundo informações o período em referência da comercialização narrada, é das décadas de 1960 e 1970. Como relata Messias

Isso, eu comecei a trabalhar com gado, tinha minha resinha. Arranjei um comprador de gado perto de Jequié, pra comprar gado aqui, ele vinha, e achou a informação e foi a maneira que eu mexia com gado e criava um gadozinho, comprava e vendia. De Jequié, o cara vinha comprar aqui. Ele levava na perna. Descia aqui pela beira do rio aqui, pelo lado de Jequié. E Aí ia aqui mesmo, toda a estrada de chão, até Jequié. Era estrada de chão. Um filho meu ia, o boiadeiro, viu o movimento do trabalho do menino, muito esperto e sabia trabalhar,

nas duas viagens levou ele lá até Jequié, foi Zé Lima, ele era novinho, tinha dezoito anos, por aí. É, eu acertava o gado pro homem, ele mandava comprar, me dava os título do gado, o quanto ele pagava, aí comprava o gado aqui, trocava, pela minha formação. Me pagava o tanto que podia e começamos assim. (Messias Alves Tanque-Bonfim).

Por uma capacidade de pensar, conceber primeiramente o mundo natural de forma imagética, os indivíduos conseguem idealizar, modificar e vivenciar os espaços em variadas formas. Resguardar um passado de significativa história, torna-se interessante para a contemporaneidade e posteridade, uma vez que este percurso realizado pelos antepassados favorece o reconhecimento de um itinerário da história de uma coletividade de pessoas que deixaram as suas marcas no ambiente natural. Ações audaciosas, que em acordo com Cosgrove (2014) é como “uma arte coletiva”. (COSGROVE, 2014, p.103). A Figura 36 é de uma casa, que existia na Lagoa das Flores, identificada como ponto de partida de tropas, como também de apoio para vaqueiros e viajantes cansados. Uma casa rústica e grande, as duas últimas portas ao lado direito da fotografia, funcionava uma venda, com comércio de fumo, cereais, bebidas e outras variedades.

Figura 36- Antiga casa de Totonho Daniel e Ana de Sousa Lima



Fonte: Ivana Lima e Silva- Trabalho de campo (2022).

A retrospectiva através de uma entrevista coletiva, revela espaços e atividades sobre o Tropeirismo, sendo mencionados e descritos com detalhes, confirmando informações sobre localizações e referências nos povoados com o comércio do gado,

a exemplo da Casa de Totonho Daniel, na Lagoa das Flores, sendo assim referenciada por alguns moradores:

Diálogo sobre as tropas:

De onde saia tropas e boiadas. Ele vendia e pegava aqueles fretes e o finado Taço e Jovelino tinha uma tropa e pai(Otaviano Ferreira), trabalhava junto com eles ali naquelas tropas. As tropas daquele tempo era as carretas de hoje (Daguinha -Lagoa das Flores).

Do lado dessa casa (casa de Totonho Daniel), ali em cima, tinha um curralão que ia como daqui naquele carro lá (aponta uma cerca de distância de quarenta metros). Padim Totonho, enchia aquele curralão de gado e no dia de levar o gado, ele matava um daqueles e secava aquela carne nos jirau, tinha os varal de secar a carne. E ele pegava Ti Lau para vigiar aquela carne de noite. Mas nós cumia carne assada, aquela carne era gostosa de sol e de sereno, ai encaixotava para o povo comer na estrada. (Dalva- Lagoa das Flores).

Pai disse que Padim Totonho comprava duzentas vacas e saia vendendo daqui para mata. Os vaqueiros era Nôra, Crido, Pai (Otaviano Ferreira), Antônio Cabaça... (Cocó_ Lagoa das Flores)

Disse que tinha uma pessoa que ia com um burro, com as coisas. Era os homens que cozinhavam. (Deve- Lagoa das Flores).

Era os burros de carga para fazer a comida. Tinha aquele arroz tropeiro. Ô arroz gostoso. Cozinhava aquele arroz com cortadinho de carne. Hoje a gente faz mais não fica gostoso.(Dalva-Lagoa das Flores).

Meu pai, uma vez foi o cozinheiro. Meu pai ainda foi para comprar uns prato de esmalte, até lá em casa era prato de esmalte. Daquele tempo ele comprou por oitenta mil réis. (João Antônio_ Lagoa das Flores).

Percebe-se que o Tropeirismo do gado, dessa região, era uma tarefa precedida de preparativos e divisão de funções imbuídas de características culturais. O que é nítido com informações sobre comidas tradicionais, utensílios utilizados, modos de fazer para conservação da carne, tipos de comidas. Configurações estas que são condutas comportamentais que podem ser entendidos em acordo com Cosgrove (2014), pela razão de que: “os seres humanos experenciam e transformam o mundo natural em um mundo humano, através de seu engajamento direto enquanto seres pensantes, com sua realidade sensorial e material.” (Cosgrove, 2014 p. 103). O modo de vida dos tropeiros provoca uma internalização de hábitos, formas de pensar que extrapolam o universo destes e por serem itinerantes, propagam como uma espécie de cultura, despertando interesses.

A ilustração a seguir é de um episódio, que por tanto rememorado entre os moradores locais do povoado da Lagoa das Flores, ganhou uma conotação de notoriedade entre os mesmos, trata-se da história do boizinho doido. E assim, segue a narrativa de Dalva e Daguinha da Lagoa das Flores, sobre a história do boizinho doido:

Mãe, contava que eu era menina pequena, disse que Padrinho Totonho, fez um curral de gado para levar. E os vaqueiros vem para transportar o gado. Levava a cavalo, tocando. E quando eles tá ali de noite, chegou um boizinho doido, naquele tempo endoidava criação. Disse que esse boi, descia berrano aqui, ia na casa de Juvêncio, rodava pela lagoa do Pajão, na merma hora tava aqui. Mãe vinha naquele alto comigo e pai com Detinha, acho que Davi caminharão. Ele passou por pai mais mãe assim, num parou correndo. Aí eles desconfiou que tava doido e berrano.

Cumê que mata? Cumê que mata? Diz que Valdemar Luz, subiu com uma espigarda num umbuzeiro que tem no fundo lá de casa. Umbuzeiro do pé alto, quando ele vai passano, Valdemar atirou, derrubou e matou. Eles colocaram fogo. Porque num podia deixar porque tava doido. E mãe disse que passou junto dela mais pai com eu mais Detinha, comigo e pai com Detinha.

(Dalva- Lagoa das Flores)

Pai dizia que fez camin, a rota que ele fez a noite todinha berrano, entrava por aqui e saia por cá. (Daguinha- Lagoa das Flores).

A divulgação da narrativa, foi apresentada para uma criança. Motivado pela história intitulada, "O boizinho doido", a criança, o B. M, estudante da escola Municipal Helita Silveira, elabora um mapa mental do episódio ocorrido, utilizando-se de símbolos e ícones, representado na Figura 37. A proposta simbólica desenvolvido pela criança, faz parte da representação do espaço vivido, utilizando-se a metodologia Kozel, que será amplamente apresentada na seção 06, capítulo 6.2 , com o título : A representação do espaço vivido no imaginário das crianças Anageenses e Caraíbenses.

Figura 37- O boizinho doido



Fonte: B. M - Araras 2023. Caraíbas- `Pesquisa de campo 2023

Com base na metodologia desenvolvida por Kozel (2007), a ilustração está impregnada de signos, merecedoras de uma leitura interpretativa. Em acordo a localização do episódio faz parte do mundo vivido da criança, ele representa a ocorrência com o boi, através de uma rota, identificada com símbolos em forma de traços.

A disposição dos elementos da imagem, seguem uma lógica organizacional, dando a entender o percurso realizado pelo boi, que inclui a aproximação das pessoas e o momento em que é baleado. A casa é imaginada e ilustrada, seguindo a informação histórica de como era a antiga casa do seu tataravô, incluindo na mesma muitas portas e janelas, dando uma dimensão de grandiosidade, as formas geométricas utilizadas são o triângulo, o quadrado e o retângulo. As árvores, são

simbolizadas como os umbuzeiros, retratados como arbustos de médio porte. A lagoa Pajão, apresenta-se na coloração azul, em simbologia a água.

Um detalhe interessante é que os animais estão confinados no curral, exceto um boi, neste caso, o boizinho doido, que segundo as narrativas foi acometido pela doença da raiva, sendo assim estava inquieto a realizar variados percursos. As crianças, junto aos pais, assim como o vaqueiro, autor do disparo contra o boizinho, são representados em desenhos alusivos à representações humanas. A simbologia do sangue aparece em evidência, em forma de gotas na coloração vermelha. A paisagem é composta por elementos naturais, identificados com árvores e a Pajão, quanto os elementos construídos são identificados como a casa e o curral.

A história oral relatada e ilustrada é digna de reconhecimento como patrimônio cultural imaterial dada a amplitude de inquirições que podem ser realizadas diante do acontecimento. De acordo com Kozel (2007), “a codificação dos signos que formam a imagem não é apenas uma representação individual, mas coletiva, na medida em que compartilha valores e significados com comunidades e redes de relações, referendando um signo social”. (KOZEL, 2007 p. 01). São apresentadas informações sobre o ambiente natural, a dramaticidade da doença da raiva que acometia os animais, uma vez que não eram vacinados. Uma referência teórica em Wagner e Mikesell (2014), ao ser despertado sobre informações de paisagens culturais do passado, questionamentos são próprios aos geógrafos, com a pergunta: “o que aconteceu aqui?” No entanto, ao utilizarmos o exemplo de uma narrativa histórica como a supracitada, é como referendar o que nos propõe os teóricos quando afirmam:

Uma resposta histórica recria o desfile de grandes eventos reconhecidos de pessoas ou uma característica geográfica. Nomeia os atores do drama geográfico na ordem em que apareceram, identifica seu status e suas relações e, às vezes, resume suas características. (WAGNER e MIKESELL, 2014, p.46).

Em conformidade com a afirmação, entende-se que pelo enredo narrativo, recria-se uma idealização do ocorrido, assim como curiosidades são despertadas sobre alguns temas, a exemplo sobre a doença da raiva que foi mencionada. Acrescenta-se às narrativas que até mesmo cachorros e raposas, eram vítimas da doença, os seres humanos poderiam ser contaminados, caso ocorresse o contato com animais infectados. A referência sobre as causas e sintomas da raiva, segundo George (1994), afirma que:

A raiva bovina é uma doença infectocontagiosa, que se caracteriza por sintomatologia nervosa. É uma infecção viral onde quase 100% dos casos são fatais, sendo transmitida por mordidas dos animais acometidos (RODOSTITS *et al.* 2000). Esse vírus pertence a família Rhabdoviridae e gênero Lyssavirus, seu material genético é o ácido ribonucleico (ARN), sendo ele altamente neurotrópico (George, 1994, p.01).

A raiva é uma doença muito temida, principalmente pelos moradores rurais. O declínio da doença é datado a partir de 1973, com o plano nacional de profilaxia como também de uma maior conscientização das pessoas sobre a importância da vacinação, incluindo os animais domésticos. Informa-se que os morcegos hematófagos são considerados os transmissores de maior relevância. Os sintomas nos bovinos são apresentados através de isolamento, tristeza, tremores musculares, paralisias, ranger de dentes e outros. Informações provenientes dos estudos realizados segundo Reis *et al.* (2003). Mesmo constatando-se que existam outras doenças da contemporaneidade que atingem o sistema nervoso dos bovinos, é comum a associação dos sintomas à raiva.

A incidência da doença era assustadora, levando os moradores em estudo, comentarem sobre o medo do contágio, ao que afirma: “naquele tempo, o povo tinha medo era de cachorro louco, hoje o povo tem medo é de ladrão, de andar de noite” (Deve-Lagoa das Flores). Situado no tempo e espaço, os indivíduos viviam de acordo com as suas condições, adaptando-se para solucionar os problemas. Na ausência das vacinas, remediava-se a situação com a administração de enxofre, que segundo um dos moradores, era misturado com sal mineral e administrado ao gado, para prevenir o contágio com a doença. Segundo Babbonia, Modoloa (2011) existem atributos históricos em referência à doença, sendo assim apresentados:

É na Escola de Alexandria, porém, que se devem as primeiras observações precisas da raiva humana, que a classificou desde logo a mais cruel de todas as doenças. Foi a partir desta época que essa doença começou a entrar no domínio das preocupações populares, preocupação que ainda hoje tão intensamente se manifesta nas gerações atuais.

[...]Os romanos herdaram dos gregos ideias sobre saúde e medicina e desenvolveram muito bem os aspectos sanitários. Estes descreveram a capacidade infecciosa da saliva dos cães raivosos, chamando o material infeccioso de veneno, que provém da palavra latina “virus”. (Babbonia; Modoloa, 2011 p.350).

As evidências históricas confirmam o que por anos continua no imaginário das pessoas, a raiva como uma doença apavorante, que pode vitimar animais e humanos. Desde a Antiguidade, que as preocupações com a saúde pública eram necessárias. Existem avanços em pesquisas, obrigatoriedades civis e políticas públicas para a reversão de um problema como este, que já se encontra em um nível de maior controle. Tanto que a incidência da raiva diminuiu ao longo dos anos, no entanto a vigilância deve ser constante.

Na continuidade das narrações, dois entrevistados dialogam sobre o comércio de gado em Anagé, ao que contam:

__Eu peguei a transição, da tropa pro transporte, carro, etc. Eu peguei a transição, anos 60, por aí, que eu peguei já o fim, a transição de uma coisa pra outra. (Blandson).

__ Que era as comitivas, né? As comitiva de transportar um rebanho pra outro lugar, né? (Fonzim)

__Nesse tempo, não existia cerca, o homem que mais teve gado aqui em Anagé chamava João cacete, tinha um apelido, João de Matos, conhecido por João Cacete, é avô de Nel de Branco. (Blandson)

__Ah, era avô dele? (Fonzim)

__Avô dele, foi o homem mais rico que já teve Anagé foi o avô dele, João Cacete e Maroto, tio dele. Também foi um milionário que teve aqui também. Maroto, tu conheceu né? (Blandson).

__Blandson: Bom, então João Cacete, ele tinha, dizem que ele tinha mais de mil gado, o que, pra época, era um assombro, e tudo aberto, não tinha cerca, só o curral, então o gado daqui a vaca ia lá pra capinada, ia pra não sei pra onde, tudo disperso, não tinha cerca. Depois que inventaram o fio de arame, que é pouco de pouco tempo, com quatro fios de arame, foi cercando e tal, e aí, o povo comprava dele, fazia comprar na mão dele, e ele entregava capinado por exemplo, dez boi, o cara ia lá buscar o boi e ia campear, pra rebanhar e trazer. (Blandson)

__E também Blandson, quando as vezes a manga ficava escassa ali, o mangueiro, o capim, eles ia transportar aquela quantidade de gado pra uma outra fazenda, alugada ou não, e aí é que entrava aquela cena Blandson, que eu lembro muito, ainda lembro muito, dessa comitiva, dois, três vaqueiro ali na frente, o restante atrás, a boiada no meio, eles atravessando dentro da cidade aqui, né? (Fonzim)

__ Eu me lembro que minha mãe falava assim: Fecha a porta aí que é vem um rebanho de boi ali, é vem o gado, é vem, é vem não sei quem ali com o gado, e o gado passava dentro da cidade, e a meninada fazia festa ali assistindo aquilo e tal, é interessante demais. (Fonzim).

__ Eles ia parando nas estradas, descansando e tal, e fazia um longo percurso. Hoje é as jamanta né? Os carro de boiadeiro, os caminhão transportando aí né,

as jamanta, “Cada Jamanta que eu vejo, carregada transportando uma boiada, já me corta o coração...” Sérgio Reis que canta isso (Fonzim- Anagé).

O diálogo narrativo amplia a visão sobre as antigas formas da criação do gado, em um tempo sem os rigores das cercanias das propriedades, proporcionando aos animais viverem soltos nas pastagens. Informa-se também sobre o transporte do gado, que seguia a antiga forma de ser “tocado”, ou seja, guiados por vaqueiros, fazendo percursos por estradas, vilas e cidades.

São lembranças significativas, fazem parte da vida e infância dos narradores, sendo constituídas como memórias, que ao serem imaginadas, podem ser entendidas como paisagens culturais do passado. Em uma referência teórica, Cosgrove; Jackson (2014) afirma que: “a linha interpretativa dentro da geografia cultural recente desenvolve a metáfora da paisagem como “texto”, a ser lido e interpretado como documento social”. (Cosgrove, Jackson, 2014, p. 137). Mais uma vez enfatiza-se sobre a importância da valorização e conservação das histórias guardadas na memória das pessoas. As pesquisas científicas podem auxiliar no cumprimento do importante papel de documentar e coletar narrações, dado as mesmas a importância de documento social.

4.3 TRANSPORTANDO BRUACAS DE ALGODÃO E RAPADURAS DO CANDEAL

Dando seguimento ao desenvolvimento do texto, será abordado sobre a atividade do Tropeirismo de mercadorias, que de forma significativa contribuiu para o suprimento das necessidades dos brasileiros, em uma época com escassas estradas transitáveis, assim como a ausência dos variados tipos de transportes. O aporte teórico em Paes (2001) apresenta uma informação histórica, quando diz:

Sabe-se que o tropeirismo começou no Brasil no século XVII, pouco a pouco foi ganhando importância social e influência política; destacou-se como atividade comercial e serviu de sustentação a todos os períodos econômicos que sucederam o período do ouro. [...] o Sertão baiano comercializava com Salvador através das cidades de Cachoeira e São Félix. Estas cidades faziam a ligação da região litorânea com o interior, porque de lá saíam as principais estradas. E no interior, mais especificamente, no Alto Sertão baiano, encontravam-se as estradas que ligavam a Bahia à Província de Minas Gerais, a partir desta, os tropeiros sertanejos chegavam ao Rio de Janeiro, a São Paulo e a Goiás. (Paes, 2001, p.67).

Entende-se com o texto o amplo papel do tropeirismo, ganhando qualidade de importância na sociedade brasileira, uma vez que foi tarefa dos tropeiros circular longas distâncias, intermediar contatos de um lugar à outro. Como informado no texto ganham notoriedade política dada aos contatos intermediados em muitas regiões, qualificando-os assim como importantes.

O Tropeirismo será apresentado no seu significado para os moradores dos municípios de Anagé e Caraíbas. Neste percurso encontram-se exemplificações dos feitos realizados pelos tropeiros, apresentados em acordo com as narrativas. Histórias serão desvendadas pelos seus descendentes e por aqueles que presenciaram as tropas ou recontam histórias que lhes foram transmitidas. A Figura 38, é um retorno às antigas rotas de tropeiros, realizada no estado de Minas Gerais, com o propósito de reviver este tipo de trabalho que teve o seu maior período registrado entre o século XVII e metade do século XX.

Figura 38- Antiga rota de Tropeiros – Minas Gerais.



Fonte: Felipe Ribeiro (2019)

Sob a ótica da memória, existe na contemporaneidade iniciativas de retomar o passado em uma forma mais concreta. Com o tropeirismo, isso tem sido cogitado, seja através de digressão em antigas rotas, como ilustrado através da imagem que trata de uma programação no estado de Minas Gerais. A iniciativa é uma possibilidade de percorrer antigos caminhos, fortalecer conhecimentos e referendar componentes culturais presentes no Tropeirismo. Há de se considerar que mudanças foram

presentes nesta relação no espaço e tempo. O que não neutraliza a intencionalidade de uma experiência mais concreta em reviver o passado. Com base em Nora (1993), existem: “lugares de memória” assim como afirma: “a memória instala a lembrança no passado”. A referência teórica em Pierre Nora, compreende-se que a memória comporta muitas variações, com base em Nora (1993):

A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada (Nora,1993, p.9).

Com o entendimento nessa formulação teórica, segue-se para compreensões da memória do tropeirismo, embasada através de narrativas, que se apresentam em sua maior parte expressas na coletividade. A narrativa é proveniente de um diálogo entre dois entrevistados sobre as lembranças da circulação das tropas em Anagé, o que é apresentado na narrativa sobre o Tropeirismo:

Normalmente a tropa era composta de dez burro, né? Por aí. Dez burro, aqueles lá que era bem de vida tinha vinte, trinta, e aí era diversos, depende das condições financeiras. Eu ainda lembro de tropa entrando aqui em Anagé, era bonito, entrava uma tropa com muitos burros enfeitados e tal, vinha com um chapéu, tudo de metal e chegava ali de frente a igreja, tinha um mercado ali, e aí eles arriava a tropa ali, e botava as cangalhas tudo enfileirada assim, uma fila do lado da outra...(Blandson). Anagé

É, as mula com os peitorais. Nesses peitorais botava medalha, botava uns trinta gangolo, aqueles gangolo, aqueles “tâm” (reproduz efeito sonoro), aqueles que tinha andado, ia fazendo barulho e todos nós tudo saindo pra rua pra ver a programação. (Blandson). Anagé

E tinha o burro madrinheiro, né? Que geralmente é o que vem guiando na frente. O madrinheiro que eles falam, é a espécie de padrinho da tropa. E ou madrinha né, porque poderia ser uma mula, então o madrinheiro vinha na frente. Fonzim Anagé

E aí geralmente, se não me falhe a memória, essas tropas transportavam de uma região para outra, tecido, rapadura, jabá, farinha né. Eu me lembro que meu pai falava, que houve um período aqui, que eu não sei qual era, o dono da tropa mas ele ia lá pra região, éeeee, essa região aí de de de de Nazaré das farinha, sei lá, longe aí pro Sul da Bahia, buscar farinha nas tropas e trazer pra vender aqui em Anagé. (Fonzim) Anagé.

E as pessoas faziam fila pra comprar, porque acabava logo né, aí você me pergunta, mas e aqui não tinha as casa de farinha? Mas tem a questão climática que nós falamos, a estiagem, então você plantava mandioca, a lavoura não vingava, não tinha a matéria-prima pra fazer a farinha, então vamos buscar na região que chove. (Fonzim). Anagé

Entre as muitas análises possíveis na narrativa, pode ser destacada a referência a respeito das memórias a partir da sonoridade emitida pelos muitos gangolos afixados junto ao peitoral dos burros e mulas. Os sons ainda são lembrados

pelo narrador, fazem parte da constituição da memória da paisagem. Os estudos dos aspectos sonoros, como componentes das paisagens, constituem-se como proposta na Geografia:

As paisagens sonoras, apesar de exploradas por musicólogos, antropólogos e etnomusicólogos, apresentam-se à Geografia como importante campo de estudo. Assim como a olfativa, a paisagem sonora é marcante para a lembrança de um lugar, concordando com Stanley Waterman (2006, p.01), que afirma que os sentidos da audição e do olfato são capazes de evocar memórias e imagens mais poderosas do que as coisas que vemos, e seus usos seletivos permitem a produção de imagens mais robustas. (Torres e Kozel, 2010, p.125).

Em sintonia com a citação, percebe-se que o narrador emitiu recordações do passado, relatando sobre a sonoridade lembrada diante do acontecimento, que segundo Kozel (2010) se deve porque: “a paisagem sonora é cultural pois reflete a identidade de um lugar e de seus habitantes”. (Torres e Kozel, 2010, p. 127). De acordo com a interpretação das narrativas e das referências teóricas, é compreendido que a prestação de serviços oferecida pelos tropeiros, distinguia-se pela condição socioeconômica do dono da tropa, o que primeiramente era identificado pela quantidade de burros que compunham a comitiva. Provavelmente variando em quantidade e diversidade de produtos a serem comercializados. É exaltado diante do contexto uma espécie de classificação entre tropeiros, distinguindo-os entre os proprietários superiores e menos superiores economicamente:

Quando a tropa era grande e luxuosa, o tropeiro possuía vários funcionários e era tratado como um rei por seus súditos. Em caso de tropas pequenas, o tropeiro geralmente tinha que fazer não só a sua função de administrador da tropa, mas também tinha que se virar como arrieiro, peão, ferreiro enfim... Deste modo, a função do tropeiro proprietário variava com o tamanho da tropa: tropeiros, proprietários de muitas tropas; tropeiros proprietários de tropas pequenas; tropeiros negociantes de animais. (Paes, 2001, p.77).

Compreende-se então que a divisão de funções na execução do trabalho alterava de acordo ao tipo da tropa e a condição financeira do proprietário. O que interferia na quantidade de participantes da mesma. Sendo assim apresentando uma divisão em uma espécie de categorias sociais. Retomando a narrativa, lembranças foram enunciadas sobre a presença do burro marindeiro ou da mula marindeira com os seus adornos, enfeites, assim como o rito de passagem da tropa, impregnando os

ambientes com sonoridades e expressões típicas da tradição. Interpretar o significado desta composição é algo subjetivo, é uma forma de extasiar-se com a beleza de um modo de vida impregnado de elementos culturais.

Entre as possibilidades interpretativas para referenciar o episódio da entrada de uma tropa na antiga Vila de Anagé, é como retornar no tempo e através dos sentidos sensoriais revisitar uma paisagem cultural do passado. Para Kozel (2012): “a paisagem seria o resultado da contemplação, primeiramente no sentido ótico e em seguida espiritual da natureza, correlacionando os diversos objetos e a imaginação subjetiva dos mesmos”. (Kozel, 2012, p.67). O que pode ser confirmado através de uma sensível observação e reflexão.

A passagem de uma tropa em uma cidade, é como um espetáculo itinerante, conjugado a um ritual ocorrente em várias cidades, cabendo ao tropeiro responsável adornar a mula ou o burro marindeiro com o peitoral enfeitado, cheio de gangolos, ao que é apresentado na narração:

Viajava, chegava na cidade, parava para descansar lá mesmo eles faziam as comidas deles. Ele botava um peitorá, um enfeite, panhava na frente da mula. E a mula saía, batia o peitorá. O pessoal ficava tudo invocado com a mula enfeitada. (Aias, relato do filho, sobre o tropeiro Mario- Araras- Caraíbas).

No percurso de compreensão sobre as rotas e produtos comercializados entre os tropeiros, segue-se com mais uma sequência da entrevista em forma de diálogo entre dois entrevistados:

Fonzim: _Bode bebido, cozinhava o bode com feijão, sem farinha, sem farinha porque não tinha farinha na região.

Blandsom: _Jó Soares aí, falava bode bebido, nunca vi ninguém comendo bode bebido. Eles ia buscar no Guarani, Guarani que hoje é Ibicuí, na época chamava Guarani.

Blandsom: _Aí eles vinha em tropa buscar , saía uma tropa daqui pra ir buscar, com a demora de ir e voltar né, porque essa rodagem aqui surgiu no ano de 1942. A estrada de Ilhéus a Bom Jesus da Lapa foi aberta por Landulfo Alves, que era o interventor do estado, aí ele construiu essa estrada. A estrada passou aqui, mas na época de 42 pra lá, eles vinham em tropa lá pro Guarani, meu avó mesmo só falava Guarani, morreu falando Guarani, não falava Ibicuí.

Fonzim: _Quem canta muito histórias de tropeiro é Elomar Figueira, né Blandsom, ele tem umas músicas que fala de buscar farinha lá nessa região.

Blandsom: _Aí quando chegava aqui, a tropa já tinha muita gente esperando, esse finado Antônio de Altina era o principal vendedor da época, ficava enchendo assim, apinhado de gente.

Fonzim: _É, e era quarto de farinha né? Que era uma espécie de uma medida de madeira, um quadradozinho de madeira né Blandsom?

Fonzim: _Era, racionado, se você quisesse pegar duas quartas não, tinha um limite né? Cada família vai pegar uma ou duas quartas, ou três, o que fosse, ali o que eles determinassem, pra poder dar pra todo mundo, se não....

Blandsom: _É, exatamente, eles entregavam, meu pai vendeu um com a tropa de Joaquim Aleixo.

Blandsom: _Meu pai carregava muita tropa dele, meu pai tinha o empório ali onde ele vendia, era, no comércio dele tinha: Toicin, gasolina, milhoral, cibalena, todo esses remédios que tinha naquela época, e tudo tinha, isso aí até ajudava eles a vender.

Blandsom: É, fazia. E meu avô também era tropeiro, Rosel.

Fonzim: _Rosel, seu Rosel tá na foto ali, e tinha também os tropeiros que só passavam por aqui, não era Blandsom? Ia pra outra região, passava arranchava aqui, no outro dia arribava, e ia embora. E tinha aqueles que vinha trazer produto, ou pegava produto aqui na região também, então assim, falando do tropeirismo na região.

Um dos principais produtos comercializados era a farinha, um alimento básico e desejado pelos catingueiros. A escassez da mesma em alguns períodos fez surgir uma expressão regional, como enfatizado anteriormente, conhecida de bode bebido. Ou seja, na ausência da farinha, comia-se a carne de bode em caldo. A farinha é que dava a consistência almejada nas refeições. A busca pela mercadoria, fazia com que tropeiros das localidades de Anagé e Caraíbas, percorressem uma distância de aproximadamente entre: Ibicuí -Anagé 178 km, Ibicuí- Caraíbas: 209 km (sendo este um cálculo atual) a partir da rodovia BA 262. O município de Ibicuí era conhecido anteriormente como Guarani.

O período em evidência nas narrativas sobre o percurso das tropas é entre as décadas de 1940 a 1970. O tropeiro seguia o seu curso vendendo e comprando mercadorias, como indicado através da narrativa, comprava-se de “tudo quanto aí”, uma expressão regionalista utilizada dentro do contexto para informar que existia uma considerável variedade de produtos comercializados, nos denominados empórios ou locais de comércio nas vilas. Alguns comerciantes forneciam aos tropeiros a

possibilidade da revenda de produtos, entre eles os remédios, em destaque alguns mais populares como a cibalena e o melhoral.

O entendimento do tropeirismo como um modo de vida, caracterizado com rotinas de viagem e trabalho, incluía para que a esposa e filhos dos tropeiros, adaptassem a execução de atividades e responsabilidades maiores com o manejo dos animais e do roçado, na ausência do pai de família. O tropeiro é um morador rural, que no intervalo de uma viagem e outra, continua a exercer as atividades da agricultura e pecuária. Sendo assim o modo de vida dos moradores em estudo, relacionado ao sustento e sobrevivência, é constituído por variadas atividades. No âmbito mais tradicional, é apresentado por Rigonato (2014):

Os modos de vida das populações originárias são repletos de experiências do homem e da mulher, com o seu meio ambiente. Tais experiências são abarrotadas de significados e significações. Conteúdo que pode ser aprendido na paisagem geográfica, mas que possuem territorialidades profundas e efêmeras no “lugar-mundo” de vivência dos grupos sociais urbanos e rurais (Rigonato, 2014, p.2).

As territorialidades próprias da convivência coletiva, nos lugares mais longínquos, o que se deve pela força das tradições e saberes próprios de um povo, que ao longo do tempo estabelecem e criam relações ambientais e sociais onde convivem. Na sequência serão apresentadas que as características típicas do tropeiro e o seu considerável trabalho, tem sido motivo de inspiração literária, musical, poética, cinematográfica entre outras expressividades. Marcando o universo cultural artístico com consideráveis produções. Mediante esta reflexão, o compositor e cantador Elomar Figueira, em uma das suas obras musicais poéticas, apresenta o Tropeiro Gonsalin. Em um trecho da canção Tirana (1979), expressa-se

Figura 39- Trecho da música Tirana

Para mula ruana
Dexa de gana
Qui a vinda do tropêro
É só u'a veis
Assusta mêrmo a vida
Assim tirana

É pura bunteza
 Foi Deus quem fez
 Das coisas de minha ceguêra aquela qui eu mais quiria
 Formá u'a tropa intêra e arribá no mundo um dia
 Cabeçada de u'a arrôba vinte campa de arrilia
 Cruzeta riata nova rabichola e peitural
 E arriça fazeno ruaça
 A tripa na bôca da praça
 Do Rêno de Portugal

Fonte: <https://www.lettras.mus.br/elomar/376584/>

O cantador e violeiro, conhecedor da realidade do sertão catingueiro, apresenta em detalhes os componentes da indumentária que se coloca em um animal para fins de montaria, como exemplificado com o termo “peitural”. Segundo informações do cantador, desde a infância acompanhou nas fazendas dos familiares o percurso de tropeiros. No contexto interpretativo musical em tema, existe uma exaltação do tropeiro à mula, em forma de um aconselhamento. Uma inversão de papéis como sendo a mula a condutora do destino do tropeiro, a ela cabe a tarefa de frear o ritmo do trabalho, até porque “Qui a vinda do tropêro, é só u'a veis”. Prossegue afirmando que a vida mesmo tirana, sinônimo de rígida, “é pura bunteza, foi Deus quem fez”, aparece por fim o contexto religioso expresso na fé e na valorização da vida.

Essa gana, essa correria e a busca da afirmação como tropeiro, é expresso quando se menciona o desejo do personagem tropeiro Gonsalin, formar uma tropa, ou seja ser o dono e percorrer, o “mundo”, ao que pode ser entendido em forma de uma prosperidade, uma ascensão social. No entanto esta busca é identificada como uma cegueira, ao tempo em que Gonsalin clama anteriormente à mula Ruana a deixar de gana. Entende-se que prevalece o entendimento que mesmo tirana, a vida é “bunteza” e única. Ainda envolvidos com o contexto da vida cotidiana do tropeiro, apresentado com os versos da música: Tirana, (de o “tropeiro Gonsalin”) segue-se com as entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa, sobre as rotinas de trabalho dos tropeiros, como consta depoimentos dos descendentes de um tropeiro, ao que informam, os entrevistados:

Pai, falava assim: daqui para Jequié é dez marchas. Se não vender a carga lá, tem que romper mais pra frente quinze léguas. Ele falava quando era mala de algodão, era setenta quilos. Trabalhou ele e Lero Ferreira. E falava assim..oh menino, o tropeiro bom tinha que pegar a mala no chão. Eu pegava uma e Lero pegava outra. Carregava os

animá. Chegava no rio de contas, tava cheio. Descarregava a tropa toda e botava duas mala dentro da canoa e a cangaia e eu e Lero ia, chegava do outro lado do rio, a canoa balançava eu pegava uma mala de setenta quilos do chão, Lero outra, voltava na canoa para carregar tudo. Depois que descarregava tudo, pnhava o cavalo madrinheiro na água e ia para o outro lado.

Uma hora ia levar mala de algodão, ora era carne e vinha carregado, ora de rapadura, sal, farinha. (Cocó- Lagoa das Flores)

As vezes não achava frente de lá, eles rodava, rodava, pnhava ali para Candial. (Daguinha- Lagoa das Flores).

Era igual os caminhoneiros de hoje (Dalva- Lagoa das Flores).

***Depoimento dos filhos sobre histórias contadas pelo pai

As percepções através de histórias de tropeiros são rememoradas, seja por questões afetivas em reconhecer a coragem, habilidade e força dos seus antepassados ao meio das dificuldades, ora pelas análises do desenvolvimento tecnológico e dos meios de transporte outrora utilizados, comparados com os dos tempos atuais, ao que informa uma entrevistada: “era igual os caminhoneiros de hoje... (Dalva- Lagoa das Flores). Os tropeiros percorriam grandes distâncias, a amplitude do seu conhecimento sobre o espaço era diferente de quem estava reduzido ao seu local de moradia.

Durante as viagens tinham conhecimento de estradas, povoados, pessoas e rotas de comércio, sendo assim adquiriam uma visão ampliada de espaços e informações. Com Serpa (2019), é apresentada a afirmativa: “Se considerarmos que sempre agimos a partir de um lugar e que as ações constituem um enredo, uma enunciação, então todos os lugares são lugares da enunciação, base para reprodução do vivido e para realização das práticas espaciais. (Serpa, 2019, p.81).

Com base no autor, o episódio anteriormente lembrado sobre as rotas de viagens para Jequié, calculado em uma média de 240,1km (cálculo atual) BA-407 e BR 330, fazem destes espaços lugares significativos, inseridos como parte do mundo vivido do tropeiro. Os familiares aguardavam o retorno do tropeiro e com ele as histórias de lugares a serem enunciados. Reconhecível que os tropeiros viajavam, mas tinham para onde voltar, ao seu lugar no convívio com os seus familiares e amigos. O favorecimento do rememorar, presta uma contribuição para um sentimento de identidade dos indivíduos com o seu espaço, o que pode ser no âmbito pessoal ou coletivo, proporcionados através de sentimentos, histórias e afeições a determinadas

porções do espaço, identificando-os como lugares. O que não necessita de pressa. De acordo com Tuan (2013):

Mas sentir um lugar leva mais tempo: isso se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e ao longo dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do Sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. (Tuan, 2013, p. 224).

De forma despretensiosa, no cotidiano da vivência, os lugares podem ser afirmados, em uma conjunção de “elementos naturais e artificiais”, em rotinas de trabalho, lazer, contemplações e outros, incluindo nesta experiência os sentidos sensoriais que captam as informações, ajudando a perceber, integrar e eleger espaços significativos, concebidos como lugares. O que pode ser identificado através da narrativa de um ex- tropeiro, hoje com 102 anos. Ao que expressa:

Era doze burros. Ia para Candéal e ia aqui, por aqui por baixo por Contenda. Para Contenda, levava malas de algodão, lá entregava o algodão e carregava de mercadorias, caixa de querosene, fardo de açúcar. Panhava para Contenda e levava para Condeúba. Saía por Candéal, carregava de rapadura e trazia para Anagé. Aqui em Anagé, era o velho Fidélis Botelho, que era o dono. Panhava e nois levava. Era dez dias de viagem para ir e vir. Chegava lá em Contendas, carregava de sal grosso, querosene, fardo de fazenda e trazia para aqui e ia entregar em Condeúba. Saía pra Candéal, carregava de rapadura e ia para a Laje Véa vender, lá no Alegre. (Sr. Lero- 102 anos-Araras-Caraíbas).

Viagens longas, que incluía aos tropeiros habilidade e persistência para iniciar e concluir o serviço contratado pelo dono da tropa. Cabendo aos mesmos entregar mercadorias, comprar, revender e realizar novas compras a serem comercializadas nos povoados locais da saída das tropas, como bem é explícito na narração. Existia uma variação de comércio descrita na pesquisa, ao que o entrevistado inclui na denominação como serviço de tropeiros. Em uma outra narrativa, é apresentada informações relacionadas à venda do umbu, uma fruta típica das localidades em estudo, que tradicionalmente é comercializada devido a significativa aceitação dos moradores das cidades. O narrador Sr. João Antônio, relembra:

O transporte que eu tive foi quando eu morava na beira do ri com meu padrin. Tirava umbu, naqueles caixão que vinha lata de querosene. Ai eu botava duas latas nin um, duas lata no outro e botava nos animal

para levar para Conquista. Vender umbu no lombo do burro. De jumento e naquele tempo eu lembro agente entrava assim, tinha uma rua que era tudo terra. Foi... a enchente do ri aqui foi em 1942, isso foi mais ou menos 1943, 1944, nessa época.

Nóis saia daqui na quinta-feira. Dormia no camim. Depois chegava manhecia o dia, arriava os animal e ia dormir na Batalha. A Batalha nesse tempo era unha de gato.

No lado direito que tinha um ranchin...que agente fazia um pouso. Meia légua para chegar em Conquista. (João Antônio-90 anos- Lagoa das Flores).

Uma alternativa de sobrevivência para os moradores rurais catingueiros, o período da safra do umbu consistia em uma oportunidade de recurso financeiro aos mesmos. A trajetória era longa, a distância percorrida entre o povoado rural de Caraíbas até a cidade de destino é calculada atualmente em 53,4 Km. A cidade referendada pelo narradoré Vitória da Conquista-Ba. As estradas nos dias atuais são asfaltadas, o percurso anteriormente realizado era feito através de estreitos caminhos, conhecidos como carreiros. Situação esta que deixava o caminho mais difícil e distante.

Dada a importância da fruta do umbu, típica da caatinga, existe hoje uma crescente aceitação da mesma, favorecendo o comércio da fruta em vários estados brasileiros A Figura 40 é de um umbuzeiro na localidade da Lagoa das Flores em Caraíbas. Os umbuzeiros são significativos para os catingueiros, uma espécie de árvore sagrada. Em períodos de estiagem e de seca, era comum cavarem em torno do umbuzeiro, para retirar as raízes que formam as “batatas” que consiste em uma massa comestível com reservatório de água, sendo assim apropriado para o gado. considerado um arbusto de médio porte. Está em seu período de produção dos frutos, com folhas muito verdes. Localizado ao lado de uma casa na zona rural. Está próximo de uma cerca de madeira e uma cancela que serve de entrada para as áreas cultiváveis da propriedade.

Figura 40- O Umbuzeiro



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo- 2023

Umbuzeiro em flor, apresenta-se o umbuzeiro em seu período de floração, através da Figura 41. As flores são claras e aparecem em forma de cachos. Os galhos estão secos, sem folhas, em aparência de cor acinzentada.

Figura 41- Umbuzeiro em flor



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de Campo- 2022

O fruto do umbu, é de coloração verde, está apresentado na Figura 42. Tem variações em tamanhos e texturas, podendo ser lisos ou aveludados (os aveludados são mencionados nas localidades como cabeludos). Podem ser consumidos ainda mais verdosos ou maduros. Utiliza-se a fruta para confecção de sucos e doces. É uma fruta muito apreciada na localidade, fazendo parte da rotina dos moradores em

períodos de safra para realizar as colheitas, em seguida para consumo local, para presentear os parentes, amigos e vendê-los.

Figura 42. Umbuzeiro com fruto



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo- 2023

Em continuidade ao tropeirismo, infere-se que esta atividade deixou as suas marcas históricas, seja ele o das tropas de gado ou do comércio de mercadorias. Na contemporaneidade é recordado ao meio de memórias, emoções e sentimentos de reconhecimento da força que impulsionou uma significativa quantidade de moradores rurais a percorrerem longas distâncias. Uma alternativa de sobrevivência para si e para a família. Um legado de coragem, habilidades e persistência. A estes couberam a função de desbravar e conhecer espaços, adquirir novos conhecimentos e cultura, desenvolver relações sociais. Foram assim os divulgadores para os familiares e conterrâneos das descobertas de lugares-mundo para os mesmos desconhecidos.

Considerável o trabalho realizado pelos tropeiros ao intermediar comércios, suprir as necessidades dos moradores de Anagé e Caraíbas. Hoje são lembrados com saudade, estão vivos na memória. Configuraram paisagens, deixando marcas de expressivas manifestações culturais, uma vez que assistir a passagem de uma tropa, era como presenciar um espetáculo, narra o Sr. Blandson:

É, as mula com os peitorais. Nesses peitorais botava medalha, botava uns trinta gangolo, aqueles gangolo, aqueles “tâm” (reproduz efeito sonoro), aqueles que tinha andado, ia fazendo barulho e todos nós tudo saindo pra rua pra ver a programação. (Blandson- Anagé).

O narrador lembra dos detalhes sonoros emitidos pelos adornos utilizados nos animais das tropas, a sonoridade é um fato marcante na memória de acontecimentos do passado. Insere-se as fotografias, através do mosaico da Figura 43, que representam alguns dos antigos moradores rurais que contribuíram para o tropeirismo nos Municípios de Anagé e Caraíbas, como criadores de gado e tropeiros.

Figura 43 - Mosaico em homenagem aos criadores de gado e tropeiros de gado

Sr. Messias Alves Silva, criador de gado 96 anos, Fazenda Tanque-Caraíbas



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Sr. Lero Ferreira. Antigo Tropeiro- 102 anos - Araras



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Sr. Mario Coelho(*in memoriam*). Tropeiro da localidade das Araras- Caraíbas



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Sr. Otaviano Ferreira (*in memoriam*) Tropeiro, acompanhado da sua esposa Maria (Quinha). Localidade Lagoa das Flores-Caraíbas.



Fonte: Arquivo pessoal (2014)

Fonte: Ivana Lima e Silva- Trabalho de campo- 2023. Elaboração: Caio Luidi

Mediante as compreensões teóricas e os resultados da pesquisa empírica, amplia-se o entendimento sobre esta atividade nos Municípios, no intuito que a

pesquisa possa sensibilizar os moradores e representantes públicos para a consideração e reconhecimento do valor patrimonial e histórico que a história oral do tropeirismo permite e enaltece Anagé e Caraíbas.

4.4. ROMARIAS AO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

“E vai chegando a romaria em paz e vai chegando a romaria de amor, para visitar o coração de Jesus, que é o nosso Salvador”

“E vai chegando a romaria em paz e vai chegando a romaria de amor”, é este um dos cantos, que ao longe se ouve pelas estradas com destino à Gruta da Mangabeira, distrito de Ituaçu-Bahia, no período das romarias ao Sagrado Coração de Jesus, festejado em 03 de setembro. A romaria, constitui como uma peregrinação de pessoas, denominados romeiros, que prestam culto religioso de devoção católica. A romaria em referência, ocorre em uma caverna, formada de rochas carbonáticas, intitulada de Gruta da Mangabeira.

Os moradores de Anagé e Caraíbas, participam desta tradição das romarias, em decorrência da proximidade do santuário religioso, como pelo condicionante da via de acesso ao santuário perpassar as estradas dos municípios. O que faz com que estes envolvam-se com os viajantes vindos também de variados locais. A participação dos moradores, será apresentada ora como romeiros, ora como comerciantes que atendem os viajantes no itinerário da romaria. De acordo com informações da história oral dos narradores, entre as décadas de 1960 a 1980, evidenciando assim um modo de vida dos mesmos, como envolvidos e participantes da tradição cultural e religiosa. Um componente incluindo no calendário de cada ano.

É considerável referendar, que os estudos do pesquisador Jânio Roque Castro, sobre a romaria ocorrente em Bom Jesus da Lapa-Bahia, contribuirão com a elaboração do presente texto, favorecendo uma sincronização do entendimento sobre à manifestação religiosa na Gruta da Mangabeira, em Ituaçu. Uma vez que existem singularidades, relacionados ao evento, em ocorrência entre estes dois lugares. A exemplo da configuração do ambiente natural em forma de caverna, adquirir a conotação de templo sagrado, através da religiosidade católica popular.

É importante apresentar de início, explicações para melhor compreensão, sobre as características físicas de uma caverna com o tipo de classificação, da gruta da Mangabeira. Sendo assim, com base em Sampaio Filho e Lucena (2016), temos:

A caverna é uma das feições de um relevo cárstico, associado a terrenos de rochas carbonáticas. Essas rochas são formadas geralmente pela precipitação de minerais como a calcita (CaCO_3) e dolomita ($\text{CaMg}(\text{CO}_3)_2$), dentre outros minerais secundários, portanto são de origem química. Já o relevo cárstico são feições desenvolvidas sobre rochas carbonáticas, onde as águas de chuva tornam-se levemente ácidas, recorrente da absorção do dióxido de carbono ou do nitrogênio, reagindo sobre o relevo calcário. Em superfície, a ação dessas águas age no intemperismo químico e na erosão do terreno, formando as feições de dissecação designadas de lapíás e dolinas. Já no interior dos terrenos a água se infiltra na rocha através dos seus leitos e fraturas e vai dissolvendo todo o material gerando feições como cavernas ou outras cavidades geradas pela dissolução deste tipo de rocha. Quando a caverna já se encontra instalada desenvolvem-se no interior as estalactites, estalagmites e colunas. (Sampaio Filho e Lucena, 2016, p.01)

A caverna, enquanto um ambiente natural tornou-se um santuário católico, a partir do mover de pessoas que impregnadas de ideias religiosas, consagraram o histórico episódio ocorrido com um vaqueiro da região, como algo divino e necessário, para que a caverna posteriormente templo, fosse assim constituída. De acordo com Novais (2006), a descoberta da gruta, ocorreu após a formalização do povoado de Brejo Grande, atualmente o município de Ituaçu. Informa-se que um vaqueiro, no seu trabalho cotidiano, quando pastoreava o gado, tentava alcançar uma vaca e um bezerro que se mantinham afastados do rebanho, momento este em que foi surpreendido com uma queda livre, através de uma abertura na parte superior da gruta, caindo junto a si, o cavalo e a vaca.

Como informa Novais (2006, p.24): “diante do perigo vivido, o vaqueiro clamou pelo auxílio do Sagrado Coração de Jesus, santo da sua devoção. Nem ele, nem os dois animais sofreram qualquer ferimento com a queda”. Encontrando a saída, propagou aos moradores locais o que lhe havia ocorrido, despertando assim nos moradores a sacralização da caverna. Posteriormente, em 1886, o engenheiro inglês Joseph Mawson, da Ferroviária Central do Brasil, adentrou pela primeira vez um percurso contínuo na caverna, favorecendo o reconhecimento de uma entrada e saída, o que veio possibilitar aos fiéis a possibilidade de conhecer interiormente a caverna, através de um percurso de três quilômetros.

Prescindindo das informações de Novais (2006), a descoberta da Gruta da Mangabeira ou Sagrado Coração de Jesus, ocorreu logo após o ano de 1867, período em que Ituaçu foi elevada à categoria de povoado. A primeira celebração é datada no ano de 1884, quando “dois frades lazaristas, membros de uma congregação religiosa fundada por São Vicente de Paula para evangelizar a gente pobre do campo, celebram a primeira missa na gruta” (Novais, 2006 p.28-29). Esta programação aconteceu com o entusiasmo e colaboração dos moradores locais, contando também com o apoio de dois missionários da Piedade, que realizavam trabalhos similares em Bom Jesus da Lapa. Sendo assim conseguiram uma imagem do Sagrado Coração de Jesus. Sendo esta afixada em um altar, o que favoreceu à gruta, a caracterização enquanto um templo. A informação da devoção religiosa foi chegando aos lugares mais próximos e mais distantes, dando início às romarias.

No curso das compreensões, sobre a tradição religiosa e cultural, serão apresentados, indicativos comportamentais dos moradores de Anagé e Caraíbas, relacionados à participação na romaria em tema. É evidente que algumas mudanças, em torno da tradição religiosa, ocorreram ao longo do tempo, como também o vínculo da permanência e participação, o que será evidenciado através das narrativas. No contexto sobre alguns detalhes das romarias, apresenta-se que o transporte dos romeiros era realizado através de caminhões, nestes eram afixadas bancadas de madeira nas carrocerias, servindo assim de assentos, como também uma adaptação de cobertura com lona. A Figura 44, demonstra um grupo de romeiros que realizaram a viagem em transporte tradicional de caminhão. Alguns destes de chapéu de palha com fitas vermelhas, que simbolizam a veneração ao Sagrado Coração de Jesus. Este tipo de transporte era comum e romeiros vindos de vários municípios, incluindo os de Anagé e Caraíbas, percorriam as estradas de chão até o seu destino.

Figura 44- Romaria tradicional em “pau de arara”



Fonte: Agnaldo Novais (2006)

As romarias continuam acontecendo e são realizadas pela nova estrada asfaltada, paralela à antiga. O percurso é pela via BA- 142, através de ônibus, vans e carros comuns. Conclui-se que se alternou as estradas, os transportes, as paisagens e os romeiros são configurados como uma nova geração, mesmo que imbuídos de inovações culturais, resguardam a tradição dos antepassados. Nos meses de agosto a setembro, as romarias são intensificadas em virtude da proximidade da festa, em louvor ao Sagrado Coração de Jesus, no período de 25 de agosto a 03 de setembro no distrito de Ituaçu, intitulado de Mangabeira, onde está localizada a gruta santuário. Uma devoção que extrapolou fronteiras e favorece o percurso de romeiros pelas estradas catingueiras, vindos de variados municípios e estados.

Apresentam-se no texto constituintes culturais, presentes no modo de vida dos agentes sociais, representados pelas pessoas dos municípios em estudo, fazendo assim uma análise sobre as mudanças ocorridas em relação ao modo de participação da tradição. Com a utilização da história oral, será possível entender sobre as memórias dos moradores, quanto à romaria, assim como a sua continuidade e mudanças.

Retomando para informações históricas, na ocasião do acidente do vaqueiro junto aos animais, informa-se que o mesmo clama à proteção, gritando: Valei-me Sagrado Coração de Jesus! A devoção católica ao Sagrado Coração de Jesus, é ocorrente desde 1673, sendo assim divulgado em todo o mundo. O que se deve a

partir de uma visão de Jesus e recomendação à Santa Margarida Maria Alacoque, para prestar culto ao seu sagrado coração.

Compreende-se assim que o culto é a Jesus, mas de certa forma é o seu coração que é evidenciado, como sinônimo de órgão vital dos seres vivos. É do coração de Jesus, que são emanadas bênçãos aos romeiros. No interior da caverna, muitas são as formas rochosas encontradas, denominadas de espeleotemas, sendo os formatos mais conhecidas como as estalagmites, estactites, colunas ou flores, e assim envolvidos no imaginário religioso do romeiro, muitas delas foram intituladas com teor religioso. As Figuras 45 e 46, apresentam a imagem do Sagrado Coração de Jesus, está localizada no altar principal, ao centro do salão de entrada da gruta, onde acontece as missas, é o espaço denominado de Igreja. Na imagem, o coração aparece fora do peito. Sendo esta uma identidade em todas as imagens que retratam o Sagrado Coração de Jesus. e ao lado é demonstrado um dos espeleotemas mais venerados pelos romeiros, assemelham-se a um coração humano.

Figuras 45 e 46- Imagens do Sagrado Coração de Jesus e formação rochosa semelhante a um coração encontrada na gruta da Mangabeira.



Fonte: Agnaldo Novais (2006)

Outro aspecto é apresentado com base em Castro (2008), ao referendar os seus estudos sobre Bom Jesus da Lapa-Bahia, cidade que ganhou a dimensão de santuário, dado ao culto ao Bom Jesus. A sede da igreja matriz é também situada em

uma caverna, singularidade esta que se aproxima com a Igreja Gruta de Ituaçu. Ao que ressalta:

No caso de Bom Jesus da Lapa, em um país onde o catolicismo é majoritário, o culto ao Senhor Bom Jesus vincula os romeiros ao lugar sagrado, de uma forma que muitos deles aí retornam várias vezes. Nesse caso específico, o Senhor Bom Jesus pode ser considerado um Deus local que vincula fielmente peregrinos a ponto desses religiosos retornarem periodicamente para solicitar uma nova graça ou mesmo agradecer a realização de uma graça obtida. Para esse religioso não é em um lugar qualquer que ele vai se sentir próximo do Senhor Bom Jesus. Para que ocorra este encontro de fé é necessário retornar a um lugar simbolicamente especial: a cidade de Bom Jesus da Lapa. Esse crente ou participa das festividades religiosas ou então limita-se a depositar discretamente uma peça simbólica nas salas dos ex-votos, chamada localmente de sala dos milagres. (Castro, 2008, p. 35-36).

As implicações apresentadas, indica a existência de uma modalidade de pensamento e de apreensão à determinado espaço, consagrando-o como sagrado. Portanto, para os devotos, ganha a dimensão de um lugar especial, onde o sobrenatural acontece, ou seja, os milagres. Dado a este pensamento, visitar estes espaços é oportunidade para renovar novas solicitações de graças. Por meio das narrativas, em relação à devoção ao Sagrado Coração de Jesus em Ituaçu, percebe-se que à procura por este lugar sagrado é recorrente. Apresenta-se uma das narrativas, em que se demonstra o envolvimento de uma família para visitar o lugar sagrado, em sinal de agradecimento pela graça alcançada.

Falar da romaria do Sagrado Coração de Jesus, na gruta da Mangabeira, Ituaçu-Bahia, é algo que me traz boas memórias, inclusive que ajudaram a compor a minha personalidade cidadã. Me lembro de tudo como se fosse agora. A romaria ao Sagrado Coração de Jesus, surgiu de uma promessa quando meu pai Raulino e minha mãe Araci, fizeram para ele recuperar de acidente que teve no braço. O braço dele por duas vezes quebrou. Uma vez numa queda de burro bravo e outra vez de caminhão. Ele precisou ir à Salvador, poderia inclusive perder o braço. E ela fez essa promessa. Uma delas, são três. Uma é ficar indo anualmente na festa do Sagrado Coração de Jesus, na Gruta da Mangabeira, Ituaçu-Bahia. E assim ela fez, isso aconteceu desde o início da década de 1950 em diante, as viagens da minha família. Eu ingresso nessa história, que me traga às minhas reminiscências que eu tenho dessas viagens anuais, na primeira metade da década de 1970. Essa romaria, era um evento. Um evento muito bonito familiar. E que a cidade de Anagé também fazia essa viagem para a Gruta. (Iranildo- Anagé).

Seguindo as considerações apresentadas na narrativa, o aspecto religioso de uma promessa, é motivação para a romaria, no entanto o evento vai além das

conotações meramente religiosas, sendo também acontecimentos sociais, de unidade entre familiares e amigos. Como informa o narrador Iranildo: “existia até mesmo uma “feira grutal”, expressão utilizado pelo seu irmão, para intitular os preparativos para a viagem da gruta, desde os comestíveis, como toda a estrutura da viagem, inclusive a contratação dos carros de lotação.

Uma observação interessante é realizada pelo narrador quando ao referir à viagem, informa que a mesma era composta de rituais, como as paradas durante o percurso, nas vendas de João de Lino e Totonho, a parada em Ituaçu para chupar o picolé, o banho no rio de Contas em Sussuarana, ao que informa Iranildo: “Tomar o banho no rio de Contas (Sussuarana), era como se agente tivesse banhado no rio Ganges né... tinha se purificado, tirava toda aquela poeira, preparados para continuação da viagem.” O narrador apresenta uma alusão ao Ganges, o que é algo bem subjetivo, na concepção do mesmo o rio das contas é apresentado na sua importância, podendo ser comparado como o rio sagrado da Índia. Com embasamento em Castro quanto à sacralidade, temos:

Essa sacralidade dos lugares determina o fluxo de religiosos que saem do espaço profano cotidiano em busca dos lugares nos quais o religioso sente a proximidade de Deus que se manifesta com maior intensidade nesses lugares especiais, justificando o deslocamento e os sacrifícios da viagem (Castro, 2008, p.37).

O deslocar e o percurso para a gruta, já envolve a entrada nesta mística religiosa, como afirma Castro (2008), é a saída do espaço profano em rumo da busca do divino. Não faltando neste percurso o banho de rio, as merendas e a comida tradicional, em que o narrador destaca a existência de uma parada para comer a farofa, ao que informa Iranildo: “ai parava, comia a farofa. Era aquela alegria toda da gente, a disputa pela coxa da galinha, aquela coisa bonita, todo mundo irmanado”. As expressões do narrador são bem significativas, menciona sobre a alegria da partilha de uma comida que para os catingueiros, é especial, a farofa. Para descrever a experiência da alegria, utiliza-se da palavra irmanado, ou seja, estavam em uma vivência de paz e unidade, como irmãos. Em todas as narrativas, percebe-se evidências de memórias e modo de vida, relacionado a uma forma de convívio entre os mesmos, em uma junção entre lugares e memória, Nora (1993), ressalta que:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligado a este momento particular da nossa história. Momento de

articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. (Nora, 1993, p.07).

O anúncio da existência de lugares de memória, é algo já anunciado por Nora. Neste contexto apresentado, ressalta que não sendo completas as memórias, as suas partes já são indicativos necessários para que ela seja avivada. Um outro exemplo do contexto cultural e memorial, expresso entre lugares, pode ser compreendido com uma outra narrativa, em que os cânticos são enfatizados, podendo ser particularidades de memória. Assim temos segundo a narrativa de Iranildo: “E uma das coisas que gostava muito nas viagens, eram os cânticos. Os cânticos era um evento a parte. Eu me lembro, e esses cânticos eu nunca mais ouvi, eu não ouvia nem na época, era uma singularidade da nossa viagem me parece”.

E com base em versos de músicas antigas e típicas, apropriadas para o período da romaria, o entrevistado informa um verso de uma das músicas: “eram Deus que andava no mundo, eram Deus que no mundo ele andou, os apóstolos de Deus eram doze, eram treze consigo meu Senhor. E essa música, era coisa que batia forte e até hoje eu me emociono ao cantar, não ouço em lugar nenhum.” Entre as músicas tradicionais e as de padre Zezinho, aparece uma outra, considerada como sacra, mas que segundo o narrador, tomava uma proporção de descontração e alegria, ao que narra Iranildo:

Edgar, era um senhor muito engraçado, ele levava na nossa viagem: cela, cabresto, sandálias para vender lá na Gruta.. Porque lá é um lugar também de comércio, comércio muito forte, né. Quem visitou o santuário lá, aquele paraíso ecológico, sabe disso. E Edgar levava, ele fazia cela, cabresto, fazia sandálias e ele levava. E ele tinha uma tirada de uma música que até hoje eu nunca ouvi mais essa música, ele começava com uma e ia até seiscentas: era uma biata santaera uma biata santa que no céu apareceu...ave maria cheia de graça, cercada de luz que no céu apareceu. Ai de duas, três, ele passava seiscentas biata santa que no céu...apareceu....E era aquela risada , aquela gargalhada gostosa. As viagens eram muito gostosas, muito animadas , sobretudo regada por uma grande fé.” Iranildo- Anagé

Percebe-se que a música é traduzida como um marco identitário de lembranças, uma motivação para o percurso da viagem, não faltando entre os romeiros, expressividades de ânimo e alegria. A letra da música é de origem católica, como se percebe a referência do culto a mãe de Jesus, o que não impede que os devotos se divirtam, revelando uma religiosidade espontânea, alegre, sem rigores severos, que

por muito tempo, permeou a religião. Para Torres e Kozel (2010):” O estudo da música deve levar em consideração o lugar onde ela é produzida e tocada, com seus valores sociais e culturais. Pensar o lugar remete a pensar na localização, assim como nas paisagens que este comporta” (Torres e Kozel, 2010, p. 128). Com efeito, as músicas revelam nuances culturais próprias do lugar da sua origem e divulgação.

Apresentando algumas especificidades sobre este evento, informa-se que Anagé, enquanto Vila e atualmente cidade, é rota de passagem com destino à Ituaçu. Sendo assim, a partir da segunda quinzena de agosto, a mesma ganhava uma mobilização diferenciada, com a presença dos romeiros, que incluía uma parada em Anagé. Situação esta que favorecia a crianças e comerciantes, a realização de comércios, uma alternativa de renda para os moradores.

Percebe-se que em torno da romaria, girava um circuito comercial, uma vez que os romeiros adquiriam um comportamento de turista, envoltos em uma sinergia da viagem. Estavam na simplicidade, experimentando o lazer, que envolvia não apenas uma devoção religiosa, mas a alternativa de conhecerem novas paisagens, pessoas, realização de compras, a experimentarem comidas e sabores. As localidades de comércio, incluía as vendas rurais dos municípios, os mercados das vilas e cidades e o comércio ambulante de crianças e adultos. O que pode ser verificado nas narrações com as memórias de infância de dois narradores:

“Eles chegavam cantando. Eu era criança, eu ouvia o canto dos romeiros. Quando eu ouvia o canto, eu despertava. Minha madrastra, coava o café e botava nos bulinhos verdes esmaltados, com aquelas canecas brancas. E agente colocava nas bandejas e eu ia vender. Eu me lembro que nos caminhões tinha aquelas escadinhas para subir. Eu subia a escada, entrava no caminhão e vendia o bule de café todinho. Recebia o dinheiro, colocava no embornal, eu pendurava o embornal do lado. Lembro como hoje, eu descia feliz por ter vendido o meu bule de café. Terminava, agente ia repor. Eram muitas barracas, muita gente vendendo. Agente usava o candeeiro para iluminar”. (Marilande-Anagé).

Falar da romaria, é um resgate de memória, faz parte da minha vida. Que assim, desde pequeno que eu sempre me virei. E Anagé sempre foi muito carente. A população sempre carente de recurso. Então agente ficava esperando as oportunidades de poder fazer alguma coisa para ganhar algum dinheiro. E esse período de romaria em Anagé, era um período muito sofrido para quem viajava. As estradas eram de chão. Muito ruins. Para vir de onde as pessoas vinham até de outros estados para chegar em Anagé, era muito sofrimento. Era um desgaste muito grande na viagem, naqueles caminhões de pau de arara e tal. Então Anagé, acabava sendo um ponto de parada para pernoite para os romeiros. E eu me lembro muito bem que minha avó paterna, era uma exímia fabricante de bolinho de milho. E agente explorava esse

período de romaria para ganhar um dinheirinho extra. Então minha vó, passava o dia inteiro lá no forno, providenciando os bolinhos. As forminhas redondas. Bolinho, uma delícia, bem temperadinho. E aí eu pegava aquelas bandejadas, saídas do forno, quentinho e ia para rua. Uma bandeja grande com duas garrafas de café e uma bandeja enorme de bolinhos. Isso a partir das 17h e agente ia até meia noite. Os romeiros, armavam redes nos caminhões e colocavam colchões debaixo dos caminhões e se abrigavam por ali. (Iris – Anagé).

A relevância das narrativas, impõe questões importantes, uma vez que envolve as memórias da infância de dois entrevistados, certificando ao entendimento que a romaria da gruta, teve uma importância significativa para os moradores de Anagé. Movimentou o comércio e ajudou famílias a adquirirem rendimentos financeiros com vendas de produtos necessários a estadia do romeiro com destino à Ituaçu. Considerável ressaltar que as crianças formavam a mão de obra necessária para dinamizar o comércio. Como auxílio do entendimento para esta disposição social e cultural de vida, informa-se de acordo com Almeida (2022):

As dimensões culturais construídas “no mundo rústico, sertão, onde estariam nossas raízes e nossa autenticidade”, conforme nos lembra Martins (2000, p.28), para entender esse sertanejo e, nisso, entendermos a nós mesmos. Como somos e de onde viemos, ou melhor, como nos representamos, como somos representados e poderíamos nos representar são indagações e respostas para nos auxiliar a compreender as identidades territoriais, posto que elas não existem fora das representações. É pela cultura que estas populações fazem sua mediação com o mundo, constroem um modo de vida particular e se “enraízam” no território. (Almeida, 2022, p. 234).

A autora menciona destaques relacionados as origens que cada indivíduo carrega, de forma específica retrata sobre a representação sertaneja, como chave de compreensão para a identidade territorial. O que bem se identifica com o recorte espacial em estudo, que está situado em uma área sertaneja do estado da Bahia. A afirmação corresponde com as narrativas até então apresentadas, existindo, pois, particularizações próprias expressas através do modo de vida dos moradores locais.

Apresenta-se no desenvolvimento do texto, referências explicativas sobre o local da romaria, assim como a sua origem, constituição, as relações comerciais desenvolvidas entre romeiros e moradores locais, como também o envolvimento destes últimos na participação efetiva nas romarias. O que é melhor compreendido com algumas das narrativas. Sendo assim as memórias advindas dos entrevistados, retratam sobre uma variedade de informações, entre elas, a estadia, a vivência da festividade no lugar específico da Gruta da Mangabeira. Ao que informa uma das

entrevistadas, ao lembrar da viagem que realizou na infância, com os seus pais, assim: “nós saímos de Caraíbas, fomos de caminhão, chegando lá, pai armou um tripé e fez um arroz com carne.” (Ivone-Caraíbas).

Ao prosseguir com as informações sobre a romaria, uma das moradoras de Caraíbas, apresenta a tradição em sua família, ao que relata:

Era assim, pai todo ano ele ia na Gruta. Ele começou a ir de 1973 a 1982, todo ano ele ia, no último domingo do mês de agosto ele ia. Ele fretava um caminhão de Alício de Anagé, e levava umas sessenta pessoas. Levava gente velho, nova. E ai agente ia, saia daqui de manhã no domingo e voltava na segunda-feira. E a gente lá travessava a gruta e o pessoal ia todo mundo cantano, parava no rio de Sussuarana para almoçar, o pessoal tomava até banho lá no rio e seguia viagem. No outro dia voltava à nossa casa. Na segunda-feira, passava na feira de Tanhaçu e agente chegava aqui em casa, umas quatro horas da tarde. Todo ano, era esse mesmo jeito, até 82 ele parou de ir, num foi mais não. Alugava uma casa, levava colchão, coberta, esteira também. Era muito bom. Agente ficava dois dias, era só alegria e descia visitava Coração de Jesus na ida e na vinda, atravessava a gruta, era muito bom. (Irani-Araras Caraíbas).

Uma tradição que perdurou por quase uma década entre a família, não é apresentado os motivos da interrupção, permanecendo as boas memórias no convívio entre familiares e amigos. O entrevistado, Iranildo, declara que ao se chegar na Gruta da Mangabeira: “ a primeira coisa que fazia era ir no santuário, visitava o altar do Sagrado Coração de Jesus, depois seguia para ver onde o vaqueiro caiu” Em acordo às informações, os guias contavam a história lendária do vaqueiro e eles deixavam para realizar a travessia da gruta, no dia seguinte. A Figura 47, refere-se ao local, o Cruzeiro, em que homenageia o vaqueiro que caiu junto ao cavalo e a vaca. A fenda na rocha é visível e através dela entra um pouco de iluminação, fazendo uma diferença no ambiente escuro da caverna. Na direção da fenda foi erguido um cruzeiro em homenagem ao vaqueiro, onde estão afixados um chapéu de couro. É um dos lugares em que os romeiros acendem velas e realizam orações.

Figura 47- O cruzeiro em homenagem ao vaqueiro



Fonte: Agnaldo Novais (2006)

Atravessar à gruta, não é tarefa para todos, pois algumas pessoas têm receio em adentrar em ambientes cavernícolas, com pouco iluminação, em sua maior parte a iluminação é fornecida pelos lampiões à gás. O ambiente da caverna da Gruta da Mangabeira, é formado pela entrada, onde após uma descida em uma longa escadaria, chega-se à um salão, onde foi constituído como uma igreja com imagens, e altares. A Figura 48, demonstra a entrada da gruta, formada pela escadaria de noventa e cinco degraus e três rampas. As escadarias constam de apoios laterais, para proporcionar uma maior segurança.

Figura 48. A escadaria da Gruta da Mangabeira

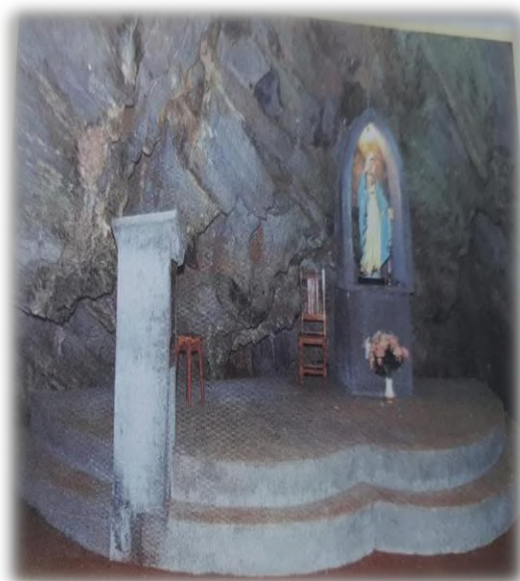


Fonte: Ivana Lima e Silva- Trabalho de campo 2018

A partir do salão principal, encontra-se altares laterais em devoção à vários santos, entre eles à Virgem Maria, denominada Coração de Maria. A Figura 49, apresenta o altar de Nossa Senhora, situado em uma das laterais do salão principal.

A Figura 50, é uma obra de arte, que foi elaborada a partir de uma observação fotográfica. A artista plástica produziu a tela no desejo de representar a amiga, quando esta prestava culto ao Sagrado Coração de Maria.

Figura 49- Arte Sagrado Coração de Maria



Fonte: Agnaldo Novais (2006)

Figura 50- Arte “Em oração”



Fonte: Ivana Lima e Silva Trabalho de campo (2023).

Há poucos metros da entrada, encontra-se uma fenda, identificada como local onde o vaqueiro sofreu o acidente. Seguindo o interior da caverna, haverá uma disposição em salões que são os ambientes mais largos e altos e outros espaços mais estreitos, que são as galerias. A narração seguinte de Iranildo, é sobre o ambiente da caverna e os espeleotemas, também conhecidos como decoração das cavernas, ao que informa sobre as suas observações:

Eu cheguei à ir, de certa forma induzido a ver, eu sei que eu vi uma fileira de peixes, uma mesa dos apóstolos, o chapéu do vaqueiro, o chapéu do romeiro, um coração, tudo ali agente enxergava naquelas imagens, daquelas estalactites, daquelas pedras lindíssimas da construção da mãe natureza. Iranildo- Anagé

Os espeleotemas, são para os romeiros mais uma informação da presença do sagrado naquele espaço, podendo cada um contribuir com novas descobertas, dependendo da percepção imagética do visitante. Percorrer toda a extensão da caverna, é está diante de uma criação divina e a possibilidade de contemplação e proximidade com o sagrado. Como ressalta Castro (2008):

Necessidades materiais e espirituais se interpenetram dialeticamente na ambiência do sagrado, mas não se anulam; complementam-se. Busca-se resolver questões de ordem espirituais, materiais, subjetivas, coletivas, familiares ou procura-se atender uma necessidade pessoal de proximidade com o sagrado. Os romeiros, assim como a diversidade de formas para cultuar suas divindades nos lugares sagrados, devem ser respeitados porque não se impõe a um povo nem se planeja em gabinetes as suas manifestações culturais; elas criam-se e recriam-se ao longo do tempo e são transmitidas de geração para geração. (Castro, 2008 p. 42).

Como bem é apresentado pelo autor, a experiência que os romeiros adquirem em forma de pensamento e ação, é advinda do meio social e familiar, como uma herança tradicional que se perpetua por gerações. As representações do sagrado, através das formas encontradas na caverna, estão de acordo ao contexto cultural em que vivem. E como apresenta Castro (2008): “Os lugares sagrados são locais especiais para os crentes e se constituem em um elo entre este mundo e um outro mundo desconhecido” (Castro, 2008, p.37). Em uma busca de compreensão da vida, em que incluem as adversidades e realizações, os romeiros buscam uma conexão com o divino. A figura 51, conhecida como a oca dos indígenas, é uma composição rochosa de estalactite, formação que se origina no teto e das estalagmites que partem

do solo. Em seu processo de formação, as rochas com materiais solúveis em contato com a água, dissolveram-se e espalharam-se, formando uma espécie de mesa, sustentada por colunas, com uma circunferência circular. Ganhando assim a denominação de uma oca.

Figura 51- A Oca



Fonte: Agnaldo Novais (2006)

Os dias festivos da Gruta, são intensos e constam de celebrações em vários momentos, como também as vivências coletivas, com os companheiros da viagem, ao que narra Iranildo:

E a missa do outro dia, era aquela festa, a noite agente tomava o café, aquela animação toda. As pessoas iam para a gruta à noite. No outro dia o café de novo. Aquela confraternização, uma verdadeira comunhão, ali todo mundo comungava mesmo, comendo bolo e biscoito que ali existia um compartilhamento, todo mundo. Fulano, trouxe a brevidade, outro trouxe o biscoito de goma, o bolo de puba. Ai divida, confraternizava e fazia uma verdadeira socialização. Dos alimentos que cada um trouxe. Itranildo-Anagé

A socialização dos alimentos, a afirmação da amizade, em torno da festa religiosa é uma significativa expressividade. Algumas recomendações e ritos a serem cumpridos, são assim apresentados por Iranildo: “quando assistia a missa, tinha o

ponto alto. Minha mãe falava: enquanto não cantar o hino, agente não sai”. Diz os versos do hino: “em nossa gruta, Senhor meu, a prece escuta de um povo teu”. Ao sair da gruta, como informado pelo narrador, era o tempo de comprar os presentes, lembrancinhas para os amigos que ficaram em Anagé.

Entre os alimentos que se compravam, um deles o tijolo, muito bom e famoso. Apresenta-se assim memórias de um morador de Anagé, que acompanhou a tradição em sua família por longos anos, interrompendo o percurso da viagem, em decorrência do adoecimento e falecimento do seu pai. No entanto guarda o desejo de retomar junto aos seus irmãos e familiares à tradição, no reconhecimento que esta festividade fortalece a unidade da família.

Com base em Santos (2020), temos que: “a própria localização dos eventos é condicionada pela estrutura do lugar”. (Santos, 2020 p. 160) o que é compreendido que a organização funcional da Gruta da Mangabeira e do seu entorno favorece a frequência da mesma, tendo como referência o esplendor natural de uma caverna, que foi sacralizada. O que não impede que na dimensão espaço-temporal, ocorra alterações. Com base em Santos (2008), temos:

O mundo em movimento supõe uma permanente redistribuição dos eventos, materiais ou não, com uma valorização diferencial dos lugares. A base mesmo da Geografia é que o mundo está sempre redistribuindo-se, se reorganizando. Em cada momento, a unidade do mundo produz a diversidade dos lugares.” É o instante que valoriza diferentemente os objetos. A cada momento muda o valor da totalidade (quantidade, qualidade, funcionalidade) isto é, mudam os processos que asseguram a incidência do acontecer e muda a função das coisas, isto é, seu valor específico. (Santos, 2020, p.158).

Mediante ao que foi apresentado através das narrativas, é notório entender que ao referendar sobre as romarias, as pessoas apresentam memórias dos acontecimentos passados, o que são expressos de forma saudosa, o que é compreensível, no instante em que estavam em companhia de pessoas amigas e familiares, em que muitos já não estão presentes. Como também compreender que a sucessão do tempo provoca mudanças nas relações culturais e sociais, como apresenta Santos (2008), o que não impede a continuidade de uma tradição, assim como da revitalização de antigos modos de vivência do evento, na consciência de que o dinamismo do mundo vai impondo mudanças da funcionalidade dos lugares.

A Gruta da Mangabeira ou Gruta do Sagrado Coração de Jesus, é visitada constantemente por pessoas com variadas percepções e intenções. As romarias religiosas, continuam em evidência. Na contemporaneidade, a prefeitura de Ituaçu, implementou um serviço de apoio aos visitantes, como uma catalogação dos mesmos com o controle de entrada e saída e acompanhamento de guias. Na estrutura física, incluiu a implantação de sanitários e serviços de atendimento e orientação. Desbravar e conhecer os mistérios de uma caverna, é algo que fascina muitos, existindo a resistência de alguns em realizar a experiência, ficando apenas na parte inicial do salão principal e na visitação do cruzeiro em homenagem ao vaqueiro.

Os guias são incentivadores da aventura para a realização completo do percurso da caverna, para tanto inovam com algumas demonstrações, a exemplo o momento em que incentivam os visitantes a fazerem um momento de silêncio para contemplação, utilizando para este momento das luzes de lanterna e produzem efeitos nas rochas, semelhantes à relâmpagos. Os fotógrafos locais costumam acompanhar o trajeto, para registrar os visitantes.

Os bens simbólicos, são características marcantes dentro da religiosidade, de acordo ao entendimento de Rosendahl (2014): “no catolicismo popular brasileiro há um conjunto de bens simbólicos, imagens, velas, ex-votos, terços, medalhas, santinhos e outros objetos- que suscitam um processo produtivo envolvendo mecanismos de mercado” (Rosendahl, 2014, p.191).

A afirmação da autora, confirma o que é visualizado na Gruta, haja vista a variedade do comércio de artigos religiosos, seja em lojas ou no comércio dos ambulantes, incluindo fitinhas, chaveiros, porta-retratos, artigos religiosos, fotografias padronizadas, realizadas pelos fotógrafos que acompanham os guias. Algo emblemático, que pode ser considerada uma estratégia comercial, refere-se a venda de fotografias com um boi, este é deixado à disposição dos romeiros para realização de fotografias. Uma parceria entre um comerciante com fotógrafos locais. A Figura 52, apresenta um homem montado no boi da Gruta da Mangabeira. O boi, é um atrativo para os visitantes que desejam ser fotografados no mesmo. Caso seja necessário, é possível a utilização de uma escada para este feito.

Figura 52. O Boi da gruta da Mangabeira



Fonte: OLIVA (2015)

Ao reconhecer a temporalidade e espacialidade dos bens simbólicos, Rosendhal (2014), referenda a partir de trias (2000) que: “O acontecer simbólico pressupõe também um recorte temporal, referido ao tempo sagrado ou tempo de festa”. (Rosendahl, 2014, p.189). Reconhece-se que na Gruta existe uma movimentação comercial de maior significância em períodos festivos, isto é perceptível, como também a inovação e criatividade dos bens simbólicos vendidos. O que por sua vez de acordo com Rosendhal (2014), constitui-se como mercadoria e significado, que a depender do enfoque cultural dado ao mesmo ganha a validação enquanto um símbolo.

O que não basta é apenas deter-se a descrição destes símbolos, mas compreender o significado que alcança para quem dele se utiliza. Na consideração de que nos lugares sagrados, os agentes sociais são suscetíveis a “experiências humanas”. “A oferta de bens simbólicos implica o conhecimento da existência de uma rede de distribuição envolvendo diversos agentes sociais, suas localizações e os diversos fluxos que unem as cidades-santuário ou hierópolis”.(Rosendahl, 2014, p.192).Retomando ao que foi anunciado anteriormente, mediante as narrativas sobre o comércio ocorrente no percurso da viagem e ao existente na Gruta da Mangabeira, temos que mesmo informalmente uma rede de fluxos consolidou o comércio, que varia entre bens simbólicos religiosos e muitos outros, que mesmo não tendo caráter religioso, ganha a notoriedade ao ser vendido na Gruta.

Como informa o narrador Iranildo, sobre as compras ocorrentes no período da romaria: “era o tempo de comprar os presentes, lembrancinhas para os amigos que ficaram em Anagé. Entre os alimentos que se compravam, um deles o tijolo, muito bom e famoso”. A existência dos comércios em locais de Santuários, é uma constante, tornando como uma alternativa de atividades de trabalho para os moradores locais.

São muitos os interessados que buscam conhecer a gruta, seja por referências religiosas, como por outros interesses, entre eles destacam-se os pesquisadores, na área de Espeleologia, geologia, geografia e outros. Sendo objeto de pesquisas e produção de análises e publicações científicas, as excursões entre estudantes do ensino médio e universitário, tem favorecido as muitas visitas na Gruta, principalmente em períodos que não coincidem com o fluxo da romaria religiosa.

No decorrer da pesquisa, a história oral dos entrevistados, deixa evidente a importância da gruta para os mesmos, constituindo assim como um lugar especial, de muitas memórias. A constância das viagens, a cada ano como de costume, não é muito evidente. No entanto, são realizadas. Compreende-se assim que a Gruta da Mangabeira, distrito de Ituaçu, é considerada um lugar, pois é referência de convívio, de afeição e sentimentos. Apresenta-se assim uma tentativa de sistematizar as experiências de indivíduos dos municípios em estudo com o espaço e lugar, com o propósito de esclarecer as relações sociais desenvolvidas.

Não existindo nesta relação uma resposta pronta, de quando um lugar torna-se íntimo. Como nos diz Tuan (2013), “o sentido de lugar, é uma qualidade do equilíbrio do conhecimento entre sentir-se enraizado no lugar, que é inconsciente.” O que pode ser aprendido a partir das experiências. É importante reconhecer que existem inúmeras possibilidades de estudos e averiguações, que por vezes permanecem desconhecidas em sua inteireza e importância, considerando o que nos diz Tuan (2013):

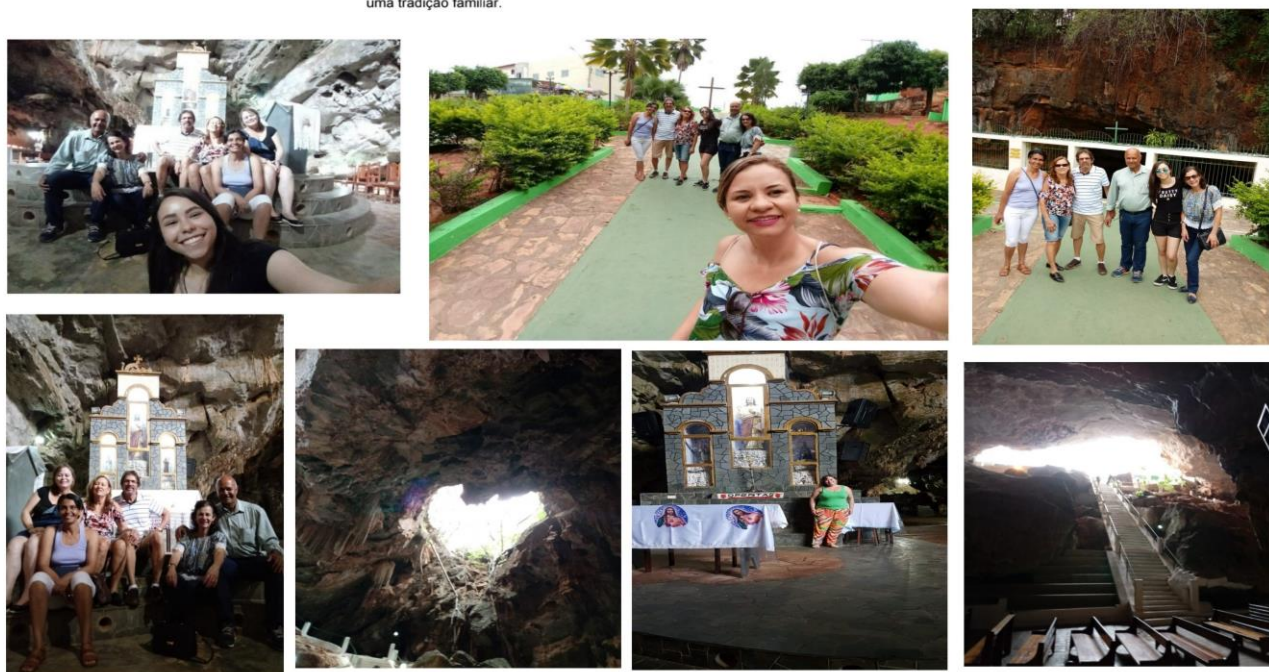
as experiências são negligenciadas ou ignoradas porque faltam os meios para articulá-las ou destacá-las. A falta não se deve a nenhuma deficiência inerente à linguagem. Se algo é suficientemente importante para nós, geralmente encontramos os meios para torná-lo visível (Tuan, 2013, p. 245).

E como sinal de valor e importância, foi encontrado os meios para apresentar considerações sobre a Gruta da Mangabeira, consolidada e reconhecida como lugar, segundo as expressividades dos moradores em estudo, analisadas durante a pesquisa.

O mosaico das fotografias, apresentam-se na Figura 53. São referentes à viagem na Gruta da Mangabeira, realizada em 2018. A família Lima, reuniu - se com familiares vindos de São Paulo, para realizarem à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Cumprindo uma tradição familiar.

Figura 53. Mosáico: Família em Romaria ao Sagrado Coração de Jesus²³

As figuras do mosaico a seguir, são referentes à viagem na Gruta da Mangabeira, realizada em 2018. A família Lima, reuniu - se com familiares vindos de São Paulo, para realizarem à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Cumprindo uma tradição familiar.



Fonte: Ivana Lima e Silva- 2022- Trabalho de campo

A forma como os moradores tratam as memórias sobre a tradição, revelam informações sobre o modo de vida dos mesmos, no que diz respeito aos vários aspectos sociais e culturais, somados ao componente religioso evidenciado.

²³ Fotografias autorizada pelos membros da família participantes da devoção.

4.5 VÔ CORRÊ TRECHO...COM O CACIONEIRO ELOMAR FIGUEIRA

*Vô corrê trecho, Vô percurá u'a terra, preu pudê trabaiaá
prá vê se dêxo essa minha pobre terra, véia discansá...*

Elomar Figueira de Mello

Apresenta-se o texto, “Vô correr trecho com o Cacioneiro Elomar”, em reconhecimento de que algumas das suas canções, em especial as da fase regionalista, evocam o sertão catingueiro, da beira do rio Gavião. Situando espaços, causos e pessoas de Anagé e Caraíbas. A leitura das suas músicas, algumas das quais serão apresentadas no decorrer do texto, são permeadas de indicativos geográficos, sendo esta uma oportunidade de estudos e correlações ao modo de vida, paisagens e lugares catingueiros. A Figura 54, é uma representação artística em que Elomar é representado em um contexto paisagístico do sertão catingueiro em período de seca.

Figura 54. O Cacioneiro Elomar



Fonte: ivana Lima e Silva- Trabalho de campo- 2023

Situando a presença de Elomar nestes espaços, intenta-se compreender que partindo de uma escolha, Elomar, adquiriu uma fazenda nas intermediações dos povoados em estudo, integrando-se a este lugar, dedicará parte do tempo com

afazeres na criação de bodes e ovelhas, como também em cantar o Sertão. Ao que afirma: “toda a sua obra é de origem bucólica”²⁴.

Confirma-se, segundo expressividades do cancionero, em uma entrevista durante o decorrer da pesquisa, que as inspirações das suas músicas são advindas de observações e reflexões diante do cotidiano, de experiências de convívio com pessoas, tornadas como diz: “personagens imortalizados em minhas obras. Ao que narra que a letra de uma música, “ora chega junto com a melodia, de uma única vez”. Informa também que: “uma vez, em setembro, destampeei numa curva, um grupo de retirantes”. O episódio narrado pelo Cancioneiro, foi o suficiente para compor a música, Retirada, apresentada na Figura 55. A obra é gestada a partir de uma observação e aponta algo que foi ocorrente nos trechos entre Anagé e Caraíbas. A canção refere-se a migração de agricultores, o que foi algo expressivo em períodos de maior escassez de chuvas. Em alguns dos versos, apresenta-se:

Figura 55- A Retirada

Elomar Figueira Mello (1972/73)

Vai pela istrada enluarada
Tanta gente a ritirar
Levando só necessidade
Saudades do seu lugar

Esse povo muito longe
Sem trabalho, vem prá cá
Vai pela istrada enluarada
Com tanta gente a ritirar Rumano para a cidade
Sem vontade de chegar

Passa dia, passa tempo
Passa o mundo devagar
Lembrança passa com o vento
Pidindo não ritirar

Fonte: A retirada. Elomar Figueira. <https://www.letras.mus.br/elomar/687554/>

²⁴ O Bucolismo é um gênero literário poético em que os autores exaltam a vida no campo, a simplicidade e ingenuidade dos costumes, a tranquilidade e riqueza do contato com a natureza, e os hábitos peculiares dos pastores. É uma poesia caracterizada pela idealização de um cenário de paz e sossego, em contraste com o corre-corre, confusão e agitação da vida na cidade. <https://www.significados.com.br/bucolico/>

A migração implica em deixar lugares de pertencimento, em busca de alternativas de sobrevivência, em direção aos centros urbanos. E como afirma Mello (1972), o retirante carrega em sua bagagem as necessidades materiais, em uma viagem saudosa do seu lugar e dos seus parentes e amigos. Em interrelação ao que é apresentado na música, um morador local, Sr. Gercy Viana, descreve sobre a sua participação na intermediação das viagens de migrantes locais, na década de 1950, com destino para São Paulo, ao que informa:

Muita gente mudou daqui. E que aí existiu uma crise enorme em 1951 e aí o povo não tinha dinheiro pra viajar e nem pa cumê. Eu comprei um caminhão Chevrolet e botei dez banco e carreguei, levei pro interior de São Paulo, daqui por minha conta, 460 passageiro. Tudo... era, era ... três bancos, sete ni cada banco. Ia a família. Mei dia, eu chegava no restorante, mandava fazer 35 maurmita e uma pra dois, pa pa pa pa. Eles chegava lá, trabaiava, trabaiava, me pagava. No dia de fazê os pagamento, o 30, 40 dia que tava lá. Aí as mulher falava assim(para os esposos): Cadê, comprou o presente? Era o dinheiro e um presente, o dinheiro e um presente. (Gercy Viana- Caraíbas).

Dentre as informações, Sr. Gercy, descreve que o seu carro, um Chevrolet azul, foi adaptado com bancos, constituindo o chamado pau de arara, para assim fazer o percurso de Caraíbas até São Paulo. Migração esta que ocorreu em muitos estados Nordestinos. Foram muitos os que migraram, na tentativa de encontrar melhores oportunidades na região sudeste. Conforme apresenta Silva (2022):

Na década de 1950, assim como nas anteriores e nas seguintes, impulsionados pelo desenvolvimento capitalista-econômico-industrial de Estados como São Paulo, e vivenciando os problemas históricos que prevaleciam no Nordeste, como o mandonismo, o latifúndio e as secas temporárias, homens e mulheres nordestinos encontraram na jornada migratória uma forma de resistir, escapar daquela condição ou, se queira dizer, ir em busca de uma vida melhor, distante do seu local de origem. Aventurando-se em viagens perigosas que se arrastavam por vários dias, indo às vezes até mesmo sem ter dinheiro suficiente para se manter até o local de destino, brasileiros do Nordeste, utilizando os paus de arara como meio de locomoção, buscavam dar novos sentido às suas histórias. (SILVA, 2022, p.172).

O texto refere-se sobre a migração na década de 1950, através de viagens exaustivas, em que os migrantes arriscavam encontrar uma oportunidade diferente para suas vidas. Ao chegar a São Paulo, eram por vezes acolhidos em um setor de migração, para posteriormente seguirem para destinos de trabalho. Uma longa

experiência de muitas novidades. Segundo Silva (2022), esta mobilidade dos migrantes nordestinos foi motivo de interesse da revista: O Cruzeiro. Sendo assim produziu várias fotorreportagens, que são consideradas uma fonte histórica do registro dos migrantes para a região Sudeste do Brasil. Como afirma Silva (2022): “entre os temas que ganharam destaque a respeito do Nordeste brasileiro na época, estavam as migrações. A Figura 56, faz parte de uma série de fotografias, publicadas na revista O Cruzeiro. Na imagem é visível a presença de homens, mulheres e crianças, que realizavam uma viagem com destino para São Paulo, em um rústico transporte, um caminhão adaptado para viagens, o pau de arara.

Figura 56- Famílias de migrantes no pau de arara, divulgada na revista:O Cruzeiro em 1952



Fonte: Soares - O Cruzeiro, 12 de abril de 1952

Situando para o recorte espacial, eleito para o estudo, que comporta os municípios de Anagé e Caraíbas, é constatado entre os moradores, que muitos parentes, migraram para São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro, em um processo de migração espaçada entre as décadas de 1950 a 1990. Muitos constituíram famílias nestes estados, não retornando para morar no local das origens. Um dos entrevistados, Dete, comenta que a sua mãe Dona Rosa, tinha muitos filhos e estes ao ficarem rapazes e moças, migraram para São Paulo. Em suas lembranças narra:

Mãe, todo final da tarde, perto de escurecer, saía na porta da casa, ficava paradinha olhando para o tempo, na direção de São Paulo, com o lenço na mão e chorando de saudades dos filhos. Quando eu cresci, na idade de dezessete anos também fui para São Paulo, trabalhar. Dete (Caraíbas).

Assim, é a realidade de muitas famílias que choram a saudade do convívio com seus filhos. Existem histórias de pessoas que foram e não mais voltaram ou mesmo não retornaram o contato. Como é mencionada a história de José, filho de Totonho, que saiu com a idade de quinze anos para o Paraná, acompanhado de uma família local, que se responsabilizou pelo mesmo. Por aquelas terras, José se dispersou e não mais voltou ou realizou contato com os familiares. Entre as entrevistas um dos entrevistados, João Antônio, relata que saiu para trabalhar e retornou depois de quatorze anos e meio, ao que narra:

Eu saí daqui mais ou menos com dezessete anos, porque eu nasci em 1932 e saí daqui em 1949. Dia vinte e nove de fevereiro de 1949, esse ano era até bissexto, porque um ano quando cai vinte e nove é bissexto, né? E saímos daqui de a pé até Rio do Brás entre Ilhéus e Itabuna. Saí a pé, mas em três, em quatro. Saiu meu cunhado e saiu mais dois primo meu que era solteiro, nós três solteiro. (João Antônio-Lagoa das Flores).

Seguindo as informações do narrador, relata que junto aos parentes durante o percurso da viagem, trabalharam em um lugar denominado Salobinho, próximo à Ilhéus- Itabuna, em uma construção de estradas. Por não estarem recebendo pagamento, durante o período de seis meses, sendo oferecidas apenas alimentação e alojamento, resolveram procurar uma fazenda para trabalhar e foram para a fazenda intitulada Jacarandá. Permanecendo por estas localidades por uma média de quatro anos, até que sozinho, resolveu ir para São Paulo, em um pau de arara. Permaneceu em São Paulo por cerca de um ano trabalhando em fazendas e seguiu para o Paraná.

Em fevereiro por aí mais ou menos. Aí passava um pau de arara no ponto que ia pra São Paulo às onze horas do dia. E nesse tempo eu trabalhava com os burro puxando cacau da roça e trabalhava com carro de boi puxando cacau pra armazenar na beira da estrada, botava o carro pra eles pegar. Aí um dia amanheceu o dia, amanheceu dando uma chuvinha, aquela chuvinha fina, aí eu meti os pé assim, eu estava com setecentos mil réis no bolso desse tempo, fui pra São Paulo, fui naquele tempo da migração de São Paulo. (João Antônio- Lagoa das Flores-Caraíbas).

Percebe-se que o narrador, ainda muito jovem, desde cedo aprendeu a trabalhar. O que foi importante para seguir por lugares desconhecidos e adquirir

experiências. Informa que seguindo para o Paraná, trabalhou em lavouras de café. No último trabalho, estava fazendo plantios em parceria com um fazendeiro, percebendo uma oportunidade para conseguir prosperar. No entanto, o desejo de retornar para sua terra, ao convívio com a sua família, o impulsionou a deixar o estado. Ao que informa: “ia pra fazenda pra plantia de café, arrumava um dinhheirin, trabalhava em colheita de café.

De quando eu sai de casa até o dia que eu cheguei, quatorze anos e oito meses” (João Antonio - Lagoa das Flores - Caraíbas). Esta é a realidade de muitos moradores que fizeram este percurso. Em todas as famílias entrevistadas, existem relatos de que por anos eles próprios ou os parentes se ausentavam para trabalhar em São Paulo, Paraná e na colheita do café na Barra do Choça-Bahia.

Elomar Figueira, canta o sertão catingueiro de Anagé e Caraíbas, imortalizando lugares e pessoas. Através da composição musical, *Curvas do rio*, apresentada na Figura 57, é notório esta afirmação. Apresenta-se:

Figura 57-Curvas do rio

Elomar Figueira Mello (1979)

Vô corrê trecho
 Vô percurá uma terra pr'eu podê trabaiá
 Pra vê se dêxo
 Esta minha pobre terra véia discansá
 Foi na Monarca a primeira dirrubada
 Dêrna d'então é Sol é fogo é tái d'inxada
 Me ispera, assunta bem
 Inté a bôca das água qui vem
 Num chora conforma mulê
 Eu volto se assim Deus quiser

Tá um apêrto
 Mas qui tempão de Deus no sertão catinguêro
 Vô dá um fora
 Só dano um pulo agora in São Paulo, Triangulo Mineiro
 É duro môço esse mosquêro na cozinha
 A corda pura e a cuia sem um grão de farinha
 A bença Afiloteus
 Te deixo entregue nas guarda de Deus
 Nocença ai sôdade viu
 Pai volta prá curva do rio

Ah mais cê veja
 Num me resta mais creto prá um furnicimento

Só eu caino
 Nas mão do véi Brolino mêrmo a dez por cento
 É duro moço retirá p'rum trecho alheio

C'ua pele no osso e as alma nos bolso do véi
 Me ispera, assunta viu
 Sô inbuzêro das bera do rio
 Conforma num chora mulé
 Eu volto se assim Deus quiser
 Num deixa o rancho vazio
 Eu volto pras curva do rio.

Fonte: Curvas do rio. Elomar Figueira. <https://www.lettras.mus.br/elomar/376560/>

A Figura 58, é uma pintura plástica de autoria de Orlando Celino, que foi utilizada na capa do álbum de Elomar, no ano de 1978, intitulado: “Na quadrada das águas perdidas”, em que está presente a música: “Curvas do rio.” Pintura de Orlando Celino em capa de álbum de Elomar em 1978.

Figura 58- Na quadrada das Águas Perdidas



Fonte: SINISTERSALADMUSIKAL (2012)

A música evidencia lamentos em torno da dramaticidade da seca e a falta de recursos para a sobrevivência, não restando uma outra alternativa, a migração. As exaltações poéticas da música, apresentam uma espécie de monólogo, que em sua parte inicial revela a necessidade de “retirá p'rum trecho alheio”, para culminar com o

diálogo entre o personagem e a esposa, ao confirmar a promessa do retorno, segundo a permissão de Deus.

Porque é este o migrante, arraigado em sua terra, ao que revela: “Sô inbuzêro das bera do rio, conforma num chora mulé. Eu volto se assim Deus quiser, num deixa o rancho vazio. Eu volto pras curva do rio.” (Mello, 1972). Os elementos naturais, como: o umbuzeiro e o rio, contidos na paisagem, são apresentados no contexto final dando a ideia da pertença do homem catingueiro e sertanejo, ao seu lugar. Ele apresenta-se enraizado, utilizando a metáfora “sô inbuzêro das bera do rio”, ou seja, faz parte da paisagem.

Comentado Heidegger (2008), assim aponta Kozel (2012): “ é a poesia que admite ao homem habitar a sua essência. A poesia deixa habitar em sentido originário. Assim a escolha da relação que o ser humano estabelece com a natureza pode ser analisada como prerrogativa de sua condição humana”. (KOZEL, 2012, P.67). Esta forma sensível de perceber a natureza, vai de encontro com que os indivíduos resguardam em sua constituição humana, que se constroem em parte, com atributos culturais adquiridos, ao se colocar em contato com ambientes que trazem ao mesmo uma identificação e correspondência com a sua essência. Encontra-se na composição musical citada, indícios conceituais sobre a paisagem, em que sobressai elementos naturais e culturais. Na concepção de Almeida (2013):

Entender e interpretar a paisagem implica, pois, em uma visão de mundo de quem o faz. Andreotti (2008, p. 18) afirma que paisagem é “aquela síntese superior que o observador elabora depois de ter percebido com os sentidos e sentimentos a realidade ambiental. Se considerar a paisagem, na concepção da geografia cultural, é evidente que ela diz respeito sobre a nossa posição na natureza, sua elaboração ocorre pela percepção e pela razão humana e sempre esteve ligada à cultura. Sauer (1929/2010) afirma que, na formação cultural, a cultura é o agente, a paisagem natural, o meio e a paisagem cultural é o resultado. (Almeida, 2013, p.420).

Com entendimento em Almeida (2013), e com os pesquisadores citados pela autora, a paisagem cultural é interativa, experimentada, diversa e construída em muitos aspectos, sejam os naturais e culturais. Sendo assim a paisagem cultural é resultado de uma experiência que ocorre pela via dos sentimentos e sentidos sensoriais. Em seguimento a proposta do texto, uma outra música de Elomar, será apresentada, abrangendo neste contexto elementos representativos inseridos no espaço terrestre. A música em tema é Campo branco, apresentada na Figura 59:

Figura 59- Campo Branco

Elomar Figueira Mello (1979)

Campo branco minhas penas que pena secou
 Todo o bem qui nós tinha era a chuva era o amor
 Num tem nada não nós dois vai penano assim
 Campo lindo ai qui tempo ruim
 Tu sem chuva e a tristeza em mim
 Peço a Deus a meu Deus grande Deus de Abraão
 Prá arrancar as pena do meu coração
 Dessa terra sêca in ança e aflição
 Todo bem é de Deus qui vem
 Quem tem bem lôva a Deus seu bem
 Quem não tem pede a Deus qui vem
 Pela sombra do vale do ri Gavião
 Os rebanhos esperam a trovoada chover
 Num tem nada não também no meu coração
 Vô ter relampo e trovão

Minh'alma vai florescer
 Quando a amada a esperada trovoada chegá
 lantes da quadra as marrã vão tê
 Sei qui inda vô vê marrã parí sem querer
 Amanhã no amanhecer
 Tardã mais sei qui vô ter

Meu dia inda vai nascer
 E esse tempo da vinda tá perto de vin
 Sete casca aruêra cantaram prá mim
 Tatarena vai rodá vai botá fulô
 Marela de u'a veis só
 Prá ela de u'a veis só

Fonte: <https://www.letras.mus.br/elomar/235518/>

Em mais uma composição de Elomar, a temática central é a seca, o que não impede de afirmar a esperança, fundamentada em princípios divinos, em Deus, o Deus de Abraão. Nesta trama entre as inquietações da dramaticidade da realidade hostil, a esperança pelo aguardo da chuva, é comparada como uma amada, ao que informa: “quando a amada, a esperada trovoada chegá”. Nesta espera tudo se renovará, é o florescer de uma esperança. Com este contexto, representações e simbologias são encontradas no espaço estudado, o que pode ser compreendido com a referência à árvore Tatarena, que é mencionada na composição com a simbologia

da esperança, em tempo favorável, ela florescerá: “Tatarena, vai rodá, vai bota fulô, marela de u`a veis só, prá ela de u`a veis só”.

Um exemplar da árvore conhecida na caatinga como Tatarena, mencionada na música Campo branco, é apresentada na Figura 60. As suas flores são amarelas, portanto, o período de floração é rápido, as flores florescem quase todas de uma única vez, como assim é contextualizado na música.

Figura 60- Tatarena, árvore da Caatinga.



Foto: Tâmara Jaísa (2017).

Como ser integrante da natureza, a espera pela chuva é desejada pela terra, pelos rebanhos, pela vegetação, pelo humano e por todos que habitam este lugar, como é descrito no verso: “Num tem nada não, também no meu coração, vô ter relampo e trovão, minh'alma vai florescer”. A localização espacial é indicada no verso da música: “pela sombra do vale do ri Gavião, os rebanhos esperam a trovoadá chover”. O texto poético da música está permeado de informações paisagísticas, que como diz Almeida (2013), apresenta uma manifestação geográfica da cultura. E assim enfatiza: “O comportamento humano se manifesta criando símbolos que são, essencialmente, o produto de reações do homem face aos contextos com os quais

eles se defrontam. (Almeida, 2013, p. 419)”. Atraído por uma realidade que se apresenta como valiosa, estas criações simbólicas são apreendidas e significadas.

Localizado no povoado Lagoa grande, o riacho do Gentil, é um afluente do rio Gavião. A Figura 61, é um trecho do riacho, localizado no povoado da Lagoa Grande. Em períodos de estiagem, o seu leito permanece quase todo seco, tendo apenas algumas poças de água. Os rebanhos de gado, gostam de pastar por estas áreas, por conta do frescor proporcionado pelas árvores, tendo também a disponibilidade de pequenas poças de água.

Figura 61- Riacho do Gentil em período de estiagem -Caraíbas



Fonte: Ivana Lima e Silva- Trabalho de campo (2017)

A Figura 62, é do riacho do Gentil. Em todo o seu leito, as poças de água, permanecem visíveis, em períodos de estiagem. Uma alternativa de água, para os rebanhos que pastam por esta localidade.

Figura 62- Espelhando o céu



Fonte: Carol (2017).

Na proximidade do riacho (Figura 63), um rebanho pasta em busca de alimentação. Posicionam-se para observarem o movimento das pessoas que se aproximam para realizar as fotografias.

Figura 63 - Rebanho bovino em fazenda Lagoa Grande em Caraíbas



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo (2017)

Pode-se apresentar com base em uma entrevista com Elomar Figueira Mello, o interesse do mesmo por histórias contadas pelos moradores locais, motivo este das pileras ou piadas entre eles. Neste contexto, lembrou-se da sua permanência por longo tempo na venda de Totonho Daniel, contando causos e tomando bebidas, da sua travessia pelo rio gavião em períodos de cheia, de Sá Agripina, uma velha, que ao passar em sua casa, sempre pedia um gole de pinga, e assim era intermediado o diálogo entre eles:

_ Bença

_ Bençoi

_ Tem uma pinguinha pra véa? .A mesma bebia a pinga de uma forma surpreendente, que como informa o cancionero, ia direto para o “assoalho do estômago... risos”. (Elomar e Sá Agripina).

E segue com a história de Silerino, destemido e astuto ladrão de bode; como também o episódio com o morador conhecido como sobejo de onça, este foi trabalhar em uma fazenda na zona rural de Minas Gerais, na estadia por aquelas terras, em uma noite quando retornava para o alojamento, foi surpreendido por uma onça. Ao tempo em que subiu em uma árvore para se refugiar, no desespero gritou tanto, que algumas pessoas vieram acompanhados de cachorros para salvá-lo. Ficou tão afônico, que por quase um mês, não conseguia falar, ganhando posteriormente ao chegar na sua localidade, o apelido de sobejo de onça.

Informações estas em que o compositor contou de forma alegre e saudosa, pois assim foram narradas estas histórias ao mesmo. Demonstrando o interesse pelo cotidiano, pelos causos, que é algo próprio de quem observa e vive a realidade de forma atenta, absorvendo e valorizando o que pode ser compreendido como uma cultura dos moradores em estudo. O hábito de narrar os acontecimentos com riquezas de detalhes e eloquência, foi bem percebido, durante as entrevistas realizadas durante a pesquisa e que podem ser confirmadas em várias narrações ao longo dos capítulos.

Assim, foi também comentado por Elomar, quanto pelos moradores, que hábitos como estes de contar histórias, poderão se tornar mais raros, em virtude do entretenimento e do acesso à internet e a televisão. O que está alterando hábitos de comportamento, ao que Elomar cita mudanças hoje percebidas, como a inexistência:

do hábito de escrever cartas, fazer visitas nas casas, mandar recados, fazer feira todo sábado. Uma das moradoras Deve, assim relata:

De noite, quando falta energia eu falo assim, hoje é bom que nós bota a prosa em dia. Vamos prosar, que ninguém tem internet. Cê sentava no passei, chegava gente, cê contava causo. Daniel de Dodó que conta, que quando chegou a televisão (televisão à bateria) na Salina, juntava tudo numa casa só para assistir a novela. Ai quando começava a novela, quando um ia conversar, o outro batia no braço para parar...(risos..).(Deve- Lagoa das Flores- Caraíbas).

Estas considerações estão fundadas na concepção de um modo de vida, que diz respeito aos costumes que fazem parte do cotidiano do povo, mesmo que na contemporaneidade não são constantes, quando provocados, através da memória oral são evidenciados, fazendo confirmar como aponta Almeida (2008):

No princípio de retroação, as representações se alimentam das práticas e vice-versa. Exemplificando, uma sociedade que cria um modo de vida não o faz unicamente pelas suas técnicas de produção como, também, pelo seu modo de significar o mundo. (Almeida, 2008 p.315).

Entende-se que além de um ritmo do trabalho, da utilização das técnicas, existem os valores e as compreensões dos indivíduos, inseridos em uma sociedade, que direcionam as permanências e os valores, tendo uma relação com a forma de como se concebe estes espaços e as singularidades. Enfatizando alguns fragmentos da música: Arrumação, percebe-se evidências do modo de vida catingueiro sertanejo. Apresenta-se fragmentos da música:

Figura 64 - Arrumação

Elomar Figueira Mello (1979)

Josefina sai cá fora e vem vê
Olha os forro ramiado vai chuvê
Vai trimina riduzi toda criação
Das bandas de lá do ri gavião
Chiquera pra cá já roncô o truvão

Futuca a tuia, pega o catadô
Vamo plantá o feijão no pó
Futuca a tuia, pega o catadô
Vamo plantá o feijão no pó

Fonte: Arrumação, Elomar Figueira- <https://www.lettras.mus.br/elomar/173829/>

O início da música, é um chamado para se observar as mudanças do tempo atmosférico, seguida de uma orientação ao plantio das sementes de um tipo de feijão, característico da localidade, o feijão catador ou de corda. O plantar o feijão no pó, insere-se como uma forma de fazer o plantio, na proximidade das chuvas. Por esta razão a terra está seca, no pó, como é referido. O rio gavião, é mais uma vez um marco de identificação ao lugar. É cantado em várias das suas canções.

Nas localidades, em estudo, chega-se ao rio Gavião por vários acessos, ou mesmo aos riachos. As suas águas são de grande importância para este povo, que em tempos atrás buscavam “água na cabeça”, nas latas, para abastecerem as casas. Atualmente com as cisternas de captação das águas das chuvas e encanamentos rústicos, os reservatórios são abastecidos em sistema de bombas acopladas em tanques e lagoas. Ao longo do tempo, o rio gavião, em algumas partes, foi perdendo a sua formação original. Com a construção da barragem Anagé-Caraíbas, ocorreu uma alteração no curso das águas, sendo que em alguns lugares, onde existia um largo leito do rio, visualiza-se apenas pequenas poças de água.

Outra ocorrência, é dada através do assoreamento do rio, provocando o acúmulo de sedimentos e proliferação de plantas no seu leito, problemas estes, somados ao desmatamento da vegetação ciliar no entorno do rio. A retirada indiscriminada da areia, para construção de estradas e construções é outro agravante, assim como o processo da implantação da agricultura irrigável, em algumas localidades, que sem efetiva fiscalização, tem favorecido a ocorrência do uso demasiado das águas, são muitos os problemas ambientais no rio gavião, rio este, cantado e imortalizado na obra de Elomar Figueira.

Prevalece que a obra artística de Elomar Figueira Mello, é uma inspiração para compreender os atributos culturais que se fazem presentes no humano, nos lugares, nas paisagens e no cotidiano. As letras das músicas escritas e cantadas dentro das expressões regionalistas nordestinas, como proclama Elomar, é uma defesa à “cultura roçalina”, como ele assim a denomina. Portanto merece ser compreendida e dignificada. Sendo assim, o estilo do Cancioneiro, em destaque, a fase regionalista, citado por Arruda (2014), tem uma forma de: “uns cantos contados” (depoimento de Mariquinha de Quilimero, capa interna de Mello, 1979” (Arruda, 2014, p.589).

A Figura 65, é um mosaico com imagens da região estudada, algumas delas identificam-se com as músicas de Elomar, quando se referem ao tempo do período de estiagem na caatinga.

Figura 65- Mosaico – Minha alma vai florescer



Fonte: Ivana Lima e Silva- Trabalho de campo- Caraíbas 2023.

O trabalho de Elomar, insere-se nesta pesquisa, por uma necessidade em formalizar os atributos referenciais aos locais de estudo, que são enfatizados em suas canções. Como sendo uma oportunidade de compreensões temáticas de abrangência da geografia cultural, por apresentarem relações possíveis de estudos conceituais com as músicas que foram apresentadas no texto. O acervo musical do artista é amplo e valoroso, dotado de singularidades, bem características do cancionero, que é um grande estudioso e que versa sobre uma diversidade de conhecimentos, além de uma considerável capacidade de memória e imaginação. Em seus versos escritos e cantados, enaltece o que ele entende como uma linguagem própria da zona rural, sendo assim traduz e canta a expressividade oral e linguística do sertanejo, catingueiro, podendo ser entendida como uma representação identitária.

5. LUGARES DE MEMÓRIA, PAISAGENS CULTURAIS E RELIGIOSIDADE

As abordagens formuladas anteriormente sobre a categoria modo de vida, segue alguns resultados da pesquisa, proveniente das narrativas da memória individual e coletiva dos entrevistados, destacando consideráveis atributos relacionados à religiosidade. Durante as temáticas, a abordagem será apresentada em exemplos de vivências, buscando sempre comparar o passado com o presente, referendando as permanências e mudanças.

Nas considerações sobre modo de vida, de acordo com Rigonato (2014), temos as expressividades evidenciadas nas paisagens, através do próprio desenrolar da vida de um povo, os quais, possuidores de saberes e tradições, impregnam no espaço uma forma de viver. O despertar para compreender este espaço com marcas do trabalho, da cultura e das tradições, impõe considerações importantes sobre o patrimônio cultural material e imaterial presentes nesta abordagem.

Uma outra consideração que será explorada nessa seção, diz respeito a religiosidade dos moradores, pois aparece em vários momentos da vida desse povo, o que inclui momentos da reza em homenagem a um determinado Santo(a), das celebrações fúnebres, do Terno de Reis no mês de janeiro, do São João e Santo Antônio no mês de junho e em outros momentos eventuais. A abrangência dos estudos da Geografia, inclui o tema da religião, por ser essa tão presente na história da humanidade. Rosendahl (2012, p.25), diz que “A abordagem da religião na Geografia vem impondo reflexões sobre a experiência religiosa dos indivíduos e dos

grupos sociais na construção de espaços fortemente vinculados ao sagrado”. Sendo assim, de acordo essa autora, os indivíduos movem-se para a afirmação religiosa por uma necessidade humana. Uma constatação necessária também neste estudo refere-se ao enfoque sobre paisagem cultural, que segundo Wagner e Mikessel (2014), diz que “ a paisagem cultural refere-se ao conteúdo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural. (Wagner e Mikessel, 2014 p.36).

Para os estudiosos citados, a paisagem cultural engloba abordagens não apenas descritivas e sistemáticas, mas também a análise de mudanças perceptíveis na mesma, pela ação dos agentes sociais presentes, como seguidores de uma proposta de consciência acerca de atributos culturais que são afirmadas neste espaço de vivência. Considerações importantes são apresentadas com os autores Almeida e Cardoso (2013):

Tanto a paisagem quanto o lugar, são, para o geógrafo revelações de laços que unem homem e natureza por meio da cultura. A prática cultural é, nesse sentido, vivenciada mais que percebida e somente possível de apreender com o contato, o diálogo e melhor ainda com o tempo para observar e ouvir (Almeida, Cardoso, 2013 p. 18).

Neste contexto, a paisagem e o lugar, aparecem mediados pela mesma conotação, direcionada pelos sentimentos de afeição e vínculos, os quais são melhores experienciados, através do contato e da percepção. A paisagem Cultural, apresentada neste trabalho, contará também com as contribuições de Andreotti (2013), que, por sua vez, tem por base os estudos do geógrafo Herbert Lemann, quando diz que:

A escola alemã, ou pelo menos aquela parte com a qual Lehmann se identifica, parece não distinguir paisagem geográfica e paisagem cultural, entendidas estas na diferença a que apenas nos referimos: parece também que o aspecto cultural, isto é, a relação e a interpretação espirituais e psicológicas são elas próprias os canais através dos quais se chega à descrição igualmente geográfica de uma paisagem. (Andreotti, 2013 p.49).

Em acordo com esta proposição, a referida autora idealiza um trabalho prático de análises de paisagens, não desprezando para tal feito atributos psicológicos e espirituais para estas análises. Assim, são muitas as considerações e referências teóricas em estudo, o que se apresenta é uma proposta de averiguação guiada pelo

que foi encontrado no percurso da pesquisa, em junção às análises de estudo referendadas por diversos estudiosos e o trabalho de campo. Em consideração aos estudos de Andreotti (2013), relacionados a paisagem cultural, torna-se necessário, apresentar as influências que a própria autora utiliza ao tratar sobre o seu objeto de estudo, neste caso, as paisagens culturais. A mesma baseia-se nos estudos de Herbert Lehmann, geógrafo, alemão, que nasceu em 1901 e faleceu em 1971. Para maiores compreensões, sobre a percepção da paisagem em Lemann, com base em Andreotti (2013), apresenta-se:

A conclusão seria que o geógrafo se preocupa com a observação e, por isso, o estudo da paisagem; mais uma vez que a paisagem é cultura, é estética, é história, é vicissitude, é cor, ocorre que aquela paisagem vem descrita não apenas sobre a base da mera observação geográfica, mas integralmente, isto é, na vivacidade de todos aqueles componentes que um processo psicológico correto permite identificar (Andreotti, 2013 p.34).

Como afirma a autora, a proposta de análise da paisagem apontada por Lemann, é integral. As paisagens devem ser observadas e lidas na amplitude, comportando vários elementos, entre eles, a cultura. E como afirma, a percepção integral de uma paisagem, é mediada pela psicologia.

5.1 INCELENÇAS, CANTOS PARA CHORAR A VIDA E A MORTE...

*“Ainda espero de entrar no vosso santo tesouro,
do vosso santo tesouro...”*

A vivência coletiva das comunidades rurais, são norteadas em princípios como o bom convívio, respeito e tradições. Expressos nas relações familiares, de parentesco e conterraneidades. Os aspectos socioculturais abrangem a dinamicidade da vida rural, no cotidiano dos afazeres. Diante desta consideração, através do trabalho empírico foi evidenciado tradições religiosas correspondentes à vida e os rituais da morte. Sendo assim, ressalta-se que as sentinelas (celebrações fúnebres) ocorridos nas comunidades, são tradicionalmente caracterizadas por ritos culturais do catolicismo popular, manifestadas através de *inceleças*, rezas, trajes, objetos, entre outros. Na contemporaneidade, algumas mudanças ocorreram nestas manifestações populares, como destaca Santana (2011):

No catolicismo popular brasileiro, as "incelências" são também chamadas de: Excelências, Encelenças, Incelenças, Insalências, ixelenças, exelença. As "incelenças" são um tipo de canto fúnebre de matriz popular, vastamente difundido no interior do Brasil e entoado junto aos moribundos e defuntos. Quando junto aos moribundos, acredita-se, têm o poder de despertá-los ao arrependimento de seus pecados e garantir Ilhes o céu. As "incelenças" são cantadas em sentinelas de defunto e cumprem a função ritual de entregar a alma do ente querido aos cuidados dos Anjos e Santos. A estes pedimos o acompanhamento, a proteção, até à entrada no céu. (Santana, 2011, p.87).

Durante as entrevistas, realizadas na zona rural em Caraíbas, as Incelenças, foram lembradas com emoção, pois além de constituir um cântico fúnebre, a melodia chorosa provoca significativas lembranças. Sendo assim, duas das entrevistadas apresentam alguns dos versos e cantos:

Ainda espero de entrar no vosso santo tesouro, do vosso santo tesouro... Deus soberano, pai amor / São Joaquim Bendito que no céu se há uma coroa de flor para te abençoar (Dalva-Lagoa das flores)

Para te abençoar meu Jesus amém, Deus te dê a glória para sempre. Amém. (Deve- Lagoa das flores)

Senhora Santana:

Senhor Deus, pequei Senhor. Mas pela dor de Vossa Mãe Maria Santíssima, compadecei-vos de nós.

Gloriosa Senhora Santana, Deus vos salve, filha de Deus pai. Deus vos salve virgem mãe de Deus filho

Deus vos salve rainha, soberana das criaturas.

Amado Jesus...

Gloriosa Senhora Santana que deu luz a sua filha, sem culpa, sem mancha sem pecado original. Meu amado Jesus, João, Ana e Maria, eu vos dou o vosso coração em minha alma assisti com piedade na última agonia.(Dalva e Deve- Lagoa das flores).

Sem uma explicação mais elaborada sobre a tradição religiosa das *Incelenças*, denominadas pelos moradores rurais da localidade de benditos ou ladainhas, exaltam-se que estes cânticos constituem uma tradição dos moradores mais antigos, os quais executam os mesmos para velar os falecidos, como também em reuniões de rezas e durante as romarias. "As "incelências" foram trazidas para o Brasil pelos colonizadores portugueses, sabendo-se, porém, de sua existência na Itália, ao sul do continente europeu e na Sicília" (Santana, 2011, p.90). Estas influências se espalharam pelo Brasil, no entanto, é necessário considerar que a apropriação destas

tradições, serão diferenciadas em suas características de acordo às regiões brasileiras. Considera-se nesta pesquisa de forma mais específica a expressividade dessa cultura na região nordeste do Brasil

Em uma tentativa de manter a tradição, existem algumas iniciativas atreladas à programações culturais de alguns municípios. Como exemplo, temos um grupo de *Incelenças*, que participam de eventos na festividade de Santo Antônio de Barbalha-Ceará, composto por treze mulheres e uma criança, o que está ilustrado com a imagem. Existindo, portanto, uma boa intenção da perpetuação cultural dessa tradição, mesmo que não esteja em acordo com a espontaneidade própria de uma Incelença.

A Figura 66, faz parte de uma programação do estado do Ceará, promovido pela Secretaria de cultura. O grupo de participantes são moradoras rurais do sítio Cabeceiras, no estado do Ceará. Na imagem, as mulheres estão vestidas com roupas brancas e lenços na cabeça, configurando uma ideia de mulheres sertanejas em clamor de piedade à Deus.

Figura 66- Incelenças em Sítio Cabaceiras, no Ceará



Fonte: Mapa Cultural do Ceará²⁵

Em uma localidade denominada Os Teixeiras, no Município de Bom Jesus da Serra-Bahia, guarda-se a tradição das *Incelências*. Por serem muito afeiçoados à religiosidade católica, algumas famílias em continuidade com a sua descendência,

²⁵ Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/16540/>

tem cumprido o importante papel de resguardar esta tradição. O caráter da realização destas manifestações, ocorre de forma natural, configurada para a comunidade como algo integrante das suas práticas religiosas. Em ocorrências de velórios e rezas, frequentemente executam, as excelências, os cânticos e os ofícios, orações tradicionais do catolicismo católico, na maioria das vezes em clamores à Nossa Senhora.

Em *Morte e Vida Severina*, a obra literária de João Cabral de Melo Neto, apresenta a temática da seca em um contexto da iminência da morte. O retirante Severino, personagem da obra, pode ser entendido como todo retirante nordestino que se aventura em melhoria de vida. No contexto dos versos, o Severino, personagem, defronta com o enterro de um lavrador, o que é ilustrada em forma de versos melódiosos:

— *Essa cova em que estás,/com palmos medida,/*
é a conta menor/que tiraste em vida./
 — *É de bom tamanho,/ nem largo nem fundo./*
É a parte que te cabe/ deste latifúndio²⁶

O retirante Severino, em sua caminhada, depara-se com uma casa, onde estão cantando excelências, cantos piedosos fúnebres para um defunto, ao tempo em que um homem vai fazendo parodias com as palavras dos cantadores:

Finado Severino, quando passares em Jordão e os demônios, te atalharem perguntando o que é que levas... Dize que levas cera, capuz e cordão mais a Virgem da Conceição. Finado Severino, etc. ... Dize que levas somente coisas de não: fome, sede, privação. Finado Severino, etc.²⁷

A cantoria se resume em cantar as “excelências” ao defunto. É interessante notar, no entanto, que a morte é sempre compartilhada. O camponês nunca está sozinho quando morre, outras pessoas, solidariamente, tomam conta dele, compartilham o momento. O escritor através da sua obra literária comunica aos interlocutores informações permeadas do regionalismo nordestino, ao tempo em que apresenta a dramaticidade da vida de um retirante, que tem que enfrentar as

²⁶ Trecho do poema *Morte e vida Severina* extraído de:
<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/28000398.pdf>

²⁷ Trecho do poema *Morte e vida Severina* extraído de:
<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/28000398.pdf>

intempéries de uma região do semiárido, em um constante diálogo entre a vida e a morte.

De acordo com informações oriundas desta pesquisa, a tradição das *Incelências* em estudo foi repassada através de moradores mais antigos, religiosos católicos e missionários, que durante visitas repassam as pessoas e outras vezes foram aprendidos em viagens de romarias à Bom Jesus da Lapa, à Gruta de Ituaçu, como também através dos catecismos (livros de orações antigas), que resguardam a tradição católica. Alguns dos moradores mais antigos, das localidades pesquisadas, entre eles alguns falecidos, são lembrados como grandes rezadores, como narra uma das entrevistadas, Dalva:

Thiago Mocó e Ti Bai, num tinha igual não”. O velório era rezano a noite toda e bosta de gado queimando por mode não dá pernelongo”. (Cóco). Ti Bai e Antonio dos Anjos era o maior rezador, cantava o ofício naquela toada piedosa, Tia ló, Tia Regi. (Dalva- Lagoa das Flores).

As incelenças quando entoadas, provocam muito choro entre os familiares mais próximos e aos mais distantes dos falecidos. A solidariedade é algo recorrente nas comunidades rurais, e a participação nas sentinelas (velórios), é sinal de amizade e consideração ao falecido e aos familiares. Sendo assim, constitui-se como um local de encontro, de muita conversa, de rever amigos e parentes que moram distantes, de fazer amizades. Em junção a estas características, na sentinela o chorar é algo considerado como natural. As orações em caráter piedoso, de súplica, promovem a consolidação de um ambiente melancólico, propício para o aflorar de sentimentos. As emoções são permitidas e então se chora pelo falecido(a), mas também pelas dores guardadas, não choradas.

Como nos lembra Tuan (2013) “O espaço, uma necessidade biológica de todos os animais, é também para os seres humanos uma necessidade psicológica, um requisito social e mesmo um atributo espiritual” (Tuan, 2013, p.77). A sentinela é assim compreendida como um espaço em que se pode extravasar as tristezas e emoções da vida e da morte. Constituído por vários elementos: o episódio da morte, os cânticos, o choro, as velas, entre outros. Movidos por esta configuração em que é evidenciado a finitude da vida, as sentinelas abarcam os sentimentos humanos mais profundos. A ocorrência destas celebrações, geralmente, é ocorrente no entorno e na proximidade das casas dos moradores, de conhecidos, de familiares e amigos. O que favorece aos

mesmos uma ambientação ao local. Em seguimento aos ritos antigos dos velórios nas comunidades, os entrevistados enfatizam algumas das razões das muitas ocorrências da mortalidade em tempos mais antigos, ao tempo em que descrevem características de como eram realizados os ritos dos velórios.

Os falecidos eram enterrados em caixões produzidos na própria localidade, uma das madeiras mais usadas para a fabricação era o mandacaru. As roupas (mortalhas) eram confeccionadas pelas mulheres costureiras da comunidade. Ressalta-se que os velórios ocorriam durante toda a noite e madrugada, existindo uma presença significativa de pessoas. Quando havia oportunidades, era realizado fotografias do falecido ou falecida, sendo uma recordação para a família.

Um cordão em forma de cinto, com medidas equivalentes ao tamanho do falecido ou falecida, era envolto na cintura dos mesmos, intitulado como o cordão de São Francisco. Outra tradição, era o banho ao falecido ou falecida. Enquanto aguardava-se a confecção do caixão, os falecidos eram colocados em bancos, com o rosto coberto com um lenço e ao se aproximarem dos falecidos, descobria-se o rosto do mesmo, fazia-se as preces pessoais ou reverências, em seguida cobria-se o rosto de novo. Após o término do caixão, fechava-se a casa para o banho ao falecido, sendo tarefa específica dos homens, quando o falecido fosse homem e as mulheres quando os falecidos fossem mulheres.

Os cortejos eram realizados em caminhada até o cemitério local. Os velórios das crianças, chamados anjinhos eram recorrentes, uma vez que era expressiva a mortalidade de crianças, nas décadas de 1940 a 1970, vítimas do mal de sete dias(tétano), ou mesmo crianças que morriam com cinco a seis meses de vida. Mediante a dificuldade de transportes e atendimento médico, os pais cuidavam dos filhos doentes com remédios caseiros e naturais. Quando ocorriam morte de crianças, o ritual dos velórios acontecia, não se dispensando as excelências apropriadas. Os caixões eram confeccionados e aos mesmos eram afixadas bandeirinhas e enfeitado com flores. As crianças eram vestidas cuidadosamente e arrumadas com flores e grinalda. Cânticos específicos eram entoados, a exemplo: “balaio de fulô” e outros, cantados por adultos e crianças;

A mortalidade de mulheres, vítimas de parto era uma constante. Uma vez que as mulheres pariam em casa sem cuidados médicos e acompanhamento pré-natal. Contavam com o trabalho solidário das parteiras, as quais socorriam as mulheres e realizavam os partos. Prestaram ao longo do tempo um trabalho de grande

importância à sociedade. Muitas mulheres, ao falecerem, diante de complicações do parto, deixavam muitos filhos pequenos, sendo para os moradores motivo de tristeza e prestação de solidariedade ao viúvo e às crianças. Dalva, uma das entrevistadas relata: “Mulheres morriam de parto, não despachava (não expelia a placenta). Pai foi a cavalo comprar uma água inglesa pra Ana, casada com Zé de Juvêncio. Quando chegô na casa, que entrou, tava a mulher morta”. ** (Dalva- Lagoa das Flores).

Retomando para a Interpretação destas expressões religiosas e culturais, assegura-nos da influência do catolicismo popular nas comunidades rurais, com evidências da identidade sertaneja e catingueira, um modo de vida, em conexão com o sagrado. “A ideia de que o homem é religioso significa dizer que o homem é motivado pela fé em sua experiência na vida”. (Rosendahl, 2014, p.194).

E mediante esta perspectiva, encontra-se o simbolismo que remete a esta fé, em muitas das casas, ainda se percebe a existência dos oratórios com imagens de santos, santas, quadros e crucifixos afixados nas paredes, impregnados de simbologias e representação, assegurando como um local específico da casa onde se presta culto realiza-se pedidos e agradecimentos das graças alcançadas. Na Figura 67, apresenta-se um oratório, com sinais de antigo, aparece em sua composição com diversos quadros de santos, sendo possível identificar: Santo Antônio, São João Batista, um anjo da guarda e palhas secas que segundo a tradição católica, são ramos usados no domingo de ramos e quando abençoados, tornam-se sagrados, portanto, guardados para proteção contra chuvas fortes e raios.

Figura 67- Oratório católico na casa de Quinha de Otaviano. Quadros com imagens de Santos Católicos e ramos pendurados em parede de casa em zona rural, no povoado da Lagoa das Flores.



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo- 2023

A Figura 68, é um quadro de São Sebastião, um mártir católico, protetor contra pestes e doenças. Imagem em quadro de São Sebastião em casa na zona rural, no povoado da Lagoa das Flores.

Figura 68- Quadro de São Sebastião



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo 2023

A figura 69 é um oratório da casa de Lide de João. A imagem apresenta um conjunto de quadros de santos, sendo alguns identificados: Nossa Senhora do Pépetuo Socorro, Nossa Senhora Aparecida, São José, Sagrada Família, Sagrado Coração de Jesus, um folhetim do Papa Francisco, crucifixo e terços.

Figura 69- Oratório da casa de Lide de João



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo- 2023

Na ausência efetiva da presença dos sacerdotes e das Igrejas na zona rural, são os membros das comunidades, as rezadeiras e os rezadores que transmitem as heranças religiosas da tradição familiar aprendida com seus antepassados. Povo simples, sem muita instrução formal, são protagonistas religiosos, referenciados como guardiões dos mistérios divinos e de fundamental importância nas expressões religiosas locais. Quando na visita de padres e missionários, ocorrem as missas em capelas ou salões das comunidades. Antigamente havia as missões, com administração coletiva dos sacramentos da Eucaristia, Crisma Confissão, Batizado e Casamento. Atualmente estes sacramentos são realizados de forma coletiva ou mesmo particular, nas paróquias de Anagé e Caraíbas, nas sedes dos Municípios.

A capela em louvor à São Sebastião (Figura 70), localizada em Araras, povoado de Caraíbas, constitui como um exemplo de uma das comunidades que, em sinal de fé, cultua e louva ao seu padroeiro. A intenção surgiu como uma homenagem da

devoção do Sr. Odílio Coelho ao Santo São Sebastião. Uma das netas, Sra. Irani Amorim, cumprindo a devoção familiar, encomendou a construção da capela. Onde eventualmente é celebrada missas e festejos.

O que proporciona a junção dos moradores locais. Ao término das celebrações, existe sempre um momento para uma conversa, o cumprimento ao padre, o tomar um café, uma água, para depois seguirem para as suas casas. O padre que assisti às comunidades, mora na cidade de Anagé. A depender do horário da celebração, é oferecido um almoço pelos donos da casa. Sendo, pois bem recebido e respeitado pelo povo.

Figura 70- Capela em louvor à São Sebastião, localizado nas Araras. -Caraíbas.



Fonte: Paula Silva, 2023

Alinhado a religiosidade católica popular, informam-se que as rezas em devoção aos santos eram mais constantes e assim reuniam-se entre as casas para tal feito. Uma destas reuniões, contada por Otaviano Ferreira e lembrada por um dos entrevistados, Daguinha, assim apresenta:

Pai contava, que teve uma reza na casa de Chico Souza, Ti Fança. E foi todo mundo. Ai que Zaú, Zaú toda vida gostou de soltar fogos. Na hora que ele soltou um, dois, ele deixou o fogo pegar nos fogos. Pai disse que foi pá, pá.pá.pá... (risos).

Pai disse, que a caixa de fósforo tava assim, ele só fez abrir os braços. A caixa de fósforo caiu no chão... (Daguina- Lagoa das Flores).

Enfatiza-se assim que mediante o caráter devocional, estas programações ao serem concluídas, proporcionavam a boa conversa, as risadas, a afirmação da amizade e a confraternização. Uma alternativa para estas pessoas que desprovidas de momentos de vivência coletiva, encontravam nestes ritos a afirmação da tradição religiosa e a oportunidade do encontro. O desejo de cultuar aos santos, como motivação do sagrado, nasce de um desejo, ou como uma necessidade. O estudo no âmbito da geografia é ressaltado a partir da compreensão, segundo Rosendahl (2018):

A geografia da religião deve ser compreendida como o estudo da ação desempenhada pela motivação religiosa do homem em sua criação e sucessivas transformações espaciais. Supõe-se que haja de um impulso religioso no homem que o leva a agir sobre seu ambiente, qualificando-o com formas espaciais que estão diretamente relacionadas com as suas necessidades (Rosendahl, 2018, p.276).

Compreende-se a partir da referência teórica, a existência de uma apropriação espacial, que pode ser exercida por motivações religiosas, sendo assim a constituição desta motivação, pode ser expressa em forma de templos, monumentos, ou como capelas, seguindo o exemplo da narrativa. Como é ressaltado por uma necessidade que por certo permeia o desejo de uma conexão com o sagrado. E somado a esta referência, uma narrativa das entrevistas elucidada este imaginário que acompanha até mesmo as crianças. É relatado que era comum crianças brincarem de velórios. E assim faziam enterros de passarinhos quando mortos ou mesmo enterravam bonecas (bonecas modestas, feitas de tecido).

Valendo cumprir os rituais aprendidos nas sentinelas em que participavam. Uma vez que, em consequência da mortalidade infantil, ocorriam os velórios dos anjinhos (crianças que morriam recém nascidas). É elucidado que as crianças participavam dos ritos fúnebres, principalmente de crianças. E sendo assim, durante as “brincadeiras” de velório com as bonecas, cantavam, choravam e enfeitavam os caixões improvisados com flores de *Bougainville*.

Partindo para uma exemplificação contida através de uma representação artística na obra de Elomar Figueira Mello, compositor, cantador e violeiro, ao prestar uma homenagem ao poeta, Camilo de Jesus Lima, elabora um canto de Incelença, que está representado na Figura 71.

Figura 71 Incelença para um poeta morto²⁸ - Elomar Figueira Melo²⁹

Cantemo u'a incelença
 prá êsse ilustre professô
 qui nessa hora imensa
 chegô aos pé do Criadô
 choremo outra incelença
 pru grande meste da "Lição"
 de saudosa lembrança
 in nosso coração
 levanta é madrugada
 os galo já cantô
 qui sua "Viola quebrada"
 silenciosa ficô
 segue a istrela de guia
 nos campo do Siô
 qui "A mão nevada e fria
 da saudade" chegô
 um canto de incelença
 na Casa do Rei Salomão
 cântaro os cumpaiêro
 cum as ispada na mão
 levanta é madrugada
 os galo já cantô
 qui sua "Viola quebrada"
 silenciosa ficô
 segue a istrela de guia
 nos campo do Siô
 qui "A mão nevada e fria
 da saudade" chegô.

Fonte: Incelença para um poeta morto. Elomar Figueira.

<https://www.lettras.mus.br/elomar/376569/>

Dentro do contexto saudoso e típico da Incelença, o cantador exalta o falecido, o seu ofício como professor e a saudade deixada pelo mesmo, para em seguida enfatizar o silêncio que se faz presente, pela ausência do ilustre poeta, ao tempo em que indica a sentença ao próprio falecido: “segue a istrela de guia nos campos do Siô”. Como toda incelença, o lamento, a súplica e a crença religiosa estão inseridos nos versos, resguardando uma esperança na vida eterna.

²⁸ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elomar/376569/>

²⁹ Elomar Figueira Mello é natural de Vitória da Conquista (Fazenda Boa Vista). Artista conhecido no Brasil desde a década de 1970, como compositor, cantor e violonista. Suas canções expressam suas vivências sertanejas das quais está intimamente ligado.

Um episódio da vida do cantador foi enunciado pelo mesmo em uma das suas entrevistas. Relata-se que ao nascer, depois de um parto muito sofrido, o que trouxe sofrimento extremo à sua mãe e a ele, pensaram que estivesse morto, pois estava todo roxo e não chorou. O médico e as parteiras prestaram cuidados com a parturiente e ele considerado como morto, foi fornecido os cuidados posteriores. Ao darem um banho de água fria no que julgavam como o recém nascido morto, para grande surpresa, ele chorou forte, causando em todos grande comoção. Ao término do relato, Elomar em meio à risos afirma a sua fé em Deus, ao tempo em que agradece a oportunidade de ter nascido no lado do hemisfério do Ocidente, em que se guarda a tradição do banho ao falecido pós morte.

Após estas exemplificações inseridas no contexto do modo de vida e de atributos de ordem cultural, retoma-se para outras considerações evidenciadas durante a pesquisa. Segundo os entrevistados, apontam que mudanças foram ocorridas na tradição dos velórios. Na atualidade, pouco se canta e reza. Ao que confirma alguns dos moradores:

Tinha mais sentimento, esse início desses canto todo mundo se tocou. Cumade Gilda já não resistiu. Porque tudo isso recorda o ente querido que tá indo. E hoje é assim, quando avisa na vizinhança, o primeiro a chegar é os de fora, pessoas que não tem sentimento. Uns tem sentimento. Outros vem de companheiro. E por aí, quando um tem sentimento aqui, já tem outro fazendo brincadeira ali. E vai tirando a atenção. Vai como se fosse uma reunião. (Daguinha) Lagoa das Flores

O sentimento naquele tempo era outro. Hoje o povo vive no mundo da ilusão. Vive no mundo da internet. (Deve) Lagoa das Flores.

Apresenta-se através das explicações dos moradores uma alternância no modo de se perceber os acontecimentos fúnebres, como também a forma de o vivenciar. O que para os mesmos é algo negativo. As *incelenças*, ocasionalmente são feitas. Não havendo aprendizes desta tradição, corre o risco da não perpetuação.

É com pesar que os entrevistados apontam que as expressões religiosas fúnebres e as rezas devocionais para alguns santos, pouco existem na atualidade. Intenta-se que esta postura, segundo os entrevistados, é advinda por mudanças comportamentais, proveniente de influências culturais, prevalecendo o entretenimento e a ilusão mediada pela internet. Como diz Almeida (2018) “[...] território ele o é para aqueles que têm uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação

simbólico expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas”. (ALMEIDA, 2008 p.319).

Com base em Almeida (2008), a constituição de uma identidade associada ao território, é algo subjetivo, envereda pelo viés da experiência pessoal em que os agentes sociais estão envolvidos em um espaço multiescalar em diferentes tempos históricos. Sublinhar os questionamentos norteadores da existência e o sentido da vida e “como somos representados” é fundamental para compreender as identidades territoriais mediado pela cultura, o que por sua vez favorece a construção de uma identidade própria. Como base em Almeida (2008):

As identidades se imbricam, se mesclam e apresentam dinamicidade, o que não permitiria, também, referir-se a uma identidade cultural e territorial unívoca para o sertanejo. Além disso, essas identidades possibilitam identificar padrões culturais que interessam aos estudos etnogeográficos com abordagem na geografia cultural. (Almeida, 2008, p.317).

Poderia se considerar o fato das identidades se sobreporem umas às outras, assim como a constância de influências ocorrentes nos ambientes sertanejos, revelar respostas para as inquietações dos entrevistados pela percepção das mudanças nas tradições locais. Importante considerar que não é possível o entendimento de uma identidade sertaneja padronizada. “existem elementos de uma diversidade invisível”. (ALMEIDA, 2008, p. 317). São estes inúmeros elementos que relacionados provocam a não padronização identitária. Comentando Di Meo(2001), tem-se que:

[...] a complexidade da identidade territorial sugere, no entendimento de Di Meo (2001), uma concepção de território multidimensional participando de três ordens distintas: da materialidade, da maneira como a biosfera registra a ação humana e se transforma por seus efeitos; da ordem da psique individual, na qual a territorialidade identifica-se pelo viés emocional do homem na relação com a terra; e, da terceira ordem, a das representações coletivas, sociais e culturais. São as representações que conferem sentido ao território e elas se regeneram em contato com o universo simbólico do qual o território fornece a base referencial. (Almeida, 2008, p. 319).

Confere-se, pois, que será por intermédio da continuidade das expressões culturais, neste caso, no caráter religioso como aqui tratado no texto, que o território como base material, englobará o imaterial, simbolizado pelas incelenças, rezas, saberes e ritos, as quais são também compreendidas como Patrimônio Cultural Imaterial.

5.2 E VIVA OS SANTOS REIS!

*“Ô mãe corta meu cabelo,
como é que vou pra reza no dia 06 de Janeiro...
Papai que eu corte, Mamãe não quer deixar,
como é que eu vou pra reza, com o cabelo sem cortar...”*

Abordagens culturais estão presentes na compreensão dos espaços. Segundo Moraes (2005), seja por heranças culturais, costumes e meios de sobrevivência. As cidades sedes dos Municípios estudados, Anagé e Caraíbas, associados as suas comunidades rurais, constituem áreas da expressividade cultural, com significativos vínculos religiosos da tradição católica. Sendo assim, os Reisados, a festa de Santo Antônio, as Alvoradas e o São João, são exemplos de festividades que resistem ao tempo e se fazem presentes. Como apresenta Moraes (2005): “O processo universal de valorização do espaço torna-se, em si, denso de particularizações temporais e espaciais” (Moraes, 2005, p.43). É neste seguimento da temporalidade e espacialidade que as tradições são afirmadas e transformadas. Em específico à Tradição do Reisado no Brasil, temos:

Alguns aspectos tradicionais da Folia de Reis foram trazidos para o Brasil no final do período colonial (provavelmente no começo do século XIX), pelos portugueses. Porém, de acordo com estudiosos da cultura popular, esta festa tem sua origem na Espanha. A porta de entrada foi o nordeste brasileiro. Porém, em nosso país a Folia de Reis ganhou traços culturais particulares, incorporando aspectos da cultura brasileira. Um destes exemplos está presente na música, com a presença das batidas típicas dos tambores africanos. Vale dizer também que a Folia de Reis possui traços particulares em cada região do Brasil. (Ramos, 2021, p.34).

Interrogações acerca das origens culturais das festas religiosas expressas nos referentes Municípios e comunidades formam uma soma de inquietações, as quais estão integrados aos estudos geográficos culturais. Ao que nos afirma Wagner e Mikesell (2014). “O estudo destes aspectos geográficos resultantes da ação do homem considera as diferenças entre as comunidades humanas que as criam ou criaram e se refere aos modos especiais de vida de cada uma como culturas.” (Wagner; Mikesell, 2014, p.27).

Nesta perspectiva, a Geografia cultural é base de orientação para se identificar os condicionantes da inserção de elementos culturais nas comunidades, o seu itinerário histórico de permanências e transformações, é entendido a partir de:

Quando as pessoas parecem pensar e agir simultaneamente, elas o fazem porque vivem, trabalham e conversam juntas, aprendem com os mesmos companheiros e mestres, tagarelam sobre os mesmos acontecimentos, questões e personalidades, observam ao seu redor, atribuem o mesmo significado aos objetos feitos pelo homem, participam dos mesmos rituais e recordam o mesmo passado. (Wagner; Mikesell, 2014, p.28).

Mediante este contexto, a partir da pesquisa empírica, foram constatadas festividades religiosas culturais vivenciadas de forma comunitária, entre elas, o Reisado. Manifestação religiosa, a qual é realizada em algumas das comunidades estudadas há mais de sessenta anos. Cumprindo uma tradição familiar que, segundo o entrevistado, Sr. José, (Zé cabeludo), iniciou-se na comunidade Gato e chegou até a Lagoa Grande, espalhando-se para diversas comunidades. O folião responsável pela disseminação do Reisado foi o Sr. Antônio dos Anjos, o qual cumpria uma promessa em consequência de uma situação relacionada à saúde dos seus familiares. A tradição é ocorrente todos os anos, durante o período de seis dias, culminando com o dia festivo dos Santos Reis, na data de seis de janeiro.

Durante o período de 01 a 06 de janeiro, os foliões peregrinam nas casas das comunidades para cantar diante dos oratórios. Os cânticos expressam mensagem em louvor ao nascimento de Jesus Cristo e relembram a sua trajetória na vida terrena. Como nos apresenta a narrativa de um folião do Reisado:

Eu gosto de atuar no sentimento. Quando cê canta um reis e alguém emociona, emociona porque você tá em cima do sentimento da morte e ressurreição de Cristo. Tem que ter garra para se cantar um reis. Se não tiver este sentimento num vai. Cê não tem sentimento. Pode sair. Como diz seu avô: Sai que tú não é reiseiro. Cê num canta, que não é reiseiro. Não tem sentimento. (Zé Cabeludo). Lagoa Grande

Em versos melódiosos expressam a simplicidade do louvor, ao que temos, um dos versos do Reisado:

Bateu asas e canta o galo que Jesus Cristo nasceu. Canta os anjos nas alturas, quem louva Jesus Cristo sou eu.

Bateu asas e canta o galo que Jesus Cristo nasceu, e o mesmo galo cantou, bateu asas e foi dizendo nasceu nosso Salvador.

O sentimento, segundo um dos foliões, é atribuído como o condicionante para identificar se o Reisado está sendo bem aceito pelos visitantes e por outro lado bem cantado pelos foliões. Ao término da visita, os proprietários da casa, oferecem uma refeição aos foliões, que depois seguem para outras residências. É um período intenso de orações, louvor e confraternização, restando aos participantes do grupo itinerante pouco tempo para dormirem. Relata-se pelos entrevistados que esta é uma tradição valorosa, que corre o risco da não permanência, uma vez que não percebem ingressos de novos participantes ao grupo. Quando crianças e jovens demonstram motivação durante a festividade, incentivam aos mesmos a tocarem os instrumentos e cantarem. A partir das narrativas, um dos foliões entrevistados, assim narra:

A folia de antigamente era mais sofrida. Mas era com mais sentimento. É porque você via no olho de cada pessoa da casa que você chegava, você via o sofrimento da pessoa também, parecia que tava com Cristo ali. (Zé Cabeludo). A mudança para mim não foi boa. Eu gosto do sentimento. Eu sou praticado no sentimento. (Zé cabeludo). Antigamente era de pé. Hoje agente anda de carro. Ainda mais rápido e tudo, mais eu tenho saudade da caminhada. (Zé cabeludo).

De acordo com as narrativas, percebem-se mudanças na programação do Reisado. Uma vez que anteriormente os foliões faziam o percurso a pé, enfrentando muitas dificuldades e sempre entusiasmados para a continuidade a cada ano. De acordo o entrevistado, informa-se que as pessoas tinham mais fé e contrição. A emoção das pessoas era maior. No entanto, apresenta-se entre as narrativas um relato de dois outros foliões com a informação de que, mesmo diante das mudanças das emoções das pessoas, ainda tem encontrado pessoas de amor à tradição, como informado em alguns depoimentos:

Nós chegô na casa de Messias Lima ontem, aí começou o reis lá. Salvin, cantano, vai...vai. Ele só escutano. Daí a pouco, acho que a emoção foi tão grande buscou até um pano para ele limpar as lágrimas. Ele chorou igual criança. Ele tá com 98 anos. (Mocó- Riacho Dantas).

Esse reisado que nós tá cantano aqui, eu nunca vi uma coisa que nem essa. Muita gente chorar. Eu tô cantano Reis assim, o povo descer

lágrima assim. Eu guento porque eu tô cantano. Vê criança chorar, vê idosa chorar. (Nengo).

Impossível mensurar o nível de fé e comportamento religioso das pessoas em tempos anteriores aos atuais, não é a intenção presente no texto, haja vista que novas influências religiosas estão sendo apresentadas através dos ritos religiosos ocorrentes nas comunidades e também pela influência dos meios de comunicação. Favorecendo para as pessoas uma diversidade de expressões religiosas. O Reisado, na vertente cultural e religiosa, enriquece a percepção e a valorização da cultura, ao que inclui em saber que estes bens são de amplas compreensões. Com base em Rosendahl (2014):

Não devemos nos deter em descrever os bens simbólicos que existem nos lugares, mas saber o que esses bens significam para seus usuários. Essa questão envolve o conhecimento da religião como um sistema de símbolos sagrados e seus valores, e também a dinâmica da produção de bens simbólicos religiosos, envolvendo os agentes sociais do processo em suas dimensões simbólica, econômica, social e política. (Rosendahl, 2014 p.187).

Direcionando para além da simbologia, a manifestação do sagrado nos espaços cotidianos impregna-os de atributos religiosos, favorecem as lembranças, as histórias, as vivências e emoções, consagrando estes espaços enquanto especiais e portanto, rememorados na sua importância espacial, compreendidos enquanto lugares. Mesmo que careça de requintes, atributos de conforto, os lugares são afirmados e consagrados pela via da subjetividade, pertencimento e vivências.

Em consonância com as observações, registros de imagens e percepções advindas diante de tal festividade durante a pesquisa, chega-se à referência teórica em Andreotti (2013), que ancorada nos estudos do Geógrafo H. Lehmann, apresenta-nos a arte de descrever a paisagem. Ao que nos indica:

É importante esclarecer como a descrição em Lehmann pressupõe um necessário processo psicológico que não é um ato autônomo do sujeito, mas a soma, se assim se pode dizer das emoções do sujeito e daquelas que o próprio sujeito transborda na paisagem quando esta, bem longe de ser uma entidade, é um pressuposto de uma relação. Uma soma que não é o resultado de duas parcelas- o sujeito e a paisagem - mas consiste em uma operação na qual o sujeito, que adquire uma psicologia no momento que observa a paisagem, avalia a realidade como um espelho no qual sua própria imagem está impressa naquela paisagem. (Andreotti, 2013 p. 26).

E assim, mediante este pressuposto, a descrição é entendida não como mera enumeração de características. Apresenta-se como uma conexão em que se faz por compreender que o observador é parte integrante da mesma paisagem a qual observa. O que concorda com os atributos emocionais e psicológicos do sujeito no momento do acontecimento da observação. Nesta perspectiva, é apresentada algumas imagens ocorrentes da festividade observada e com ela algumas formulações descritivas.

A festa dos Santos Reis no povoado dos Teixeiras em Caraíbas, reuniu muitos reiseiros e visitantes, a Figura 72, é proveniente da festa realizada em 06 de janeiro de 2023. Os foliões estavam concentrados, aguardando o momento das visitas das últimas casas do povoado, para iniciarem a festividade.

Figura 72- Reiseiros da comunidade Teixeiras em Caraíbas



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo (2023)

Os reiseiros são itinerantes, realizam percursos de uma casa à outra. Como pode ser identificado através da imagem da festa no dia 06 de janeiro de 2023. A figura 73 apresenta os Reiseiros em caminhada às casas na comunidade Teixeiras-Caraíbas. O pequeno oratório dos Santos Reis e o estandarte seguem à frente dos foliões, por aqueles que encomendaram a promessa de “sair com o Terno de Reis”, em cumprimento de gratidão à Deus por uma graça alcançada.

Figura 73- Reiseiros em caminhada



Fonte: Arquivo Pessoal (2023)

A cor avermelhada do solo, é um indicativo da existência de uma maior concentração de óxido de ferro, essa coloração se contrasta com o verde da vegetação da caatinga, em períodos de chuva, é o que pode ser identificado na Figura 74. É a exuberância da natureza no “tempo das águas”, como é referenciado pelos moradores do lugar. É a cheia nos tanques e lagoas, acumulando reservas de água que, por vezes barrenta, mesmo assim não deixa de espelhar as árvores e o céu . O final da tarde vai “caindo” e soma-se ao entardecer o canto do Reisado com o dos pássaros. Momento favorável, para confraternizar e rememorar a finalização do Reisado no ano de 2023.

Figura 74- Reiseiros em procissão às casas na Comunidade Teixeira



Fonte: Ivana Lima e Silva- Trabalho de campo (2023)

Durante o percurso, observa-se na Figura 75, o registro da cantoria, os sons dos instrumentos, o estouro dos fogos, a presença dos devotos, o pagador de promessa à frente, o Sr. Ari e o seu irmão (agraciado pela promessa), envolvidos com os elementos paisagísticos das estradas rurais de Caraíbas. Ambiente impregnado com emoção e afirmação de uma tradição. É o fim da caminhada, chega-se à casa da festa do Reisado.

Figura 75. A chegada dos Reiseiros



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo (2023)

Ao findar a caminhada (Figura 76), chega-se à casa da festa do Reisado. A lua cheia sinaliza que anoiteceu, com promessas de iluminar a noite catingueira. Juntam-se os foliões para registrar em imagem, lembranças que ficarão para sempre guardadas.

Figura 76- Ao final do dia



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo-(2023)

Os preparativos do jantar, identificado na Figura 77, é iniciado bem cedo. Como Catingueiros e bons anfitriões, não podia faltar um jantar ao final da festa. O fumegar do fogo indica que a comida tá quase pronta, para posteriormente reunirem-se em torno de uma grande mesa e celebrarem a alegria e a fé nos Santos Reis.

Figura 77- Catingueiros, bons anfitriões



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo (2023)

A festa do Reisado, no dia 06 de janeiro, em especial neste dia celebrativo, ocorre toda um ritual em cumprimento da festividade, as orações e agradecimentos, momento mais solene da festa, para o momento da folia, onde acontece as músicas em teor de brincadeira, ao que intitulam como sambas e assim os participantes da festa, em torno de uma grande roda, cantam, dançam e divertem-se. A exemplos dos seguintes versos:

Ô Junco da lagoa leva eu pra lá...Ô Junco da lagoa leva eu para as coisas boas, Ô junco da lagoa leva eu para vadiar.Pra gozar das coisas boas, ô junco da lagoa leva eu pra vadiar.“Ô mãe corta meu cabelo,como é que vou pra reza no dia 06 de Janeiro....Papai que que eu corte, Mamãe não quer deixar,como é que eu vou pra reza, com o cabelo sem cortar...”

De acordo aos dados adquiridos durante a pesquisa, dos registros realizados, afirma-se cada vez mais que existe comunicações guardadas nas paisagens culturais, podendo ser interpretadas, como nos afirma Almeida, Vargas, Mendes 2011:

A paisagem testemunha a aventura do homem na superfície da terra e qualquer marca por ele introduzida significa um diferente valor cultural. Técnicas, crenças religiosas e ideológicas perpassam cada paisagem, por isso, as paisagens possuem significados simbólicos e estão, também, carregadas de ideologias. São reconhecidas como

testemunhas da criatividade, da diversidade cultural, dos cenários de vida e tornam-se objetos de interesse de políticas nacionais e internacionais (Almeida, M. G.; Vargas, M. A. M.; Mendes, G. F. ,2011 p. 29).

Analisar a paisagem, através do componente cultural de uma festividade religiosa, como a pesquisada, certifica sobre as representações, simbologias e perspicácia dos agentes sociais que, imbuídos de um bem patrimonial, deixam as suas marcas por onde se manifestam, neste caso evidenciadas de forma mais específica nas comunidades pesquisadas. É necessário que seja referendado através de políticas públicas, a valorização da cultura do Reisado e incentivos para a continuidade da tradição nas comunidades em estudo, como no âmbito nacional.

5.3 SÃO JOÃO...MEU SÃO JOÃO, QUANTA ALEGRIA!

*Se você gosta de forró, passe lá em casa,
Com certeza São João, que não se atrasa
Já vai estar botando fogo no salão...
Edgar mão branca*

Os modos de vida dos integrantes das comunidades pesquisadas, evidenciam a considerável relação social estabelecidas entre eles. O que pode ser verificado em exemplos de atividades comemorativas de caráter religioso e cultural. Considerando aspectos regionalistas da cultura Nordestina, próprias dos Municípios estudados, é certo que estas expressividades estarão dentro desta vertente. E assim temos os festejos juninos, os quais são enfatizados na grande importância para os mesmos. Necessário fazer referências a esta linhagem cultural a partir das suas origens europeias. Com base em Mindset (2023), apresenta-se:

A festa junina como a conhecemos no Brasil tem alguns atributos consagrados: é uma festa católica, que homenageia três santos do mês de junho (São Pedro, São João e Santo Antônio), é celebrada com comidas, bebidas e danças tradicionais, e envolve temas que remetem à vida no campo. Em Portugal, onde a celebração ganhou força, ela passou a se chamar Festa Joanina (em homenagem a São João), o que levou o nome “Festa de São João” a se popularizar também no Brasil. Com a chegada da corte portuguesa no Brasil, em 1815, e de uma enorme comitiva de artistas e intelectuais franceses logo depois, foi a França que começou a enraizar o evento no calendário brasileiro. Deles, a maior contribuição é a quadrilha (*quadrille*), a dança que a maioria dos brasileiros deve ter

aprendido ainda no ensino fundamental. Quem gosta, conhece bem as palavras que acompanham os movimentos: “anarriê”, “*en passant*” (ou ampassã), “*en avant*”, todas de origem francesa (Mindset, 2023, p.15).

Apresenta-se a imagem do Santo Padroeiro, na Figura 78, comemorado no período junino. São João Batista, o precursor de Jesus. É uma imagem do São João criança, uma vez que a festividade do São João, comemora-se o seu nascimento.

Figura 78- São João



Fonte: arquidiocesedesorocaba.org.br

A origem da festa junina no Brasil evidencia-se pela colonização portuguesa, junto aos vários povos europeus que se estabeleceram no País. Considerando que, somado a estes, temos os povos de ancestralidade indígena e negra, formalizando no Brasil um mosaico cultural. E assim há de se esperar a ocorrência de uma adaptação das comemorações de festas de origem europeia, moldadas para o “jeito brasileiro”. Seguindo para as narrativas provenientes da pesquisa em curso, os entrevistados reportam-se às lembranças do passado, utilizando para esta explanação uma cronologia com expressões como: naquele tempo, quando era tempo de São João, referindo aos períodos históricos situados nas décadas de 1960, 1970 e 1980, para posteriormente apresentarem alusões às mudanças ocorrentes na forma de festejar o São João nas comunidades rurais na contemporaneidade. E assim alguns dos entrevistados, expressam-se:

Quando era tempo de São João, juntava tia Lide, mãe, Ti Bai para fazer bolo. Jogava a toalha em cima da mesa e ia jogando bolo. Ti Bai era o dono do forno(risos). (Dalva) Lagoa das Flores

Eita que menino naquele tempo! Rapaz! Menino... Nós comia era de todo jeito. (Cóco)
E nós ia buscar Naninha, irmã de Ti João, pra fazer bolo. (Daguinha)-Lagoa das Flores.

Lá em casa tem uma gamelona redonda assim, ói Naninha enchia daquele bolo avoador. Ela preparava, quem batia era nhéu, enquanto não tiver borboiano não tá bom(advertia Naninha). E eu sentava o braço. Valmira segurava a gamela, para eu bater. Bolo de puba, da puba fresca.. (Dalva) Lagoa das Flores.

O de doce era no pilão, porque usava a rapadura. (Deve) Lagoa das Flores
O avoador era batendo na colher de pau na gamela. (Dalva) Lagoa das Flores

Em 1986, ainda lembro, quando Josia de Tico morreu. Ti Bai fez a resenha. Eu tava assando biscoito aqui, ainda fazia farinha aqui, ainda tinha a goma. E ti Bai veio assar os biscoitos e Josia de Tico, tinha morrido, um dia antes. (Deve) Lagoa das Flores

Existe um reconhecimento de que os festejos juninos iniciavam dias antes, quando familiares se reuniam para juntos preparem bolos e biscoitos. É destacado a divisão de tarefas entre eles, o modo de fazer as comidas típicas, as crianças se alvoroçando no grande entusiasmo para comerem os bolos e biscoitos, ainda quentes. Uma reunião de pessoas, que se aglutinavam em preparação ao grande festejo. Entre as informações obtidas nas entrevistas, é informado que junto à fogueira era afixado um galho de árvore, denominado de pau de São João. Formando uma arvorezinha, espécie de um mastro, que era enfeitado com papéis coloridos e outros adornos. Constituindo assim um símbolo para demarcar a tradição, que pode ser melhor compreendido com as narrativas

Fazia as fogueira e enfiava um pau perto da fogueira. Enfeitava tudo de casca de ovo, bandeirolas. O ovo fazia o bolo, deixava tudo inteiro e fazia tipo um colar, para colocar na arvorezinha. (Gilda). Lagoa das Flores

Não tinha Natal aqui, nem réveillon. São João era famoso. (Deve) Lagoa das Flores

Chegado o dia da festa, realizava-se as orações ao santo e acendia a fogueira no início da noite, em seguida o soltar dos fogos e as visitas nas casas. O forró ao som da sanfona, embalava a alegria da noite. “la para a casa de tia Quinha, Tia Aladia, tio Branco. O dia amanhecendo e agente fazendo isso” (Gilda). Norteados pela história oral narrada pelos moradores, sobressaem vivências, crenças religiosas e festejos,

conjecturados em histórias próprias de quem realizou essa experiência social e testemunham alternâncias nos festejos. Ao que temos, segundo as narrativas:

O povo vai para cidade. Ausentou muito das fogueira. Bota fogo na fogueira e muitos saem, saem para os comércio, as festa da cidade. Tanto a fogueira, quanto aqueles que ficam, sentem muito só. (Daguinha) Lagoa das Flores

Cabou aqueles bolo (Cóco). Lagoa das Flores

Tá a tradição, mas a ausência também tomou conta (Daguinha). Lagoa das Flores.

Como informa a citação de um morador: “Tanto a fogueira, quanto aqueles que ficam, sentem muito só. (Daguinha-Lagoa das Flores)”. As pessoas que permanecem na área rural e a fogueira são envolvidas em um estágio de solidão, como apresentado pelo narrador. A fogueira ganha identidade, é personificada, atribuindo à mesma a capacidade de sentir emoções, entre elas a ausência dos seus entes queridos.

Como as mudanças em curso, existe uma ausência de movimento das pessoas em torno da fogueira, das visitas às casas, da interação entre os familiares. Os mais jovens, deixam a área rural para festejar o São João em um outro requinte nas cidades de Anagé e Caraíbas. Atraídos pelas Bandas famosas de forró que nas cidades são apresentadas. Configura-se assim um estágio que, ao longo do tempo, incorporou-se à tradição, com novos elementos, inclusive de relações econômicas. Somados à programação que ocorre no período junino, é inserido cavalgadas festivas realizadas em fazendas e outros eventos. Alternando assim a tradicional forma do festejo. Com base em Claval (2008):

O indivíduo que interessa à geografia é também um ser de cultura (CLAVAL,1995). Nos seus comportamentos o instinto é limitado. O que ele sabe fazer e as motivações para o fazer, ele aprende a partir do que o rodeia na sua primeira infância com os pais, amigos, camaradas, depois ao longo de sua aprendizagem na escola. Ao que lhe foi transmitido se junta a experiência que ele carrega. (Claval, 2008 p.20-21 *apud*. Almeida; Cahveiro; Braga, 2008).

Um itinerário de aprendizagens e mudanças comportamentais ao longo do tempo, que lhe são inseridos desde os primeiros anos de vida e não se esgota, é o que nos remete a referência. Vai sendo somado a tantos outros conhecimentos que são aprendidos. É, pois, uma experiência individual, no momento em que a história e

a forma de apreensão são singulares. É diante deste contexto que analisamos as alterações ocorridas em torno da tradição. “A cultura assim adquirida é feita de elementos díspares, às vezes contraditórios”. (Claval, 2008, p.20 *apud* Almeida; Chaveiro; Braga, 2008).

De acordo com Claval (2008), a cultura adquirida favorece ao resguardo de uma memória, é próprio aos receptores identificar as raízes do seu processo formativo e a construção de uma identidade. A afirmação aqui evidenciada pelo entrevistado: “Tá a tradição, mas a ausência também tomou conta” (Daguinha), nos remete a percepção de uma anuência ao prestígio da tradição da festa junina na zona rural em favorecimento da festividade no urbano. O que não significa que este que procura a festa na cidade, estará em plena atividade do festejo, da dança, uma vez que a própria organização da festa, proporciona elementos que direcionam um outro comportamento, como assim é ressaltado em Castro (2012).

As festas juninas espetacularizadas não são eventos que se constituem em práticas lúdicas ativas, pelo contrário, existe uma passividade do público que se desloca pelo espaço festivo de forma errante ou direcionada e interage com os grupos musicais que se apresentam no palco através da corporeidade, da dança, dos gestos. Entretanto, esse comportamento não é autônomo, é comandado por alguém que está no palco principal e que centraliza a atenção e orienta os festeiros. Por isso, a concepção de espetáculo nesse trabalho tem um sentido apontado por Guy Debord (1997), que o relaciona à imagem, ao consumo – no caso das festas populares o consumo no lugar e do lugar – e a passividade. (Castro,2012, p. 89).

Com base no autor, as festas juninas, em alguns lugares ganham a dimensão de espetáculo, fugindo da essência tradicional. Neste formato de festa, é incorporado uma estrutura de grandes proporções, o que pode despertar no participante a dispersão de um espaço à outro, assim como de se envolver com as luzes, com a coreografia dos dançarinos, despertando um comportamento, por vezes de passividade, outras como observador e outras vezes como direcionado pelos artistas que ditam gestos e movimentos de acordo o ritmo das músicas.

Em uma outra proposição, no intento das compreensões, tomamos como referência a concepção do espaço, como o concebido e o vivido. Surgem neste contexto, a partir de uma formulação com base em Serpa (2019) referenciando Lefebvre (2006, p.285), que: “Contudo, quando a presença se perde na

representação, surge a alienação (2006, p.285) e o concebido prevalece sobre o vivido” (Serpa, 2019, p. 104).

É mediante esta explanação que poderíamos entender a concepção do espaço vivido, como o espaço da vida social, onde as representações de um povo são registradas e carregadas de laços identitários. Quando, pois, esvaziadas da tradição, o que prevalece é o espaço concebido, ou seja, aquele que é idealizado por quem esteja ou não conectado na dimensão espacial de uma comunidade, sobressaindo como uma alienação. A consideração em Silva e Costa (2022), nos informa que:

É no novelo envolvendo a memória coletiva e individual que se produzem permanências que se prolongam para além da vida humana, com clara perpetuação intergeracional, ainda que cada identidade processe a seu modo as instáveis superestruturas sociais que são, por sua vez, situadas espacial e temporalmente. (Silva; Costa, 2022, p.13).

Em junção da consideração do entendimento do espaço vivido, como este da representatividade social alinhado com a memória coletiva e individual, tornam-se a ponte que estabiliza o sentido das permanências enraizadas em uma cultura que tem sua base fundante na zona rural. No entanto, desviar do percurso da modernização e inovação que chega nos mais distantes espaços, é algo quase impossível. Por outro lado, as permanências serão advindas na experiência do espaço vivido em consonância da memória coletiva e individual. Torna-se necessário enfatizar que Anagé e Caraíbas, são também reconhecidos através de uma geração de músicos forrozeiros nativos dos municípios, como: Chiquinho, Firiri, Arnaldinho, Arlindão e os grandes representantes da atualidade, como: Regi de Anagé, Maildo Nogueira, Katinguerin, Iris de Josa e outros.

Retomando para a Contextualização sobre as mudanças ocorridas na tradição, conforme suscitado na pesquisa, exemplos de programações festivas neste modelo são aqui apresentados a partir das figuras 79 e 80, informam sobre as festas na sede de um dos Municípios. As imagens apresentadas, mostram uma grande estrutura de palco com luzes, som e cantores. O cartaz figurativo ao tema da festa é intitulado como: Arraiá dos Gaviões, uma alusão ao rio Gavião que banha a área territorial do Município. Este é um modelo de festejo que está presente em várias cidades do Nordeste. O São João característico e típico da zona rural ganhou proporções grandiosas e adequações, atingindo um enfoque comercial e econômico. É hoje

incentivado pelas administrações públicas, caracterizado como promoção cultural de uma tradição.

Figura 79 - Divulgação de Festejos juninos e Aniversário de Anagé – BA.

Figura 80 - Festa do aniversário de sessenta anos de Anagé



Fonte: https://www.facebook.com/PrefeituraAnage/?locale=pt_BR

Dentro do contexto do estudo, uma referência em Calval (2008) nos aponta que:

O indivíduo é também, desde o início, inserido nas redes de relações sociais: ele comunica e recebe informações; ele estabelece trocas; ele se desloca. Sua vida se inscreve nos circuitos que dão aos grupos humanos sua estrutura e permissão para seu funcionamento (Claval, 2008, p.20).

Na tentativa de compreender estas mudanças em torno das permanências e mudanças de uma tradição, referendado em Claval (2008), é atribuído que o indivíduo é envolvido nas relações sociais, recebe e transmite influências, em um constante movimento. O resguardar da tradição, estará, portanto, sustentado na importância da busca e valorização cultural mediado pela memória individual e coletiva. O que por certo não romperá com as inovações configuradas na atualidade. E como acontece até o presente demonstrado durante a pesquisa, existem os que resistem e permanecem “em torno da fogueira” no seu mundo vivido e os que motivados pela inovação do festejo, procuram as novas alternativas festivas.

5.4 ALVORECENDO EM ANAGÉ

“Hoje mesmo...eu vou embora, vou me embora pra o sertão, meus colegas me deixaram aqui sozinho com o fole na mão, também deixo meu amor, ai que dor no coração”.

Dentro das programações juninas, uma outra acontece em Anagé, a festa junina, das Alvoradas. A qual antecede ao dia do São João, entre do dia 12 ao dia 22 de junho. Uma preparação para a festa do padroeiro da cidade. O que são as Alvoradas? Uma festividade da Igreja católica em unidade com a manifestação do povo Anagense. Uma tradição, que segundo informações dos moradores da cidade, já existe há mais de cem anos. A Figura 81, é uma imagem da praça da cidade de Anagé, o registro fotográfico foi realizado em uma tarde, em que as muitas nuvens, sinalizavam a iminência da chuva.

Figura 81- Cidade de Anagé



Fonte: Ivana Lima e Silva- Trabalho de campo 2023

Em informações do documentário: Do Alvorecer às Barrancas do Rio Gavião, encontra-se depoimentos de quem participou da tradição como esta na década de 1950. Ao que é informado:

Quem fazia as Alvoradas, era aqueles que rezava a Novena. Tinha a entrega de ramo, depois da entrega de ramo a Alvorada era minha, entendendo...? Cada noite tinha a noite minha, a noite dos outros, eu passava para os outros. Batia o sino e saia cantano. Saia da porta da Igreja. E ai a Seresta ia até o amanhecer. Pontava seis hora da manhã, Cê parava. Fazia quentão, a farofa, fazia a farofa de bode. Tinha a bebida. Fazia o quentão, a meladinha. Aquilo era uma beleza pra nós.- Manoel Marinho (Canal Futura, 2016).

Desde criança que a agente faz parte desse grupo e deu continuidade. A juventude nunca interessou para isso. Pois é um grupo desse aqui, só encontrou nós, já idoso para fazer isso. Que o jovem não aceita mais. As vezes tem até vontade. Eu nem sei se é porque tem vergonha, não tem uma escolaridade para isso - Nem de Dula (Canal Futura, 2016).

Narrativas como estas apresentam a íntima relação do modo de vida junto à religiosidade, configurando para os Anageenses uma identidade com o seu lugar de origem. Percebe-se diante da memória oral, expressas em entrevistas, que existem moradores, que estão na contemporaneidade preocupados em perpetuar esta vivência, identificada como religiosa e cultural. Existe na contemporaneidade formulações de textos, documentários, músicas, constituições de acervos pessoais e formulação de livros e cordéis pelos moradores locais, como uma preocupação por aqueles que envolvidos no decorrer da vida cotidiana ou pela afirmação profissional resolvem elaborar trabalhos acadêmicos científicos, ou mesmo diários com o tema das Alvoradas.

Analisa-se que a identificação com as próprias origens, favorece este envolvimento, uma vez que Anagé enquanto espaço urbano, outrora constituída e denominada Vila Nova (quando ainda uma vila) resguarda uma história da sua formação através de núcleos familiares tradicionais dos quais descendem as gerações, que na atualidade referenciam a história da cidade e das Alvoradas. Assim como também a história dos seus ancestrais. Apresentando para isso uma referência ao espaço como imbuído de memórias afetivas, identificado como lugar.

Pensar nas Alvoradas, inclui entender que ocorria a peregrinação pela cidade, onde músicos e os moradores realizam um longo percurso, antecipadamente festejando o padroeiro, o São João. Validando uma referência à um dado espaço, neste caso Anagé, pela via da afeição e do pertencimento. Uma formulação em Marandola jr (2020), atesta que:

A compreensão de um espaço relativo alimentou bastante as perspectivas humanistas na Geografia, as quais deram centralidade à experiência e à existência, assumindo assim a prerrogativa do sujeito na constituição dos lugares. Perspectivas culturalistas também se pautaram por compreensões deste tipo, levando a questão para o âmbito dos grupos sociais, entendendo os significados e representações coletivamente constituídas como fundantes dos lugares. (Marandola Jr., 2020, p.05)

Marandola Jr. (2020), afirma que a cultura faz parte deste reconhecimento dos lugares e que a via desta consolidação acontece pela subjetividade enfocando o caráter individual, como pela instância da coletividade através dos grupos sociais. Apresentando o caráter litúrgico e as razões de tanta festa em comemoração ao São João, o Padre Luiz Cláudio, presta alguns esclarecimentos:

O fato da festividade ganhar o cunho da festa junina, é que dentro da história de São João Batista, quando Nossa Senhora antes do Nascimento, visita a sua prima Isabel na casa dela. Ela chega lá e saúda Isabel. A criança baila de alegria no ventre de Isabel. Ainda no ventre materno. Ai João é aquele que dança no ventre da mãe. - Padre Luiz Claudio (Canal Futura,, 2016).

Com base nos escritos históricos bíblicos, o religioso apresenta referências elucidativas, as quais respaldam a motivação para o festejar do São João e com ele o acontecer das Alvoradas, em uma preparação aos doze dias que antecedem o festejo em louvor ao Santo. As escrituras que tratam da narrativa de saudação do menino João ao menino Jesus, é uma história de mais de dois mil anos de existência, ocorrente ao nascimento de João Batista, precursor de Jesus Cristo.

Considerações em respeito às manifestações religiosas aos mais longínquos lugares e aos pressupostos de uma religião, leva-nos a reportar ao processo de colonização europeia a qual fomos submetidos no Brasil, e com ela a implantação oficial da religião católica. Tratando de forma específica ao Nordeste, apresenta-se evidências de um modelo religioso identificado como Catolicismo Popular, o qual é permeado de adaptações e requisitos culturais próprios da região. “O percurso atual do território da religião foi um processo lento e contínuo, mas desde o início ele moldou o espaço ocupado, delimitando e estabelecendo territorialidades e paisagens propriamente religiosas. (Almeida, Bonjardim 2022 p. 133)”. É ao meio do tempo histórico, ocupações territoriais, aprendizagens, interação cultural entre povos de

matrizes indígenas e africanas, que a força da religiosidade católica, imbuídas de cultura, se consolidam e se revela em um modelo tipicamente Nordestino.

Os meios artísticos, entre eles a musicalidade é uma comunicação, sendo assim, percebe-se que mediante as entrevistas, este aspecto é relevante, para continuarmos diante das referências sobre lugar e memória. E assim temos, a partir das entrevistas:

Outro momento marcante foram as Alvoradas. Hoje eles fazem mais não fazem como antigamente. Meu pai, tocava cavaquinho, saia com mais alguns da mesma idade e gente saia atrás. Eles tocando e a gente cantava as músicas das Alvoradas. Tinha uma musiquinha que marcou tanto na época que dizia assim:

À meia noite na casa caída, todos dormiam, só eu acordada...À meia noite na casa caída, todos dormiam, só eu acordada...Ai passou uma moreninha de cabelos longos, namorada minha. Gente eu cantava isso demais...(Marilande - Anagé).

Eu cheguei ao ponto de pensar, as Alvoradas daqui alguns dias não vai mais existir. Porque só as pessoas mais velhas é que conheciam assim as músicas, as letras das músicas das Alvoradas, ai foi quando eu tive essa preocupação. Gravei boa parte das músicas mais conhecidas e ai lancei nas redes sociais assim como fonte de acervo para as pessoas conhecerem. Fiz alguns lançamentos foi muito sucesso em Anagé. A população me aplaudiu pela atitude e onde eu fico muito feliz em tá contribuindo com isso né.
(Maildo Nogueira-(músico) Anagé).

Hoje mesmo...eu vou embora, vou me embora pra o sertão, meus colegas me deixaram aqui sozinho com o fole na mão, também deixo meu amor, ai que dor no coração.
Adeus Jacobina até quando eu voltar, hoje vou me embora não posso mais ficar... (Maildo Nogueira- Anagé).

Boa noite Julieta, boa noite eu vim aqui não fazer você chorar...tomava banho, penteava seu cabelo, Julieta.. (Maildo Nogueira- Anagé).

As lembranças da musicalidade que marcou a infância, no convívio paterno, enquanto um instrumentista, o mover de um músico para preservar as músicas tradicionais, confirmam a existência de uma fundamentação pautada em memórias e objetivos. O projeto formalizado através do registro das músicas antigas cantadas nas Alvoradas, constitui um Patrimônio Cultural Imaterial, idealizado pelo músico Maildo Nogueira, que tem origem Anageense e reconhece a necessidade do registro. A imaterialidade dos versos e melodias, estavam guardados na memória dos moradores mais antigos, esta busca e formalização de um memorial oral, é traduzido para a escrita e o audiovisual, favorecendo em uma oportunidade para as futuras gerações,

reverenciarem a sua história. Envolvidos no movimento de reavivar a tradição, as famílias locais, representantes da igreja católica e o apoio do gestor público municipal, estão realizando as Alvoradas, durante o mês de junho. Algumas modificações são percebidas, no entanto existe uma validação no retomar a tradição. Com base em Le Goff (1990), certifica-se que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele represente como passadas. (Le Goff, 1990, p. 423).

Le Goff (1990), apresenta um dos componentes da memória diante do atributo psíquico, sendo mais abrangente recorrer a esta compreensão através da psicologia, da biologia e outras ciências. Os “fenômenos da memória”, como ele assim entende, acontecem em consonância com uma organização “perceptiva-cognitiva”, as quais são condições importantes para a continuidade de uma memória. Ativar este exercício de valorização do recordar distinguirá as sociedades em diferentes épocas, sendo, pois, prerrogativa de análise para se identificar as mesmas que pautam pela valorização da sua memória.

5.5 SANTO ANTÔNIO É DE CARAÍBAS!!

A quem afirme Santo Antônio é de Caraíbas! Município que tem o seu nome da origem tupi guarani³⁰. De acordo com informações, a denominação do nome é proveniente da ocorrência da grande quantidade da espécie da árvore Caraíba, outrora existente em quantidade no Município. O nome científico na classificação botânica é “*Tabebuia caraiba* (Mart.) Bureau)”³¹. Árvore apropriada ao domínio morfoclimático da caatinga. A caraíba, costuma crescer nas proximidades dos rios. Por certo que o rio gavião, circundando a cidade, favoreceu a sua existência na Vila, hoje cidade.

³⁰ Os caribes, caraíbas, kalinago ou karibs (do [tupi](#) Kara' ib; sábio, inteligente) são povos [indígenas](#) das [Pequenas Antilhas](#), que deram o nome ao [mar do Caribe](#).

³¹ Nota: *Tabebuia argentea* (Bureau ex K. Schum) Britton; *Tabebuia suberosa* Rusby; *Tecoma caraiba* Mart”.

As Caraíbas, é uma imagem de duas árvores da espécie Caraíba, sendo assim a Figura 82, ilustra as Caraíbas, presentes na imagem. Foram registradas próximo ao Riacho do Gentil, no povoado da Lagoa Grande, na zona rural do Município de Caraíbas.

Figura 82- As Caraíbas



Foto: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo (2017)

Uma referência teórica de Moreira (2017), para este início, nos direciona para a compreensão do entendimento dos lugares, objeto de estudo da Ciência Geográfica:

Desde quando La Blache afirmou ser a geografia “uma ciência dos lugares”, reafirmando seu caráter corológico, a descrição geográfica parte da ideia de que a organização espacial de uma sociedade começa pelo que é sua base topográfica- o sítio geomorfológico- sendo por isso chamada pelos historiadores de “palco do desenrolar da história”. (Moreira, 2017, p. 48)

Por certo que o surgimento de um núcleo populacional, depende primeiramente de um referido espaço para uma satisfatória acomodação e vivência. Como referenciado a princípio, a escolha é dada por questões de ordem natural tendo como destaque o relevo, o que na concepção do geógrafo La Blache, é informado como um atributo locacional.

Na pretensão de fazer um alinhamento ao referencial teórico, apresentamos a Vila de Caraíbas dentro do contexto da sua formação territorial, segundo narrativas

de antigos moradores, iniciou-se em virtude das viagens dos tropeiros de mercadorias no cumprimento da rota entre Vilas e Cidades, uma delas Brumado. As condicionantes naturais ali identificados, favoreceram o seu início de povoamento. Acredita-se que o Rio Gavião, foi um indicativo para a escolha da localização e formação da então Vila. Sendo identificado como um dos fundadores, o Sr Florindo Lima.

Em mediação com as entrevistas, o modo de vida dos moradores é classificado como o de pequenos agricultores e comerciantes, os quais cultivavam e cultivam variadas produtos agrícolas básicos para a sobrevivência, como; feijão, mandioca, arroz, milho, farinha e outros. Algumas culturas foram implementadas para comercialização, a exemplo do: algodão, sisal, mamona, feijão catador ou de corda; além da criação de bovinos, suínos e caprinos, que nas décadas de 1950, 1960 e 1970 teve um forte desenvolvimento. Considerações estas mais abrangentes que foram apresentadas na terceira seção, em que trata das atividades agrícolas e pecuárias dos municípios.

Em relação ao modo de convivência entre os membros da comunidade, tem-se ao longo do tempo foi se consagrando com a vinda de pessoas de outras localidades para ali constituírem o seu espaço de moradia. A exemplo das Famílias: Viana, Flores e Ribeiro (estas duas últimas vindas de Condeúba). É informado que a relação de amizade entre os moradores fora sendo estabelecidas ao longo do tempo, através dos vínculos firmados através do compadrio, da ajuda mútua entre os mesmos em situações de assistência e outros. Ao que nos narra um entrevistado: “Eu mesmo já fiz muitos partos de mulheres”, eu ajudava as parteiras. Quando tava difícil, elas mesmas mandavam me chamar. Tinha Vó Beata e Mãe Ló que era parteira também. Sr. Gercy Viana (97 anos-Caraíbas).

A assistência à saúde, era vinda através de Sr. Cândido e Sr. Exúperio, os quais atendiam as crianças e adultos em situações de adoecimento. Ao que relata dona Dudu sobre o problema de saúde da filha ao ingerir gás do lampião, sendo, pois, a criança socorrida pelo Sr. Cândido, o farmacêutico da Vila. Dona Cila, relatou sobre o zelo e cuidado de Sr. Exúperio, quando ela, com a filha nos braços, buscou ajuda do mesmo, a filha, de menos de dois anos, havia engolido querosene. Foram duas situações bem sucedidas, com remédios simples e eficazes receitados no tratamento, indicados pelos dois senhores.

Homens simples e solidários, que estudavam a composição dos remédios farmacêuticos mais comuns para orientarem e auxiliarem as pessoas. O antigo

morador, Sr. João Patez, é lembrado ao que enfatiza um dos entrevistados, Neuton Lima: “Este era habilidoso, quando uma pessoa quebrava um braço, ou uma perna, até encontrar uma alternativa para ir para um hospital, era ele quem imobilizava, usando para isso telhas, canaletas de bambu. Até animais ele tratava’. Nas palavras do entrevistado Neuton Lima - ³²Caraíbas. Temos assim exemplos de uma vida pautadas em princípios sociais da ajuda mútua, para efetivamente ajudar pessoas que não dispunham de transporte e tratamento médico para assistí-las em suas dificuldades. Yu Fu Tuan (2013), apresenta-nos que o espaço, agrega a conotação de lugar, quando ganha os atributos de importância para as pessoas, ao que afirma:

A intimidade entre pessoas não requer conhecimento de detalhes da vida de cada um; brilha nos momentos de verdadeira consciência e troca. Cada troca íntima acontece em um local, o qual participa da qualidade do encontro. Os lugares íntimos são tantos quanto as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são esses lugares? São transitórios e pessoais. (Yu Fu Tuan, 2013 p.172).

De acordo com as experiências coletadas em entrevistas, somadas a referência no pesquisador Tuan (2013), situações corriqueiras, em um dado espaço, podem transformam-se em memórias guardadas. E quando retomadas à luz das emoções, pode configurar como um recorte espacial locacional como lugar. “Uma pausa no movimento”, como bem apresenta o autor, a pausa é o indicativo de que existe um significado especial no movimento, aqui entendido como espaço.

Uma outra abrangência em favorecimento da vida em comunidade, chega-se mediante as entrevistas, quando é evidenciado que as relações sociais estabelecidas entre estes moradores, contará com um elo de ligação que favorecerá as relações sociais. É o que nos conta os entrevistados, em torno da festividade religiosa do padroeiro da então Vila. Quando chegado o tempo da trezena de Santo Antônio, um evento religioso precedido de ritos e orações por treze dias consecutivos, era marcado com o cheiro de mato que invadia a praça e com ele a entrega de ramos, como relata uma das entrevistadas:

Festa de Santo Antônio, treze dias de festa. Rezava na Igreja. Ai tinha as mordoma(mulheres responsáveis para cuidar e organizar a festa). Cada noite tinha uma mordoma. Então aquela mordoma tomava conta de enfeitar a Igreja. Depois saia na rua com as moça atrás. E nós

³² Entrevistado -Morador de Caraíbas nas décadas de 1950 a 1970.

cantava na frente. A mulherada cantano e chegava na minha casa e entregava o ramo. Amanhã eu fazia a mesma coisa, entregava o ramo, você fazia do mesmo jeito que eu fiz. E era assim cada um queria enfeitar a Igreja mais bonita. Eu levava o ramo que a outra me entregou. Tu ia arrumar a Igreja para de noite tá bonita. Tu entregava o ramo para outra mordoma. E aí venciam os treze dias. Quem dançava ia para o baile dançar. Tinha um home com a sanfona, fom..fom...fom... .(Dona Dudu, 100 anos- Caraíbas).

Em acordo a mais um acontecimento durante os festejos, segundo a narrativa de Dona Dudu, temos:

Padre Valdemar, vinha de Condeúba, hospedava mais nós. Nos treze dias, ele vinha no meio da festa. Só fazia procissão se ele viesse. Fazia procissão, ficava com nós, dois, três dias. Celebrando as missas e aí continuava, nós entregava esse ramo. (Dona Dudu- 100 anos Caraíbas).

Relata-se uma autonomia nas pessoas em realizarem o seu festejo religioso, uma vez que o Padre Valdemar, um dos sacerdotes que assistiu a Vila por muitos anos, chegava em períodos aproximados da festa. Enquanto isso, os moradores intitulados os festeiros de cada ano e as mordomas (mulheres responsáveis pelo festejo), eram os protagonistas pela junção das pessoas em torno de uma religiosidade com fortes características culturais, próprias do catolicismo popular.

O Padre Waldemar, Figura 83, chegando em Caraíbas, realizava-se a procissão, os casamentos e os batizados. Eventos como estes proporcionavam algo maior, a exemplo: a formalização dos laços de proximidades entre os compadres de batismo das crianças e as testemunhas dos casamentos, compreendendo assim como relações sociais consolidadas entre famílias. Em várias das entrevistas realizadas, o Padre Waldemar Moreira da Cunha, é citado como um padre de bom trato para com os paroquianos e solidário em suas ações. Percorria longas distâncias à cavalo em companhia de dois sacristãos, os quais o auxiliava em seu trabalho. Ao tempo em que, de 1921 a 1966, contribuiu com a unificação de uma comunidade através da religiosidade católica popular. Segue-se com uma fotografia do Padre Waldemar que por muitos anos esteve presente em Caraíbas. A figura 83 apresenta uma fotografia do Padre Waldemar, um padre lembrando por muitos moradores.

Figura 83- Padre Waldemar Moreira da Cunha



Fonte: <https://folhadecondeuba.com.br/condeuba-biografia-de-padre-waldemar/>

A Figura 84 reporta-nos à uma procissão no ano de 1969, em Caraíbas, um dos participantes da novena, o Sr. Neuton Lima autorizou a publicação da foto, aparece em companhia do seu tio Tutá Braga e do seu amigo Nel de Biata. Uma outra entrevistada refere-se as procissões como um momento celebrativo de muita importância em sua vida, ao que informa: “Tinha as meninas vestidas de anjo. Uma das meninas era eu, mãe era uma das festeiras. Uma das asas da roupa do anjo era quebrada...risos”. (Noemia Lima- Caraíbas).

Figura 84. Festa de Santo Antônio em 1969 em Caraíbas - BA



**CARAÍBAS NA FESTA DE SANTO ANTÔNIO
NA FRENTE COM O ANDOR DE SANTO ANTÔNIO TUTÁ BRAGA,
NEUTON E NEU DE BIATA.
1969**

Fonte: Neuton Lima 1969

Configura-se que a festa atraía muitas pessoas e familiares vindos de outras cidades, ao que uma das entrevistadas informa:

Minha mãe era sempre festeira com meu pai, né. Então ia muita gente de Conquista para lá e pousava na casa da minha mãe. Era muito trabalho. Só que nessa confusão toda, ela tinha ainda tempo de fazer vestido para nós. E a missa ela recebia o padre na véspera e o outro dia acontecia festa o dia todo, tinha o leilão, era muito bom. (Ione Lima-Caraíbas).

Há unidade e alegria em torno de uma festa em caráter religioso e cultural. Pois, ao passar das orações na Igreja (a Capela antiga), a comemoração continuava através do forró, dos leilões, da venda de bolos, biscoitos nas barraquinhas. Informa-se que era uma festividade longa em torno de treze dias, tendo a culminância no dia 13 de junho, dia do Santo. Em uma das narrativas, o entrevistado Clovis, assim narra:

Eu tenho lembranças da festa de Santo Antonio, das trezenas. A noite na casa de cada um, era muito bonito., muito importante. O pessoal reuniam, dançava, tocava, tomava café, comia biscoito. E era muito bom esse momento. De sorte que quando passava o movimento do novenário, a cidade sentia muito. Mas tudo isso é superado. Na frente da Igreja, tinha as barraquinhas, envolvia cada um. Tinha o tradicional leilão, era muito bom. (Clóvis Flores).

Na expressão do entrevistado, a cidade “sentia muito”, ou seja, o movimento existente em torno da festa, favorecia o comércio, as relações de unidade entre os

habitantes. Na ausência da festa, a cidade retomava ao antigo ritmo. Em conjunto ao que até o momento foi apresentado, as referências em torno das lembranças em torno da Vila, apresenta-nos idealizações que nos indica compreensões em torno do conceito de lugar na concepção humanista da Geografia, de acordo com Suess, Ribeiro (2017):

Assim, entendemos que o lugar possui uma maior amplitude, deixando de ser visto como um local qualquer na superfície, para incorporar os sentidos experienciais, no qual cada pessoa reconhecerá o significado por meios das relações construídas e estabelecidas. (Suess, Ribeiro, 2017, p.05).

No centro desta referência, temos esta identificação do lugar que é configurado, longe de ser apenas uma referência de localização, mas preenchido com as relações sociais que ao longo deixam as marcas das mudanças, como também são responsáveis pelas permanências. Ao que muitos informaram, Caraíbas mudou muito, tornou-se cidade. As casas mais antigas são quase inexistentes, depois da construção da barragem Anagé-Caraíbas, as águas estão no entorno da cidade, favorecendo a visita turística de muitas pessoas em finais de semana para usufruírem da cascata e das “praias”.

A capelinha antiga (igreja católica) foi derrubada e fizeram uma nova Igreja no lugar da mesma. A feira local era realizada na praça, como pode ser identificado na Figura 85, que demonstra um comerciante com o estabelecimento da sua barraca. A feira, era o grande acontecimento da semana, onde várias pessoas vindas da zona rural, reuniam-se para vender as suas mercadorias e também comprar itens que não disponibilizavam em suas moradias. Constituindo como um local de encontro, vivências e comércio.

Figura 85- Comerciante de Caraíbas



Fonte: Neuton Lima-Caraibas 1966

A festa de Santo Antônio não é mais como antigamente. As celebrações religiosas ocorrem dentro de uma programação litúrgica de acordo o direcionamento do pároco, não mais tão tradicional como antes. Um dos entrevistados, assim apresentou informações sobre as mudanças na Festa de Santo Antônio:

O festejo de Santo Antônio hoje, a cidade tem lá a cavalgada que virou tradição e a festa também. Dia de Santo Antônio, tem dois, três dias de festa. Às vezes coloca banda da região, outra vez contrata alguns artistas de fora. E tem a missa no dia de Santo Antônio. O São João na cidade geralmente não tem festa, porque geralmente se comemora o Santo Antônio. (Ivande -Caraibas- Vereador- Presidente da Câmara de Vereadores).

A religiosidade da festa de Santo Antônio, ao longo do tempo, ganhou novas proporções, com incorporações das novidades mercadológicas. É um festejo do mês de junho, em que acompanha a tradição no mesmo estilo junino. Por serem municípios

limítrofes, Anagé e Caraíbas, existe uma espécie de acordo entre eles. principalmente na sede da cidade. de Anagé, comemora-se com festas e shows nos dias aproximados e no dia de São João e Caraíbas realiza as festas de shows no dia e na proximidade do dia 13 de junho, festa de Santo Antônio.

A configuração espacial da antiga Vila, hoje cidade, alternou muito, o mosaico das fotografias, Figura 86, ilustra algumas das mudanças. Existe na atualidade uma nova disposição das casas, da praça principal e do entorno da cidade, que está na atualidade circundada pelas águas do rio gavião, o que é ocorrente após a construção da barragem Anagé-Caraíbas.

Figura 86- Mosaico - A cidade de Caraíbas

Feira Livre de Caraíbas em 1972
A imagem é referente ao dia de feira livre na então Vila de Caraíbas:



Fonte: Arquivo Neuton Lima

Neuton, Caraíbas em 1966. Um dos comerciantes em um dia de feira com a sua barraca:



Fonte: Arquivo Neuton Lima

A prainha de Caraíbas



Fonte: Arquivo pessoal 2022

Casarão antigo desaparecendo-
Os antigos casarões de Caraíbas estão desaparecendo, esta é uma imagem de uma construção em que ainda se percebe a antiga casa.



Fonte: Arquivo pessoal 2022

Praça de Caraíbas e via de acesso à Paróquia de Caraíbas - BA



Fonte: Arquivo pessoal 2022

Paróquia de Santo Antônio- Caraíbas - BA



Fonte: <https://diocesedecaete.org.br/paroquias/caraibas/>

Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo 2023.

Entre a experiência ocorrida diante da pesquisa, recordações foram mencionadas pelos entrevistados sobre os espaços e vivências, ao que foi relatado como: lembranças dos banhos e brincadeiras no rio gavião, o transporte da água

através das latas “d’água na cabeça” e a subida das imensas ladeiras do rio, as épocas de cheia onde do alto das barrancas observavam-se as enchentes, levando: cadeiras, melancias e outros. As recordações da festividade de Santo Antônio e outras narrativas configuram um imaginário de lembranças, as quais correspondem a um modo de vida, que na atualidade estão em constante transformação.

6. A EXPRESSIVIDADE DA GEOGRAFIA CULTURAL ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL, IMAGENS E MÚSICAS

A Geografia cultural, como base de direção da pesquisa, favoreceu para que de forma criativa e diversa, fossem encontradas variadas formas de apresentação dos resultados da pesquisa. Sendo assim as expressividades artísticas indicadas pela metodologia da Geografia literária, aliada aos conceitos e categorias geográficas, foram condutoras para a análise parcial dos cordéis do poeta Fonzim, sendo este nascido e criado em Anagé. No decorrer de uma entrevista e de conhecimento de alguns dos seus cordéis, foi possível analisar a paisagem cultural, o modo de vida, aspectos culturais, o mundo vivido e memórias do povo Anageense, tão bem expressas em suas obras.

Uma outra dedicação, é aqui referendada através das crianças Anageenses e Caraíbenses. Neste sentido, com suporte na geografia das representações e na mediação dos estudos e análises da paisagem, através dos estudos da pesquisadora, Salete Kozel, foi possível aplicar a proposta da metodologia. Com base em princípios orientadores, desta metodologia, os mapas mentais dos estudantes da escola Municipal Helita Silveira, localizada na Tábua dos Alves, foram examinados e considerados nas suas composições e codificações.

A música insere-se neste capítulo, confirmando o quanto que as influências culturais estão inseridas no cotidiano e na história das famílias catingueiras. Apresenta-se aqui um itinerário da vida do sanfoneiro, que desde a infância, envolveu-se com a cultura local, expressa através do estilo musical do forró. Trata-se de Iris de Joza, nascido na Tábua dos Alves, hoje morador do Bonfim, no município de Caraíbas.

6.1 FON... FON... FONZIM DE ANAGÉ

O entusiasmo pela abordagem de temas validados pela Geografia Cultural suscitou um interesse em contemplar parcialmente a Literatura poética, encontrada no desenvolvimento da pesquisa. Sendo assim chega-se a uma entrevista com o Cordelista Fonzim, uma vez que na apreciação do seu trabalho, percebe-se contextos sobre o modo de vida, cultura, memórias e outros aspectos próprios do povo Anageense (moradores de Anagé, um dos Municípios estudados). Ao desvendar maiores informações sobre a sua vida pessoal, temos que nas suas origens familiares,

identificam-se razões que favoreceram a sua condução ao caminho da poesia. Filho de João Oliveira popularmente conhecido como “João Bala doce”, exímio contador de causos e histórias e de Dona Augusta Andrade Oliveira, mulher alegre que gostava de cantar durante a lida cotidiana, entre uma cantiga e outra interrompia o canto, reclamava um filho que estivesse fazendo estripulia, para retomar a cantoria, que para muitos expectadores era algo muito engraçado.

E foi assim neste interim que veio ao mundo mais um filho Erismar Andrade Oliveira, para quem Dona Augusta, cantarola fon...fon...fon, desejando despertar na criança o dom musical, surgindo assim o carinhoso apelido Fonzim. E veja que então o menino apreciador das histórias contadas pelo seu pai e pelos conterrâneos, envereda-se pela arte dos versos, não deixando a inspiração musical desprezada, pois se consagra como um poeta cordelista, adicionando melodia em suas declamações.

Entre os muitos cordéis produzidos por Fonzim, alguns deles estão representados na Figura 87, a ilustração evoca alguns detalhes dos versos dos cordéis.

Figura 87- Imagem da Literatura de cordel de Fonzim de Anagé



Fonte: Fonzim de Anagé (2014). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T13wTaePTC0>

Apresentar parcialmente temáticas abordadas nos cordéis de autoria de Fonzim, proporcionará compreensões sobre o mundo vivido do Anageense. Contando para isso do humor característico do artista, dos exageros e ficção diante de alguns acontecimentos. O poeta na tentativa de valorizar e registrar os moradores da sua terra, os enaltece com a narração de feitos e características apropriadas aos mesmos. Episódios marcantes de uma cidade de aproximadamente 20.000 mil habitantes (censo de 2015), é versado em forma de Cordel, através de livros impressos e vídeos.

Ao reportarmos para referenciais de estudos em torno da Literatura e da Geografia, temos em Almeida (2010), ao comentar Brosseau (2002), esclarecimentos sobre a Geografia da Literatura e Geografia literária, apresenta-se:

A geografia da literatura se interessa pelo contexto da produção da obra, melhor dizendo, o que se encontra hors-texte, tanto a montante (condições de produção da escrita) como a jusante (divulgação, repercussão no meio acadêmico e do mercado, comercialização, prêmios...). Já a geografia literária tenta, preferencialmente, fornecer uma interpretação do texto literário, baseando-se em categorias, conceitos e análises geográficas e até o aspecto social é incorporado. (Brosseau, *apud* Almeida, 2010)

Por certo que este componente literário ao contexto geográfico, referenda muitas análises, favorecendo uma visão ampla, pautada na interrelação entre as Ciências. O que no campo educacional suscita perspectivas de estudos interdisciplinares aos referenciais teóricos. Fazer uma distinção em referendar a perspectiva da averiguação dos cordéis eleitos para estudo, como Geografia da literatura ou Geografia Literária, pode ser uma tarefa mais complexa, o que poderá ser identificada ao longo do tempo no prosseguir da projeção e estudos da obra literária dos cordéis eleitos para pesquisa. No entanto, nesta etapa de análise, os cordéis foram analisados seguindo a metodologia indicada pela Geografia Literária, uma vez que categorias e conceitos geográficos foram incluídos na verificação textual.

Seguindo para alguns dos versos em pauta, um deles intitulado Anagé em Cordel, demonstrado na Figura 88, Fonzim apresenta-nos informações relacionadas à origem da cidade de Anagé, ao tempo em que informa:

Figura 88 - Anagé em cordel

Anagé em seus primórdios

Era ponto de pousada
 Dos tropeiros viajantes
 Que viviam na estrada,
 Por serem comerciantes
 Mas tudo isso bem antes
 De sê-la emancipada.

Tropeiros e viajantes
 Desistiam de seguir,
 Atraídos pelo rio
 Começavam construir,
 Casas aqui no lugar
 E aos poucos bem devagar
 Ela começou surgir.

A antiga água doce
 Do velho Rio Gavião,
 Atraía moradores
 E lhes davam condição,
 De viver e trabalhar
 Aumentando sem parar
 Sua nobre população.

Fonte: Fonzim de Anagé- 2023

Nestes versos, estão impressas algumas justificativas que confirmam a ocupação territorial e a formação do núcleo populacional da cidade nascente, ou seja, ainda configurada enquanto Vila. As águas do rio Gavião, são consideradas atrativas para fixação dos viajantes cansados. Ocorrências mais constantes em visitar os mesmos espaços, podem favorecer a criação de vínculos de pertencimentos, elevando estes espaços à conotação de lugares. Como em toda formação de povoamentos, os rios são condicionantes para este feito.

A história das relações do homem – e suas cidades – com os rios segue uma trajetória complexa, marcada por variadas formas de interação ao longo do tempo e do espaço, fundada na dinâmica e sazonalidade naturais dos corpos de água, mas, sobretudo, nas significativas variáveis de necessidades e expectativas humanas, no decorrer de distintos períodos, épocas e lugares. Trata-se, portanto, de uma relação com aproximações e antagonismos sucessivos, materializados de forma distinta ao longo do tempo, nas diversas culturas e nos diversos sítios. (Baptista, Cardoso, 2013, p.126).

Para viajantes, dividir as distâncias e encontrar lugares de pouso torna-se essencial ao meio do cansaço da viagem, sendo, pois, um condicionante para formação de muitas vilas e posteriormente cidades, o que foi algo ocorrente no

Brasil. Para que esta fixação ocorra, provém de atrativos que correspondam às necessidades para quem destes espaços usufruem. Sendo assim, os rios são apresentados nos versos como um local aprazível, que ao longo do tempo constitui-se como essencial para a fixação das pessoas e desperta noções de afeição e pertencimento.

No entanto como acontece, é no decorrer da ocupação humana que as transformações espaciais são percebidas. A consolidação urbana, vai impondo relações contraditórias com os rios, ao que se percebe pelos impactos hidrológicos, excluindo o rio da sua importância primeira. O rio Gavião, encontra-se atualmente em uma outra caracterização, foram muitas as mudanças, das quais são provenientes dos esgotos urbanos direcionados para o rio, além de impactos causados pela retirada da areia das suas margens, como também do desmatamento da vegetação ciliar das suas encostas, desencadeando um processo de assoreamento no rio.

Somados a estes problemas, é evidente os impactos próprios na construção de barragens, a exemplo da mudança no curso do rio, além do alagamento de áreas de vegetação e lavouras. Ao longo do tempo proliferou uma mudança visível dos aspectos físicos e naturais do rio Gavião. No decorrer do texto, são apresentadas referências ao rio em sua configuração do passado. Em um trecho do poema, intitulado “Tempos que não voltam mais”, Figura 89, Fonzin apresenta-nos uma saudade, ao que afirma:

Figura 89- Tempos que não voltam mais

Às oito horas que hoje
 Me ocupo trabalhando
 Gastava no Rio Gavião com os amigos brincando,
 Com os olhos feito brasa
 Só retornava pra casa com o dia já turvando
 O rio era nossa praia, nossa área de lazer,
 Ninguém nunca se cansava de pular e de correr,
 Brincava de galinha cheia e de castelo de areia até o escurecer.
 De tudo a gente brincava de futebol, baleada,
 E de tanto mergulhar naquela água adorada
 Meu corpo era acinzentado
 E o cabelo sapecado feito uma manga chupada (Fonzin – Anagé 2023)

O rio é o espaço vivido de um menino, que rememora em versos a infância a partir de brincadeiras típicas de crianças que em companhia vivem experiências significativas. Uma identidade coletiva de ribeirinhos de uma cidade pequena, que no cotidiano usufruem dos seus espaços com os atributos que lhes são oferecidos. Trazer à tona lembranças, emergem na consideração teórica: “A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. (NORA,1993, p.9).

Deste modo, entende-se que existem particularidades do sujeito que rememora. Mesmo que os acontecimentos a serem rememorados tenham sido vivenciados na coletividade, existirão sempre requisitos de ordem particular advindos dos indivíduos. E assim afirma que “A imagem se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. (Nora, 1993, p.09). Neste sentido, imaterialidade da memória pela via do pensamento recorre ao que lhe é apresentado de concreto no imaginário para elaborar a memória.

Repassando para alguns dos versos do cordel, intitulado “A briga de Antônio Beleza com Chico Ferro Véi”, relata sobre uma história ocorrida em um dia de feira, contada pelo seu pai “João Bala doce”. É latente o entusiasmo na descrição, ao tempo em que uma grande quantidade de pessoas é citada nos versos, até parece que todos os moradores presenciaram o episódio da briga na feira de Anagé. Ao que relata:

Figura 90 “A briga de Antônio Beleza com Chico Ferro Véi” ...

Os antigos moradores
Conhecem toda essa história,
E estarem vivos ainda
Pra eles, é uma vitória!
Meu pai me contou um caso
Desse tempo de atraso
E eu guardei bem na memória.

É que Chico Ferro Véi
Um valentão de destreza,
Cismou de querer fechar
O bar de Antônio Beleza!
Pedi pinga com limão
Pôs a arma no balcão
E sentou-se numa mesa.

Fonte: Fonzim de Anagé-2023

A saga de violência entre os personagens é narrada com riqueza de detalhes fictícios, envolvendo nesta trama um elenco de moradores locais e com

eles algumas das suas peculiaridades. O episódio épico ocorre em um dia de feira, em que se reúnem moradores locais e oriundos da zona rural. No decorrer da narrativa, alguns dos moradores “personagens” da história, se assustam com o desatino da confusão e nos versos são assim apresentados:

Figura 91 “A briga de Antônio Beleza com Chico Ferro Véi” ...parte 02

O véi Aurélio Saraiva
 Correu com tanta aflição,
 Carregando uma capanga
 Contendo arroz e feijão.
 Nessa hora um tiro veio
 Partiu a bicha no meio
 E a feira caiu no chão.

loiô de Zú resenhando
 Numa barraca de fumo,
 Veio uma bala perdida
 Ninguém sabe de que rumo.
 Depois que a bala passou
 O nariz dele entortou
 E ficou fora do prumo.

Seu João Teixeira saiu
 Correndo sem direção,
 Pegou o rumo da estrada
 Da Fazenda Algodão.
 Correu sem olhar pra trás
 Por nove horas ou mais
 Com o chinelo na mão.

Fonte: Fonzim de Anagé-2023

Estes e tantos outros moradores são assim anunciados no Cordel. Para o Poeta, o que ele apresenta é uma história real, somado a sobreposição da fantasia e criatividade narrativa dos acontecimentos. Uma das intenções da poética estabelecida, está em apresentar e homenagear através da arte, os antigos moradores, assim como também revelar características próprias da cultura sertaneja, que se revelam no modo de vida, hábitos alimentares de homens e mulheres de uma cidade interiorana do Nordeste.

Figura 92 “A briga de Antônio Beleza com Chico Ferro Véi”...parte 03

Ana do Véi Benevides	Seu Carolino tomava
Carregava uma bacia,	O seu café com cuscuz,
Cheinha de brividade	A barraca desabou
Procurando freguesia.	E ele disse: - ô Jesus,
Ao começar a zoadá	Venha na terra de novo
Ela caiu desmaiada	Para ensinar esse povo
Num monte de melancia.	Qual é o caminho da luz.

Fonte: Fonzim de Anagé-2023

Comidas típicas são enunciadas nos versos, como a *brividade*, bolinho típico sertanejo, feito de goma. O qual pode ser considerado como um bem cultural, em seu característico modo de fazer, advindo de receitas repassadas de geração à geração. Como ressalta Castriota (2019):

Manifestações artísticas, celebrações, saberes, ofícios e modos de fazer são, assim como monumentos históricos, considerados patrimônios culturais pela Constituição. Essas práticas sociais fazem referência à identidade e à memória da diversidade de grupos que constitui a sociedade brasileira (CASTRIOTA, 2019, p.1).

Em seguimento as prerrogativas de Castriota (2019), os saberes culturais preservados, favorecem ao fortalecimento da identidade, quanto mais somos envolvidos pela amplitude de conhecimentos a nível mundial, maior a compreensão da diversidade cultural que nos envolve. Por certo que tratando do espaço vivido, existem patrimônios materiais e imateriais, que são marcas identitárias e merecem ser reconhecidas. No Brasil contamos com o órgão federal de Patrimônio, é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (IPHAN).

A participação da cultura na Geografia é abordada a partir do referencial, o qual nos remete também aos versos dos cordéis em sua perspectiva sociocultural:

Tal fato permite esclarecer que, incluir a cultura na Geografia, não se trata de outra forma de representar o espaço e, sim, é outra maneira de fazer a Geografia, aquela que se interessa pela subjetividade, pela identidade, pelos sentidos e pelos significados. As trajetórias dos indivíduos no espaço e os lugares que eles ocupam são orientados por eles e pelos aspectos socioculturais, ambientais, políticos e econômicos. (Almeida, 2009, p.29).

Almeida (2009) nos direciona a uma capacidade de reconhecer as possibilidades existentes na Ciência Geográfica, seja pela via cultural, pela dinamicidade da vida humana que ao espaço se estabelece e se orienta, pelas influências próprias deste espaço e lugares, não desconsiderando neste entendimento o que é próprio da singularidade de cada ser.

Fonzim, Poeta Cordelista, como ele assim se intitula, é um artista em contínua atividade, construindo os seus textos a partir da ótica de observador, interlocutor e participante. Envolvido com a essência da cultura Nordestina, realiza o seu trabalho contínuo, sendo, portanto, um artista em construção, ao tempo em que participa de Festivais e interessa-se pelo universo cultural sertanejo, ao qual se considera integrante. A Figura 93, demonstra Fonzim, em algumas das suas apresentações.

A Figura 93 - Montagem de abertura de Vídeo em *You tube* do Cordelista Fonzim de Anagé, com dedo em riste em uma de suas declamações.



Fonte: Fonzim (2019)

<https://www.youtube.com/watch?v=i3UuP7QPgps>

Mas algo é muito próprio do Fonzim, o cerne das suas inspirações e produções, é o seu espaço vivido, com cultura característica e as pessoas do

seu convívio, o seu povo o inspira, sejam os antepassados ou os contemporâneos, sendo, pois, convocados para povoar os seus enredos cordelistas. Sendo assim as temáticas do seu trabalho priorizam o que está no seu entorno.

As mudanças e novidades da tecnologia quando evidentes no Município de Anagé provocam em Fonzim uma forma já esperada de ser apresentada. Com o seu humor característico, elabora um dos seus poemas mais figurativos, intitulado como: A chegada do primeiro helicóptero em Anagé. Alguns versos, estão ilustrados na Figura 94:

Figura 94- A chegada do primeiro helicóptero em Anagé

<p>Sobre o primeiro helicopo Que chegou em Anagé, Eu me lembro muito bem E conto pra quem quisé! Foi o maior fuzuê, Capaz de inlouquecê, Home, minino e muié.</p> <p>Ele surgiu de repente Com aquele zuadão, Sobrevoando baixinho Lá em nossa região, E o povo disisperado Correndo pra todo lado Na maior agitação</p> <p>A primeira vez no mundo Que nossa população, Recebeu uma aeronave Fazendo concentração. E assim feito um passarinho Ela voava baixinho Nos causando assombração.</p> <p>Mulher com terço na mão, Saía doida pra fora, Gritando:- Ô meu Deus do céu, O que eu faço agora?</p>	<p>Estou quase desmaiando A guerra está começando Valei-me nossa senhora.</p> <p>Um vento forte na hora, Plantas deitavam no chão, Galinha voando com Pedaços de papelão. Gato entrando em chaminé E em pernas de muié, Um barabadá do cão.</p> <p>O meu pobre pai João É o nosso amigo Davi, Junto com o vei Ulisses E seu Jorge o pai de Eli Fazendo o sinal da cruz E gritando: - Ô meu jesus Tira esse bicho daqui!</p> <p>Foi o maior frenesi, Anagé na correria, Gente pra lá e pra cá Era só o que se via. Minino disisperado Correndo pra todo lado Se tropeçava e caia.</p>
--	--

Frei Adriano no meio,
 Gente, me preste atenção!
 Isso aí foi o DNOCS
 Quem mandou esse avião
 Com alguém vindo marcar
 Para poder registrar

As águas do gavião.
 Numa banca de areião,
 A aeronave pousô
 E numa carreira imensa
 Todo povo desabô.
 Para poder contemplar
 E ao mesmo tempo xingar
 O bicho apavoradô

Fonte: Fonzim de Anagé 2023.

Entre os versos iniciais é apresentado uma estranheza diante de algo desconhecido, o enredo guarda uma trama entre confusão e medo, desvendada pelo Frei Adriano que anuncia isso é o DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas). Configura-se assim como algo maior que estava por vir trazendo as consideráveis inovações, como assim o foi, pois estava em curso o interesse dos governantes públicos em averiguar a potencialidade das águas do Rio Gavião, para projetar a Barragem Anagé-Caraíbas, posteriormente implementada nos anos de 1986 a 1988. É identificada como um marco divisório das mudanças sociais e ambientais nos Municípios de Anagé e Caraíbas. De acordo com Sauer (2004), é afirmado:

As ações do homem se expressam por si mesmas na paisagem cultural. Pode haver uma sucessão dessas paisagens com uma sucessão de culturas. Elas se derivam em cada caso da paisagem natural, com o homem expressando seu lugar na natureza como um agente distinto de modificação. De especial importância é aquele clímax de cultura a que chamamos civilização. (SAUER, 2004, p.43).

A distinção em torno da diversidade de paisagens, que se apresentam em variadas configurações, ocorrerá segundo o nível de apropriação e imposição cultural às mesmas. Como exemplo específico, com a construção da barragem Anagé-Caraíbas, será introduzida um novo modelo agrícola com o cultivo de frutas e verduras irrigadas, que em sua maioria será realizada por investidores capitalistas. Muitos destes vindos de outros Municípios, para nessas terras implementarem a tecnologia da irrigação.

O que será evidente na configuração das paisagens que em tempos atuais, demonstram as características próprias da implementação tecnológica. Ao que

nos afirma: “A evolução de uma paisagem é um processo gradual e cumulativo, tem uma história. Os estágios nessa história têm significados para a paisagem atual, assim como para as do passado” (Wagner e Mikesell, 2014, p. 39).

De acordo com Wagner e Mikesell (2014), raras são as paisagens culturais, provenientes de comunidades contemporâneas. São, pois, sucessivas de um itinerário histórico, preenchido de acontecimentos sucessivos, sendo, pois, considerável a nível de interpretação e compreensão para a paisagem consolidada na contemporaneidade, quanto aquelas provenientes do passado.

Retomando aos versos do Poeta Cordelista, um fato histórico, é enfatizado no Cordel: Anagé na Segunda Guerra. O texto apresenta um título em que inclui pela via de um único soldado, a participação da cidade de Anagé na Segunda Guerra Mundial. O decorrer do texto é mais elucidativo, pois discorre sobre a decisão de um ilustre morador em representar o seu Município durante a Guerra. Para isso realiza o seu alistamento e segue viagem.

Figura 95 – Anagé na Segunda guerra

Partiu para Salvador Fazendo baldeação E foi até Jequié Em cima de um caminhão! Em navio e trem andou Até que enfim completou O percurso em projeção.	Sabem sim valorizar Esse nobre militar E o seu legado comprova.
É por isso que seu Son não se resumiu à cova, As pessoas de Anagé Nossa antiga Vila Nova	As pessoas de Anagé Orgulham se por demais! Desse nobre cidadão Que quando era rapaz Nosso sertanejo honesto Tornou-se cabo de exército Contra a vontade dos pais!

Fonte: Fonzim de Anagé

Um jovem rapaz, movido pelas informações basicamente absorvidas pelo meio da comunicação dos programas de rádio, resolve atender as solicitações de alistamento convocada pelo Exército Brasileiro. E assim segue o seu intento. O seu destino foi a Itália, como consta em narrativas do entrevistado. Quando retornou foi uma grande festa em Anagé, trouxe como recordação um diário, o qual foi promovido a livro anos depois da sua chegada, a farda, um longo e

pesado casaco usado na Itália e muitas histórias a contar. Como diz Santos (2020):

A cultura popular tem raízes na terra onde se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade, por meio da mudança. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se estabelecem entre o homem e o seu meio, mas seu alcance é o mundo. (SANTOS, 2020, p. 327).

Diante da citação, permanece mais evidente a perspectiva da Cultura Popular, que nas palavras de Santos (2020) tem uma pretensão de grande alcance, mas o referencial é o lugar. A inspiração é o meio que o circunda na tentativa de extensas abrangências, ou seja, o mundo.

Os versos do Cordel: Anagé na Segunda Guerra, trata de um período histórico da vida do Sr. Edson Soares e de uma população que se sente representada pelo mesmo. O contexto serviu de base fundante para elaboração do texto. O que foi bem nítido nesta configuração cultural cordelista, pois versa-se sobre a presença de um jovem que presencia um episódio violento dos mais trágicos e de repercussão mundial. Foi incluído na denominação de Pracinha, que significa “sentar praça”, como assim era identificado os soldados de menor hierarquia militar que alistavam nas Forças Armadas. Muitos foram os jovens Nordestinos, oriundos de cidades interioranas e da zona rural que foram convocados para adentrar em um universo nunca antes imaginado, a segunda guerra mundial.

Em seguimento, os versos do cordel: Tempos que não voltam mais, tem o intuito de análise sobre os modos de vida em questão. De forma específica é apresentado nuances autobiográficas da infância do próprio autor. Apresenta-se:

Figura 96- Tempos que não voltam
mais

De vez em quando a saudade do
passado me balança.
Quando assisto o velho filme que
registrei na lembrança
Só vejo coisas bonitas ao rebobinar
as fitas do meu tempo de criança
pra começo de conversa, minha vida
era tranquila,
Não preocupava com nada,
Nunca fiquei numa fila, saúde era o
que eu mais tinha
E a cabeça era fresquinha que nem
pote de argila

O meu ofício era brincar durante a
semana inteira,
Brincar de soltar pneu de carro, de
descer ladeira,
Tempos bons que eu vivi nesse tempo
eu conheci felicidade verdadeira
E os brinquedos com os quais a gente
se divertia eram feitos por nós mesmo
Todo menino sabia de forma artesanal
fazer um carrinho de pau
No tempo da estripulia, tempo de
chupar um umbu, araticum, gabiraba,
Subindo nos umbuzeiros com medo de
vaca braba,

do que a gente diz apesar do
sacrifício,
Naquele tempão difícil, eu era bem
mais feliz.
Pois eu nunca imaginava que fosse
perder meus pais

Fonte: Fonzim de Anagé- 2023

É tempinho adorado, é como diz o
ditado, coisa boa logo acaba
Nas noites enlouradas meus pais
sentavam lá fora no passeio lá de casa
E aí na mesma hora sem demora e
sem atrasos
Começava a contar casos do Saci, da
Caipora.
No lugar da tal novela que tem na
televisão
Ouvíamos as histórias do bando de
lampião, Bocais, Pedro Malasarte e
tudo isso era parte da nossa
educação.

As histórias de João Bobo disputando
com o rei,
É coisa maravilhosa aqui do meu pai
escutei
Assim não há quem esqueça. Por isso
aqui na cabeça tudo isso eu guardei.
No lugar do Facebook da
contemporaneidade nós brincávamos
de tongas, sem malícia, sem maldade,
de mémémé Pega-pega, de ciranda,
Cabra cega na maior felicidade.

A criançada de hoje não quer o que a
gente quis,
vive a contrariar tu

Que a fase adulta roubasse a minha
paz.
Numa afirmação correta faço coro ao
poeta
Tempos que não voltam mais....

O texto evoca uma saudade permeada de rotinas de uma criança que vivencia a relação entre o urbano e o rural de uma cidade interiorana. Um modo de vida é

apresentado, o qual corresponde com um ritmo simples, desprovido de aparatos tecnológicos. Predominando uma relação entre diálogos em família e capacidade criativa e despretensiosa de crianças contentes, as quais elaboram os seus próprios brinquedos, envolvem-se com o que o seu entorno os oferece e são felizes. Com embasamento em Foucault (1981):

Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética (Foucault, 1981, *trad.* Nascimento, 2017, p. 3).

Em acordo com a tradução, o termo modo de vida tem destaque em Foucault (1981), quando apresenta a descrição diante de uma excepcionalidade, ou seja, relações sociais estabelecidas em múltiplos espaços, em variadas épocas e diferentes indivíduos, por certo projetará a diversidade cultural e conseqüentemente um modo de vida distinto.

Enfatizar o que nos traz o componente poético, é ao mesmo tempo considerar particularizações de um grupo social, que envolvidos com referenciais culturais específicos, reportam para a vida em sociedade, adquirem comportamentos. O que nos versos do cordel: Tempos que não voltam mais, já não são vislumbradas. O que se sabe do passado, está registrado nas lembranças, quando suscitadas revelam-se em forma de história oral. O que nesta última análise está permeada de constatações de uma alternância no modo de vida de crianças e adultos ribeirinhos, que viviam desconectados das redes de comunicação tecnológica.

A iniciativa em trazer um texto neste formato, deve-se pelo contato com os estudos da Geografia Cultural, o que propõe uma instigante percepção do que se apresenta na realidade. Gomes (2013), ao referendar sobre as proposições do seu professor Claval, assim afirma: “um exercício de duas coisas também largamente ensinadas por Claval: o poder explicativo da espacialidade e a liberdade de aplicá-lo a temas pouco habituais” (GOMES, 2013, p. 53). Ao tempo em que as autoras também referendam o professor Claval, ao que apresentam:

Paul Claval, com seu estilo jovial e dialogante, acessível, colaborativo, de imensa prestatividade nos apresenta a importância de estudar a geografia dos homens, com suas experiências, linguagens, processos culturais. O seu pensamento renovou a compreensão da cultura no

contexto da existência humana, sobretudo, na geografia humana. (Kozel; Sousa, 2013, p.41).

É neste ensejo de compreensão em que os pormenores da existência humana têm o seu campo de validação e estudo na Geografia Cultural, que o texto é apresentado, trazendo à tona a poesia, a cultura, as memórias guardadas e versadas do poeta Cordelista: Erismar Andrade Oliveira, o Fonzim.

6,2 A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO NO IMAGINÁRIO DAS CRIANÇAS ANAGEENSES E CARAÍBENSES

O presente texto aborda uma etapa da pesquisa, relacionado a representação do espaço vivido a partir das expressividades do imaginário das crianças, estudantes da Escola Municipal Helita Silveira. Foram convidados para participarem da atividade pedagógica intitulada de mapa mental, na referida escola, situada na localidade Tábua dos Alves, no Município de Caraíbas. É importante esclarecer que os municípios de Anagé e Caraíbas são limítrofes, portanto, as crianças participantes do estudo e matriculadas na escola em referência são oriundas dos dois municípios, uma alternativa consensual entre os administradores públicos para dinamizar a locomoção das crianças dois municípios para o acesso à escola.

A proposta escolhida para este estudo é direcionada a partir da produção e análise de mapas mentais, assegurados em pressupostos teóricos da Geografia das representações. A Figura 97, apresenta exemplos de mapas mentais realizados pelas crianças da Escola Municipal Helita Silveira.

Figura 97- Desenhos de crianças Anageenses e Caraibenses



Fonte: Estudantes da Escola Municipal Helita Silveira

Posteriormente ocorreu a análise dos trabalhos produzidos pelos estudantes, mediados a partir dos indicativos propostos pela metodologia Kozel. Sendo assim em referência aos mapas mentais, Kozel (2005), ressalta que:

Tendo como suporte a geografia das representações, o trabalho com os mapas mentais pode ser amplamente utilizado em pesquisas nas áreas didático pedagógicas, pois considera o aluno enquanto um agente de representações. Sendo assim, “os mapas mentais podem ser elaborados com objetivos variados, com o intuito de desvendar trajetos, lugares, conceitos e idéias” (KOZEL, 2005, p. 14).

Ao que nos informa Kozel (2005), é possibilitado uma série de temáticas a serem exploradas através dos mapas mentais, de acordo aos interesses do que se deseja investigar. Na pesquisa em curso, os estudantes que participaram da atividade pedagógica, agiram como “agentes de representações”, o que foi avaliado segundo a autonomia na execução da atividade, deixando um registro de mensagens simbólicas, que foram posteriormente decodificadas e analisadas.

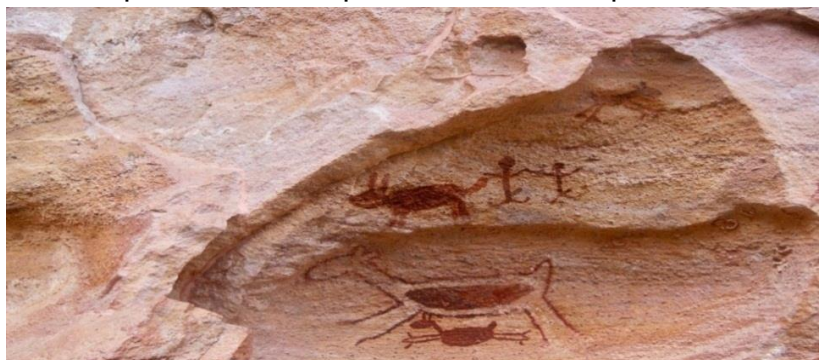
Segundo Gil Filho (2005), o cotidiano representado através dos mapas mentais, pode ser compreendido como a Geografia do senso comum, do simbólico. Ao que nos indica: “Assume as representações sociais como ponto de partida para uma Geografia Cultural do mundo banal, da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo reificado da ciência e da política” (GIL FILHO, 2005 p. 57). Os mapas mentais consistem em uma abordagem geográfica rica em detalhes que merece atenção e resguarda indícios de informações valiosas a serem apuradas. Em atividades desenvolvidas dentro da temática das representações sociais, Kozel e Gusmão (2005), irá nos afirmar que:

É importante ressaltar que, desde as épocas mais remotas, as sociedades se expressam acerca de seus espaços vividos por meio de representações. Para tanto, utilizavam-se desde blocos de rochas, paredes de cavernas, pergaminhos, *papyrus* até chegar ao papel e, hoje, no formato digital. (KOZEL; GUSMÃO 2008, p.35).

As evidências históricas dos registros da vida cotidiana, expressas em espaços vividos, podem ser exemplificadas através das pinturas rupestres, encontradas em rochas e cavernas em diversos países do mundo. Apresentam simbologias que despertam curiosidade e direcionam estudos sobre a dinâmica da vida, costumes e tradições de comunidades primitivas. No Brasil, temos um exemplo do Parque

Nacional da Serra da Capivara, no Sertão do Piauí, que reúne uma variedade de representações registradas em rochas, demonstrando a presença de povos antigos no estado. Esta coletânea de representações, foram organizadas e preservadas, através do empenho da arqueóloga Niède Guidon, a qual se dedica a este feito por mais de cinquenta anos, idealizando assim a Fundação Museu do Homem Americano (Fumdam), que administra o Parque, o qual é subsidiado por empresas e incentivo governamental. Segue uma imagem com exemplo. A Figura 98, é uma amostra das muitas representações contidas nas rochas do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí. Revela-se em uma composição que evidencia a presença humana e de animais. A coloração da tinta vermelha, sobressai com nitidez na rocha, demonstrada um bom estágio de conservação. De acordo com Guidon (2020), as datações das pinturas são de mais de doze mil anos, sendo encontradas algumas com mais de cento e dez mil anos.

Figura 98- Pinturas rupestres no Parque da Serra da Capivara



Fonte: Foto de Luíz Paulo Ferraz (2020)

A arqueóloga brasileira, Niède Guidon, em seu percurso de estudos, amplia a sua perspectiva realizando Arqueologia na França, ao que diz:

Eu estudei História Natural na USP e fiz Arqueologia em Paris, com especialização em arte rupestre. No curso de arte rupestre, o professor falava sobre as pinturas no mundo todo. Na América, as pinturas são como desenhos de criança, não têm perspectiva. Quando cheguei, vi que as pinturas daqui são completamente diferentes do que se dizia. Fiz as fotografias e consegui que a França criasse uma missão permanente no Piauí (Guidon, 2020, p.12).

Uma busca inquietante favoreceu uma nova perspectiva de avaliação das pinturas rupestres brasileiras, sendo possível ao caráter investigativo e persistente da pesquisadora. E neste entendimento, ressalta-se que muitos outros indícios

representativos merecem atenção, seja em áreas mais ampliadas e reconhecidas como da Serra da Capivara, aos espaços menos conhecidos, desprovidos de atenção. As Figuras 99 e 100- demonstram a longa trajetória do trabalho da arqueóloga, desde o período inicial das escavações, até a atualidade da formalização dos estudos nos laboratórios da Fundação Museu do Homem Americano FUMDHAM.

Figura 99- Niède Guidon em escavações arqueológicas na Serra da Capivara



Fonte: acervo da FUMDAHM

Figura 100- Arqueóloga Niède Guidon realizando as análises de rochas



Fonte: acervo do FUMDHAM

Apresenta-se as pinturas rupestres, como expressões de comunicação, merecem maior atenção interpretativa. Ainda sem notoriedade de reconhecimento, as pinturas do povoado da Jurema no Município de Vitória da Conquista-Bahia, constituem uma amostra do universo rupestre em uma escala nacional, pouco reconhecido em seu próprio município. A Figura 101, é uma das mais significativas e

de melhor visibilidade, possivelmente retrata uma figura antropomorfas (uma vez que tem forma humana ou assemelha a um ser humano).

Figura 101- Antropomórfico



Fonte: Ivana Lima e Silva-Trabalho de campo (2015)

A Figura 102, aparentemente demonstra ser um registro astronômico representado por estrelas, raios e o sol, em formas de signos abstratos, formas geométricas. A cor predominante é a vermelha, dispostas em sentido horizontal.

Figura 102- Pintura rupestre - registro de astros



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Após a apresentação de alguns exemplos que demonstram o histórico da comunicação simbólica e representativa, desenvolvida pelos povos primitivos no Brasil, segue-se para referências sobre os mapas mentais. De acordo com Kozel (2009), a base teórica que postula as linguagens do cotidiano, estão afirmadas na temática humanística-cultural, diante da compreensão que a elaboração de imagens do espaço vivido é proveniente da apreensão que os indivíduos realizam do seu entorno, existindo, portanto, uma forma própria da captação das informações, o que é alinhado pela via da subjetividade, valores e significados. Segundo Kozel (2009) na Geografia, a base está consolidada:

Em princípio pelo aporte comportamental, com os mapeamentos cognitivos, passando pelo conceito fenomenológico de “espaço vivido” em direção a dimensão sociocultural expressa nas representações sociais tendo os Mapas Mentais como um dos seus principais aportes metodológicos. (Kozel, 2009, p.1).

Entende-se que a metodologia pedagógica através dos mapas mentais, desenvolve-se em um processo imagético diante da percepção cognitiva de se perceber o que compõem o espaço vivido, assim como os componentes culturais contidos nas representações elaboradas. E ao trazer a percepção da linguagem, através do pensamento de Bakhtin (2006), os mapas mentais podem ser analisados por um sistema de enunciados, ao que temos:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (Mussio *apud* Bakhtin, 2006, p. 125).

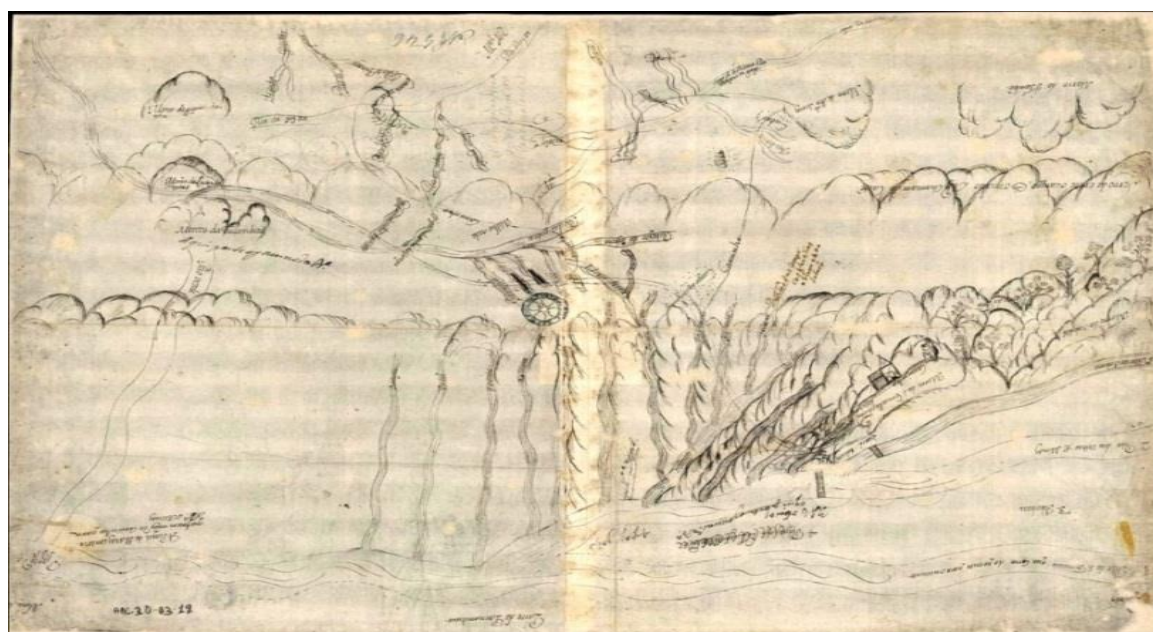
Os enunciados são compreendidos como formas variadas de comunicação, propiciadas pelo dialogismo que ocorrem na instância individual e coletiva, através da leitura interpretativa de imagens e símbolos. Ao que Kozel (2009) afirma, que podem assim estabelecer “relações entre as esferas sociais e as formas de comunicação”, sendo os signos contidos nos mapas mentais, exemplos de enunciados.

A respeito das relações humanas no mundo, Cosgrove (2014), vai nos informar que é por uma via presencial e ativa que as transformações são consagradas e assim “transformam o mundo natural em um mundo humano”, ao que ele considera como “uma arte coletiva”. Processo este consolidado pela racionalidade e comunicação. Os

códigos simbólicos identificados por ele, possuem variadas formas, seja em gestos, pinturas, rituais, edificações e outros. Como afirma: “através das quais mantemos o nosso mundo vivido, porque toda atividade humana é, ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação”. (Cosgrove, 2014, p. 103). Essa composição de atributos materiais e simbólicos é proveniente da intervenção humana, sendo perceptível nas paisagens, nos modos de vida, nas representações e na análise interpretativa.

Os mapas são efetivas formas de comunicação. Como exemplo pode ser citado os roteiros de viagens realizadas pelos sertanistas no Brasil, compostos por relatos em diários e traçados de mapas, realizados pelos integrantes das comitivas das viagens. Os textos dissertativos sobre as expedições, tratam sobre os aspectos naturais observados, acrescentados de signos e desenhos dos aspectos geomorfológicos (dando ênfase aos de maior relevância), como também os registros de rios, cachoeiras, animais, vegetação e outros. O que pode ser verificado na Figura 103. Proporcionando uma comunicação favorável para que a execução do percurso fosse realizada por mais vezes. Apresenta-se um exemplar de um dos mapas:

Figura 103- Mapa de parte de Minas Gerais



Fonte: FBN - ARC.030,03,019³³

³³ FBN/RJ. ARC.030,03,019. Mapa de parte de Minas Gerais. [17--]. Desenho a tinta e nanquim, 43 x 60,5 cm. BNDigital . Publicado em COSTA, Antônio Gilberto. (org.) Os caminhos do Ouro e a Estrada Real, p.60. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart514099.jpg> Acesso em 05 mar.2023.

O mapa apresentado na figura 103, corresponde ao estado de Minas Gerais, que segundo Rodrigues (2014), refere-se:

Mapa de parte de Minas Gerais é um manuscrito, feito à tinta e nanquim, que mede 43 x 60,5 cm, constituindo-se, aparentemente, num típico roteiro de viagem. Orientado na direção norte-sul, o mapa compreende a região central e nordeste de Minas Gerais, identificando os limites ao norte, com a Capitania de Pernambuco, e a nordeste, com a da Bahia (RODRIGUES, 2014, p. 77).

De acordo com Rodrigues (2014), este é um mapa que corresponde a Comarca do Serro Frio, em Minas Gerais, que teve início de reconhecimento no século XVIII, no processo das rotas de viagens exploratórias pela busca de ouro e esmeraldas. A releitura e preservação de mapas como estes são possíveis, devido a um trabalho de preservação e valorização à história e cada vez que é revisitado, pode favorecer novas descobertas.

Apresentada a importância dos mapas mentais como meio de compreensão do mundo vivido, mediante referências de estudos e exemplificações, segue-se com as orientações metodológicas da execução da atividade. Em um primeiro momento, os estudantes em idade de 09 a 14 anos, das turmas do Fundamental I e II, narraram episódios surpreendentes do cotidiano das suas vidas no ambiente rural em contato com a natureza., sendo assim foram motivados a relatarem sobre os seus modos de vida, as opções das brincadeiras, a descrição do local de moradia, para posteriormente demonstrarem as suas percepções através de imagens, construindo assim os mapas mentais.

Após este diálogo, foram distribuídos lápis coloridos, giz de cera, canetinhas coloridas e folhas de papel ofício, para iniciarem a confecção do trabalho. Finalizada a aplicação das atividades, o material foi recolhido e apreciado segundo os pressupostos da metodologia Kozel. A metodologia Kozel, de autoria de Salete Kozel, Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná-Brasil, segue as seguintes orientações:

1-Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; (como ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras geométricas etc...); 2-Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; (as formas podem aparecer dispostas horizontalmente, de forma isolada, dispersa, em quadros em perspectiva etc..); 3-Interpretação quanto à especificidade dos ícones: Representação dos elementos da paisagem natural. Representação

dos elementos da paisagem construída. Representação dos elementos móveis. Representação dos elementos humanos; 4- Apresentação de outros aspectos ou particularidades. (Kozel, 2008 p.40).

As figuras serão apresentadas, individualizadas ou agrupadas, selecionadas conforme os temas em evidência. Apresentam-se identificadas como mapas mentais e em sequência as análises, conforme os indicativos de interpretação da metodologia Kozel.

Figura 104- Desenhos com o tema: Os Passarinhos gigantes



Fonte: Estudantes da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Interpretação do tema “Os passarinhos gigantes”: Importante informar que no processo da aplicação da metodologia, ocorreram diálogos, relatos espontâneos de vivências. E algo surpreendente ocorreu através de histórias contadas sobre passarinhos, onças e mexeriqueiras. Duas crianças, afirmaram soltar passarinhos presos em gaiolas. Um deles relata que os pássaros eram do tio e que ao libertá-los precisou se refugiar na casa do avô, com receio do tio. Outros dois relataram sobre as mexeriqueiras da Lagoa, segue as narrativas das histórias de onças e mexeriqueiras. Entre os diálogos, os estudantes anunciam episódios próprios do espaço vivido dos mesmos. Apresenta-se:

Oh tia, cê nem sabe o que aconteceu ontem. Pareceu uma onça bem em frente na casa do meu tio e tava cheio de criança lá, inclusive até

eu tava. E meu tio ficou oiando. E meu primo tinha uns rifle lá. E na hora ele ficou parado, parado mesmo. Não aguentou sair do canto. A onça ela pouco por mei do pé de manga, que meu primo tava, ai só viu gente correndo. (J)

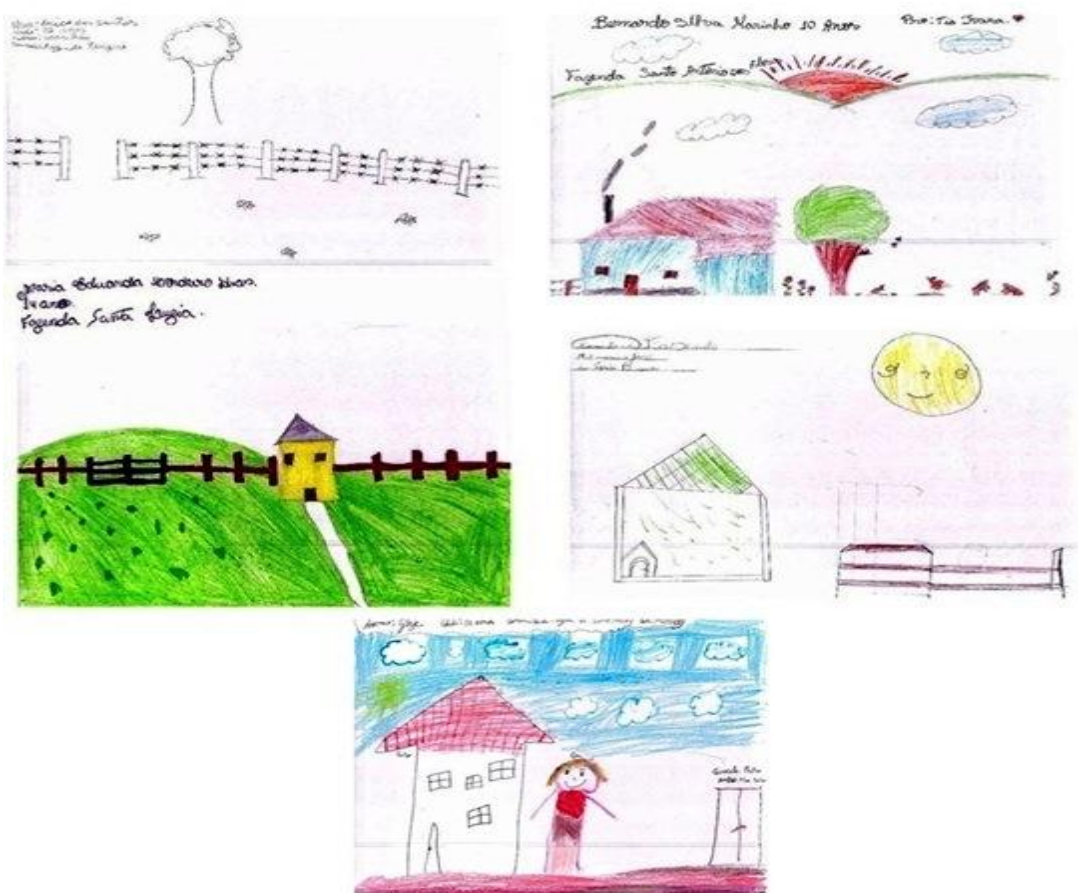
“Eu e meu primo Daniel, nós foi lá no puleiro. E ai tinha um galo bem bravo. Aí nós foi correr de junto da galinha. E ela deu um coice ne nós. Eu cai. Ele ia dá outro coice, ai meu tio afastou nós.” (D)

“Não pode mexer com mexiriqueira não, quando tá choca. Um dia meu primo pegou uma mexiriqueira, um pinti piou alto. Essa mexiriqueira quase pegava meu primo.” (B)

“Eu fui pescar um peixe na lagoa. Eu passei de junto de um ninho de mexiriqueira ai e quando eu vi um pássaro batendo as asas, keu, keu, eu percebi logo que era a mãe deles, ai eu corri.” (J)³⁴

(Diálogo de Estudantes da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de Campo 2023).

Figura 105- Desenhos com tema “A Cerca”



Fonte: Estudantes da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

³⁴ Os relatos entre aspas destacam as narrativas das crianças entrevistadas sobre as suas experiências e vivências na zona rural, bem com o contato com a natureza, os animais silvestres e também algumas relatos de casos envolvendo familiares.

Interpretação do Tema “A Cerca”: Em todas as imagens rurais representadas, é visível a disposição de três casas semelhantes, em forma de torres, fugindo do convencional dos tipos de casas rurais. Uma das casas é tipicamente rústica, tendo a presença de uma chaminé. Em todas as casas aparecem as formas geométricas de retângulo e losango. Os elementos da paisagem natural são visualizados, através das formas de relevo, pastagens, árvores, animais e astros. Na imagem em que apresenta a pastagem, não é visível a presença de árvores. Algo que tem ocorrido ultimamente na caatinga, pela razão dos agricultores desmatarem áreas para fazerem pastos para o gado. No entanto algo salutar está presente em todas as imagens, são as cercas, que é identificado como um ícone.

Nas propriedades rurais, é comum os cercamentos feitos de madeira e a entrada dos estabelecimentos realizados pelas porteiras ou cancelas. Percebe-se que uma das cercas é de arame farpado e mesmo que não tenha sido de forma intencional, a imagem nos reporta a histórica exigência do governo federal para que os pequenos agricultores, criadores de caprinos e bovinos, cercassem as suas propriedades com cercas de arame, as chamadas cercas três fios ou quatro fios de arame, impedindo que os animais pastassem em terras alheias.

Muitos proprietários rurais tiveram dificuldades em fazer estes cercamentos e quando realizados muitos conflitos ocorreram entre pequenos proprietários, relacionados a definição dos limites das propriedades. Em 2007, o então deputado José Airton Cirilo, elaborou um projeto de lei para proibição da utilização do arame farpado nas propriedades rurais, o que não foi homologado. A justificativa pela proibição das cercas de arame, levou em consideração os acidentes ocorridos com os animais ao tentarem ultrapassar o obstáculo da cerca. As fazendas representadas foram: Santo Antônio das Flores, Tanque, Lagoa de Santinho e Santa Luzia.

Figura 106- Desenhos com tema “A cisterna”



Fonte: Estudantes da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Interpretação do tema “A cisterna” Como percebido em imagens anteriores, a paisagem natural está presente nessas imagens. A cerca já faz parte da paisagem construída, simbolizada como um ícone. As casas estão elaboradas nas formas geométricas do retângulo, losango e quadrado. Mas algo diferenciado aparece em significativa evidência, trata-se da lagoa e os patos. Em períodos chuvosos as lagoas e tanques absorvem as águas das chuvas e constituem reservas naturais de água. Um outro aspecto importante demonstrado nas duas imagens, são as cisternas, sendo um ícone representativo, pois sinaliza um projeto governamental nas áreas do semiárido, intitulado como Asas.

Em 2010, o projeto viabilizou a construção de cisternas para captação das águas das chuvas, em diversas comunidades dos municípios, constituindo assim como um reservatório com capacidade de acumular em torno de dezesseis mil litros de água. “Em 1999, foi criado o Programa Um Milhão de Cisternas pela Articulação Semiárido Brasileiro (ASA)”. A ASA, participa com a avaliação diagnóstica das famílias, orientação quanto a construção e a orientação para guardar a reserva de água, um projeto subsidiado pelo governo federal. (Instituto Lula, 2022).

A imagem à esquerda, traz uma descrição como casa antiga dos avós. Ao tempo em que foi informada, que a casa foi derrubada há poucos meses. A pretensão em reproduzir em imagem uma casa, que foi derrubada, inclui entender que existem

memórias guardadas e que neste momento foram trazidas à tona como registro de sentimentos. As fazendas representadas são Araras e Fazenda Beira rio.

Figura 107- Desenho com o tema: A Igrejinha



Fonte: Estudante da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Interpretação do Tema “A Igrejinha”: Na composição da imagem, os elementos em maior representação aparecem identificadas como a casa e a Igreja, elementos da paisagem construída. As formas geométricas são o losango, o triângulo e o retângulo. Interessante verificar o registro da comunidade religiosa católica, no povoado das Araras, representado através da Igrejinha, que é um monumento religioso. O ícone da cruz, é uma simbologia do Cristianismo. Com estas representações confirma-se a presença e influência do catolicismo no povoado. Os elementos da paisagem natural são menos expressivos, representado por uma árvore e flores. Fazenda representada: Fazenda Araras.

Figura 108 - Desenhos com o tema “Espécies vegetais da caatinga”



Fonte: Estudantes da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Interpretação do tema “Espécies vegetais da caatinga”:

O mandacaru é um marco de identificação para a caatinga e para o sertão nordestino. Uma outra espécie em significativa ocorrência nos povoados são os coqueiros e aqui foram representados. O desenho da árvore Algaroba, mereceu até mesmo a sua identificação. As flores podem estar representando o *bougainville* ou flor de Santo Antônio, como é denominado nas localidades em estudo. É comum encontrar este arbusto com flores nas colorações rosa e vermelha. Portanto todos estes elementos aparecem como ícones. Acredita-se que estas espécies vegetais façam parte do entorno da moradia destas crianças e sejam significativas para as mesmas. Pois nas imagens não existem casas, como exemplares da paisagem construída, ou a presença de pessoas. O destaque é mesmo para as espécies vegetais, da paisagem natural. Fazendas representadas: Espreado e Algodão.

Figura 109- Desenhos com o tema “A energia elétrica na caatinga”



Fonte: Estudantes da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Interpretação do tema “Energia elétrica da caatinga”: Nas comunidades rurais estudadas, a energia elétrica foi implantada no ano de 2017. Este favorecimento trouxe inovações no modo de vida dos catingueiros, os quais começaram usufruir da comodidade do uso de eletrodomésticos e o maior acesso aos meios de comunicação. Os fios e redes elétricas são ícones que comunicam esta alteração e fazem parte da paisagem construída. A imagem à direita, foi reproduzida por uma criança que mora na cidade de Anagé e vive parte dos dias na casa dos avôs que moram na zona rural, no entanto percebe-se que os elementos da paisagem natural foram representados, a exemplo da intensa coloração do solo em tom marrom avermelhado, característico da cor dos solos das localidades em estudo, o ninho dos pássaros e o gato. As casas seguem as formas geométricas entre o quadrado, retângulo e losango. Localidades representadas: Anagé e outra sem identificação.

Figura 110- Desenhos com tema “Morando na Zona rural”



Fonte: Estudantes da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Interpretação do tema “Morando na zona rural”: Em mais uma leitura de imagens, percebe-se as casas no formato de torres, com a utilização das formas geométricas do losango, triângulo e quadrado. A paisagem natural é representada pela incidência dos raios solares e a presença de árvores e pássaros. Um destaque nesta observação é a representação de elementos humanos, através de pessoas configuradas como uma família.

A imagem do lado esquerdo traz a representação de uma família, formada pelos pais e irmãos, a imagem de menor proporção acredita-se que seja um filho mais novo e mais inquieto que está andando e não parou para fazer ser desenhado. Na disposição em que foram desenhados constituem um ícone que representa a família. Em relação a imagem do lado direito, supõe-se que seja um autorretrato do menino que compôs a imagem, o mesmo com a imagem da menina um autorretrato em companhia dos animais de estimação, o gato e o cachorro. Transparece uma aparência feliz, em seu lugar de vivência. Um dos locais identificados é a Tábua dos Alves.

Figura 111- Desenho com tema “Meu lugar é meu mundo”



Fonte: Estudante da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Interpretação do tema “Meu lugar é meu mundo”: Durante a execução do mapa mental, a estudante foi motivada a comentar sobre a imagem produzida, uma vez que já era notório uma exuberância de árvores (componente da paisagem cultural) em uma perspectiva de maior altitude em relação a casa. Ao tempo em que a estudante respondeu sobre a composição realizada, referindo que transpôs em desenho o que consegue enxergar, tendo como ponto de referência para observação a sua casa. É uma imagem que conseguiu apresentar a diferença de altitude de um plano mais baixo para o alto.

As árvores aparecem em coloração entre o verde mais claro e o escuro, tendo um mesmo formato de copas arredondadas. A estrada de chão ao meio de coloração marrom, indica a possibilidade do tráfego. Uma imagem enigmática com ampla possibilidade interpretativa, exemplificando a compreensão do mundo vivido de uma criança. Diante da proporção do desenho, o que se visualiza da casa é apenas o telhado, circundado pela cerca. Os elementos do telhado e da cerca constituem

ícones, que juntos sinalizam a existência de uma habitação particular. Fazenda representada: Espraiado.

Figura 112- Desenho com tema “O som do paredão”



Fonte: Estudante da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Interpretação do tema “O som do paredão”: A imagem mostra-nos a disposição de casas próximas, nas formas geométricas de losango, triângulo e quadrado. Na entrada da área, percebe-se a cerca com uma cancela aberta, sendo, pois, elementos identificados enquanto ícones. Fazendo compreender que a partir do cercamento existe um ambiente coletivo de moradias, as quais na zona rural são ocorrentes pela via da proximidade de casas entre famílias. A paisagem natural não foi sinalizada. Um carro de som intitulado “paredão”, aparece no contexto, o que de acordo as narrativas fazem hoje parte das festas e das cavalgadas nas localidades rurais, sendo na contemporaneidade animadas com sons modernos e eletrônicos. O carro de som em questão, parece está em movimento, o que por certo pode ter sido visualizado pelo estudante autor da imagem, constituindo para o momento, um componente que se integrou a paisagem cultural.

Figura 113- Desenho com o tema “A seca”



Fonte: Estudante da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Interpretação do tema “A seca”: Nessa imagem não se percebe a diversidade de cores. O que prevaleceu foram os traços de um desenho. A cor laranja aparece em tom suave, colorindo o céu. As plantas do desenho, assemelham-se à cactos, sendo um ícone de maior expressão na imagem.

Figura 114- Imagens reunidas



Fonte: Estudantes da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Interpretação do Tema “Imagens reunidas” As variadas imagens, trazem elementos parecidos como a forma das casas com uso de formas geométricas: losango, triângulo e quadrado. Os elementos da paisagem natural são as formas de relevo, árvores, flores, sol, nuvens e borboletas. Não sendo aqui demonstrado exemplificações dos elementos humanos.

Figura 115- Mosaico - Mapas mentais com tema “Imagens reunidas”



Fonte: Estudantes da Escola Municipal Helita Silveira-Caraíbas-Trabalho de campo 2023.

Apreciar e interpretar mapas mentais, sobretudo a partir do imaginário de crianças, torna-se algo especial, levando em consideração à espontaneidade na projeção das imagens, na utilização das cores, traços, formas, ícones e as variadas simbologias, que neste trabalho foram bem observadas.

Segue a Figura 116, do espaço da Escola Municipal Helita Silveira na Tábua dos Alves-Caraíbas. Neste estabelecimento escolar foi aplicado a metodologia Kozel e conseqüentemente a realização dos mapas mentais, desenvolvido pelos estudantes.

Figura 116 - Escola Municipal Helita Silveira



Fonte: Paula Silva (2022)

Os mapas mentais estão sendo afirmados como uma forma de comunicação, permeada de representações e enunciados. Portanto para uma melhor aplicabilidade pedagógica, é necessário inicialmente motivar e esclarecer o que se pretende investigar, ou seja as perguntas norteadoras da metodologia devem proporcionar respostas. Ao término da atividade, é realizada uma avaliação diagnóstica dos mapas, seguindo determinados critérios. Neste caso, foi utilizada a metodologia Kozel, que foi apresentada anteriormente.

A atividade favoreceu a oportunidade de dialogar, conhecer o universo em que os agentes sociais estão envolvidos, com seus modos de vida, referências e especificidades do seu lugar, que nesta experiência foram revelados através de ícones, elementos da paisagem natural e as configurações das paisagens culturais.

Os executores do mapa mental realizam um trabalho que pode ser individual, deixando as marcas da sua compreensão e subjetividade, quanto podem fazer

coletivamente, prevalecendo as múltiplas ideias e percepções. O que também se aplica para quem individualmente ou coletivamente, realiza conjecturas do mundo vivido de um outro. Em uma proposição um tanto filosófica Kozel (2012), apresenta o seguinte questionamento: “existiria um caminho possível, um canal de comunicação, um tipo de linguagem para entender as “coisas do mundo” em sua inteireza”? (kozel, 2012, p.65).

Em seguimento a reflexão proposta, Kozel (2012), evidencia que a Geografia nos provoca em busca de respostas, até porque somos a todo instante educados a pensar no sistema organizacional em que fazemos parte dentro de uma dimensão mundial. O percurso da humanidade no mundo, tem deixado as suas expressividades no espaço ao longo do tempo, o que varia conforme as tradições e cultura de cada lugar. Avaliar estas representações torna-se um processo ininterrupto de construção e reconstrução.

6.3 “VOU CONTAR PRA VOCÊS” ... O FORROZEIRO É O IRIS DE JOSA!

O presente texto aborda sobre a expressividade cultural do forró e a sua manifestação nos lugares em estudo, tendo como referência para esta verificação a história e o trabalho do sanfoneiro, Iris de Josa. Sendo assim, tendo como componente cultural, a música, em específico o forró, algumas inquirições foram realizadas, através do artista mencionado. A figura 117, é referente ao sanfoneiro Iris de Josa, morador do Bonfim - Caraíbas. A fotografia foi realizada em um sábado, na feira de Anagé.

Figura 117 - Sanfoneiro Iris de Josa em feira de Anagé.



Fonte: Ivana Lima e Silva (2017).

Apurando-se que o estilo musical do forró, tem raízes tradicionais nos povoados, fazendo parte das festividades de casamento, festejos juninos e variadas comemorações ocorridas na região. Diante desta abordagem sobre a influência musical e cultural presente nos povoados em estudo, considera-se que as pesquisas em Geografia e música, tem cumprindo o importante papel em âmbito internacional e nacional, no que diz respeito ao reconhecimento da possibilidade da correlação entre as mesmas, considerada como um ramo de pesquisas na área da geografia cultural. No Brasil o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), tem apoiado esta vertente, havendo segundo Castro (2009), a ocorrência de um 5 Simpósio Nacional e 1 Internacional sobre Espaço e Cultural. De acordo com Castro (2009), é apresentado informações mais específicas sobre o congresso, ao que ressalta:

[...] uma das mesas redondas foi denominada “Espaço, Literatura e Música”, com a apresentação de trabalhos de geógrafos brasileiros interessados em desbravar esse sub-campo. E em 2007, a 14ª publicação da Coleção Geografia Cultural, é intitulada Literatura, Música e Espaço, com textos de Marc Brosseau sobre o viés literário, e de George O. Carney, a respeito do viés musical. (Castro, 2009, p.10).

O interesse sobre esta temática é acompanhado de verificações do quanto que a música se faz presente na vida dos indivíduos e na composição das paisagens, como afirma Nietzsche (2011), a música é “arte não plástica”. (Souza *apud* Nietzsche, 2013 p. 132), ou seja, é percebida pelos sentidos sensoriais, preenchendo o imaginário de ideias, que como informa Castro (2009): “os textos musicais” devem ser entendidos como diálogos sociais, processos de comunicação, que refletem o contexto sócio-histórico no qual estão inseridos”. (Castro, 2009, p. 15). Uma comunicação que nas muitas vezes revelam o cotidiano, as pretensões dos agentes sociais que estão presentes no meio em que vivem.

Retomando as compreensões dos episódios da vida do artista em tema, intenta-se apontar que fatores importantes, foram decisivos para a sua aquisição cultural e ingresso na musicalidade. Sendo assim, revela que desde a infância foi despertado e vocacionado para esta arte, proporcionada por influências culturais absorvidas da sua localidade, através da participação em festas de casamentos, festejos juninos e outros.

Na infância, em companhia dos pais era comum frequentar tais eventos. Permanecia próximo aos sanfoneiros locais, observando como dedilhavam o teclado da sanfona, o que tornava difícil conseguir levá-lo no retorno para casa, quando estava em festas observando os músicos.

Interessante que o desenrolar da sua iniciação musical, contou com a colaboração do seu pai, que como provedor da família, utilizava-se de várias alternativas para sustentá-la. Uma delas, a venda de umbus em época de safra, no início do ano. Em uma realização comercial, o seu pai, Sr. Josa, encontrou a alternativa para realizar o desejo do filho, ao que narra o músico a história do saco de umbu e a sanfoninha oito baixos:

Olha, eu tinha lá uns seis anos de idade, ó, até oito anos de idade. E naquele tempo o pessoal gostava muito de tirá imbu pa vendê ni Conquista, sabe? Aí ti Lerin, é um dos mais vei daqui, levava no carro de Lula. Seu Lula mora alí, de cabecinha branca, parecendo um algodãozinho. Aí pai levou três saco de imbu, pra poder vender em Conquista. Aí, chegou, um homi, com uma sanfoninha piquinininha daquelas cordilhada, dumas pequena, oito baixo e de botão. Sabia que eu gostava de instrumento, quando eu ia nas festa, eu via finado Juaci, tocando sanfona e eu alí na beira oiano os dedo dele . Até... Josias eu olhava ... oh meu pai do Céu. Pai chamava para ir embora e eu alí, sem querê ir, pra ver ele tocando. Achava bunito. Aí pai pegô um saco de imbu e deu na sanfoninha do homi. Aí uma coisa na outra. Pai trouxe, meu Deus do Céu, quando ele me deu, era a mesma coisa que me dá um saco de dinheiro. Fiquei alegre demais. E aí as noite eu todo dia eu pegava minha sanfoninha, daí pai viu que eu tinha aprendido a sanfoninha e pai compou uma com os doze baixo, já de palheta. Eu comecei a tocá uma sanfoninha. “Mulher rendeira” essas modinha mais velha né? (Iris de Josa – Bonfim, 2023).

Uma história digna de reconhecimento, pois a partir de uma motivação, protagonizada pelo Sr. Josa, o menino dedica-se à música, realizando uma trajetória musical desde a infância. Com a idade de quinze anos, foi convidado a tocar em uma festa, sendo assim consolidado ao mesmo, o título de sanfoneiro, denominado: Iris de Josa. Posteriormente com dezessete anos, foi morar em São Paulo e no Rio de Janeiro, neste período em que permaneceu por estes estados, dos dezessete aos trinta e quatro anos, realizou apresentações em casas de shows, a exemplo da Asa Branca e em diversos bares. O que pode ser entendido como uma experiência de mobilidade espacial e cultural, uma vez que o músico, desprovido de estudos formais em música, canta e toca, conforme o seu aprendizado com os sanfoneiros, os seus conterrâneos.

Diante da proposição, o que é transmitido musicalmente pelo forrozeiro, é proveniente da sua realidade social, situada no estado do nordeste. Em seguimento, informa-se que o músico retorna às suas origens e hoje alterna o seu ritmo de trabalho como agricultor e sanfoneiro. Participa das festas nos povoados locais, tendo realizado experiências em realizar participações em bandas de grande reconhecimento, no estado da Bahia, como: Rasta chinela, Angu de caroço e Casaca de couro. Já participou de programas da rádio Clube de Vitória da Conquista-Bahia, no programa de Camponês.

No entanto, segundo percepções do sanfoneiro, o estilo de música mais tradicional do forró, como as que ele divulga e o inspira, com base nos forrozeiros: Luiz Gonzaga, Dominginhos, Flávio José e Edgar Mão Branca, são bem aceitas por muitas pessoas e jovens que valorizam a tradição cultural. No entanto, influências com base no funk e outros estilos, estão chegando em muitas localidades, provocando insatisfações em muitos festejos, dispersando as pessoas afeiçoadas ao forró. O artista local lamenta a ocorrência, até porque considera o forró, como o estilo musical que melhor expressa a cultura catingueira. E assim narra um episódio ocorrido com ele em um dia de festa:

Aí uns jovim, um grupuzinho de jove, falou assim: manda eles parar a sanfona, pra pudê passar umas músicas. Quando ligou o som do carro aquelas musca vea derrubada. E aí Chuelão, Mario e os seus Cavalinho, foi todo mundo embora. (Iris de Josa-Bonfim – Caraíbas, 2023).

Nas considerações do forrozeiro, existe uma divisão entre os gostos musicais, gerando insatisfação entre as pessoas. Uma parcela das novas gerações tem sido influenciada aos variados estilos, advindas do acesso nas redes sociais e variadas influências, desconfigurando a cultura local. A partir de uma narrativa, o sanfoneiro enfoca sobre a tradicional festa de casamento, em que ainda é ocorrente nos povoados, havendo na contemporaneidade algumas adaptações, ao que narra o entrevistado Iris de Josa sobre as festas de casamento:

Oh meu Deus, as festas de casamento, quando eu chegava era assim, os noivos chegavam três horas da tarde e aí nois naqueles caminhãozão pau de

arara e eu com a sanfona e a zabumba o triangulo e o pandero e o zabumbeiro, todo mundo ia, né?

E os noivos no carro piqueno. Chegava lá era só alegria. O povo, o pessoal que era os donos da casa, montava aquelas mesona. ia lavar as mãos, o rosto e botava aquelas carne de porco, e boi, e frango, e galinha de todo jeito. O povo comia bastante e era só alegria.

Era um farturão imenso. O boi era barato, o bode também. Todo mundo criava né? Hoje não, tudo é comprado, né e virou uma miserera do mundo, e além do mais... o sanfoneiro ... o povo queria forró. Eu pegava ali por volta de cinco hora da tarde ... era gente dançando. Quando eu molhava todo de suor, largava o acordeon aqui e ia lá no baldezinho de água e no pote que dava água, pegava um copo de água e tacava no meu cabelo pa poder refrescar, né? E pegava no acordeon de novo, ô meu Deus e ia até sem mintira nenhuma, eu fui nas festas que já toquei e hoje o pessoal tem filho casado, já tem neto, talvez até tem bisneto.

E eu toquei com finado Diorcilio, finado Josias cego, todo mundo eu tocava festa. Finado Firiri dos algodão, finado Quelézin e esse pessoal de Anagé, finado Dadá, finado Chiquinho, todos foi meus safonero parceiro de música de forró.

Percebe-se de acordo com as referências do músico, que as festas tradicionais de casamento, eram acompanhadas por uma significativa presença de sanfoneiros (muitos já falecidos), com músicas tradicionais. Ao tempo em que informa, que continua tocando em muitas festas, até porque uma parcela da população resguarda a tradição do forró, tocado com a sanfona, zabumba, triângulo e outros instrumentos. E segue o seu percurso contando com a participação dos seus irmãos Manoel, como zabumbeiro e Jurandir que canta com ele. Mediante as suas narrativas, evoca versos de músicas, ao que relata:

Morena joga o barco n'água, joga o barco n'água pra nois dois nadar..." aquela outra "Jacobina de piriri" : "Adeus Jacobina até quando eu voltar..." Só músca assim, mas hoje não. Cabô essas musca, inda tem muita gente que pede né? Pessoal mais velho inda pede essas música. (Iris de Josa- Bonfim- Caraíbas).

Um dos versos da música: Adeus Jacobina, de autoria do sanfoneiro Valdete em 1972, em LP intitulada Voltando para Jacobina, foi cantada pelo entrevistado durante seus relatos:

Hoje mesmo vou embora
Vou embora pra o sertão
Meus colegas me deixaram
Sozinho com o fole na mão
Também deixo meu amor
Ai que dor no coração
Adeus Jacobina, até quando eu voltar
Hoje eu vou embora, não posso mais ficar...

Fonte:(Valdete, 1972). <https://www.letras.mus.br/trio-juazeiro/1976867/>

Percebe-se que a referência ao município de Jacobina na Bahia, está expressa na música. Segundo o forrozeiro, é esta uma das músicas mais aclamadas e solicitadas durante os festejos. Intenta-se entender que os versos, fazem menção à outra cidade distante e desconhecida para a maioria dos moradores, o que não impede de ser escolhida, valendo para os ouvintes, a mensagem principal situada sobre uma saudade das origens, do seu lugar, do amor, dos colegas. Culminando com a necessidade a pretensão do retorno.

A intencionalidade do retorno do migrante, é próprio daqueles que são como informa a referência, os defensores do território. Independente das condições econômicas de sobrevivência, existe por trás deste que deseja retornar uma necessidade emocional que só se atenua, quando ao encontro dos seus familiares e da sua terra. Na linha compreensiva aclamada por Haesbaert (1999), são estes que ao saírem, carregam consigo o seu território, fazendo, portanto, onde se estabilizam, processos de territorialização.

As músicas mais tradicionais estão resguardadas na memória daqueles que evocam as lembranças sonoras do tempo passado, sendo assim podemos referendar em Kozel (2010), a possibilidade de uma análise sobre a sonoridade presente nas paisagens, ao tempo em que ressalta Kozel (2010):

As paisagens sonoras concedem identidades aos lugares, e agem direta e constantemente em seus moradores na contribuição à perpetuação das falas e sotaques, dos gostos musicais, e na evocação de paisagens do passado, o que reforça valores existentes em cada indivíduo, que pode contribuir para sua fixação em lugares distintos, e à criação do sentimento de pertencimento a eles, pelo fato de

apresentarem sonoridades que concedem familiaridade na paisagem. (Kozel, 2010, p.125).

A música apresenta-se como um elo de ligação entre lembranças e contextos paisagísticos. Em razão de que as festas, as músicas, foram vivenciadas em determinados lugares, junto à presença de pessoas. Formando assim uma composição imaginativa que favorece a enaltação de sentimentos e de pertencimento. Com base em Castro (2008):

A música está presente no cotidiano das pessoas, mesmo que servindo apenas como “trilha sonora” para atividades como o trabalho, as compras no supermercado, atividades esportivas, de lazer, cerimônias, rituais religiosos, etc. Ou seja, a música é capaz de transmitir “imagens” de um lugar, podendo servir como fonte primária para entender o caráter e a identidade dos lugares. Lily Kong ratifica essa ideia e afirma que a música pode servir como um meio, um veículo, através do qual as pessoas transmitem suas experiências ambientais, seja do cotidiano ou de um fato extraordinário, sendo útil para enriquecer discussões que envolvem noções como “espaço”, e “lugar”. (Castro, 2009, p. 13).

Torna-se evidente, que a música, abre uma série de possibilidades interpretativas e associativas à diversos estudos, fazendo-se presente na vida dos indivíduos em diversas circunstâncias e para diversas finalidades. A variedade vibracional e os diversos tons da música, são capazes de provocar emoções e contextos imagéticos, portanto possibilitando compreensões sobre o “espaço e lugar,” como assim referendado na citação mencionada.

Em sintonia com as possibilidades de estudo da geografia e a música, respaldado pela via da Geografia cultural, o presente texto ilustra o exemplo de um morador rural do povoado Bonfim, o Iris de Josa, que afirma as suas origens catingueiras, oriundas dos povoados Bonfim e Tábua dos Alves, por esta razão considera-se também como Tabueiro. Sendo para o mesmo motivo de alegria em divulgar o seu trabalho, como pertencente a estes povoados, situados em Caraíbas-Bahia. Apresenta-se a presença de Iris de Josa e o seu irmão Manoel, na figura 119, os músicos realizando uma apresentação musical, no povoado do Bonfim- Caraíbas-Bahia.

Figura 119- Manoel e Iris de Josa em apresentação no povoado do Bonfim



Fonte: Ivana Lima e Silva- Trabalho de campo Caraíbas 2023.

As músicas tradicionais do forró continuam a encantar muitos moradores, na compreensão de que existe uma correspondência dos textos musicais do forró, com os elementos naturais e culturais que fazem parte do seu lugar de moradia, da caatinga, situado na sub-região do Sertão Baiano. A Linguagem cultural expressa pelo sanfoneiro Iris de Josa, na interpretação das músicas, é acompanhada de uma composição imagética, para isso acrescenta-se a sua composição de artista, além da sanfona, uma indumentária que se assemelha ao do vaqueiro, para isso usa o chapéu, as botas, o cinto de fivela larga. Formalizando assim uma figuração artística.

O músico Iris de Josa, que na contemporaneidade, utiliza-se também da alcunha Yan Cigano, continua o seu trajeto musical nos povoados da região, afirmando as heranças da influência cultural do forró tradicional, que carrega o seu legado sob a influência de um pai, que o consagrou como o sanfoneiro, Iris de Josa.

CONCLUSÕES

Quem elegeu a busca, não pode recusar a travessia
Guimarães Rosa

A travessia constante, sempre presente! No desenrolar de um projeto guardado na memória, a dissertação se faz presente, no nobre reconhecimento que os meus lugares, são de amplas riquezas, que merecem ser desvendados e compreendidos. Meus lugares, as minhas origens, pois me reconheço pertencente ao sertão e à caatinga.

Perspectivas de estudos e pesquisas foram despertadas desde a minha aproximação com a Ciência Geográfica. Sendo assim, envolvida pelas observações, inquietações, fui estimulada para percorrer caminhos e buscar compreensões sobre os modos de vida, as paisagens, a religiosidade e os lugares de Anagé e Caraíbas. Com a instigante curiosidade de como viviam e como vivem esse povo. E assim com base na Geografia Cultural, uma ampla possibilidade de estudos e correlações foram possíveis. Atravessei estradas avermelhadas da caatinga seguindo ao encontro do aprendizado e ao convívio com pessoas de boa camaradagem, com quem dialoguei e pesquisei. Na finalização do trabalho, muitos outros questionamentos são suscitados, despertando reflexões e intenções de prosseguir em mais investigações.

Diante do percebido, foi anunciado a história dos homens e mulheres que ao longo do tempo intentaram na prática de atividades agrícolas e pecuárias, foram inovadores e de acordo as tendências da época e da comercialização, cultivaram o algodão, teceram fios e manufaturaram tecidos, trabalharam com a cultura da mamona, do sisal, do feijão de corda, do arroz, da mandioca, criaram rebanhos de bovinos, caprinos e suínos, constituíram curtumes e beneficiaram os couros dos animais, tudo isso em uma perspectiva de sobrevivência.

Proporcionando uma afirmação de modos de vida, com repercussões em práticas no trabalho e na organização da vida em família e em sociedade, A paisagem cultural, das localidades em estudo, guarda marcas dos muitos trabalhos e relações sociais empreendidas nas localidades, advindas da dinamicidade das atividades econômicas nestes espaços estabelecidas.

Uma das atividades estudadas durante a pesquisa, referente ao tropeirismo de rebanhos e mercadorias, movimentou os municípios de Anagé e Caraíbas entre os estreitos caminhos, de rota do comércio de rebanhos e mercadorias. Histórias estas que guardadas nas memórias dos moradores, foram reveladas com informações significativas, fazendo confirmar a importância da história oral.

Uma outra constatação advinda das expressões da religiosidade, suscita perceber o componente cultural impregnado nas manifestações religiosas, a exemplo das festividades do Reisado e do São João. No entanto em acordo com as entrevistas, confirmam-se que mudanças ocorreram nestas tradições.

Existem muitas possibilidades de estudos e interdisciplinaridades possíveis pela via da Geografia cultural, favorecendo uma análise dos modos de vida e das paisagens culturais ao longo do tempo. Com base na literatura de Cordel de autoria de um morador Anageense, o Fonzim, através das músicas do cancionista Elomar Figueira, a categoria de análise, lugar, foi bem articulada, incluindo para o propósito fragmentos de poesias e canções. A tradição do forró, através da representatividade do forrozeiro Iris de Josa, favoreceu no repensar sobre as novas influências culturais que os moradores estão absorvendo.

A experiência das entrevistas coletivas e aplicação da metodologia focal, com a utilização de fotografias antigas, foram permeadas de muitos causos, em uma mediação de diálogos favorecendo aos participantes, relatarem sobre variados acontecimentos, entre eles a construção das estradas, empreendidas apenas com a utilização de instrumentos rústicos de trabalho. Uma variedade de informações advindas em forma de causos, eloquências, gestos e expressividades populares, com marcas identitárias, o que proporcionou ainda mais significativo o aprendizado e a construção da presente dissertação.

Diante das abordagens da Geografia, somos despertados para pensar sobre o nosso espaço vivido e desafiados seja pelos estudos, pesquisas e métodos propostos. Nesta perspectiva de caminhos e possibilidades, metodologias foram aplicadas, como a metodologia Kozel, desenvolvida pela geógrafa Salete Kozel, favorecendo análises de mapas mentais, realizados por alguns estudantes, entre eles crianças e adolescentes. Uma outra proposta de análise da paisagem com base em Lehmann, interpretada através dos estudos de Andreotti (2013), indicou orientações metodológicas para a observação e descrição das paisagens.

Acrescenta-se que a pesquisa desvenda informações importantes sobre a história da organização territorial dos municípios de Anagé e Caraíbas. Assim como pressupõe a pluralidade de estudos vindouros. Os resultados referenciam os moradores locais, como os agentes sociais, protagonistas dos muitos feitos em variadas épocas. Foram criativos, corajosos e desafiaram as condições naturais da caatinga e diversificaram as atividades econômicas agrícolas e pecuárias. As mudanças, foram alterando ao longo do tempo, justificadas pela falta de organização coletiva dos moradores, ora pela falta de recursos para investimentos, adversidades naturais, como também por inexpressivas políticas públicas.

Conhecer a história do trabalho, as manifestações culturais e religiosas do povo de Anagé e Caraíbas, torna-se uma responsabilidade social dos moradores, educadores, estudantes e dos administradores públicos municipais. A pesquisa é base de inspiração para refletir sobre o constante processo de construção e organização espacial, as potencialidades naturais do domínio morfoclimático da caatinga e a viabilidade da implementação das tecnológicas sociais, para favorecer aos moradores uma qualidade produtiva de atividades agrícolas e pecuárias.

A pesquisa referenda a literatura local, exemplificada em livros de cordéis, aponta sobre livros, pesquisas e documentários realizados por pesquisadores locais. O reconhecimento da pesquisa, inclui a possibilidade da valorização do patrimônio cultural material e imaterial para as gerações do presente e as futuras gerações, na importância do conhecimento das suas origens, dos seus antepassados, fazendo parte do processo de preservação. O presente trabalho elaborado, é um bem pertencente a todos que rememoraram, refletiram e sentem-se pertencentes à estes lugares. As histórias orais, foram fundamentais para a tessitura da presente dissertação. A publicação da mesma, seja em forma de fascículos ou livro, é uma alternativa viável para consolidar para os Anageenses e Caraíbenses, o itinerário de aspectos econômicos, históricos, geográficos e sociais dos municípios. Um grande bem patrimonial, construído na coletividade.

Ressalta-se a importância de investir nas escolas uma proposta metodológica que inclua os estudos da história dos municípios, da sua constituição, assim como a participação dos antepassados neste processo. Ao projeto político pedagógico das escolas, é possível implementar como prerrogativa o estudo da história local. Uma vez que se insere nas escolas, uma abrangência de conteúdos programáticos, que na

maioria das vezes não valida o conhecimento da sua própria história. E como certifica Freire:

O homem existe-existere- no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se. Na medida, porém, em que faz esta emersão do tempo, libertando-se de sua unidimensionalidade, discernindo-a, suas relações com o mundo se impregnam de um sentido consequente. (Freire, 1977, p.41).

Assim como inseridos ao mundo, estamos primeiramente presentes em nosso lugar, em nossas origens. Dar-se conta desta dimensão, é algo possível, desde que sejamos educados para a reflexão e criticidade. O ambiente escolar, é propício para este despertar. Diante desta abrangência, insere-se que abordagens da Geografia cultural, são direcionadoras do presente trabalho. No Brasil, esta influência será melhor propagada no início dos anos de 1990, com Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Correa. Sendo criado o núcleo de estudos em 1994, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC) coordenado por eles. Como enfatizam Rosendahl e Correa (2014):

Há, em realidade, inúmeros caminhos a serem trilhados pelos geógrafos, visando contribuir para dar inteligibilidade à ação humana sobre a superfície terrestre. Nesses caminhos podem ser considerados tanto a dimensão material da cultura como a sua dimensão não material, tanto o presente como o passado, tanto objetos e ações em escala global como regional e local, tanto aspectos concebidos como vivenciados, tanto espontâneos como planejados, tanto aspectos objetivos como intersubjetivos. (Rosendahl e Correa, p.13, 2014).

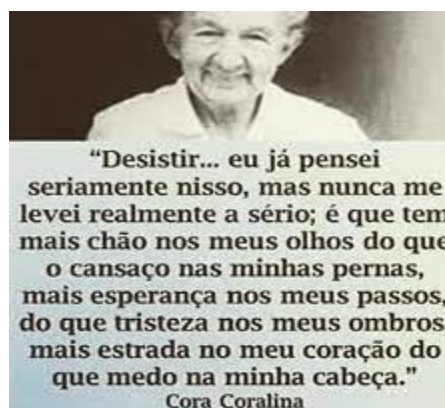
Uma variedade de investigações é elencada como possíveis e viáveis, mediante os pressupostos da Geografia, demonstrando uma heterogeneidade cultural de ampla riqueza, que contribuem para a compreensão dos espaços e do povo, que ao longo do tempo deixam as marcas da sua presença, organizam-se, criam e expressam os seus saberes, as suas invenções e vivências em espaços e lugares. Em específico tratando sobre os municípios sertanejos estudados, é salutar lembrar, o que afirma Almeida sobre a variedade de concepções sobre o Sertão ou Sertões:

o habitat e a paisagem de cada sociedade não são, portanto, unicamente consequência da “oferta natural” e de solo, clima, vegetação, altitude, mas sim, o produto de um conjunto de dispositivos sociais, políticos e culturais. esses dispositivos fortalecem-se, mas também se esgarçam ao comporem os territórios dos sertões tornando-os diversos (Almeida, 2008 p. 70).

E no reconhecimento que durante a pesquisa foi permitido averiguar sobre as características sertanejas nestes espaços, seja pelas questões locacionais da interiorização territorial, mas também pelas peculiaridades tradicionais da apropriação territorial, dos saberes aprendidos e transmitidos ao longo do tempo, compreendendo que existem os vários Sertões.

Este sertão catingueiro reconhecido e estudado, espaço das muitas histórias, dos muitos saberes e das muitas andanças, como assim o fez, a Nascimento(andarilha que percorria os povoados rurais de Caraíbas). Incansavelmente andava pelas estradas avermelhadas catingueiras, sem destino certo, vagava, buscava abrigo e comida por onde passava e no final do dia, refugiava-se embaixo de um umbuzeiro. De tempo em tempo, em sinal de gratidão, oferecia aos seus amigos o doce de umbu, que de forma improvisada intentava a fazer. Nascimento, a sua história permanece viva. O reconhecimento do sertão catingueiro, permanece presente naqueles que aventuram-se a adentrar neste território a pesquisar e buscar a riqueza cultural na memória dos entrevistados.

Foi iniciada a travessia, muitos conhecimentos foram manifestados, convivências realizadas, ao meio de emoções, risos, festejos e alegria, provocando reflexões sobre o sentido da existência, quanto mais observada e investigada torna-se surpreendente. E como dizia Tia Ló, foi um “briquiteiro”, que me proporcionou aprendizados.



REFERÊNCIAS

AIRES, Cintia Helenice Loper; SALAMONI, Giancarla. Agricultura familiar e as relações sociais de trabalho: um estudo sobre a pluriatividade na Vila Freire – Cerrito – RS. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 41–54, 2012. DOI: 10.5902/2 23649948738. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/8738>. Acesso em: 07 jan.2023.

ALMEIDA, Maria Geralda de. (*in memoriam*). Uma leitura Etnográfica do Brasil sertanejo. **GeoTextos**, vol. 18, n. 2, dezembro 2022. M. Almeida 231-254. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/52226/28014>. Acesso em: 09 fev.2023.

ALMEIDA, MG. **Uma leitura etnográfica do Brasil sertanejo**. In: SERPA, A., org. *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações* [online]. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 313-336. ISBN 978-85-232-1189-9. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/bk/pdf/serpa-9788523211899-15.pdf>. Acesso em: 02 mar.2023.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Para além das crenças sobre alimentos, comidas e sabores da natureza. **Mercator - Rev.de Geo da UFC**. v.16, n. 2, Fortaleza, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273649495003>. Acesso em: 05 jan.2023.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Cultura, paisagens e patrimônio cultural: reflexões desde o Brasil Central. **Espaço & Geografia**. Vol.16, n. 2 (2013), 417:440 ISSN: 1516-9375 Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/21188>. Acesso em: 02 mar.2023.

ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (Orgs.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008. 313 p: il.

ALMEIDA, Maria Geralda de; VARGAS, Maria Augusta Mundim; MENDES, Geisa Flores. Territórios, paisagens e representações: um diálogo em construção (territories, landscapes and representations). **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 22, p. p. 23 a 35, jun. 2011. ISSN 1984-2201. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/550>. Acesso em: 8 fev. 2023.

ANDRADE, Robson; ORNELAS, Jackson; BRANDÃO, Weliton. Situação atual do sisal na Bahia e suas novas possibilidades de utilização e aproveitamento. **Rev. Bahia Agrícola**, p 14-19. v.9, n.1, nov. 2011, ISSN 1414-2368. Disponível em: <http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/3comunicacao01v9n1.pdf>. Acesso em: 22 jan.2023.

ANDREOTTI, Giuliana. **Paisagens culturais**. Trad. Ana Paula Bellenzier/*et.al*; revisão da tradução Giuliana Andreotti e Iria Zanoni Gomes-Curitiba, RJ: Editora UFPR, 2013.

ARCASSA, Wesley de Souza.. "**Contribuições Epistemológicas De Richard Hartshorne À Geografia Moderna**," *Contribuciones a las Ciencias Sociales, Servicios Académicos Intercontinentales SL*, issue 2013-04, April. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/erv/coccss/y2013i2013-0412.html> Acesso em: 11 abr.2023.

ARRUDA, Rinaldo. "Populações tradicionais" e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. **ANPPAS – Rev. Ambiente e Sociedade**, n.5, p. 79–92, jul. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br /j/asoc/a/RfgDyLnk xRnFNqQcWTR6bQG/>. Acesso em: 02 jan.2023.

ARQAPARCEIDA.ORG. **A devoção ao Sagrado Coração de Jesus**. 2021. Disponível em: <https://arqaparecida.org.br/noticia/327-a-devocao-ao-sagrado-coracao-de-jesus>. Acesso em: 05 abr.2023.

ARRUDA, Lucas Oliveira de Moura. As curvas do rio e a identidade sertaneja na canção de Elomar. *In: III Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música*, 2014, Rio de Janeiro. **Anais**, 2014. v. 3. p. 584-596. Disponível em: <http://seer.unirio.br/simpom/article/view/4629/4148>. Acesso em 05 mar.2023.

ANDRADE, Robson; ORNELAS, Jackson; BRANDÃO, Weliton. Situação atual do sisal na Bahia e suas novas possibilidades de utilização e aproveitamento. *Rev. Bahia Agrícola*, p 14-19. v.9, n.1, nov. 2011, ISSN 1414-2368. Disponível em: <http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/3comunicacao01v9n1.pdf>. Acesso em: 22 jan.2023.

ANDREOTTI, Giuliana. **Paisagens culturais**. Trad. Ana Paula Bellenzier/*et.al*; revisão da tradução Giuliana Andreotti e Iria Zanoni Gomes-Curitiba, PRJ: Editora UFPR, 2013.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e sertões: entre a história e a memória**. Bauru: EDUSC, 2000.

ARRUDA, Rinaldo. "Populações tradicionais" e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação. **ANPPAS – Rev. Ambiente e Sociedade**, n.5, p. 79–92, jul. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br /j/asoc/a/RfgDyLnk xRnFNqQcWTR6bQG/>. Acesso em: 02 jan.2023.

BABBONI S.D.; MODOLO J.R. Raiva: Origem, Importância e Aspectos Históricos. **J. Health Scie**. [Internet]. 3 jul. 2015. Disponível em: <https://journalhealthscience.pgsscogna.com.br/JHealthSci/article/view/1090>. Acesso em:08 abr.2023.

BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo (orgs.) **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA; Ed. L'Harmattan, 2012. 198 p. ISBN

978-85-232-0978-0. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384.pdf>. Acesso em: 05 mar.2023.

BENATTI, Camila. A Geografia Cultural: das concepções clássicas às novas tendências e dinâmicas na contemporaneidade. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 7, n. 13, p. 2 - 11, nov. 2016. ISSN 2178-0463. doi: <https://doi.org/10.26895/geosaberes.v7i13.343> .Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/343>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

BERDOULAY, Vincent. **Olhares Geográficos**. Modos de ver e viver o espaço/ Organizadores Iná Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes, Roberto Iobato Corrêa-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BERNARDES, Antônio; SANTOS, Milton. Os conceitos geográficos e suas concepções. **Formação (Online)**, [S. l.], v. 27, n. 50, 2020. DOI: 10.33081/formacao.v27i50.6564. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/6564>. Acesso em: 5 mar. 2023.

BERNARDES, A. Milton Santos: os conceitos geográficos e suas concepções. **Formação (Online)**, v. 27, n. 50, p. 275-299, 2020.

BIODIESELBR. **História da Mamona**. nov. 2011. Disponível em: <https://www.biodieselbr.com/plantas/mamona/historiamamona#:~:text=No%20Brasil%20a%20mamona%20foi,Brasil%2C%20facilitou%20o%20seu%20alastramento>. Acesso em: 09 fev.2023.

BONJARDIM, Solimar Guindo, ALMEIDA, Maria Geralda de (*in memoriam*). A GEOGRAFIA COMO ALICERCE NAS ANÁLISES DA CULTURA RELIGIOSA **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, Ano XXXIII, n. 2, Edição Especial. Dezembro, 2022. p. 132-141. ISSN: 2318-2695. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste/article/view/18092>. Acesso em: 02 fev. 2022.

BORDIN, Francine B. Algumas Considerações sobre a descrição densa e o trabalho etnográfico e antropológico. **P@rtes**: São Paulo, 02 abr.2013. Disponível em: <https://www.partes.com.br/2013/04/02/algumas-consideracoes-sobre-a-descricao-densa-e-o-trabalho-etnografico-e-antropologico/>. Acesso em: 02 mar.2023.

BRASIL. DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007 - Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. **Constituição Federal** 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm . Acesso em: 02 jan.2023.

BRUM NETO, Helena ; BEZZI, Meri Lourdes . A materialização da cultura no espaço: os códigos culturais e os processos de identificação. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 33, n. 2, p. 253-267, mai./ago. 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/3061/3913>. Acesso em: 09 mar.2023.

CANAL FUTURA. Documentário: **Do Alvorecer às Barrancas do Rio Gavião - Sala de Notícias**. Vídeo Youtube, 22 jun.2016.. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ebqIKZo_Omw. Acesso em: 05 fev.2023.

CARVALHO, Eugênio Rezende de. (2018). **A concepção holística e processual de tempo de norbert elias**. *Lua Nova: Revista De Cultura E Política*, (103), 203–231. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-131/103>. Acesso em: 10 abr.2023.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. **Espécies Arbóreas Brasileiras**. Vol. 4. Caraubá. 2010. 644 p. 1 ed. ISBN: 788573834871

CASTRO, Janio Roque Barros de. A topografia do sagrado e a natureza mítica das cidades-santuários: uma leitura a partir de Bom Jesus da Lapa/BA. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 24, p. 33-44, ago. 2012. ISSN 2317-4161. doi: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2008.3572>. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3572>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CASTRO, Daniel de. Geografia e música: a dupla face de uma relação. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 26, p. 7-18, dez. 2009. ISSN 2317-4161. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3551>. Acesso em: 05 abr.2023.

CELESTINO, Livia Fraga. **A produção do espaço urbano**: uma perspectiva dialética. *In: A produção do espaço urbano em Cachoeira/BA: patrimônio cultural no contexto dos espaços concebidos, percebidos e vividos*. Salvador, 2014.301 f.: il.Dissertação (Mestrado em Geografia) – PPG Geo, UFBA - Instituto de Geociências. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/20647/1/Livia_Fraga_Celestino.pdf Acesso em: 20 mar.2023.

CIDADE BRASIL. **Município de Anagé**. 2021. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-anage.html>. Acesso em: 02 jan.2023.

CLAVAL, Paul. Reflexões sobre a Geografia cultural no Brasil. **Espaço e Cultura**, [S.l.], n. 8, ago. 2013. ISSN 2317-4161. doi: <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.1999.7091>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7091>. Acesso em: 11 abr.2023.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na geografia. **Mercator**, Fortaleza, v. 1, n. 1, jan. 2009. ISSN 1984-2201. doi: <https://doi.org/10.4215/rm.v1i1.192>. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/192>. Acesso em: 05 mar.2023.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**/ Paul Claval; tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3 ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2007.

CLAVAL, P. **O Papel da Nova Geografia Cultural na Compreensão da Ação Humana**. In *Matrizes da Geografia Cultural*, org. Z. Rosendahl e R.L. Corrêa. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.) **Introdução à Geografia Cultural**. 6 ed.- Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a geografia cultural**. Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Departamento de Geografia – UFRJ: 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf> .Acesso em: 08 abr.2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. (2019). Tempo, Espaço e Geografia - um ensaio. **Revista Brasileira de Geografia**. 64. 285-294. 10.21579/issn.2526-0375_2019_n1_285-294. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335613336_Tempo_Espaco_e_Geografia_-_um_ensaio. Acesso em: 20 mar.2023.

CORRÊA, J. S. Geografia Cultural:uma breve história. **Geographia Opportuno Tempore**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 9–23, 2020. DOI: 10.5433/got. 2020.v 6.34824. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/34824>. Acesso em: 10 abr.2023.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. **Introdução à Geografia Cultural**. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl (orgs)- 6 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2014. 224p. ISBN: 9788528610376

COSTA, Adilson Alves; SILVA, Caliandro Daniel da.; MACÊDO, Ranyfábio, C.; SILVA, Melchior Naeson B. da; MOREIRA, João Macedo. Convivência com as pragas do algodoeiro no Curimataú paraibano. **Rev. Agriculturas** - v. 5 - no 1 - abril de 2008. ISSN: 1807-491X. Disponível em: <http://aspta.org.br/files/2019/10/AgriculturasAbril2008Artigo1.pdf> . Acesso em: 02 fev.2023.

COSTA, Joice de Lima; de Oliveira, Elialdo Rodrigues. A fenomenologia como método científico para pesquisa em educação: análises de 2016 a 2019 em Roraima - UERR/IFRR. **Ekstasis: Revista de Hermenêutica e Fenomenologia**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 201-214, out. 2021. ISSN 2316-4786. doi:<https://doi.org/10.12957/ek.2021.58626>. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/58626>>. Acesso em: 05 abr. 2023.

DERRUAU, Max. **Geografia Humana**. v. 2. Lisboa: Presença, 1973.

ELIAS, Norbert. Norbert Elias estruturado. José Carlos Reis (org.). *In: Diálogos*. REIS, José Carlos. Norbert Elias estruturado., DHI/UEM, 02: 39-43,1998.

FRANÇA, A. R. M.; OLIVEIRA, F. S. S.; NUNES, E. M.; LIMA, J. S. S.; LIMA, F. C. R. Estratégias de convivência com o semiárido: o fortalecimento da agricultura familiar no território Sertão do Apodi – RN. *In: SIQUEIRA, E. S., and ARAÚJO, I. T., eds. Gestão social e agricultura familiar: a construção e a materialidade de novas formas de administrar* [online]. Mossoró: EdUFERSA, 2018, pp. 219-251. ISBN: 978-85-5757-092-4. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9786587108636.0010>. Acesso em: 02 fev.2023.

FERNANDES, Glauco Vieira . "Reterritorialização" Da Cultura Sertaneja em Luiz Gonzaga. **Cadernos de Cultura e Ciência**, 2008, vol. V.3, n. N.1. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/12141/1/ArtigoGlaucoVieira.pdf> . Acesso em: 05 abr.2023.

FREITAS, George Alberto de. Produção e área colhida de mamona no Nordeste. **Informe Rural Etene**. Ano V. n.14. Banco do Nordeste. set. 2011. Disponível em: https://www.bnb.gov.br/s482-dspace/bitstream/123456789/966/1/2011_IRE_14.pdf. Acesso em: 02 jan.2023.

FURLANETTO, Egidio Luiz. *Trajetória da indústria de curtumes da Paraíba: rumo a extinção ou nascimento de uma nova indústria?* UFCG . p.3518-3525 In: XXIV ENEGEP – Encontro Nac. de Eng. de Produção – ABEPRO. **Anais...** Florianópolis, SC, Brasil, 03 a 05 de nov de 2004. Disponível em: <https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2004enegep07040808.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

FURLANETTO, B. H.; KOZEL, S. Paisagem cultural: da cena visível à encenação da alma - DOI 10.5216/ag.v8i3.24103. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 8, n. 3, p. 215–232, 2014. DOI: 10.5216/ag.v8i3.24103. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/24103>. Acesso em: 5 abr. 2023.

GEORGE, L. W. Moléstias do sistema nervoso. In: SMITH, B. P. S. **Tratado de medicina de grandes animais**. São Paulo: Manole, 1994. v. 2. p. 921-924.

GEOSABERES: **Revista de Estudos Geoeducacionais**, vol. 7, núm. 13, pp. 2-11, 2016. Universidade Federal do Ceará.

GRANOU, Andre. **Capitalismo e modo de vida**. s.l: Apontamento, s.d.

GUIDON, Niéde. Niéde Guidon, meio século de luta na Serra da Capivara. . por Cristina Serra. **#COLABORA**. Educação. jun.2020. Disponível em: <https://projecolabora.com.br/ods11/meio-seculo-de-luta-na-serra-da-capivara/> Acesso em: 05 fev.2023.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013. Resenha de: SILVA, Giuslane Francisca da. **Aedos**. Porto Alegre, v.8, n.18, p.247-253, ago., 2016.

INSTITUTO LULA. **Conheça o Programa Um Milhão de Cisternas**. mai. 2022. Disponível em: <https://www.institutolula.org/conheca-o-programa-um-milhao-de-cisternas>. Acesso em: mar.2023.

KOZEL, Salete. Geopoética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, Universidade do Paraná. v.22, n.37, jul. 2012. ISSN: 2318-2962. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/3418>. Acesso em: 20 mar.2023.

KOZEL, Salete. As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica possível. In: 12º Encuentro de Geógrafos de América Latina **Anais**): caminando em uma América Latina en transformación, 2009, Montevideo,

Anais. Montevideo: Universidad de la República, 2009, ISBN: 978-9974-8002-8-1. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Metodologicos/04.pdf> / Acesso em: 05 mar.2023.

KOZEL, S.; GALVÃO, W. Representação e Ensino de Geografia: contribuições teórico-metodológicas - DOI 10.5216/ag.v2i3.5333. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 3, p. 33–48, 2008. DOI: 10.5216/ag.v2i3.5333. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/5333>. Acesso em: 01 mar 2023.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. Trad. do Grupo “As (im)possibilidades do urbano na metrópole contemporânea”, do Núcleo de Geografia Urbana da UFMG. 4ª Ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013 [1974].

LEFEBVRE, Henri. **Le temps des meprises**. Metailié, Paris, 1991, 52p.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 1924. Trad. Bernardo Leitão *et. al.* - UNICAMP: Campinas, SP: 1990.

LEITE, Maria Jorge dos Santos; AMORIM, Franciel Coelho Luz de. Convivência com a seca e políticas públicas no Nordeste brasileiro. **HISTÓRIA UNICAP**, [S.l.],v.7,n.13,p.197–213,2020. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/1660> . Acesso em: 3 mar. 2023.

LOPES, Guilherme Estevão Galvão. . Água, energia e estradas: políticas de combate às secas no Ceará nos governos Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. **Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**, [S. l.], v. 7, n. 15, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7779>. Acesso em: 2 mar. 2023.

MAPA CULTURAL DO CEARÁ. **Incenças do Sítio Cabaceiras**. Cultura Popular. Governo do Estado do Ceará, 2017. Disponível em : <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/16540/> . Acesso em: 18 fev,2023.

MARANDOLA JR, Eduardo. Lugar e lugaridade . **Mercator**, Fortaleza, v.19 , e19008, 2020. ISSN:1984-2201. DOI: doi.org/10.4215/rm2020.e19008. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e19008> . Acesso em: 10 fev.2023.

MELLO, Elomar Figueira. **Tirana** . 1979. Letra da música. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elomar/376584/> . Acesso em: 05 mar.2023.

MELLO, Elomar Figueira. **Arrumação**. Letra de Música. 1979. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elomar/173829/> . Acesso em: 03 mar.2023.

MELLO, Elomar Figueira. **Campo Branco**. Letra de Música. 1979. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elomar/235518/> . Acesso em: 03 mar.2023.

MELLO, Elomar Figueira. **Curvas do Rio**. Letra de música. 1979. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/xangai/474827/> . Acesso em: 03 mar.2023.

MELLO, Elomar Figueira. **A retirada**. Letra de Música. 1972/73. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elomar/687554/> .Acesso em: 03 mar.2023.

MINDSET, Instituto. **Festa junina: semelhanças entre BRASIL e EUA**. Alphaville – SP: 2023. Disponível em: <https://www.institutomindset.com.br/blog/festa-junina-semelhancas-entre-brasil-e-eua/> . Acesso em: 04 fev.2023.

MITCHELL, D. *Cultural Geography - A Critical Introduction*, 2000, Oxford / Malden (Mass.), Blackwell, 325 p. », *Cybergeo: European Journal of Geography* [En ligne], Revue de livres, mis en ligne le 21 mars 2001, consulté le 28 juillet 2023. URL : <http://journals.openedition.org/cybergeo/936> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cybergeo.936>

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e História no Brasil**. São Paulo: Amablume. 2005, 160p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. A dimensão territorial nas formações sociais latino-americanas. In: AZEREDO, Francisca L. Nogueira de e MONTEIRO, John Manuel (orgs.). **Raízes da América Latina Rio de Janeiro/São Paulo**: Expressão e Cultura/Edusp, 1996, vol. 5.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** por uma epistemologia crítica/Ruy Moreira- 2 ed. 3 reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2017.

MUSSIO, Simone Cristina. Um olhar alteritário em Bakhtin: O estudo do enunciado como forma de diálogo. **SOLETRAS**, [S.l.], n. 30, p. 178-190, dez. 2015. ISSN 2316-8838. doi:<https://doi.org/10.12957/soletras.2015.16522>./ Disponível em: <https://www.e-ublicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/16522>. Acesso em:02 mar. 2023.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. São Paulo. 1993.

NORA, Pierre. ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. Trad. AUN KHOURY, Yara. [S. l.], v. 10, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 2 mar. 2023.

NOVAIS, Agnaldo. **A fabulosa Gruta da Mangabeira**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2006.

OLIVA, Leonardo. Foto boi. *In*: Animal, que é uma das atrações para quem visita a Gruta da Mangabeira, sumiu em Ituaçu.. **Sertão Hoje**. 23 mai.2015. Disponível em: <https://www.sertaohoje.com.br/noticias/734-2015/05/23/animal-que-e-uma-das-atracoes-para-quem-visita-a-gruta-da-mangabeira-sumiu-em-ituacu>. Acesso em: 01 jan. 2023.

OLIVEIRA, Eric Nilson da Costa. A economia do algodão no Nordeste brasileiro. *In*: **VI Congresso Sergipano de História & VI Encontro Estadual de História da ANPUH/SE**. 2018. Disponível em: http://www.encontro2018.se.anpuh.org/resources/anais/8/1540860966_ARQUIVO_AEconomiadoAlgodaoNoNordesteARTIGO.pdf . Acesso em: 06 fev.2023.

PAES, Jurema Mascarenhas. **Tropas e Tropeiros na primeira metade do século XIX, no Alto Sertão Baiano**. 2001. Disponível em: https://ppgh.ufba.br/sites/ppgh.ufba.br/files/7_tropas_e_tropeiros_na_primeira_metade_do_seculo_xix_no_alto_sertao_baiano.pdf . Acesso em: 05 mar.2023.

PASSEI WEB. Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto. **Análise da Obra**. set.2015. Disponível em: https://www.passeiweb.com/morte_e_vida_severina/. Acesso em: 05 fev.2023.

PEREIRA, Clevisson J.; FERNANDES, Dalvani. Cultura e dimensões do viver em YiFu Tuan: algumas aproximações geográficas. **RAEGA - O Espaço Geográfico em Análise**, [S.l.], v. 22, jun. 2011. ISSN 2177-2738. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v22i0.21758>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/21758>>. Acesso em: 05 mar. 2023.

QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. Rio de Janeiro. Cameron, 2018

RAMOS, Jefferson Evandro Machado. **Folia de Reis**. *In*: suapesquisa.com. 03 jan. 2021. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/musicacultura/folia_reis.htm. Acesso em: 12 fev.2023.

REIS, M. C.; COSTA, J. N., PEIXOTO, A. P. C. *et al.* (2003). **Aspectos clínicos e epidemiológicos da raiva bovina apresentados na casuística da Clínica de Bovinos** (Oliveira dos Campinhos, Santo Amaro, Bahia), Universidade Federal da Bahia, durante o período de janeiro de 1990 a dezembro de 1999 (Relato de caso). Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1876> . Acesso em: 02 abr.2023.

RÊGO, André Heráclito do. O sertão e a geografia. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 63, p. 42-66, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i63p42-66. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/114856>. Acesso em: 5 abr. 2023.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- ano 1, n. 1 (1939, jan./mar.) - Rio de Janeiro : **IBGE**, 1939- Trimestral. Órgão oficial do IBGE. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1987_v49_n3.pdf . Acesso em: 20 mar.2023.

RIBEIRO, Carlos. Imagem plantas de mamoneira. **SENSIX BLOG** : Gestão de lavouras. Plantio de mamona no Brasil e suas características, 31 jan. 2022. Disponível em: <https://blog.sensix.ag/plantio-de-mamona-no-brasil-e-suas-caracteristicas/>. Acesso em: 12 fev.2023.

RIBEIRO, Felipe . Antiga rota de tropeiros em Minas . Estado de Minas Agropecuário.Circuito revive a saga dos tropeiros em Minas. Por Luíz Ribeiro. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/agropecuario/2019/11/11/interna_agropecuario,1100030/circuito-revive-a-saga-dos-tropeiros-em-minas.shtml . Disponível em: 03 abr.2023.

RIGONATO, Valney Dias. O modo de vida das populações originárias do(s) cerrado(s) baianos. **Élisée - Revista de Geografia da UEG** : 2014. v. 3, n. 2, p. 62-80, 11. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/elisee/article/view/3243> .Acesso em: 08 abr.2023.

RODRIGUES, Carmem Marques. Os mapas das pedras brilhantes: a cartografia dos sertanistas, dos engenheiros militares e dos padres matemáticos sobre o Distrito Diamantino do Serro do Frio (1714-1771). **Dissert. Mestrado**. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFMG: 2014. 171 fl. il. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-A3GHWE/1/disserta__o_dep_sito_final.pdf . Acesso em: 01 fev.2023.

ROSA, Guimarães. Frases. **Pensador**. Disponível em: https://www.pensador.com/guimaraes_rosa_sertao_veredas/ . Acesso em: 05 abr.2023.

ROSENDAHL, Zeny. História, teoria e método em geografia da religião. In: **Uma procissão na geografia** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 275-304. ISBN 978-85-7511-501-5.Doi:10.7476/9788575115015.0013. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/epub/rosendahl-9788575115015.epub>. Acesso em: 10 fev.2023.

ROSENDAHL, Zeny. História, teoria e método em geografia da religião. In: **Espaço e cultura**. UERJ . n. 31, p.24-39, jan./jun. 2012. E-ISSN 2317-4161. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/> Acesso em: 10 fev.2023.

ROSENDAHL,Zeny. **Espaço, cultura e religião: dimensões de análise**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). Introdução à geografia cultural. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
SAMPAIO FILHO, H. A; LUCENA, M. C. Você já ouviu falar sobre o relevo cárstico? Não? E em cavernas? **Governo do Estado**. 2016. Disponível em: <http://www.mgb.ba.gov.br/novidades/voce-ja-ouviu-falar-sobre-o-relevo-carstico-nao-e-em-cavernas/> . Acesso em: 3 abr.2023.

SANTANA, Manoel Henrique de Melo. **INCELÊNCIAS: o povo canta seus mortos**. *Rev. Incelências*, 2011, 2(1), pp. 86-96. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/incelencias/article/view/109/71>. Acesso em: 06 fev. 2023.

SÁTYRO MAIA, Doralice. A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 16, p. 71–98, 2001. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/terralivre/article/view/350>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**/ Milton Santos- 4 edição. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 2014. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo.

SANTOS, Milton, 1926-2001. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção** / Milton Santos. - 4. ed. 2. p.172. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

SANTOS, Milton [1996]. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo**. Razão e Emoção. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1999. Disponível em: <http://observatorio.geografico.americalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/15.pf>. Acesso em: 05 mar.2023.

SCOPINHO, Rosemeire Aparecida; VALENCIO, Norma Felicidade Lopes da Silva; LOURENÇO, Luciano Fernandes. Memória, Cotidiano e Trabalho: notas sobre modos de vida e subjetividades na Serra do Açor, Portugal. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 18, n. 2, dez. 2015. ISSN 2179-7536. doi:<http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v18i2.2074>. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/2074>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

SERPA, Ângelo. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**/ Angelo Serpa- São Paulo: Contexto, 2019. 128p.

SERPA, A. Teoria das representações em Henri Lefebvre: por uma abordagem cultural e multidimensional da geografia. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 487-495, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/83538>. Acesso em: 02 mar.2023.

SIGNIFICADOS. **Significado de Bucólico**. Disponível em: <https://www.significados.com.br/bucolico/>. Acesso em: 20 mar.2023.

SIGNIFICADOSBR. **Significado de Fenomenologia**. Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/fenomenologia>. Acesso em: 03 abr.2023.

SILVA, L. L. S.; COSTA, A. A presença da ausência: um paradoxo geográfico. **Geosp**, v. 26, n. 2, e-195614, ago. 2022. ISSN 2179-0892. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/195614>. Acesso em: 05 fev.2023.

SILVA, Márcio Douglas de Carvalho e. OS PAUS DE ARARA: a migração de nordestinos na década de 1950, sob o olhar das fotorreportagens da revista O

Cruzeiro. CLIO - **Revista de Pesquisa Histórica** (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, vol. 40, Jul-Dez, 2022 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22264/clio.issn.2525-5649.2022.40.2.9> . Acesso em: 03 mar.2023.

SINISTERSALADMUSIKAL. SINISTER VINYL COLLECTION: ELOMAR – **Na quadrada das águas perdidas (1979)**, Capa de Vinil. 2012. Disponível em: https://sinistersaladmusikal.files.wordpress.com/2012/07/100_2145.jpg?w=584 .Acesso em: 05 mar.2023.

SOARES, J. H. M.; ARRUDA, D. R. de; AMARANTE, P. A. Transformações tecnológicas e econômicas do sisal no Nordeste do Brasil. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 5, p. e15611527847, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i5.27847. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/27847> . Acesso em: 9 fev. 2023.

SORRE, Max. **Les fondements de la geographie humaine**. Tome III, L'Habitat. Paris: Librairie Armand Colin, 1952.

SOUZA, Fábio Chaveiro de; ALMEIDA, Maria Geralda de. Por uma leitura geográfica do fazer e do comer, no campo e na cidade, em Goiás. **Rev. Formação (Online)**, [S. l.], v. 2, n. 14, p.104-118. 2011. DOI: 10.33081/formação.v2i14.649. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/649> . Acesso em: 05 fev.2023.

SOUZA, Marquessuel Dantas de. Literatura e música: o simbolismo geográfico na arte. Journal System Geografia. **Revista de Geografia** (UFPE) V. 30, No. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229039/23441> . Acesso em: 02 abr.2023.

SUESS, Rodrigo Capelle; RIBEIRO, Antonia da Silva Samir. O lugar na geografia humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas – escala, críticas e cientificidade. **Revista Equador** (UFPI), Vol. 6, Nº 2, p.1 – 22 . 2017. ISSN: 2317-349 . Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/equador/article/view/6121/3850> . Acesso em: 05 fev.2023.

TORRES, Marcos Alberto; KOZEL, Salete. **Paisagens sonoras**: possíveis caminhos aos estudos culturais em Geografia Soundscapes: possible ways to study in cultural geography R. RA'É GA, Curitiba, n. 20, p. 123-132, 2010. Editora UFPR.

TUAN. Yu Fuan. 1930. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. *trad.* Livia de Oliveira- Londrina, PR: Eduel. 2013. 248 p.il.

VALDETE. **Música Adeus Jacobina**. LP Voltando para Jacobina. Tropicana: 1972. Forró em Vinil. 2010. Disponível em: <https://www.forroemvinil.com/lps/valdete-e-seus-cadetes-voltando-para-jacobina/> . Acesso em: 02 mar.2023.

VEJA, Revista. 8 de novembro de 2006 - ANO 39 - Nº 44 – Edição 1981, p. 128.

WAGNER, Philip L. MIKESELL, Marvin W. **Introdução à Geografia Cultural**/Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl (organizadores)- 6 ed. __Rio de Janeiro: Bernard Brasil 2014.

WAGNER, P. L.; MIKESELL, M. W. **Os Temas da Geografia Cultural**. *In*: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Introdução à Geografia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

WORDPRESS. **Mapa**. Região Sudoeste da Bahia. *In*: Financiadores do Desenvolvimento Social. 28 jan.2009. Disponível em: <https://financiadoresdodesenvolvimento.wordpress.com/2009/01/28/regiao-sudoeste-da-bahia/> . Acesso em: 02 jan. 2023.

APÊNDICE A. Roteiro metodologia Kozel

Local de Aplicação: Escola Municipal Helita Silveira- Povoado da Tábua-Caraíbas

Público alvo: Estudantes de Anagé e Caraíbas

Idade: 09 a 14 anos

Quantidade de estudantes: 30

Resultados de Análise: Apresentados na Seção 06 – Capítulo 6.2

6.2 A representação do espaço vivido no imaginário das crianças Anageenses e Caraíbenses

- Apresentada a importância dos mapas mentais como meio de compreensão do mundo vivido, mediante aportes teóricos e exemplificações, segue-se com as orientações metodológicas da execução da atividade. Em um primeiro momento, os estudantes em idade de 09 a 14 anos, das turmas do Fundamental I e II, narraram episódios surpreendentes do cotidiano das suas vidas no ambiente rural em contato com a natureza., sendo assim foram motivados a relatarem sobre os seus modos de vida, as opções das brincadeiras, a descrição do local de moradia, para posteriormente demonstrarem as suas percepções através de imagens, construindo assim os mapas mentais.

- Após este diálogo, foram distribuídos lápis coloridos, giz de cera, canetinhas coloridas e folhas de papel ofício, para iniciarem a confecção do trabalho. Finalizada a aplicação das atividades, o material foi recolhido e apreciado segundo os pressupostos da metodologia Kozel.

****A metodologia Kozel, de autoria de Salete Kozel, Professora Adjunta da Universidade Federal do Paraná-Brasil, segue as seguintes orientações:

1-Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem; (como ícones diversos, letras, mapas, linhas, figuras geométricas etc...);

2-Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem; (as formas podem aparecer dispostas horizontalmente, de forma isolada, dispersa, em quadros em perspectiva etc.);

3-Interpretação quanto à especificidade dos ícones: Representação dos elementos da paisagem natural. Representação dos elementos da paisagem construída. Representação dos elementos móveis. Representação dos elementos humanos;

4- Apresentação de outros aspectos ou particularidades. (KOZEL, 2008 p.40).

As imagens foram analisadas individualizadas ou agrupadas, selecionadas conforme os temas em evidência.

APÊNDICE B – Roteiro metodologia descritiva- Lehmann

** Interpretada por Julianna Andreotti

Esse é o método que o autor Herbert Lehmann. parece se basear e do qual, para maior clareza (Andreotti, 2013), sistematicamente indicam os pontos essenciais:

- Valorização estética;
- Contribuição dos elementos culturais;
- Participação espiritual;
- Análise histórica;
- Processo temporal;
- Amálgama psicológico
- Cromatismo.

Seguindo a proposta de Andreotti (2013), inspirada em Lehmann, indicado no livro: Paisagens culturais. Algumas paisagens foram analisadas e interpretadas, através da indicação metodológica mencionada. De forma mais específica na Seção 5: Lugares de memória, paisagens culturais e religiosidade.

Capítulo 5.2- E Viva os Santos Reis!

A interpretação está contida no capítulo, junto com as imagens.

APÊNDICE C - Roteiro metodologia do grupo focal

A metodologia, foi aplicada durante a pesquisa, de forma coletiva, através de roteiros de entrevistas semi estruturadas, adicionadas à análise de fotografias antigas.

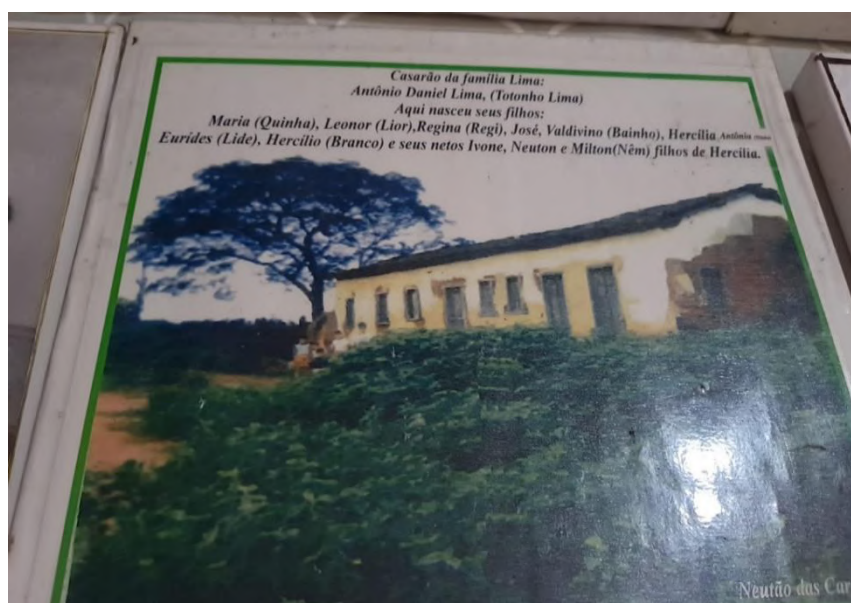
Nesta metodologia, prevaleceu a base conceitual da categoria: Modo de vida. Com o objetivo de investigar sobre os antigos modos de vida e as alterações percebidas na contemporaneidade.

Perguntas fundamentais foram utilizadas, como:

- Como eram as atividades agrícolas e pecuárias (situar períodos, décadas) como é hoje? O que mudou? Por que mudou?
- Apresentar as fotografias antigas e questionar como era a realidade apresentada nas fotografias naquele tempo e quais as mudanças percebidas na contemporaneidade.
- Questionar sobre fatos significativos e ocorrentes do passado.
- Questionar sobre algumas saudades do passado. Assim como sobre as preferências entre o tempo passado e o tempo presente.

Aplicando a metodologia do grupo focal

Na Lagoa da Flores-Caraíbas



APENDICE D. Modelo do questionário aplicado

Modelo de questionário

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Núcleo de Pós-Graduação- PPGeo

Pesquisa: **Lugar e Memória: Transformações do espaço rural nos municípios de Anagé e Caraíbas- Bahia / 1940 a 2020.**

Autora: Ivana Lima e Silva

Orientador: Professor Doutor Vilomar Sandes Sampaio

1- Informações sobre a aplicação do questionário.

Questionário aplicado em: _____

Data: ____/____/____

2- Perfil do colaborador da pesquisa

Nome opcional

Sexo F () M () outro _____

Idade: _____

Profissão: _____

Escolaridade:

 Não alfabetizado Ensino Fundamental incompleto

Cursou até _____ série.

 Ensino Fundamental completo Ensino Médio incompleto. Ensino Médio completo Ensino superior incompleto Ensino superior completo- curso: _____

3- Aspectos relacionados no local da moradia

Localidade de Moradia:

 Cidade _____ Bairro: _____ Distrito: _____ Povoado: _____

() Fazenda: _____

Há quanto tempo mora neste lugar? _____ anos.

De onde veio? _____ () Zona rural () Zona urbano

Onde mora? _____

4- Sobre o seu lugar de moradia.

4.1- Considera um lugar bom para se morar? Por quê?

4.2- Sobre as atividades agrícolas e pecuárias do passado? Comente.

4.3. Era diferente dos tempos atuais?

4.4 Quais as frutas existentes onde mora? São comercializadas?

() Sim () Não

4.5 Qual a importância do rio gavião para vocês? Como era? Como é hoje?

4.6 Havendo diferenças, aponte as principais:

5-Quais são suas principais lembranças do lugar que viveu?

6-Para você, o que é ser catingueiro?

7- Você se considera catingueiro (a) Por quê?

8- Quais os aspectos positivos e negativo de viver na caatinga?

9- Sua vida é melhor ou pior do que a de seus pais?

10 – Você prefere que seus descendentes tenham uma vida no campo ou na cidade?
Por quê?

APENDICE E. Modelo da entrevista semiestrururada

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB

Núcleo de Pós-Graduação- PPGeo

Pesquisa: **Lugar e Memória: Transformações do espaço rural nos municípios de Anagé e Caraíbas- Bahia / 1940 a 2020.**

Autora: Ivana Lima e Silva

Orientador: Professor Doutor Vilomar Sandes Sampaio

1-Suas recordações do passado são positivas ou negativas? Justifique

2- Quais as principais diferenças das praticas agropecuárias do passado para os dias de hoje?

2.1-O que você lembra sobre o cultivo do:

- a- algodão;
- b- mamona
- c- feijão de corda
- d- feijão catador
- e- sisal,
- f- mandioca
- g- umbu
- h- melancia
- i- maxixe
- j- gibiraba
- k- criação de animais

3-Você presenciou a instalação e funcionamento das Usinas de algodão Gavião, nos municípios de Anagé e Caraíbas? Quando foi instalada e como funcionava o beneficiamento?

4- Como era comercializado os produtos produzidos na área rural?

5-Como os produtos são transportados na atualidade?

6-Como era a participação das crianças e mulheres nas atividades agrícolas e pecuárias?

7-Como ocorria a produção da farinha? Como ocorre hoje?

8-Quantos aos recursos hídricos de água, quais as fontes? Como era antigamente? Como é hoje?

9- Como era realizado o beneficiamento dos couros de caprinos e bovinos? Como e onde era comercializado?

ENTREVISTADO	PERFIL DO ENTREVISTADO	QUANTIDADE
Entrevista Semi-estruturada- Metodologia Grupo Focal	Agricultores	10
Entrevista Semi-estruturada- Metodologia Grupo Focal	Agricultores	5
Entrevista Semi-estruturada- Metodologia Grupo Focal	Ex moradores	5
Entrevista Semi-estruturada- individual	Ex moradores	3
Entrevistas Semi-estruturada / individual	Agricultores/ moradores	11
Entrevista Sem-estruturada	Ex Vice Prefeito	1
Entrevista Semi-estruturada	Ex Vereador	1
Entrevista Semi-estruturada	Vereador- P. Câmara	1
Entrevista Semi-estruturada	Escritor- Cordelista	1
Entrevista Semi-estruturada	Professores	2
Entrevista Semi-estruturada	Músicos	3
Entrevista Semi-estruturada -Metodologia Kozel	Estudantes	30
TOTAL		73

10- Sobre as estradas vicinais (rodagens). Quando foram construídas?

10.1 Quem participou da sua construção?

10.2 Como foi realizada?

10.3 Quem financiou o empreendimento?

11- Os pequenos produtores tinham acesso a créditos bancários?

12- Os trabalhadores rurais participavam ou participam de associações e sindicatos?

Qual a importância destas organizações?

13- A sua propriedade tem registro do INCRA? Tem acesso a documentação?

APÊNDICE F- Quadro com perfil dos entrevistados